REVISTA LUSITANA

VOL. XXX 1932 N.os 1-4

CIRIOS ESTREMENHOS

(SUBSIDIOS PARA O SEU ESTUDO)

Por causa dos meus trabalhos de Etnografia, colijo ha muito apontamentos para o estudo dos *cirios* ou romarias da Estremadura Cis- e Transtagana: noticias historicas, *loas*, etc. Era meu desejo publicar desde já na *Revista Lusitana* esse estudo; na impossibilidade de o fazer, reunirei aqui avulsamente, e a pouco e pouco, os apontamentos, até que um dia possa porventura coordená-los.

I

Santuarios a respeito dos quais aqui se reunem agora apontamentos

1. Senhora de Nazaré.
2. Senhora do Cabo.
3. Senhora da Atalaia.
4. Senhora da Penha de França: em Lisboa.
5. Senhora da Arrabida: em Azeitão.
6. Senhora da Pena: na serra de Sintra.
7. Senhora da Encarnação da Labugeira: no concelho de Mafra.
8. Senhora das Mercês: em Meleças.
9. Senhor dos Milagres.
10. Santa Marta: capela da frèguesia de Monsanto, concelho de Torres Novas.

II

Noticias literarias do santuario, da lenda, e dos cirios da Senhora de Nazaré

Não se pretende fazer enumeração completa de quanto se tem publicado acêrca da Senhora de Nazaré; apenas, como se diz no titulo, algumas noticias. Vão por ordem cronologica.

1. No *Cancioneiro* de Rèsende, III, 505, ha umas trovas de Anrrique da Mota, em cujo titulo se alude á «rromaria a nossa Senhora de Nazarete». — De Mota (sec. XV-XVI) falei no livrinho que em 1924 publiquei com o titulo de *Farsa do alfaiate*, do mesmo autor.

2. Narrativa da fantastica vinda do Rei dos Visigodos D. Rodrigo e do Monge Romano ao sitio da Nazareth, onde deixaram uma imagem da Senhora, achada depois por D. Fuas Roupinho, a quem, por ocasião de perseguir na caça um veado (se não era o Demonio!), e se ver perdido sobre o mar em uma manhã de nevoeiro, ela livrou da morte. Em Fr. Bernardo de Brito, grande falsificador da nossa historia, *Monarchia Lusitana*, II, caps. 4.º e 5.º do liv. VII. A 1.ª ed. é de 1609.

3. Do P.e Manoel de Brito Alão: *Antiguidades da imagem da Senhora da Nazareth*, 1628 (impressor P. Craesbeck), 2.ª ed., 1684 (de que me sirvo); *Prodigiosa historia e miraculosos successos acontecidos em casa de N. S. de Nazareth*, pt. 2.ª, 1637. — Vid. Figanière, *Bibl. hist.*, p. 259; e Innocencio, *Dicc. bibl.*, III, 381.

Alão repete as fabulas a que Brito deu curso, e que tanto retumbaram na vida religiosa da Estremadura.

4. *Relação da sagrada Imagem de Nossa Senhora da Nazareth, sita junto da Villa da Pederneira.* — Com licença, LISBOA. Por *Pedro Craesbeck, Impressor del Rey*. Anno 1628. Folha volante, com uma gravura de madeira em que se vê figurada: a lenda do cavaleiro sobre o rochedo, e neste um letreiro latino; o mar com embarcações á vela, e pescadores em barcos; outros pescadores na praia; nesta tambem um carro de bois, guiado por um carreiro. A *Relação* consta de insulsos versos, em que se repetem as patranhas de Brito e

Alão; depois de se referir ás maravilhas ou milagres que no santuario se operam cada dia, termina assim:

Quem mais largo as quiser ver,
Achalasha relatadas
Num livro que novamente
Desta santa Imagem trata...

livro que é, já se entende, o de Alão, tambem editado a primeira vez por Craesbeck. Temos aqui um reclamo de livreiro. — O adverbio *novamente* quer dizer «agora», pois a *editio princeps* do livro é, como vimos, de 1628, ano em que tambem foi impressa a *Relação*. Esta folha volante deve ser muito rara. Eu possuo um exemplar, de que me aqui sirvo.

5. *Agiologio Lusitano*, II (1657), 282-284. Repete a lenda de Brito, e cita a p. 284, A, varios autores portugueses.

6. *Poesias varias*, de André Nunes da Silva, 1671, sonetos: «Ao descobrimento de Nossa Senhora de Nazareth»; «Á romaria de Nossa Senhora de Nazareth». — Na Biblioteca Nacional de Lisboa.

7. Fr. Manoel de Figueiredo publicou em 1786 uma *Dissert. hist.-crit.* em que se mostra que são apocrifas as peregrinações á Nazareth. Vid.: Figanière, *Bibl. hist.*, p. 259; e Innocencio, *Dicc. bibl.*, V, 431.

8. O P.e Viterbo no *Elucidario*, I (1798), 80, B, refere-se á origem do santuario, combatendo o que se dizia a tal respeito: «tudo quanto Brito escreveo d'El-Rei Rodrigo e do Monge Romano.. he huma mal travada novella».

9. *Breve relação da imagem de N. S. da Nazareth*, de Manoel Simões Roussado, 1813. Com uma gravurinha no frontispicio, representativa do milagre. — Possuo um exemplar.

10. *Nossa Senhora da Nazareth*, Lisboa, 1858. Folheto, que faz parte de uma serie que tem o titulo geral de *Sermões*, publicado pelo Benefeciado Malhão.

11. Um folheto de José Calado, de 1870. — Não encontro agora outras indicações que tomei.

12. *Senhora da Nazareth*, n.º XVIII da «Bibliotheca do jornal Leituras Populares». Lisboa, 1878. Folheto, com a xácara de Castilho, e outros versos; serve-lhe de introdução a narrativa, em prosa, que já conhecemos. — Com uma gravura representativa do milagre.

13. *A Senhora da Nazareth*, por José Lucas da Silva. Mafra, 1892. No cap. XI fala do *cirio da prata grande*.

14. *Sermão de N. Senhora da Nazareth*, prègado pelo P.e José Nunes Ferreira Tavares. Torres Vedras, 1907. Infra, III, A, faz-se outra vez referencia a este eclesiastico.

15. *Praias de Portugal*, de Marcellino de Mesquita. Lisboa, 1913. Fala dos cirios a p. 51.

16. *Lôas e cirios no conselho* (sic) de *Mafra: o cirio de Todos os Santos e o cirio da Senhora da Nazareth*, por João Paulo Freire (Mario). Porto, 1926, de 34 paginas. — A p. 11 reproduzem-se *Hinos sagrados* á Senhora, de 1908, do mesmo autor. — Possuo um exemplar do folheto por dadiva do meu antigo e caro condiscipulo o D.or Carlos Galrão, de Mafra.

III

Lista de loas que o colecionador d'estes subsidios possue no momento actual (1932) respeitantes aos cirios da Senhora de Nazaré

As loas estão: em folhas volantes in-folio, de 2 paginas, em folhetos do mesmo formato, de 4 ou mais páginas, e em folhetos de formato pequeno. São recitadas por *anjos*, que vão em carruagens, e creio que tambem a cavalo, fazendo parte dos *cirios*. Param em certos pontos. A expressão consagrada é *deitar loas*. Depois de recitadas, distribuem-nas ao publico.

Como da vila de Obidos possuo maior numero de loas do que de qualquer outra localidade, formarei aqui um grupo com elas, por ordem cronologica; com as restantes formarei outro grupo, juntas sem ordem geografica, mas por ordem cronologica, ainda que com grandes interrupções.

Num e noutro caso, resumem-se em regra os titulos.

A) Loas de Obidos:

Loas ou himnos sagrados com que os habitantes de Obidos conduzem ao Sitio da Pederneira a imagem da Senhora da Nazareth. De 1843 a 1922, com interrupções; mas uma folha de 1919 reproduz loas do P.e Malhão feitas em 1840. Os annos de que possuo loas são: 1843, 44, 47 a 49, 1851, 54 a 56, 58, 59, 1864, 1884, 86, 1894, 96, 98 (duas, mas diferentes), 1901 a 1903, 1905 a 1909, 1918 a 1922.

Muitas loas são feitas pelo já mencionado, e mui conhecido, P.e Malhão; outras por Joaquim Maria da Silva Freire, etc.; outras não têm os nomes dos autores. Algumas loas foram oferecidas á Virgem pelo P.e J. Nunes Ferreira Tavares. As loas são destinadas a serem cantadas quando o cirio parte de Obidos, quando passa nas Caldas da Rainha ou noutra povoação, quando entra na Nazareth, quando se despede, e quando torna a passar nos lugares da ida, até regressar a Obidos.

B) Loas dos habitantes de outras localidades, desde 1822 até 1918, porém, com grandes interrupções, como já se disse:

1. Loa em louvor da Virgem N. Senhora da Nazareth, por Luiz Ignacio Henriques. Do sec. XVIII. É a mais antiga que possuo, e vai transcrita adiante.

2. Louvores á Senhora da Nazareth, recitados por tres anjos que vão no cirio dos festeiros da Igreja Nova receber a imagem no lugar do Livramento, a qual imagem lhe entrega o povo da Enxara. 1822.

3. Louvores dados á Senhora da Nazareth no cirio que os moradores do Real Sitio da Ajuda costumam dedicar á mesma Senhora. 1823.

4. Vozes gratulatorias com que os festeiros e povo de Mafra vão receber a imagem na Ermida da Paz, a qual lhes é entregue pelos festeiros da Igreja Nova. 1823.

5. Vozes saudosas na retirada da SS. Virgem para o seu templo da Nazareth, articulada pelos festeiros de Mafra. Em Setembro de 1824.

6. Conduzindo o cirio da Ajuda a bandeira da Senhora ao seu templo da Pedreneira. 1825.

7. Real cirio de Lisboa. Hymnos dos festeiros do cirio, por ocasião de ser conduzida a imagem á Nazareth. 1827.

8. Na condução da imagem, pela primeira vez, da Capela Real de Queluz, no antigo cirio da mesma Capela, ao templo da Pederneira, para ser festejada pelo regresso e aclamação de D. Miguel I. Por Fr. Claudio da Conceição. 1828.

9. Affectuosos sentimentos com que os mordomos da frèguesia de S. Miguel de Alcainça festejão e conduzem com devoto cirio a imagem da Senhora da Nazareth á sua igreja da villa da Pederneira. 1849.

10. Dos festeiros de S. João das Lampas, na condução da imagem á Pederneira e na entrega da bandeira aos festeiros do Sobral. 1851.

11. Dos devotos do Sobral da Abelheira, na condução da imagem á Pederneira e na entrega da bandeira aos festeiros de Santo Estevam das Galés. 1852.

12. Loas para o cirio das Caldas. 1853.

13. Dos festeiros de S. Silvestre do Gradil, na condução da imagem á Nazareth, e na entrega da mesma aos festeiros de S. Pedro dos Grilhões da Azueira. 1854.

14. Hymnos com que os habitantes do concelho de Leiria acompanham ao Sitio da Nazareth a imagem da Senhora da Encarnação. Para a partida do cirio. Para a entrada em Pataias. Para o Sitio da Nazareth. 1854. — A Senhora da Encarnação é padroeira da cidade de Leiria. Vid. *Memoria sobre o templo e culto de N. S. da Encarnação*, de Sousa Larcher, Leiria, 1904, onde os *Hymnos*, de que falo, estão publicados a pp. 46-52.

15. Dos festeiros de Nossa Senhora da Purificação de Montelavar, «a entregar aos novos festeiros de Cheleiros». 1860.

16. Dos festeiros da Encarnação. 1862.

17. Loas com que os festeiros das Caldas e seu termo festejam a imagem da Senhora da Nazareth. 1864.

18. Dos festeiros e povo de S. João Degolado da Terrugem, ao entregarem a imagem aos festeiros de S. João das Lampadas (sic). 1867.

19. Dos festeiros e povo de Santo Estevam das Galés, ao conduzirem a imagem á Pederneira. 1870.

20. Saudoso tributo de amor que á Virgem da Nazareth offerecem os festeiros da frèguesia da Egreja Nova, por ocasião da festa, condução da imagem ao Sitio da Nazareth, e entrega da bandeira aos festeiros da frèguesia de S. André, da villa de Mafra. Sem data; mas tem, com tinta, «1874».

21. Os festeiros e povo da Igreja Nova, na condução da imagem á Nazareth, e entrega da bandeira aos festeiros de Santo André de Mafra. 1874.

22. Hymnos que os festeiros de Montelavar tributam á imagem da Senhora da Nazareth na ocasião das festas, e ao sair por despedida d'aquela frèguesia até á Nazareth. Entrega da imagem aos festeiros de Cheleiros. Em 1877.

23. Dos habitantes das Caldas da Rainha, na condução da imagem á Pederneira. 1877.

24. Dos festeiros da Ericeira, na condução da imagem á Nazareth e entrega da bandeira. 1881.

25. Hymnos devotos que tributam á Virgem da Nazareth os habitantes de Matacães. 1882.

26. Dos festeiros de S. João das Lampas, ao receberem a imagem, a qual lhes é entregue pelos festeiros de S. João Degolado da Terrugem. 1884.

27. Dos festeiros da Terrugem, por ocasião da despedida da sua frèguesia. 1884.

28. Dos mordomos de Santo André de Mafra, por ocasião das festas, na ida á Nazareth e na entrega da bandeira aos mordomos de Santo Izidoro. 1892.

29. Loas por ocasião dos festejos em S. Pedro da Cadeira. 1897.

30. Dos festeiros do Porto da Carvoeira, por ocasião das festas, da romaria á Nazareth e da entrega da bandeira aos mordomos de Alcainça. 1899.

31. Dos habitantes de Porto de Moz. 1899.

32. Dos festeiros de S. João das Lampas, nas festas e entrega da bandeira aos festeiros do Sobral. 1902.

33. Dos festeiros do Sobral da Abelheira, ao receberem a imagem dos festeiros de S. João das Lampas (1902) e na romaria ao Sitio e entrega. 1903.

34. Nos festejos na Azueira, na condução da imagem á Nazareth e entrega aos festeiros da Enxara do Bispo. 1906.

35. Dos festeiros da Igreja Nova, por ocasião da condução da imagem da Senhora de Nazareth ao Sitio da Nazareth, e entrega da bandeira aos festeiros da frèguesia de S. André de Mafra. 1908.

36. Saudações que á Senhora da Nazareth dirigem os seus mordomos da frèguesia de S. André de Mafra, por ocasião da ida, em romaria, á Nazareth, e entrega da bandeira aos mordomos da frèguesia de S. Nidoro. 1909.

37. Hymnos com que os festeiros da frèguesia de S. Pedro, da villa da Ericeira, festejam a imagem da Senhora de Nazareth. Para antes e depois da missa da festa. Entrega da bandeira aos festeiros do Porto da Carvoeira. Em 1915.

38. Himnos que á Virgem da Nazareth tributam os festeiros de S. João das Lampas ao receberem a imagem e a bandeira na frèguesia da Egreja Nova. Em 1918.

IV

Amostra de loas da Senhora de Nazareth, transcritas por ordem cronologica

A) De Obidos:

1. LOA | em louvor da Virgem | N. Senhora | de Nazareth, | no primeiro dia do festivo culto, | que lhe dedicaõ todos os annos os nobilissimos | Irmãos do Cirio de Lisboa. | Author | *Luiz Ignacio Henriques.*

INTERLOCUTORES

Devoção. *Fama.* *Culto.*
Festividade. *Pandorga*, Velha.
Applauso. *Gosto*, Gracioso.

Depois de tocarem os instrumentos diz a

Devoção: Sonoras vozes Divinas,
Que em consonancias discretas
Sois das attençoens prodigio,
Em cantando quaes Serêas. *Tocão.*
Culto: Vozes, que em acordes eccos,
E com metricas cadencias
Ao applauso mais festivo
Hoje vos dedicais meigas. *Tocão.*
Festividade: Vós, que em bellica harmonia,
Ao festejo tão attentas,
Sois admiração, e assombro
Em esta terrestre esfera... *Tocão.*
Applauso: Vós, que em graves sustenidos
Sois quem vontades enleya,
Não só pela suavidade,
Mas pela harmonia bella... *Tocão.*
Devoção: A quem dedicais os cultos?
Culto: A quem rendeis as offerendas?
Festividade: A quem offereceis os Hymnos?
Applauso: A quem tributais as festas?

Tocão os instrumentos

Fama: A mim me toca dizer-vos
A quem com vontade intensa
Este applauso se tributa,
E se dedica esta offrenda.
Já sabeis, herois sublimes,
Que a este Sitio (1) attentos
Vem dessa Cidade Augusta
Que Ulysses fundou guerreiro
Os corações mais devotos
Dos nobilissimos festeiros
A tributar a MARIA
Cultos mil, mil rendimentos,
Sem que os chegue a impedir,
Sem que lhe cause receyos,
Nem da jornada os incommodos,
Nem o medo dos dispendios.
Vem pois, como vos affirmo,
Seus devotissimos peitos
A consagrar á Senhora
Mil louvores, mil obsequios.
Graças mil lhe vem render,
Porque saiba o Universo,
Que ella como Mãy de graça
Lhe ha de dar graça por premio
De quantos á sua Imagem
Sabem dedicar festejos:
Razão esta que os obriga
A que, com acordes eccos,
E com jubilos festivos,
As vozes estejão dizendo
De seus cultos o subido,
De seus peitos rendimentos,
Com que á mais brilhante Aurora,
Com que á Mãy do Verbo Eterno
Vem demandar seus favores,
Os quaes forão sempre immensos.

---

(1) [No original está com letra minuscula; mas *Sitio* é o nome proprio do local onde está o santuario].

Este o motivo, porque
He este o culto primeiro,
Que neste triunfal concurso
Da festa he principio régio.

Devoção: Pois sendo assim, Fama altiva,
Será dilatar-nos erro.

Applauso: Antes, da Virgem o applauso
He justo principiemos.

Sahe Pandorga

Pandorga: Esperem, sôs [1] casquilhotes!
Vio-se mayor embrulhada,
Com que já vossês me deitão
Como besta velha á marge?
Não se lembrão, que ha hum anno
Estive eu cá com jangadas,
Que segundo Gracioso
Fazia, e não tinha graça!
Pois como agora atrevidos
Não querem, acção estranha,
Que eu tambem neste triunfo
Não diga duas palavras!
Não, senhores, isso não!
Sem Pandorga não he nada;
E não póde haver sem ella
Festa, porque sem a pança
Não se vive neste mundo.
Logo que festa não haja
Sem mim, he hum dezaserto,
E o de mais he patarata.
E pois que já tem sabido
Quem sou, he cousa assentada,
Que hey de entrar no festejo,
E senão...

Culto: Pandorga, basta!
Por essas razoens que dizes,
Lugar tens...

---

[1] [Em lingua popular por «seus», o que convem ao papel de Pandorga, «mulher pançuda e lerda», segundo define Morais, que dá o vocabulo como chulo. Var. *pandorca*].

Pandorga: Basta palavra!
Eu com tudo me acommodo,
Até com bailar cheganças (1).

Sahe o Gosto

Gosto: Cheganças, que he isto cá?
De cheganças, que é cá isto?
Com que de mim não se lembrão?
Ora o caso está bonito.
Com que já me deitão fóra?
Já não tenho graça? Lindo!
Para fazer rir a gente,
A discretos, e entendidos,
Eu não fuy, o que ha hum anno
Neste mesmissimo Sitio (2)
Vim tambem deitar a Loa,
Por sinal que lhe não minto?
Que vinha eu a cavallo
Com hum perfeito vestido,
Que parecia Cruz Diabo (3),
Ou cousa peyor do que isto.
No arraial não brinquey
Com tão discreto capricho (4),
Que houve quem me deu louvor
Chamandome engraçadinho?
Nas comedias não campey
Dizendo graciosos ditos,
E tanto, que eu a alguns

---

(1) [Morais dá a *cheganças* (no plur.) a significação de «chistes, lettrinhas chulas, que se cantavão». Se *cheganças* não significa, porém, dança, o sentido é: bailar cantando].

(2) [Escrito *sitio*. Vid. uma nota anterior].

(3) [Talvez que seja: Que parecia (cruz!) Diabo].

(4) [Talvez *capricho* esteja aqui em sentido um pouco tecnico: cfr. em hespanhol «en las obras de arte, lo que se ejecuta por la fuerza del ingenio más que por la observancia de las reglas» (*Dicc.* da Acad. Españ.), e uma das acepções que a esta palavra dá Morais: «composição extravagante, mas feita com engenho», embora ele se refira a musica].

Vi escangalhar com rizo?
Não fiz tambem outras cousas,
Que por não cançar não afirmo?
Não fuy a huma bayuca,
Por final, tomar um pingo?
E tanto sou estimado,
Que dias ha mais de cinco,
Que fuy fazer néto (1) ao Cabo (2),
Mas ao cabo estive hindo:
Mas era o da minha vida,
Porque um tal cavallinho,
Por levar tojo no rabo,
Atirou couces em findos (3).
E eu, como bom cavalleiro,
Nunca na terra caindo,
Ao cachaço me agarrey
Do tal cavallo maldito.
Pois então que razão ha,
Oh senhores mancebinhos,
Para eu não entrar na Loa?
Quero sabella, meninos,
Digão-ma já de repente...
Oh senão, por Jesu-Christo,
Oh pela Virgem Sagrada
De Nazareth, a quem sirvo,
Vá tudo numa poeira,
Vá tudo n'um reboliço,
Vá tudo! mas tanto *vá*
He toleima, E tenho dito.

Festividade: Que vinhas a esta terra,
Ignoravamos, amigo:
E essa era a razão,
Porque sem ti o princípio
Ao applauso da Senhora
Davamos em este Sitio.

---

(1) [*Neto* em giria quer dizer copo de vinho: *fazer neto* será beber. Cfr. os versos anteriores].

(2) [*ir ao cabo* = morrer. Trocado de palavras, como noutros casos da mesma peça].

(3) [= infindos].

Gosto: Essa desculpa me basta.
Vamos pois, vamos a isso,
E não se detenhaõ mais.
Devoção: Attenção, que principio:
Em Nazareth, oh Virgem esclarecida,
Fostes do Anjo de Deus annunciada,
E sem vossa pureza ser manchada
Concebestes o Autor da mesma vida.
Por vós ficou a culpa amortecida,
Do Demonio a fereza subjugada,
E até á creatura desgraçada
Por vós a graça foy restituida,
Em vós, que de David sois torre forte,
Temos todas, Senhora, confiança,
Que, quando nos chegar da Parca o córte,
Com Deus nos façais ter firme aliança,
Pois que sois dos errados fixo norte,
Dos pecadores Mãy, sua esperança.
Pandorga: Oh senhores, esteve bom,
Muito discreto, e muy lindo.
Gosto: Diga agora a quem tocar,
Que eu já o ouvido applico.
Culto: Com o *Fiat* sagrado se executa
A producção do Verbo Omnipotente,
E o que Eva perde irreverente,
Em Nazareth achamos sem disputa.
A serpente a venceu ferós e astuta,
Mas da vossa pureza o preheminente,
Da enganosa culpa, e da serpente
A victoria alcançou, o abismo enluta.
Por vós o bem alcança o mundo todo,
Por vós a graça foy restituida,
Por vós se apura a alma e deixa a lodo (1).
Do peccado não fostes compreendida,
Pois o *Fiat* vos fez com raro modo
O seres Filha, e Mãy da mesma vida.

(1) [De *lodo* no sentido de «corpo humano» (que foi feito de «barro») se fala também no verso 37 da *Farsa do alfaiate;*

Gosto: Não me parece ser tolo
Tambem o tal moçosinho.
Festividade: A Nazareth foy mandado
Gabriel, Anjo do Senhor,
Por sagrado Embaixador,
Por nos livrar do peccado;
E ficando admirado
De ver tanta primazia,
Disse com summa alegria:
— Vem, sem que te cause espanto
Sobre ti o Espirito Santo,
Cheia de graça, és MARIA.
Pandorga: Tem-no feito muito bem
E sem materia de riso,
Que são todos muy discrétos,
Outra vez agora afirmo.
Mas ay! Em que me detenho?
Vou fazer meu elogio
Á Virgem de Nazareth.
Ora onção, que dou principio:
— Oh Virgem de Nazareth,
Ainda que pobre sou,
Meu louvor aqui vos dou,
Com rendimento, e com fé.
Que diraõ? muito bem se vê (1)
Que não tenho erudição,
Mas com firme coraçaõ,
Sem desmayar nos louvores,
Direy que dos peccadores
Sois remedio, e galardão.
Gosto: Quem se segue vá dizendo,
Vamos acabando isto.
Applauso: De Nazareth a flor esclarecida,
Assucena fermosa e engraçada,
De Christo, nosso bem, pura morada,
Que em Nazareth nos deu na graça vida.

---

de Anrrique da Mota, já citada supra. Cfr. Gil Vicente, III, 69, da ed. de Hamburgo *(Velho da horta)*].

(1) [O verso está hipérmetro. O autor de certo escreveu *mui bem* ou *muy bem*].

De Nazareth a Virgem, que escolhida,
Foy do Eterno Pay, foy destinada
E da culpa original sem ser manchada,
Foy em graça, e pureza concebida.
A esta só louvamos, Virgem pura,
Porque nella sómente confiamos,
De Nazareth a gloria, e a doçura.
O Ceo de Nazareth só procuramos,
Que he gloria, com que só a culpa impura
Dos peccadores peitos desterramos.

Gosto: Que tenhão todos fallado,
E mostrado seus caprichos (1),
E que só eu aqui esteja
Calado como toucinho! (2)
Mas não ha-de ser assim,
Vá o fato á rua (3), digo,
E oução com atenção
Cousas de primor, e brio.
Não se rião, meus senhores,
Dêm-me attenção, lhe supplico,
Se querem admirar
Qatorze versos bem lindos:
Eu por cabo de tudo agora digo,
Affirmando sem ser nenhum sendeiro:
Viva o Juiz, Juiza, e Thesoureiro!
Porque hum bem, se elles vivem, só consigo:
Qual será livrarem-me do perigo
De ser pobre, qual misero aguadeiro,
Ou ir-me meter moço de hum forneiro,
Como foy já em mim costume antigo.
Com que tal: sim senhor, vay com primores
Este tal sonetinho, ho Musa altiva,
Grita, que vivão os Procuradores;

---

(1) [Vid. uma nota anterior].

(2) [Cfr. *calado como toucinho em saco*, em Bento Pereira, *Florilegio*. Hoje: *calado como um morto*, em A. Th. Pires, *Setecentas comparações pop.*, n.º 68].

(3) [*Vá o fato à rua!* O sentido será acaso: «apareça eu agora com o meu fato, apareça eu agora na rua a falar, apareça eu, fale eu» — Não creio seja *facto*].

E se a vontade em ti he excessiva,
Dize: Vivão tambem estes senhores,
Todos: E tão nobre função mil vezes viva!

FIM.

Com todas as licenças necessarias.

N. B. — Esta loa, meia a serio, meia burlesca, tem feição de *auto;* nela se faz referencia a outra do ano anterior. — Na transcrição conservou-se a ortografia, apenas se usou ás vezes letra maiuscula por minuscula, ou vice-versa, e se melhorou a pontuação.

2. Loas ou Himnos Sagrados, com que os habitantes da Villa d'Obidos conduzem em triumfo ao Sitio da Pederneira a imagem de N. S. da Nazareth, no ano de 1843. Offerecidas e dedicadas á mesma Senhora pelo Beneficiado F(rancisco) R(aphael) da S(ilveira) M(alhão). Lisboa: na Impressão de Galhardo e Irmãos, R. da Procissão n.º 45. 1843. — Folheto in-8.º grande, de 16 paginas).

(No verso do frontispicio):

Virgem andando aqui, já celestial,
E em corpo assi levada ao Ceu Empyreo,
Sem ser vista mais cá d'olhos humanos,
Certa porta do Ceu, dos valles lyrio,
Que nunca teve, nem terá igual,
Dada por só remedio a nossos damnos.

Sá de Miranda.

Para a partida do Cirio (1)

Obidos

Obidenses fieis, raiou nos Ceus
O mais risonho, afortunado dia!
Em triumfo á saudosa Nazareth

(1) [Entende-se que vão tres anjos, um que representa a vila de Obidos, outro a Devoção, outro o Zêlo. Cada um

Vamos levar a Imagem de Maria:
Vamos, abandonando os nossos lares,
Erguer este Pendão em seus altares.

Devoção

Vamos dar culto á Virgem soberana,
Que, entre broncos rochedos escondida,
Ao valente Roupinho appareceu
Proximo a perder, incauto, a vida;
E que alli, desde tempos afastados,
Faz timbre de valer aos desgraçados.

Zelo

Nos dias dos Filippes, nossos paes
A Mãi de Nazareth já festejavão:
N'aquelle venerando Sanctuario
Com tamanho esplendor se apresentavão,
Que entre as turbas que a honrá-la alli corrião,
Por seu garbo, e fervor se distinguião.

Obidos

Todos se disputavão generosos
Na devoção a gloria de primeiros:
Desfazião-se em dadivas, e joias
O povo, o clero, os nobres cavalheiros;
Era conforme em todos o desvelo,
O amor da patria, o pensamento, o zelo.

Devoção

No patente arraial de Nazareth,
Fóra os cultos no templo á Virgem dados,
Traçavão mil festejos, e folguedos
Pelo povo Obidense executados:
Havia justas, danças, luminarias,
Musicas, histriões, figuras varias.

---

recita seus versos, em separado, ou em côro, conforme as rubricas].

Zelo

Vamos trilhar as sendas que trilharão
Nossos avós em dias bonançosos;
Mostrar, que, se não somos tão felizes,
Não temos corações menos piedosos:
Foi d'ouro, foi de pompa a sua idade,
A nossa é só de fé, só de piedade.

Obidos

O tempo, cuja planta tudo esmaga,
Roubou-nos sua paz, sua ventura;
Mas deixou-nos intacta a devoção
Com que honravão fieis a Virgem pura.
Altera o tempo as cousas dos humanos,
As do Ceu sobrevivem a seus damnos.

Devoção

Não levemos, embora, em nossa marcha
O fausto que na sua transluzia;
Mas arda a devoção em nossos peitos
Que nos seus corações outr'ora ardia:
Supra-se a nossa mingoa d'esplendor
Pelo augmento do zelo, e do fervor.

Zelo

Mede o Ceu o valor das homenagens,
O preço das piedosas oblações,
Não pelo brilho e custo das offertas,
Mas pelo ardor, e fé dos corações.
Qual fumo a humana gloria se desfaz,
Sempre a pura virtude ao Ceu apraz.

Obidos

Ó pura Devoção, dá santo alento
A minha alma, a meu peito enternecido.

Devoção

Tua prece me apraz, serei comtigo,
Ó Obidos, ó genio esclarecido.

Obidos

Ó Zelo, que meus filhos animaste,
Ajuda-me nos cultos de Maria.

Zelo

Pelos campos, e Villas, e Lugares
Marcharei a teu lado noite e dia.

Obidos

Eis o sacro Estandarte de Maria
A quem rende homenagens nossa fé.

Devoção, e Zelo

Á sombra deste Labaro sagrado
Marchemos á saudosa Nazareth.

Todos

Devoto Côro, as vozes desprendei,
Cantai himnos sagrados a Maria,
Ressôem afinados instrumentos,
Subão aos ares fogos d'alegria.

Para a Villa das Caldas

Obidos

Não é um terço de lanças,
Armado campo de guerra,
Que devassa as vossas ruas,
E penetra em vossa terra
Ao som de rouco tambor,
Causando espanto, e terror.

Devoção

É um grupo de romeiros
D'um povo crente, e fiel,
Que leva á Lusa Sião
A Arca santa d'Israel,
Entre fogos d'alegria,
Himnos de pura harmonia.

Zelo

São zelosos Obidenses,
Que á Virgem sagrão louvores,
Seguindo os trilhos, e as sendas
De seus illustres maiores,
Que tanto se abalisavão
Nas honras que lhe votavão.

Obidos

Eu sou Obidos, que marcho
Á frente do povo meu,
Arvorando este estandarte
Da Soberana do Ceu,
A cuja sombra lançado
Caminha ledo, e folgado.

Devoção

Eu a pura Devoção,
Que dou vida ás orações,
Melodia, e graça ao canto,
Sentimento aos corações;
E que afervoro constante
Este cortejo brilhante.

Zelo

Eu o Zelo, que excitei
Os corações negligentes,
Aqueci as almas frias,
Dei força a todas as gentes,
E apoz Obidos leal
Fiz marchar este arraial.

Obidos

Devoto povo das Caldas,
Consocio na mesma fé,
Victoriemos unidos
A Virgem de Nazareth:
Como nós com alegria
Rendei cultos a Maria.

Devoção

Honrai a Estrella brilhante
Que em nosso Ceu despontou:
Que o capitão portuguez
Precipitado salvou,
E tem salvado mil vezes
Portugal, e os Portuguezes.

Zelo

Reuní a nossos brados
O vosso pio clamor,
Celebremos á porfia
Este thesouro d'amor:
Muitas vozes enlaçadas
Serão melhor escutadas.

Todos

Salve, filha d'Adão e mãi do Eterno,
Acolheita dos miseros viventes!
Celebrem-te as celestes jerarchias,
Dem-te gloria, e louvor todas as gentes.

Para as outras povoações até á Nazareth

Obidos

Vinde, ó gentes, adorar,
Render cultos a Maria,
Estrella fulgida, e bella,
Que toda a terra allumia;
E vence em graça, e fulgor
O sol em seu esplendor.

Devoção

Vinde adorar a prelara
Mãi dos homens, e de Deus,
A protectora da terra,
A Soberana dos Ceus,
Aquella Débora forte,
Que melhorou nossa sorte.

Zelo

Vinde prostrar-vos humides
Ante seu plaustro sagrado,
Endereçar-lhe algum himno
Pelo fervor inspirado;
Alguma pia oração
Das que ensina a devoção.

Obidos

Ouve a todos os seus filhos,
Escuta reis, e pastores,
Afina as prendas dos justos,
Faz justos os peccadores:
Ninguem a chama com fé,
Que não alcance mercê.

Devoção

Seu maternal coração
Franquêa a todas as gentes,
Derrama graças e dons
Sobre todos os viventes:
É sol, é Lua, é aurora,
Beneficia a toda a hora.

Zelo

Por suas mãos bemfazejas
Todas as graças nos vem;
Quem tem por si a Maria,
Tem a Deus por si tambem;
E quem tem Maria e Deus,
Tem a terra, e tem os Ceus.

Todos

Nunca se apague em vossos corações
A terna devoção á Virgem pura:
Tereis na terra o Ceu sempre propicio,
No Ceu constante, e solida ventura.

Para a entrada em Nazareth

Obidos

Eis á frente o templo augusto,
A casa da Mãi de Deus!
Obidenses, exultemos,
Rendamos graças aos Ceus;
Banhem lagrimas de gosto
Nossa face, e nosso rosto.

Devoção

Eis o illustre sanctuario
Da famosa Nazareth!
Redobremos o fervor,
Excitemos nossa fé;
Dilate-se o coração,
Folgue o zelo, e a devoção.

Zelo

Eis o paço magestoso
Da Rainha soberana
Que domina das alturas
Sobre toda a raça humana.
Entoemos a Maria
Himnos cheios d'alegria.

Obidos

Ó Virgem de Nazareth,
Nestes penedos achada,
E desde tempos remotos
Piamente venerada,
Acolhe a pura humenagem
Dos fieis desta romagem.

Devoção

Ó Virgem de Nazareth,
Que n'aquelle erguido outeiro
Ouviste os brados afflictos
Do perdido cavalleiro;
Escuta os ais fervorosos
Destes romeiros piedosos.

Zelo

Ó Virgem de Nazareth,
Doce amparo dos mortaes,
Recebe os cultos sagrados,
E os louvores festivaes,
Que Obidos, e a Devoção,
E o puro Zelo te dão.

Obidos

Vamos pôr este Pendão
Ao lado de teus altares,
Apresentar-te os suspiros
Da gente de nossos lares;
Em nome da patria amada,
Honrar-te em tua morada.

Devoção

Não trazemos ricas joias,
Nem prendas d'alto valor;
Trazemos os corações
Cheios de fé, e d'amor:
Tu prezas mais que a riqueza
O fervor, e a singeleza.

Zelo

Os nossos passos não forão
Pelo fausto dirigidos:
Celebrar teu nome augusto
Exhalar ternos gemidos,
Eis a ambição que trazemos,
Outra gloria não queremos.

Todos

Vamos entrar nos Paços de Maria,
Perante suas aras recurvados,
Exhalar nossas almas, dar-lhe graças
De sermos felizmente aqui chegados.

Para a despedida

Obidos

Cheios de dôr, e saudade
A face em pranto banhada,
Vamos deixar, Virgem santa,
A tua augusta morada.

Todos

Nossos peitos fortalece,
Que a constancia nos fallece.

Devoção

Esta divina Sião
É preciso abandonar,
Fazer força ao coração,
Os suspiros abafar.

Todos

Nossos peitos fortalece,
Que a constancia nos fallece.

Zelo

É forçoso interromper
Dias de paz, e ventura,
D'uma acerba despedida
Tragar a ingrata amargura.

Todos

Nossos peitos fortalece
Que a constancia nos fallece.

Obidos

Mais viva a fé que trouxemos
Levamos no coração,
O fervor mais ateado,
Mais accesa a devoção.

Todos

Nunca mais esqueceremos
As graças que recebemos.

Devoção

Aos nossos vamos contar
As maravilhas que vimos,
Os desusados transportes,
Que neste alcaçar sentimos.

Todos

Nunca mais esqueceremos As graças que recebemos.

Zelo

Vamos firmar sua crença,
Consolar a sua fé,
Apresentar-lhe uma imagem
Da saudosa Nazareth.

Todos

Nunca mais esqueceremos As graças que recebemos.

Obidos

És mãi do povo christão,
Amparo a todos os crentes:
Celebrem teu nome augusto
Todas as tribus, e gentes.

Todos

Acode, ó Virgem, dos Ceus A todos os filhos teus.

Devoção

Valeste a um Luso perdido
Nesta erguida penedia,
Olha terna, e compassiva
Para a Lusa Monarchia.

Todos

Acode, ó Virgem, dos Ceus A todos os filhos teus.

Zelo

És da nossa amada patria
Egide, escudo celeste,
Defende Obidos fiel,
Como sempre a defendeste.

Todos

Acode, ó Virgem, dos Ceus A todos os filhos teus.

Todos

Uma benção benefica derrama
Sobre nós, teus fieis adoradores,
E faze que outra vez agradecidos
Te venhamos aqui cantar louvores.

Para todos os logares na volta

Obidos

Fomos ao monte sagrado
Da Lusitana Sião
Entoar á Mãi de Deus
Canticos do coração;
Em seu templo magestoso
Queimar encenso piedoso.

Devoção

Fomos vêr a delicada,
Formosa Flor de Jessé,
Transplantada do Oriente
Ao Jardim de Nazareth;
Cuja virtude, e fragrancia
Chega a remota distancia.

Zelo

Fomos de perto admirar
A Rosa de Jericó,
A Escada mystica, e firme
Que vira em sonhos Jacob;
A Rainha soberana
Escudo da raça humana.

Obidos

Vimos gentes numerosas,
E d'afastados lugares,
As mãos erguidas ao Ceu
Diante de seus altares,
Derramando o coração
Com ternura, e devoção.

Devoção

Vimos coros variados
D'ajustadas harmonias,
Festas no templo, e no campo,
Verdadeiras alegrias:
No coração sobejava
O prazer em que nadava.

Zelo

Vimos lagrimas de gosto
Por muitas faces cahidas,
Gentes devotas de rastos,
Mortalhas offerecidas:
Entramos no templo seu,
Vimos a imagem do Ceu.

Obidos

Nós lhe pedimos com vozes
Sahidas do coração,
Que estendesse carinhosa
Sua efficaz protecção
A toda a escolhida grei,
Que de Christo segue a lei:

Devoção

Que escudasse o Luso povo,
Onde pia apparecêra,
E que n'aquelles lugares
Ha longe tempo a venera;
Mostrando a sua piedade,
Sem mudança, em toda a idade.

Zelo

Que lançasse olhos benignos
Sobre a nossa patria amada,
Desde os dias dos Filippes
A seus cultos consagrada;
Que imitando os seus maiores
Inda lhe vota louvores.

Todos

O coração retalhado,
A despedida fizemos,
E a saudade que trazemos,
Nunca em nós ha de acabar.
Em nossas almas sómente
Deixaremos de a sentir,
Quando o Ceu nos permittir
Outra vez alli voltar.

FIM.

3. HYMNOS SAGRADOS, com que os habitantes da VILLA D'OBIDOS e seu Termo conduzem em triumpho a Imagem de Nossa Senhora da Nazareth ao Sitio da Pedreneira, no anno de 1855. Offerecidos e dedicados á mesma Senhora por Joaquim Maria Freire.

Para a partida do Cirio

Obidos

Que dia tão grandioso,
Que espectaculo magestoso
Nos vem sorrir!

Quanto é bello ver as gentes
Tão satisfeitas, contentes,
Um bem fruir!

Devoção

Mais uma vez, ó patricios,
A graça dos Ceus propicios
A bafejar-nos;
Mais um bem, que a Providencia,
Com larga munificencia,
Quer hoje dar-nos.

Zelo

Obidos, a patria amada,
D'um santo zelo inflamada,
Vai n'este dia

Mostrar ao mundo, que a vê,
Que piamente inda crê
Na romaria.

Obidos

Alegre-se o coração
Abrazado em Devoção
Á Virgem pura;

Caminhe desassobrado;
Que terá sempre a seu lado
Guia segura.

Devoção

Vamos amigos, á vante,
Com um canto alti-sonante,
Eternizar

O nome da nossa terra,
E a crença, qu'em si encerra,
Simbolizar.

Zelo

É o estandarte sagrado,
Pelos ventos desfraldado,
Alegremente.

Marcharemos satisfeitos,
Encendida a fé nos peitos
Ardentemente.

Todos tres

Afinados instrumentos,
Das vozes, doces acentos
Prestes entoem
Himnos sagrados á Virgem,
E qual seja a santa origem
Alto apregoem.

DEPOIS DO CORO

Todos

Partamos, partamos já;
Nenhum motivo haverá,
Que aqui nos prenda;
Vamos os votos cumprir,
Á Virgem Santa pedir
Que nos defenda,

Que proteja a patria nossa
Que faça com que ella possa,
Resplandecente,
Gozar um futuro bello,
Servir de nobre modelo
A toda a gente.

Para a Villa das Caldas

Todos

Honrados Caldenses na fé os primeiros
Correi prasenteiros, ledos, pressurosos,
A saudar a Virgem na pia romagem,
Render-lh'omenagem com peitos bondosos.

Os mesmos

Attentos ás vozes d'um povo inflamado
No zelo extremado de mór devoção;
A nós coligados p'la fraternidade,
Á voz da verdade prestai attenção.

Obidos

O homem no mundo sem ter um abrigo,
Envolto no p'rigo do seu delirar,
Submerso no abismo d'atroz, falaz guerra,
Vagando p'la terra, que tinha qu'esp'rar?!

Devoção

Que faria o homem transido de dores
Exposto aos rigores d'horrivel destino?
Qual seria a sorte do mis'ro vivente
Sem a luz fulgente do poder divino?

Zelo

Perdido, exulado, confuso, arquejante,
Sem ter um instante de leve prazer,
Ludibrio da sorte, desdouro do mundo,
Em cáhos profundo iria morrer!

Obidos

Mas, eis que uma Virgem, por Deus enviada,
De virtude ornada, em graça eminente
Surgindo entre os homens radiante e pura,
Muda a sorte dura do misero vivente.

Devoção

Concebida em graça, na mente do Eterno,
P'ra assombro do inferno, espanto e terror,
Foi por Deus fadada lá na Palestina,
Por mercê divina, Mãi do Redemptor.

Zelo

Foi então que o homem, quebrados os laços,
Desfeita em pedaços a fatal prizão,
Volvendo á ventura, que perdido havia
Exultou no dia d'alta redempção.

Todos

Honrai, pois, a Virgem com sagrados hymnos.
Canticos divinos lh'entoai com fé,
Arbitra da vida, de nossos destinos,
A Mãi dos p'regrinos, Mãi da Nazareth.

Para os logares do transito

Obidos

O que é isto?! o povo em massa
A vir esp'rar-nos, contente?!
Que extraordinario principio
Moverá toda esta gente?

Devoção

Donde virá, qu'este povo,
Transbordando d'alegria,
Esquecendo os seus pezares,
Corre a ver-nos n'este dia?

Zelo

Será, por ventura, a nós,
Que prestes vem acatar?!
Acaso devem mortaes
Outros mortaes adorar?

Obidos

Oh... não, que aos homens só cabe
A mutua fraternidade:
Adoração e respeito
Só pertence á Divindade.

Devoção

Pertence, sim, ao Eterno
Dos Ceus, do mundo Senhor;
Convem ao Filho Unigenito;
Cabe á Mãi do Redemptor.

Zelo

A que vem, pois esta gente,
Que em torno de nós volteia,
C'o a face desassombrada
A alma de prazer cheia?

Obidos

Vem afanoza pagar
Tributos de gratidão;
Vem offertar a Maria
Respeitosa adoração.

Devoção

Vem curvar-se ant'esta Imagem,
Pedir-lhe com reverencia,
Que na procella da vida,
Tenha com todos clemencia.

Zelo

Finalmente vem rogar-lhe,
Com interna confiança,
O premio, que os Justos gozam
Lá na Bemaventurança.

CORO

Todos

Ficai, gozando mil graças,
Da paz no remasso amêno;
Pedi, submissos á Virgem
Que vos dê porvir serêno.

Para a chegada á Nazareth

Obidos

Virgem Sancta, eis aqui fieis romeiros
D'essa historica terra os moradores,
Eia! prodigalisa os teus favores,
Acolhe com doçura aos viajeiros.

Devoção

Deixa que os filhos d'essa terra pia,
D'Obidos, que na fé serve d'exemplo,
Transpondo esses umbraes do sacro templo,
Bem-digam as fadigas d'este dia.

Zelo

Concede, que prostrados ante ti,
Incendidos no amor da caridade
Te louvem em canções d'ingenuidade,
Agora, sempre, em toda a parte, aqui.

Obidos

Nazareth, eis aqui um povo amigo,
Que a teus ferros tem preso o coração,
Que sente, quando os vê, grata emoção,
Que julga só em ti achar abrigo.

Devoção

Brindou-te a natureza com seos dons,
Fadou-te mimosa, atractiva e bella;
Deo-te o Ceo por brasão brilhante estrella,
Que a todos alumia, maus e bons.

Zelo

Famosa lusitana Nazareth,
Acolheita segura de p'regrinos,
Hospéda este bom povo, que os destinos
Condusem hoje aqui com pura fé.

Obidos

Romeiros, eis aqui o Sanctuario,
Que a crença d'um Monarcha Grandioso,
Fez erguer com seu todo magestôso
N'este Sitio remóto, solitário.

Devoção

Adorna-lhe as alturas essa cruz,
De humana redempção nobre instrumento,
Que revéla a todos nós esse momento
Em que ao mundo baixou divina luz.

Zelo

Lá dentro, sobre as aras collocada,
Scintilla maga estrêlla rutilante,
Que serve de pharol ao caminhante,
Que o livra d'infernal, atroz cilada.

Todos

Corramos obidenses, vamos já,
No mais vivo transporte d'alegria,
Render devidas graças a Maria,
Que por nós, carinhosa, esp'rando está.

Para a despedida da Nazareth

Obidos

Soou a hora fatal,
A hora da desventura!
Do regosijo o fulgôr,
Mudado em crépes de dôr,
As nossas almas tortura.

Devoção

Quem ha, que não sinta agora,
Neste afflictivo momento,
Enlutar-se o coração,
Fugir-lhe a luz da rasão,
Offuscar-se o entendimento?

Zelo

Qual será o obidense,
Que encare com indifferença
Este quadro tão tocante,
E no rosto vacillante
Não mostre afflicção immensa?

Obidos

Amigos, convem ser francos,
Apraz muito a ingenuidade:
É um dom alto e suprêmo,
Que adorna o homem em extrêmo
E que agrada á Divindade.

Devoção

Quem deixará de carpir
A dura afflictiva ausencia,
Que o coração nos traspassa,
Que o faz provar a desgraça,
Com amarga vehemencia?

Zelo

Quem poderá descrever
O que sente o peito humano,
Quando, por força imp'riosa,
Perde a ventura que gosa,
Vae cahir no desengano?

Obidos

Se muitas vezes o homem
Se julga desventurado,
Por que s'aparta do amigo,
Qu'eternamente comsigo
Quiséra ver abraçado;

Devoção

Se quando gósa algum bem
D'estes que o mundo lh'off'rece,
E porque chegue a perdel-o,
Reputa o maior flagello,
Mal diz a sorte,... estremece!

Zelo

Que fará um povo crente,
Que tem por divisa a fé,
Quando perde o maior bem,
Os affagos d'uma Mãi,
Da Virgem da Nazaréth!

Todos

Resignação, ó Patricios,
Firme esp'rança no porvir!
A Virgem, que de nós dista,
Mesmo de cá nos avista,
Sempre nos ha-de acudir.

Para os logares do transito da retirada

Obidos

Deixamos o lindo Sitio,
De Nazareth nós partimos;
Que de scenas deleitosas
Todos nós ali fruimos!

Devoção

Que d'attractivos tão béllos
A alma nos captiváram!
Instantes de tanto jubilo
Jámais os mortaes gosáram.

Zelo

Parece que a Providencia,
Abrindo os cóffres das Graças,
Quiz diffundil-as profusa,
Sobre aquellas grandes maças!

Obidos

Vimos que as gentes envoltas
No turbilhão dos praseres,
Alegremente folgavão,
Sem que olvidassem deveres.

Devoção

Era um espectac'l'esplendido,
De gostósa apreciação,
Ver com'em todas as scenas
Brilhava a Religião!

Zelo

Do muito que ali gosámos
Resta a mais viva saudade:
De lá voltarmos mais vezes
Têmos esp'rança, vontade.

Todos

Eia pois, a Virgem terna
Permitta que muitas vezes,
Affrontando os mil revezes,
Que a sorte nos preparar,
Em sociedade fraterna
Tornemos a lá voltar.

TYP. COMMERCIAL. — Lisboa, *Poço do Borratem n.º 41* (Folha volante, formato muito grande, de 2 paginas).

4. LOAS PARA O CIRIO DE NOSSA SENHORA DA NAZARETH. 1856.

Para a partida

Obidos

Dia alegre, eu te saúdo,
E teu sol auri-luzente,
Que vai descoberta a frente,
Correndo o espaço dos ares.
Vens coroado de risos,
E de graças abundantes,
Encantar os habitantes
Do meu ninho, dos meus lares.

Devoção

Eu aos filhos do meu berço,
D'estes gothicos castellos,
Rendo parabens ao vê-los
Em torno da Mãi de Deus.
Já nos tempos que lá vão,
Nobres mancebos e velhos
Dobravam fronte e joelhos
Á Soberana dos Céus.

Zelo

Pela patria vivamente
Meu coração tambem bate.
Como a vossa, se desate
Minha lingua em seu louvor.
Emboras á liberdade
Da raça infiel, descrida,
Que sempre, desde remida,
Á Virgem sagrou amor!

Obidos

E fiel ás tradições,
Transmittidas d'era em era,
Inda na face enrugada

Todos

Este amor lhe reverbera.

Devoção

E no braço do seu genio
Sustenta o nobre Pendão,
Monumento da passada,

Todos

Da moderna devoção.

Zelo

E mandando fogo aos ares,
Cantando hymnos de alegria,
Vai colloca-lo anhelante

Todos

Ao pé do altar de Maria.

Obidos

Uma palavra, e não mais,
Em nome da patria amada,
Por nós tres representada:

Todos

Quem tem zêlo, amor e fé,
Siga-nos á Nazareth.

Para a Villa das Caldas

Obidos

Salve, oh nobres visinhos
De nossos antigos muros,
Como nós, amigos puros
Da Salvadora de Fuas.

Para honrar a Protectora
Do soldado portuguez,
Vimos ainda outra vez
Atravessar vossas ruas.

Devoção

E n'esta área dilatada,
Cercada de vossos lares,
Erguemos a voz aos ares,
Em honra da Mãi de Deus.

Ministreis da Virgem Santa,
Trovadores de Maria,
Demos, cantando, alegria
A tão charos filhos seus.

Zelo

Um hymno só — o veneno
Da serpente, por desgraça,
Infeccionou toda a raça
Do credulo, incauto Adão.

Deus lembrou-se de Maria
Para remedio do mal:
De seu seio virginal
Veio ao mundo a salvação.

Obidos

Toda a terra, ha largos dias
Amaldiçoa o reptil,
Que perdeu raça tão nobre,

Todos

Empregando astuto ardil.

Devoção

Toda bemdiz a Mulher,
Que reparou o revez,
Vencendo o monstro sagaz,

Todos

Calcando-lhe a fronte aos pés.

Zelo

Emboras á Vencedora,
Zelo, amor, dedicação,
A tão valente Judith,

Todos

A tão pio coração!

Obidos

Milagrosa Imagem sua,
Que lá do Oriente viera,
E junto ao mar se venera,

Todos

Vamos, devotos honrar:
Adeus, é tempo, marchar.

Para os lugares de transito

Obidos

Filhos do monte, correi,
E em logar das lindas flores,
Que tisnaram os ardores
Da calorosa estação:

Para brindar vossa Mãi,
Trazei outras mais formosas,
Trazei cravos, trazei rosas
Do jardim do coração.

Devoção

Uma lagrima saida
Do seio d'elle, lhe agrada
Mais do que a flor rociada
Pelas perolas da aurora:

E ama mais o perfume
D'uma supplica fervente,
Que a fragancia recendente
Que ella de si evapora.

Zelo

E Senhora Soberana
Dos reinos da natureza,
Dispõe de toda a riqueza
Da creação do Senhor.

Regeita brindes do mundo,
Rubins, perolas não quer,
Só recebe com prazer
Tributos de puro amor.

Obidos

Descerrai os corações,
Tirai com mão generosa
D'estes misticos thesouros

Todos

Uma joia preciosa.

Devoção

Os bens que a fortuna dá
Ao camponez faltarão:
Como o rico tem o pobre

Todos

Riquezas do coração.

Zelo

Filhos do campo, correi
Com santa, pura alegria,
E com piedoso alvoroço,

Todos

Offertai-as a Maria.

Obidos

E nós, romeiros fieis,
A nossa Estrella sigamos:
Eia, adeus, marchemos [1], vamos

Todos

Á terra do amor, da fé,
Á ditosa Nazareth.

---

[1] [No texto *marchamos*].

Para a chegada á Nazareth

Obidos

Templo augusto, já de longe
Tua cruz nos inspirava,
E ao vivo nos agitava
O sangue no coração.

E essas torres erguidas,
Como rainhas dos ares,
Nos arrancavam a pares
Lagrimas de devoção.

Devoção

Torres, cruz, zimborio altivo,
Tudo d'aqui nos dizia:
—Eis o templo de Maria,
Obidenses, eia, ávante—

Embebidos na visão,
Quanto mais ávante vimos,
Mais o coração sentimos
Agitado, palpitante.

Zelo

Agora já nossos olhos
Veem de perto a habitação,
A sympathica mansão
Da linda flor de Jessé.

Parabens nobres romeiros!
Graças a Deus e a Maria,
Nossa Estrella e nossa Guia,
Chegámos á Nazareth.

Obidos

Abertas de par em par
Do templo as portas estão:
Os Levitas nos esperam,

Todos

Vamos fazer oração.

Devoção

Aqui de dia e de noite,
Scintilla a Estrella dos mares:
De tão benéfica Estrella

Todos

Vamos beijar os altares.

Zelo

Aqui, vinda do Oriente,
De Maria existe a Imagem;
A joia tão preciosa

Todos

Vamos render homenagem.

Obidos

Vamos transpor os umbraes,
E pizar o pavimento
De tão pio monumento.

Todos

Recebei-nos com piedade,
Ó Mãi d'eterna bondade.

Para a despedida

Obidos

O canto, a voz da alegria
Os trovadores perderam,
No coração lhes morreram
Estro, genio, inspiração.
Das verbenas, que inda ha pouco
Lhes adornavam as frentes,
Umas estão já pendentes,
Outras cairam no chão.

Devoção

O Bardo de Siloé
Tambem nos dias de dôr
Perdia o santo fervor,
Que nas festas o animava.

Pedia soccorro ao ceu,
Tangia a harpa eloquente,
Mas seu genio descontente
Só gemia, não cantava.

Zelo

Como pastor de Belem,
Depois impavido athleta,
Grande rei, grande propheta,
Na tristeza esmorecemos,

Ao retirar do theatro
De tamanha alacridade,
Só um hymno de saudade
Na amargura cantaremos.

Obidos

Fica-te, monte sagrado,
De tantas reminiscencias,
Ficai-vos, praias e mares,

Todos

Pitorescas eminencias.

Devoção

E tu, gruta veneranda,
D'onde, a abismar-se nos mares,
Saío a força que Fuas

Todos

Susteve firme nos ares.

Zelo

E tu, ó Filha do Céu,
Que, desde então até agora
Tens sido dos portuguezes

Todos

Desvelada protectora,

Obidos

Projege Obidos fiel;
Povo teu de ha longas eras,
Povo de filhos de veras.

Todos

Em quanto n'elle houver fé,
Lembrar-se-ha de Nazareth.

Para a retirada

Obidos

Quereis saber que trazemos
Do theatro da alegria,
Da devoção a Maria,
E da fé dos Portuguezes?

Uma lembrança saudosa,
Que pena e gosto nos dá,
Que, retirando de lá,
Trazemos todas as vezes.

Devoção

Não se deixam sem saudades
Pedras e cryptas que fallam,
E que as entranhas abalam
Com suas recordações,

Nem padrões já corcomidos *(sic)*,
Nem monumentos sagrados,
Piamente venerados
Já por tantas gerações.

Zelo

Quem vê pelo coração,
Conserva lembrança inteira,
Do que vio d'esta maneira,
Té cair na sepultura.

As scenas que tocam n'alma
Os tempos não as deslavam,
São memorias que se gravam
A buril em pedra dura.

Obidos

Trazemos a nobre gloria
De mostrar ao mundo a fé,
Que a nossa patria consagra

Todos

Á Virgem de Nazareth.

Devoção

Démos vida ao nosso nome,
Que, apesar da adversa sorte,
Como os nossos torriões,

Todos

Zomba do imperio da morte.

Zelo

Não foram, ó patria amada,
Vossos esforços baldados.
Quando a terra os não premêa,

Todos

Serão no Céu premeados.

Obidos

Por todos os beneficios,
Que recebemos dos Céus,
Vamos dar graças a Deus.

Todos

Grande Deus, nós te louvamos,
A ti, Senhor, confessamos.

IMPRENSA NACIONAL (Folha volante, de 2 paginas).

5. LOAS OU HYMNOS SAGRADOS, com que os habitantes da VILLA D'OBIDOS e seu Termo conduzem ao Sitio da Pederneira a Imagem de Nossa Senhora da Nazareth no anno de 1858. Offerecidas e dedicadas á mesma Senhora, por Joaquim Maria da Silva Freire, d'Obidos.

Para a partida d'Obidos

Obidos

Despontou no claro Céo
O dia da nossa gloria,
Á lisongeira memoria
De Maria consagrado,
Dia de patrio triumpho;
E de santa hilaridade,
Pela curta e longa idade
Com vivo ardor desejado.

Devoção

Como o servo sequioso
Anhela pelas correntes,
Sôfregas, todas as gentes
Por este dia anhelavam:
O coração fixo n'elle,
Olhos sempre no porvir,
Até que o viram luzir,
Como a custo respiravam.

Zelo

O velho, incansavel Tempo
Embora sempre ligeiro,
Era tardo viageiro
Para nossas esperanças:
Mas, volvendo-se, na méta
Tão desejada tocou,
E o nosso dia marcou,
Depois de longas tardancas.

Obidos: De Maria o Estandarte,
Que domina os elementos,
Devoção e Zelo: Já tremula solto aos ventos.
Obidos: A santa adorada Effigie
Da Mãe de Deus humenado *(sic)*
Devoção e Zelo: Está no plaustro sagrado.
Os musicos instrumentos,
Harmoniosos cantores,
Vão já retumbar nos ares.
Obidos: Os fogos estrepitosos,
Rugindo, os peitos abalem:
Devoção e Zelo: Não tarda, que não estalem.

Todos

Devoto Côro, as vozes desprendei,
Cantai hymnos sagrados a Maria;
Ressôem afinados instrumentos,
Transbordem nossos peitos d'alegria.

DEPOIS DO CORO

Obidos: Qual columna do Deserto,
Devoção: A santa Virgem Maria
Zelo: N'esta nossa romaria
Todos: De pharol nos servirá,
Obidos: Não percamos um momento,

Devoção: Nas puras azas da fé,
Zelo: Ao Templo da Nazareth,
Todos: Obidenses, vamos já.

Para a Villa das Caldas

Todos

Honrados Caldenses, na fé os primeiros,
Correi prazenteiros, ledos, pressurosos,
A saudar a Virgem na pia romagem,
Render-lh'omenagem com peitos bondosos.

Os mesmos

Attentos ás vozes d'um povo inflamado
No Zêlo extremado de mór devoção;
A nós coligados p'la fraternidade,
Á vóz da verdade prestai attenção.

Obidos

O homem no mundo sem ter um abrigo,
Envolto no p'rigo do seu delirar,
Submerso no abismo d'atroz, falaz guerra,
Vagando p'la terra, que tinha que esperar?

Devoção

Que faria o homem, transido de dores,
Exposto aos rigores d'horrivel destino?
Qual seria a sorte do misero vivente
Sem a luz fulgente do poder divino?

Zelo

Perdido, isolado, confuso, arquejante,
Sem ter um instante de leve prazer,
Ludibrio da sorte, desdouro do mundo,
Em cahos profundo iria morrer!

Obidos

Mas eis que uma Virgem, por Deus enviada,
De virtude ornada, em graça eminente,
Surgindo entre os homens radiante e pura,
Muda a sorte dura do mísero vivente.

Devoção

Concebida em graça, na mente do Eterno,
P'rassombro do inferno, espanto e terror,
Foi por Deus fadada, lá na Palestina,
Por mercê divina, Mãi do Redemptor.

Zelo

Foi então que o homem, quebrados os laços,
Desfeita em pedaços a fatal prizão,
Volvendo á ventura, que perdido havia
Exultou no dia d'alta redempção.

Todos

Honrai, pois, a Virgem com sagrados hymnos,
Canticos divinos lh'entoae com fé,
Arbitra da vida, de nossos destinos,
A Mãe dos p'regrinos, Mãe da Nazareth.

PARA DEPOIS DO CORO

Todos

A seguir este Estandarte
Com zêlo vos convidamos;
Á crença que professamos
Todos nós somos fieis.

Vinde com vossa presença
O nosso triumpho honrar,
E no primeiro lugar
Juntos a nós marchareis.

Para os logares do transito

Obidos: O que é isto?! o povo em massa
A vir esp'rar-nos contente?!

Qu'extraordinario principio
Moverá toda esta gente?

Devoção: D'onde virá, qu'este povo,
Transbordando d'alegria,
Esquecendo os seus pezares,
Corre a ver-nos n'este dia?

Zelo: Será por ventura a nós,
Que prestes vem acatar?!
Acaso devem mortaes
Outros mortaes adorar?

Obidos: Oh!... não que aos homens só cabe
A mutua fraternidade:
Adoraçao e respeito
Só pertence á Divindade.

Devoção: Pertence, sim, ao Eterno,
Dos Céos, do mundo Senhor;
Convém ao Filho Unigenito;
Cabe á Mãe do Redemptor.

Zelo: A que vem pois, esta gente,
Que em torno de nós volteia,
Co'a face desassombrada
A alma de praser cheia?

Obidos: Vem afanosa pagar
Tributos de gratidão;
Vem offertar a Maria
Respeitosa adoração.

Devoção: Vem curvar-se ant'esta Imagem,
Perdir-lhe com reverencia,
Que na procella da vida
Tenha com todos clemencia.

Zelo: Finalmente vem rogar-lhe,
Com interna confiança,
O premio, que os justos gosam
Lá na Bemaventurança.

PARA DEPOIS DO CORO

Todos: Ficae gosando mil graças
Da paz no romanso amêno;
Pedi submissos á Virgem,
Que vos dê porvir serêno.

Para a chegada á Nazareth

Todos: Templo augusto, já de longe
Tua Cruz nos inspirava,
E ao vivo nos agitava
O sangue no coração,
E essas torres erguidas
Como rainhas dos ares,
Nos arrancavam a pares
Lagrimas de devoção.

Obidos: Eil-o, Obidenses,
O templo augusto
Da Mãe do Justo,
Da Virgem pura;
Qu'ha longos annos
A luza gente
Com zêlo ardente
Fiel procura.

Devoção: Quanto é suave
Ao coração
Da devoção
Chegar á fonte;
E o santuario
Tão desejado,
E procurado,
Vêr já defronte!

Zelo: E ver aqui,
Lêdas, contentes,
Diversas gentes,
Que nos esperam,
Que, como nós,
Do mar a Estrella,
A Virgem bella,
Tão bem veneram.

Obidos: Ó Virgem sancta,
Activo fogo
Arde em teu povo
De devoção:
Elle te sagra,
Com terno pranto,
A vóz e o canto
Do coração.

Devoção: Vamos ao templo
Fieis devotos,
Da patria os votos
Offerecer-lhe:
Fitos os olhos
Na sua imagem
Pia homenagem,
Culto render-lhe.

Zelo: Além passemos
Do sacro lar
O lumiar,
Curvando o peito;
Cheios de fé,
D'ardente zêlo,
Puro desvelo,
Santo respeito.

Todos

Vamos entrar nos passos *(sic)* de Maria,
Perante suas aras recurvados,
Exalar nossas almas, dar-lhe graças
De sermos felizmente aqui chegados

DEPOIS DO CORO

Todos

Vamos, vamos, ó romeiros,
Ao pé da Virgem sagrada,
Na sua augusta morada,
Arvorar este Pendão,
E curvados na presença
Da santa Mãe do Senhor
Cheios de fé, e d'amor,
Derramar o coração.

Para a despedida

Obidos: Soou a hora fatal.
A hora da desventura!
Do regosijo o fulgôr,
Mudado em crepes de dôr,
As nossas almas tortura.

Devoção: Quem ha que não sinta agora,
N'este afflictivo momento,
Enluctar-se o coração,
Fujir-lhe a luz da rasão
Offuscar-se o entendimento?!
Zelo: Qual será o Obidense
Qu'encare com indif'rença,
Este quadro tão tocante,
E no rosto vacilante,
Não mostre afflicção immensa?!
Obidos: Amigos, convém ser francos;
Apraz muito a ingenuidade,
É um dom alto e supremo,
Que adorna o homem em extremo,
E que apraz á Divindade.
Devoção: Quem deixará de carpir
A dura afflictiva ausencia,
Que o coração nos traspassa,
Que o faz provar a desgraça,
Com amarga vehemencia?
Zelo: Quem poderá descrever
O que sente o peito humano,
Quando, por força imp'riosa,
Perde a ventura que goza,
Vae cahir no desengano?
Obidos: Se muitas vezes o homem
Se julga desventurado,
Porque s'aparta do amigo,
Ou'eternamente comsigo
Quizera ver abraçado;
Devoção: Se quando gosa algum bem,
D'estes que o mundo lh'offrece,
E porque chegue a perdel-o
Reputa o maior flagello,
Maldiz a sorte, extremece?
Zelo: Que fará um povo crente,
Que tem por divisa a fé,
Quando perde o maior bem,
Os affagos d'uma Mãe,
Da Virgem da Nazareth?!
Todos: Dá-nos força, que anciado
Nos palpita o coração;

Não valem contra a saudade
Nem subjugam a vontade,
Vãos impulsos da razão.

PARA DEPOIS DO CORO

Todos

Virgem Santa, com ventura,
Encaminha o povo teu,
Agora á patria do Mundo,
Depois á patria do Céo.

Para o transito da volta

Obidos: Vimos do Templo sagrado,
Onde a pura devoção,
O fervor do coração,
E o zelo nos conduziram:
Que santa consolação,
As almas alli sentiram!

Devoção: Inda a face veneranda,
D'aquella Imagem Sagrada
Na mente temos gravada
Profundamente esculpida;
E nunca ella apagada
Se verá em nossa vida.

Zelo: Felizes dos que seguiram
Este Estandarte piedoso:
Um thesouro precioso
Em Nazareth encontraram;
E áquelle sitio formoso
Prezas as almas deixaram.

Obidos: Trazemos em nossos peitos
Reconcentrada saudade,
Mais fervor, maior piedade,
Mais sizudos pensamentos:
A nossa Mãe por bondade,
Nos guarde estes sentimentos.

Devoção: Voltamos aos patrios lares,
Finda a nossa romaria,
Cheia sempre a fantasia
D'aquelle pio logar;
E queira o Céo que outro dia
Possamos alli voltar.

Zelo: Já pagámos o piedoso
Tributo do nosso zêlo,
Outros o nosso desvelo
Esquecido deixarão;
Com apparato mais bello
A Mãe de Deus servirão.
Obidos: Terna e clemente Maria,
Logrem dias lisongeiros
Devoção e Zelo: Estes devotos romeiros.
Obidos: Seja por ti lá no Céo,
N'este dia abençoada
Devoção e Zelo: Toda a nossa patria amada.
Obidos: Ouve piedosa os suspiros
Do desvalido, do enfermo
Devoção e Zelo: D'esta villa, e de seu termo.
Obidos: A qualquer que n'este templo
Implorar o auxilio teu
Devoção e Zelo: Acode-lhe, ó Mãi do Céo.
Obidos: Durante a vida e a morte.
A todo o filho da fé
Devoção e Zelo; Valha a Trindade da terra
Todos: «Jesus, Maria, José»

Todos

Ficai-vos em santa paz,
Ternos filhos de Maria,
Que nós á patria voltamos
Cheios de Santa alegria.

Esta quadra se repetirá em todos os logares do transito, em logar das supplicas antecedentes, que só se recitarão em Obidos.

TYPOGRAPHIA LEIRIENSE (Folha volante, formato muito grande, de 2 paginas).

6. LOAS OU HYMNOS SAGRADOS, com que os habitantes da VILLA D'OBIDOS e seu concelho conduzem em triumpho ao Sitio, junto á villa da Perdeneira, a Milagrosa imagem de Nossa Senhora da Nazareth, no anno de 1906. Offerecidas e dedicadas á mesma Senhora pelo Obidense Padre José Nunes Ferreira Tavares, sendo festeiros Julio Carlos Secthini, Theodoro Pereira de Castro, Apolinario Augusto da Silva, Alexandre Emilio da Silva, José Filippe da Silva e Lino Ferreira.

Para a partida do Cirio

Obidos

Eis o dia feliz e ditoso
Em que o povo obidense, com fé,
Vae render o seu culto amoroso
Á castissima flôr de Jessé.

Devoção

Vida e luz, campo e céo, mar e terra,
Tudo em hymnos bemdiz ao Senhor.
Brancos olhos a aurora descerra,
Perfumada em sorrisos de amor.

Zelo

A alegria e os affectos mais ternos
Hoje inundam fieis corações.
Á morada dos gosos eternos
Subirão filiaes orações.

Obidos

Vamos hoje cumprir diligentes
Um legado de avós e de paes,
E provar ante a face das gentes
Nossa fé de Obidenses leaes.

Devoção

Vamos hoje com santa alegria
Visitar essa lusa Sião,
Onde a Virgem dispõe dia a dia
Seu poder em favor da afflicção.

Zelo

Vamos hoje prestar vassalagem
Á mãe terna do nosso Jesus,
Conduzindo em triumpho essa imagem
Que p'ra nós é estrella de luz.

Obidos

Ó creanças, varões e donzellas,
Elevae com amor filial
A Maria essas preces singelas,
E cantae seu amor virginal.

Devoção

Ella mostra no olhar tantos brilhos,
É tão meigo o sorriso que tem,
Que parece dizer: «ó meus filhos,
Confiae, porque eu sou vossa mãe!»

Zelo

N'essa esperança alentados, mãe q'rida,
Luz da terra e estrella do mar,
Vamos já dar a voz de partida,
E contamos alegres voltar.

Todos

Vamos todos com jubilo santo
Render cultos á Virgem do amor.
Que Maria nos leve em seu manto
E nos traga na paz do Senhor.

Para as povoações do transito

Obidos

Correi, povos; vinde, gentes;
Saudar a Virgem Maria,
Fazei-lhe votos ardentes,
Cantae-lhe com alegria.

Devoção

Vem formosa como a lua,
E brilha, de sol vestida;
E na fronte clara e nua
Traz uma corôa cingida.

Zelo

É temivel o seu braço,
Como um exercito em linha.
Ella olha por todo o espaço
E manda como rainha.

Obidos

Santo é seu nome, e descerra
A porta dos bens eternos;
Ella é a esperança da terra
E é o terror dos infernos.

Devoção

Vem pura e immaculada
Como a linda primavera;
Lirios, rosas são-lhe estrada,
Onde a devoção a espera.

Zelo

Nos labios a innocencia
E o amor nos olhos traz;
Nos sorrisos a clemencia,
Na dextra o sceptro da paz.

Obidos

Seu pé virginal assenta
Na cabeça do dragão;
Que por ella, assim ostenta,
Veiu ao mundo a Redempção.

Devoção

Não poude Satan mordel-a
Em seu calcanhar sequer;
Mácula não poude tel-a
Esta divina mulher.

Zelo

Não podia ser escrava
A Imperatriz dos céos,
A quem Deus *Filha* chamava
E *Mãe* o Filho de Deus.

Todos

Salvé, esperança, alegria
E luz de todo o mortal!
Sois toda bella, ó Maria,
Sem mácula original!

Para a chegada á Nazareth

Obidos

Eis-nos emfim no termo desejado
por nossos corações!
Louvor á Virgem Santa seja dado
em nossas orações!

Devoção

Vimos cumprir a filial promessa
do nosso amor e fé.
Nunca o povo obidense vos esqueça,
Virgem de Nazareth!

Zelo

Ao vosso templo vimos como filhos
invocar nossa mãe;
Para que nos guieis só pelos trilhos
da paz, do amor, do bem.

Obidos

Desde tempos remotos, ó Maria,
de todo o Portugal
Os fieis a vós correm á porfia
com fervor sem egual.

Devoção

Desde o dia em que ao crente cavalleiro
valeu o vosso olhar,
Não ha dia em que aqui algum romeiro
vos não venha invocar.

Zelo

Quantos prantos aqui enxuga e adoça
vossa bemdita mão!
Sêde tambem a consolação nossa
nas horas da afflicção!

Obidos

Quantos enfermos cobram a saude
só pelo vosso amor!
Vosso poder jámais despreza e illude
quem pede com fervor!

Devoção

Quantos pobres luctando com a morte
por vós clamar ouvis!
Logo ao mar imperaes com braço forte
e aos filhos acudis!

Zelo

É, pois, justo que todos, jubilosos,
christãos, filhos da cruz,
Cantemos estes cantos amorosos
á Mãe do bom Jesus.

Todos

Salvé, salvé, ó Virgem Maria,
Dos afflictos a Mãe sempre amada!
Sois a estrella de luz que nos guia
Cá da terra á celeste morada!

No regresso para a despedida da Nazareth

Obidos

Já soou a hora triste
Que nos impera a partida!
Voltamos á patria q'rida
Cheios de magua e pezar!

Vamos deixar este templo,
Que é morada de alegria,
Onde o nome de Maria
Cantam terra, céo e mar.

Devoção

Á sombra do santuario
Já entre nuvens de incenso
Subiram ao throno immenso
De Deus nossas orações.

Vamos partir; mas, embora;
Á sombra d'esse altar santo,
Junto do materno manto
Deixamos os corações.

Zelo

Sim, ó Virgim, protestamos
Amar-vos em toda a vida,
E tambem a patria q'rida
Consagrar ao vosso amor.
Possamos nós, Obidenses,
Herdeiros de um nome honrado,
Ser um povo assignalado
Em fé na Mãe do Senhor.

Obidos

Nas portas da nossa villa
Lê-se o nome de Maria.
Mandou-o gravar um dia
A mão piedosa d'um rei,
Pois mostremos que 'inda somos
D'essa geração de crentes,
Heroes, christãos e valentes,
E portuguezes de lei.

Devoção

Sejamos crentes sinceros
Como Dom Fuas Roupinho
Cujo filial carinho
Sempre a Mãe de Deus honrou.
Por isso quando aqui perto
Viu já eminente a morte,
Clamou; e com braço forte
A Virgem Mãe o salvou.

Zelo

Desde essas eras remotas
Aqui, ao mar sobranceira,
Floresceu como a palmeira
a arvore santa da fé.

Não ha Portuguez illustre,
Nem desgraçado mendigo,
Que não se acolha ao abrigo
Da Virgem de Nazareth.

Obidos

Ó Virgem santa e formosa,
Sejam-vos dados louvores
Pelos distinctos favores
Que a vossos filhos prestaes.

Nós conservaremos sempre
Nos gosos e na desdita
A luz brilhante e bemdita
Da crença de nossos paes.

Devoção

Sempre leaes e constantes,
Permittindo o Omnipotente,
Voltaremos novamente,
N'esses dias do porvir

Ao monte santo e bemdito,
Onde o mar a terra abraça,
E onde ás vozes da desgraça
Vos dignaes sempre acudir.

Zelo

Agora, Virgem Maria,
Rainha e Senhora nossa,
Fazei que este povo possa
Chegar ao fim sempre em bem.

Sêde a nossa companhia;
Abençoae nossos lares;
Vós sois a estrella dos mares,
Guiae-nos a nós tambem.

Todos

Adeus, Rainha Immortal,
Immaculada Maria!

Nós vos veremos um dia
Na patria celestial!

Para a Villa de Alcobaça

Obidos

Cheios de jubilo santo
Somos chegados ao templo
Que é immorredoiro exemplo
Da crença de nossos paes,

Quando com animo forte
Pugnavam pela fé de Christo
Com esse amor sempre visto
Em Portuguezes leaes.

Devoção

Aqui Affonso primeiro,
Fundador da monarchia,
Tomou a Virgem Maria
Por protectora e por mãe;

Erguendo este monumento
Para singular memoria
Da triumphante victoria
Alcançada em Santarem.

Zelo

Então a fé era viva
E o peito dos Portuguezes
Tão forte como os arnezes
Era trincheira de amor,
Contra a qual vinham quebrar-se
Em guerra sempre assanhada
As furias e impiedade
Dos descrentes do Senhor.

Obidos

Onde vão já essas eras
Da nossa historia bemdita?
Quanta geração afflicta
Uma após outra morreu!

Mas atravez d'esses tempos
Nós tivemos sempre ao lado
A Mãe do Crucificado;
Sempre a Virgem nos valeu.

Devoção

Ahi se erguem monumentos,
Mostrando em memoria eterna
Que Ella foi sempre mãe terna
Dos Portuguezes de lei.
Como Rainha e Mãe nossa
Foi sempre com brilho novo
A defensora do povo
E a protectora do rei.

Zelo

Tenhamos, pois, confiança,
Que Ella 'inda é nossa Rainha,
Que Portugal encaminha
A um porvir mais feliz.
Cantem seus filhos amados,
Em dia de paz e guerra,
Os hymnos com que na terra
A Santa Egreja a bemdiz.

Todos

Sois toda bella, ó Maria,
Sem mácula original!
Sois esperança e alegria
Dois filhos de Portugal!
De Jerusalem sois gloria,
E alegria de Israel!
E fostes sempre a victoria
D'este bom povo fiel!

Sois honra do nosso povo,
E advogada ao peccador!
Dae á nossa fé de novo
O primitivo explendor!
Rogae por nós Portuguezes,
Filhos dilectos da Cruz,
E em nossos patrios revezes
Valei-nos junto a Jesus!

Para os outros logares do transito e chegada a Obidos

Obidos

Vimos do monte bemdito
Da Virgem de Nazareth,
Onde o coração afflicto
Acha allivio em sua fé.

Devoção

Nunca vimos sobre a terra
Tão sincera devoção.
Um thesouro lá se encerra
De graças e de perdão.

Zelo

A Virgem alli se inclina
Com olhar consolador,
E a sua face divina
Tem só sorrisos de amor.

Obidos

Por isso muita alma afflicta
Foi junto do seu altar,
E as lagrimas da desdita
Foram-se lá enxugar.

Devoção

Tambem nós com esses crentes
Sob o manto virginal
Deixámos preces ardentes
Do nosso amor filial.

Zelo

Por todos vós lhe rogámos,
E a Virgem sorriu para nós.
Foi assim que lhe cantámos
Unidos n'uma só voz:

Obidos

— Ó Filha de Deus mimosa,
Oh casta Mãe de Jesus,
Olhae, olhae carinhosa
Pelos filhinhos da Cruz!

Devoção

— Junto á Cruz vos foram dados
Entre as angustias da dôr,
Mas ficaram-vos gravados
N'esse coração de amor!

Zelo

— Tanta doçura elle encerra,
Consola tanta afflicção,
Que sois chamada na terra
Fonte de graça e perdão.

Todos

— Olhae-nos, pois, carinhosa,
Guiae-nos da terra aos ceus,
Oh Mãe de Jesus formosa,
Oh casta Filha de Deus!

7. LOAS OU HYMNOS SAGRADOS, com que os habitantes da VILLA D'OBIDOS e seu concelho conduzem em triumpho, ao Real Santuario do Senhor Jesus da Pedra da mesma villa, a Milagrosa Imagem de Nossa Senhora da Nazareth, no anno de 1907. Offerecidas e dedicadas á mesma Senhora pelo Obidense Padre José Nunes Ferreira Tavares.

Para a partida do cirio

Obidos

Mil vezes bemdito e de eterna memoria
O dia formoso e de Santa alegria
Que o povo obidense, entre cantos de gloria,
Consagra aos louvores da Virgem Maria.

Devoção

Bemdita ella seja no campo e na serra,
No valle e no monte, no lar e no templo.
Resôe o seu nome no céu e na terra
E as suas virtudes nos sirvam de exemplo.

Zelo

Quem ha que na dôr ella não consolasse?
Que olhos aos quaes não seccasse algum pranto?
Quem troca em sorriso a tristeza da face
E abriga infelizes á sombra do manto?

Obidos

É ella, a formosa e bemdita senhora,
Rainha dos céus e da terra advogada,
Que manda nos anjos e é consoladora
Da humana familia, na terra exilada.

Devoção

Leaes Obidenses, fieis a Maria
Herdeiros da fé que não sabe quebrar,
Á Virgem das graças provae n'este dia
Que inda ha Portuguezes que a sabem honrar.

Zelo

Maria! Maria! — era o grito constante
De ousados guerreiros, de cujo valor
Tremiam as hostes crueis do Levante,
Em lucta sem par contra a fé do Senhor.

Obidos

Maria! Maria! — clamavam outr'ora
Os navegadores nos p'rigos do mar,
Se El-rei os mandava saír barra fóra
Buscar novas gentes e a fé ensinar.

Devoção

Pois nós d'esses santos e heroes somos filhos,
De crentes em Deus e vassallos d'El-Rei.
Herdámos seu nome, sigamos seus trilhos,
Que n'elles a fé e o amor eram lei.

Zelo

Provemos agora, por crenças sinceras,
Que ainda nos corre nas veias, á flux,
O sangue de crentes d'historicas eras
Que davam a vida p'la fé de Jesus.

Todos

Sigamos por isso com terna piedade
A Virgem formosa que é fonte do bem;
E vamos unidos em santa irmandade
Mostrar nossa fé e honrar nossa Mãe.

Para a chegada ao Real Santuario do Senhor Jesus da Pedra

Obidos

Breve chegamos ao termo
D'esta devota romagem;
É curta a nossa viagem,
Mas grande o amor que nos traz.
Vimos com santo respeito
Pedir á Virgem Maria
Perdão, amor e alegria,
Consolações, fé e paz.

Devoção

E onde melhor poderemos
Invocar a Mãe bemdita,
Que junto á fonte infinita
Das graças — o seu Jesus?

Basta um olhar de Maria
Para seu filho adorado,
Logo alcança o desgraçado
Consolações, paz e luz.

Zelo

Nossos avós nos deixaram
Este legado piedoso
D'um culto ardente e amoroso
Á Virgem de Nazareth.

Sempre fieis o cumprimos,
Custasse quanto custasse;
E embora o tempo mudasse,
Não mudou a nossa fé.

Obidos

Não podemos ir tão longe,
Como iamos n'outras eras;
Mas não são menos sinceras
As nossas crenças e amor.

Não vamos ao monte santo
De Nazareth sempre amada;
Mas aqui não falta nada
Ao primitivo explendor.

Devoção

N'outros annos uns partiam
Em romagem jubilosos,
Outros ficavam chorosos
De os não poderem seguir;

Mas hoje todos unidos,
O clero, os grandes e o povo,
Pódem dar um brilho novo
A esta festa no porvir.

Zelo

Unidas as nossas preces
Terão mais merecimento,
E a Virgem de seu assento
Lá dos céus nos ha-de olhar.

Ha-de ser para nós sempre
Consolação dos afflictos;
Ha-de escutar nossos gritos
Sobre a terra ou sobre o mar.

Obidos

N'este real santuario,
Consagrado ao Rei seu Filho,
Vimos festejar com brilho
Dos céus a Imperatriz.
E esta ideia abençoada,
De patriotico alcance,
Não ha quem desdem lhe lance,
Mas todo o povo a bemdiz.

Devoção

Este templo nos recorda
Esse amor, sempre bem visto,
Que á fé e ao nome de Christo
Tinham nossos santos reis;
Pois foi a mão d'um monarcha
Que, abrindo-se generosa,
Fez a dadiva piedosa
Que vós sempre bemdireis.

Zelo

Então a régia piedade
Mostrava a fé portugueza
Da nação, que foi princeza
Entre as da Europa gentil,
Quando o mar todo era nosso
E davamos leis ao mundo,
E o nome era sem segundo
Na Africa, India e Brazil.

Todos

Hoje só nos resta um ecco
Da grandeza primitiva;
Mas nossa fé inda é viva,
Inda é quente o patrio amor.
Poderão roubar-nos tudo;
Mas nunca será roubada
A fé sincera, abrazada,
Na Virgem Mãe do Senhor.

Para antes da festa

Obidos

Rainha Immaculada, Virgem pura,
Dos Obidenses Mãe,
O amor de vossos filhos com ternura
Cantar-vos hoje vem.

Devoção

Sois bella como a lua; mais brilhante
Que o sol em plena luz;
Mais forte que um exercito constante
Que em linha se conduz.

Zelo

Como o das meigas pombas do Carmello
É meigo o vosso olhar;
É doce a voz; o rosto fino e bello,
E o nome não tem par.

Obidos

Os cabellos são como flos d'oiro;
Os labios de carmim;
E sob o peito encerra-se um thesoiro
D'amor que não tem fim.

Devoção

O collo é como a torre de David,
Altivo, sem rival;
Os dentes, par a par, ninguem decide
O que lhes seja egual.

Zelo

Distillam mel os labios; vossa falla
É sempre de perdão;
E o perfume da veste sempre eguala
As rosas de Sião.

Obidos

Tendes na fronte a corôa da Innocencia,
Maternidade e dôr;
Nos labios só sorrisos de clemencia
Nos olhos só amor.

Devoção

Rainha das mulheres, a belleza
Das filhas de Salém
Não vale um só dos brilhos, com certeza,
Do vosso olhar de Mãe.

Zelo

Abri, abri, Rainha Immaculada,
O vosso coração;
E seja n'elle, ó pomba sempre amada,
A nossa habitação.

Todos

Sêde Mãe, sêde guia, sêde exemplo
No trabalho e no lar.
Dae-nos ao coração a paz d'um templo
E n'elle o vosso altar.

Para depois da festa

Obidos

Cantem os anjos
Com alegria,
Gloria a Maria,
Gloria ao Senhor!

De toda a terra
Se entôem hymnos,
Ternos, divinos
Á mãe d'amor.

Devoção

Quem é mais bella?
Quem é mais pura?
Quem n'amargura
Acóde aos ais?

Dos filhos d'hoje
Ella é alliança;
Já foi a esperança
De nossos paes.

Zelo

Se uma desgraça
Nos bate á porta,
Quem nos conforta
É seu olhar.

Se nos assalta
P'rigo eminente.
Com mão clemente
Nos vem salvar.

Obidos

Por isso os povos
N'uma só prece,
Que não fallece
Nem terá fim,
De noite e dia
E a toda a hora,
Com voz sonora
Cantam assim:

Devoção

Ave Maria,
Rosa singela;
Mais pura e bella
Nos céus não ha!
Cheia de graça,
De mil encantos;
Mais bellos, tantos
Quem os terá?

Zelo

Deus é comtigo,
Tens quanto queres;
E entre as mulheres
Bemdita és.
Curvam-se os homens,
Graças imploram;
E os anjos choram,
Beijam-te os pés.

Obidos

Bemdito o fructo
Do casto seio,
Do amor no enleio
Tu déste á luz.
Desceu á terra
E o céu nos trouxe!
Seu nome dôce
Lê-se: Jesus!

Devoção

Santa Maria,
Nome de lyrios,
Quantos martyrios
Elle contem.
És mãe de Deus
E és Mãe de dôres!
Penas e amores,
Martyr e Mãe!

Zelo

Mas és Rainha,
No céu bem pódes
E o mal sacodes
Com tua voz.
Quando o rugido
Satan levante,
Mãe triumphante
Roga por nós.

Todos

Mostra que és Mãe
Não só agora,
Mas n'essa hora
Tremenda ao vir.

Em ti os olhos,
Após teus passos.
Mãe, nos teus braços
Q'remos sorrir.

Para a despedida

Obidos

Jesus, fonte de amor e rei da gloria,
Que entre espinhos e dôres nos remistes,
Olhae: após os cantos de victoria,
Os nossos corações hoje estão tristes.

Devoção

Temos de abandonar o santuario,
Onde a crença d'um rei deixar-nos quiz
A memoria do sangue do Calvario
Que foi a todos Redempção feliz.

Zelo

Temos de abandonar a paz do templo,
Onde essa chaga viva nos occulta
Um coração, que é da doçura exemplo
Até ao peccado[r] que vos insulta.

Obidos

Mas vêde; vae comnosco a Innocencia,
A Virgem sempre pura sem labéu,
Que por graça da vossa Omnipotencia
É Rainha da terra e Mãe do Céu.

Devoção

E sendo acompanhados por Maria,
Que temos a temer cá sobre a terra?
Onde o seu nome eccôa, anjos envia,
E os infernaes poderes logo aterra.

Zelo

Lançae, pois, bom Jesus, Pae de ternura,
Sobre nós vossos olhos virginaes.
Valei-nos quer na paz, quer na amargura,
Como outr'ora valeste a nossos paes.

Obidos

E de nós recebei o juramento
De defender, quanto a fraqueza possa,
Aquelle que entre os anjos tem assento
E que foi vossa Mãe e é tambem nossa.

Devoção

Emquanto além se erguer vetusta e altiva
Forte muralha de Obidos leal,
Nos corações haverá crença viva,
E a Virgem terá culto em Portugal.

Zelo

Assim seja, Obidenses, sempre visto
Nas gerações do vosso sangue honrado!
Tende sempre por mãe a Mãe de Christo,
E por rei a Jesus crucificado.

Todos

Jesus, Rei immortal, de eterno brilho,
Maria, Virgem pura e Mãe d'amor,
Dae uma benção para cada filho
E eterno allivio para toda a dôr!

Para a chegada a Obidos

Obidos

Da piedosa romaria
Somos chegados ao termo;
Não houve são nem enfermo
Que não seguisse a Maria.

Devoção

Velhos, donzellas, creanças,
Gente illustrada e plebeia,
Todos foram pôr esperanças
Na Virgem de graças cheias.

Zelo

Com orações fervorosas,
Com galas, cantos e brilhos,
Festejamos, como filhos,
A Mãe das mães amorosas.

Obidos

Obidenses, nobre povo,
Fiel á Virgem Maria,
As vossas crenças eu louvo
Ao terminar d'este dia.

Devoção

Bem mostraes que a vossa terra
Tem sido a terra da Virgem
E que do vicio a vertigem
Jámais a crença desterra.

Zelo

Sois christãos e Portuguezes
De fé sincera e piedosa,
Robusta como os arnezes
Fragante como uma rosa.

Obidos

Continuae toda a vida
Abrigando em vosso peito
Filial amor e respeito
Á Mãe dos homens querida.

Devoção

Honrae-a todos os annos
Com esta fé sempre intensa,
Calcae respeitos humanos,
Mostrae sempre a vossa crença.

Zelo

E assim tereis o sorriso
Da Virgem cheia de graça;
Na alegria e na desgraça
Será vosso paraiso.

Todos

Ó Rainha Immaculada,
De Nazareth Virgem pura,
Dae-nos o céu por morada,
Dae nos a eterna ventura!

B) De outras localidades:

1. LOUVORES Á VIRGEM SENHORA DA NAZARETH, recitados estes por tres anjos, que vão nos cirios dos festeiros do lugar da Igreja Nova receber a imagem da mesma Senhora no lugar do Livramento, cuja imagem lhes entrega o povo da Enxara (1) [1822].

Ao receber a imagem

Primeiro Anjo

Devotos da Igreja Nova,
Exemplo da Christandade,
A vossa fé edifica,
Vosso amor, vossa piedade:
Quando esta Virgem buscais,
Esta refulgente Luz,
Bem como os Reis do Oriente
Vinhão procurar Jesus:
Da Virgem da Nazareth
O seu Culto eternizais,
E da vossa Devoção
Os evidentes Sinais.
O fiel Povo da Enxara,
Que á Virgem se encommendava,
Vos entrega a Santa Imagem,
Que em seu poder conservava.
Para nós hoje luzio
O mais bello e lindo dia;
Mas enlutou-se a Enxara
De triste melancolia.

(1) [Todos estes lugares são do concelho de Mafra].

Povo, que ficais saudoso
Do Thesouro, que entregais,
Vêde que de longe, ou perto
Tereis os bens, que rogais.

Segundo Anjo

Fieis, eis a Virgem Pura,
Vosso Bem, vossa Alegria,
A quem dedicar deveis
Tão devota Romaria.
Ella he a Torre mais forte,
Que deffende Portugal;
Como sua Protectora,
Affegenta qualquer mal.
A Sua Mão poderosa
De virtude em tudo rara
Reino por Deos escolhido
Abençôa, livra, ampara.

Se o brilhante Sol raiando
Alma nova ao Mundo dá,
Esta Virgem, Sol divino,
Aos seus Filhos que fará?
Quando ha coração contrito,
Pura devoção, e fé,
A todos socorre, e salva
A Virgem da Nazareth.
Brame, treme, e se horroriza
Do inferno o monstro feroz,
Quando vê a Santa Virgem
Tão venerada por nós.

Terceiro Anjo

No lugar do Livamento
Esta Imagem recebemos;
Com ella de féros damnos
Sempre livres nos veremos,
Que esta portentosa Virgem
Amparo de todos he
Nos prova bem o Milagre,
Que vemos em Nazareth.
Ella aceita os nossos votos,
E os Cultos, que tributamos,
Porque nãscem de huma fé,
Nesta Lei, que professamos.

Esta he a brilhante Copia
Daquella Virgem tão pura,
Que ao lado, de Jesus Christo
A Salvação nos segura.
As mesmas flores do Campo
Grato cheiro aos Campos dão,
Por onde passa esta Imagem
Em sinal de gratidão;
Porque quanto a Natureza
No seu vasto seio cria,
Tudo adora, e tudo sente
Os influxos de Maria.

Primeiro Anjo

Neste Templo glorioso
Do Lugar do Livamento
Vimos receber a origem
Do nosso contentamento.

Esta Virgem Sacro-Santa
Com devoção aceitemos;
No Lugar da Igreja Nova
Mil Louvores lhe daremos.
Confiemos em Maria,
Que, em todos, seus dons espalha;
Assim como a fresca nuvem,
Que ao romper do dia orvalha.

Segundo Anjo

Vinde vinde, Moradores,
Tansportados de alegria,
Despedir-vos, dando graças
A sempre Virgem Maria.
E se em tristeza ficais
Pelo pezar de deixalla,
Tambem nós, no fim de hum anno;
Havemos de hir entregalla.
Mas a Virgem recompensa,
Toda a saudosa amargura,
Pois nunca desamparou
A minima Creatura.

Terceiro Anjo

Ditosos sereis, Romeiros,
Com este rico Thesouro,
Que vai entre a Igreja Nova
Renovar a Idade do Ouro.

Florecerão vossas terras,
Contentando Agricultores;
Rebentarão não abrolhos,
Mas frutos, viçosas flores.

Os tres Anjos juntos

A Virgem influe no Ceo
Pâra a abundancia na Terra,
E livra os fracos Mortaes
Da peste, da fome, e guerra.

Entrando o Cirio na Villa de Mafra

Primeiro Anjo

Á nobre Villa de Mafra
Temos, Romeiros, chegado
Onde existe o immortal Templo,
Á Virgem Mãi consagrado.

Desta oitava Maravilha
Este bom Povo gozou,
Bem que a falta do seu Pai
Por tantos annos chorou.
Porém, como á Mãi de Deos
Mil votos, mil preces fez,
A Intercessão da Virgem
Seus desejos satisfez.
A chegada aqui d'El-Rei
Bem se não póde pintar,
Com suffocações de gosto,
Tudo se poz a chorar.
Se João Quinto o fundador
Foi deste elevado Templo,
João Sexto, na Devoção,
Abraçou o mesmo exemplo.
Por isso todo este Povo
Lhe te amor excessivo,
E rogão á Santa Virgem
Lho conserve sempre vivo.

Segundo Anjo

Agora, Povo Devoto,
Conservai a vossa fé;
Aqui vos appresentamos
A Virgem da Nazareth.
Muitos são os atributos,
Muitas as Invocações,
Dadas á Virgem Maria
Por differentes devoções.
Porém Mãi de Deos he huma,
E os Titulos, que lhe dão
Ella todos desempenha
Com a geral Proteção.
Chegai, vêde a sua Imagem:
Se aspirais aos bens da Gloria,
Os predicados da Virgem
Nunca apagueis da memoria.
He vossa Mãi amorosa,
Todos os seus Filhos ama,

Bençãos, e mil beneficios
Sobre as Famílias derrama.
He Mãi de Deos, isto basta,
De qualidades tão bellas,
Que são mais seus atributos,
Do que tem o Ceo de Estrellas.

Terceiro Anjo

Hum fogo n'alma se atêa
Dos fieis nas Devoções,
E este transporte de gosto
Fortalece os Corações.
A Virgem he Padroeira
Deste Reino Lusitano;
O seu Poder o defende
De todo o prigozo damno.
Nós vemos o Mundo em guerra,
Tão confuso, e amotinado;
Porém vemos Portugal,
Que em Paz he regenerado.
Vemos o melhor dos Reis
A Constituição jurando,
Só porque os erros passados
Se possão ir emendando.
Só quer o bem do seu Povo,
He pai, he homem, e he Rei,
E nas suas condições
Quer tudo sujeito a Lei.
Isto tambem são auxilios
De hum Deos, e da Virgem Pura,
Longe de nós a impiedade,
Que estas cousas desfigura!

Primeiro Anjo

Deste Cirio a Devoção
Pede ao Ceo Misericordia,
Paz, abundancia, concordia,
E, por morte, a Salvação:
Quando hum terno coração,
Assim louva a Virgem Pura,
Ella tambem lhe segura,
A quem com fé a festeja,
Que a sua alma nunca veja
Desse inferno a sombra escura.

Segundo Anjo

O Deos Immenso, agradado
De tão nobres Sacrificios,
Recompensa em beneficios
Ao Peccador emendado:
No Ceo lhe tem preparado
O premio da fé sincera;
Pois quem a Virgem venera
Sua cara Mãi Piedosa,
Fortunas no Mundo gosa,
E o bem da Gloria o espera.

Terceiro Anjo

E vós Rainha do Empirio
Permitti, por Santa Lei,
A conservação d'ElRei;
Isto vos roga este Cirio:
Vós, que sois o casto Lyrio
Da Pureza Virginal.

Os tres Anjos juntos

Toda a Familia Real,
Ponde á vossa Protecção,
Que por vossa Intercessão
Será feliz Portugal.

Entrando o Cirio no lugar da Igreja Nova

Primeiro Anjo

Romeiros da Igreja Nova,
Consumou-se a Romaria;
Comvosco trazeis a Virgem,
Causa da vossa alegria:
Eis o Templo, amado Povo,
Onde a excelsa Devoção
Honra o Ceo, e a Terra exalta,
Com Preces do coração.
Collocai nelle a Sob'rana
Mãi de Deos da Nazareth,
Sem as vaidades do Mundo,
Mas sim com amor e fé:
Transmitti a vossos Filhos
Estas mesmas Devoções,
Que passem na vossa terra
A todas as Gerações

Vós, ó Mãis, que aos filhos vossos
Errais os seguros trilhos,
Aprendei na sã doutrina
A educar os vossos filhos;
Porque as virtudes não nascem
Sómente da propensão,
Tambem as ha adquiridas
Pela boa educação.
Resistir ás tentações,
Que o Mundo comsigo tem,
He huma santa virtude
De quem conhece o que he bem.
São as virtudes Moraes
Baze da Religião;
Quem as sabe praticar
Tem segura a salvação.

Segundo Anjo

Os bens do Mundo só servem
Para o corpo enriquecer;
E nos excessos da vida
Botar a alma a perder.
Muito embora os Libertinos,
Sem fé nem Religião,
Sigão errados systemas,
Systemas de perdição.
Que vós vivendo afferrados
Da vossa Lei aos Preceitos,
Alcaçareis o brazão
De serdes Christãos perfeitos.
Nesta grande Devoção
Mostrão estes bons Festeiros
Que da Purissima Virgem
São Devotos verdadeiros.
Por elles ao Deos Eterno
Em premio roga Maria;
Quanto agora não alcanção,
Alcançarão algum dia.
Á Virgem de Nazareth
Principia o Voto feito

Com decencia, e humildade,
Com Devoção e respeito.
Não affrouxe o vosso zelo,
Antes cresça a Devoção,
Que assim gozareis a posse
Da Santa, e terna Sião.
Quem segue esta Mãi de Deos,
Leva de Christão a palma,
E tem certo o vencimento
Dos tres inimigos d'alma.

Terceiro Anjo

Encomendai-vos á Virgem,
Que nella achareis abrigo,
São as vossas Orações
Armas contra o inimigo.
He da vossa Santa Lei
Haver Fé na Christandade,
Na Salvação Esperança,
Entre os Mortais Caridade.
Nunca em vossos corações
Este systema se mude,
Que Deos só escolhe, e aceita
Tudo em que entra esta Virtude.
A vil inveja se morda;
Vendo raivoza, e damnada,
O Povo da Igreja Nova
Aos Pés da Virgem Sagrada.
A Devoção desta Imagem
Tem a sua antiguidade
Fundada em remotos Seculos
Por huma ardente Piedade.
Harmoniosa Ladainha
He de Maria hum troféo,
De cada vez que se entoa
Sóbe a voz da terra ao Ceo.
Vossas Preces podem tanto
Em devotissimo Coro,
Que quanto em vós he prazer,
He para Lúcifer chôro.

Os tres Anjos juntos

Agora, amorosa Virgem,
Nossa Mãi, nossa Alegria,
Recebei esta Solemne,
E devota Ave Maria.

Hymno a Nossa Senhora

Primeiro Anjo

Á Virgem Santa
Nossa Alegria,
Cantemos todos
Ave Maria:
He Protectora
Da humana raça,
De Deos Esposa;
Cheia de Graça:
Aceitai, Virgem
Meu Hymno tosco,
Vós sois comigo;
Deos he comvosco:

Segundo Anjo

Se abençoardes
A todos nós,
Seremos Santos;
Benta sois Vós:
Sois aclamada,
Com mil prazeres,
Virgem bemdita
Entre as mulheres:

Terceiro Anjo

Que vós sois Santa
Do Ceo o escuto,
Do vosso Seio
Bento hé o fructo:
Dèos em nós todos
A Fé concentre;
Pois fez Sacrario
Do Vosso Ventre:

Os tres Anjos juntos

Ao vosso Reino
Da eterna Luz
Guiai-nos sempre,
Mãi de Jesus:

Primeiro Anjo

He pura Estrella,
Que ao Ceo nos guia,
A immaculada
Santa Maria:
Salvão-se os homens
A rogos seus,
He Mãi Piedosa,
E Mãi de Deos:

Segundo Anjo

Tudo lhe cede,
Eis que ergue a voz;
Oh! Mãi celeste,
Rogai por nós:

Se até abrolhos
Volveis em flores,
Tornai em Santos
Os Pescadores:

Terceiro Anjo

Salvai-nos sempre
Não só = Agora =
Do final dia
Tambem na hora:

Vossa Piedade,
Bem nos conforte
No triste instante
Da nossa morte:

Os tres Anjos juntos

Por vosso Filho,
Morto na Cruz.

Sejamos salvos:
Amen Jesus.

Por José Daniel Rodrigues da Costa.

Com esta Loa se reparte outra, que não he do mesmo Author. Lisboa, 1822. Na Officina das Filhas de Lino da Silva Godinho. Com Licença de Real Comissão de Censura. (In-folio de 4 paginas).

2. *(Armas reaes).* Louvores dados á devotissima Senhora da Nazareth, no cirio annual que os moradores do real Sitio da Ajuda costumão dedicar á mesma Senhora, sendo juiz no presente anno de 1823 Manoel de Almeida Quintino.

Para o Anjo recitar á sahida do Cirio

Devotissimos Christãos,
Povo sempre abençoado,
A Mãi de Deus vos ajuda
A serdes bem inclinado.
Ella o coração vos toca
Com auxilios sup'riores;

Por ser Rainha dos Anjos;
Por ser Mãi dos Pecadores.
Com varias Invocações
Sempre a mesma virgem he,
Ou seja Virgem d'Ajuda,
Da Rocha, ou da Nazaré.
Porêm se a vossa piedade
Os Titulos lhe concede,
Continuai em pedir-lhe,
Que ella attende a quem lhe pede.
D'Ajuda sahe este Cirio,
Servindo aos Christãos de exemplo,
E a Virgem da Nazareth
Vai venerar no seu Templo.
Quando com devotas vozes
Hymnos alégres cantais,
Dizem os Anjos no Ceo:
Bemdita Virgem sejais.
Segui Fieis, com fé pura
O Cirio; que a Devoção
Não consiste só na pompa,
Mas sim no bom coração.
Segui, Fieis, a Bandeira
Desta, que he do Ceo Rainha,
Que como Estrella dos Magos,
Ella bem vos encaminha.
Nesta Effigie, que levamos,
A Virgem vos affiança
Na terra saude, è paz,
No Ceo a melhor herança.
Esta Insignia, bons Festeiros,
Respeita-se em toda a parte,
E nunca será vencido
Este brilhante Estandarte.
Os que se mostrão devotos,
Gozão de eterna alegria,
Pois gravão no coração
Santo Nome de Maria.
As terras se fertilizão,
As doenças se melhorão,
E recebem lenitivo
Os que mais seus males chorão.

Filha, e Mãi do Grande Deos,
Todos vossos filhos são,
Aceitai nesta partida
Nossa ardente devoção.
Protegei, ó Mãi Clemente!
O Juiz, e os mais Festeiros;
Inunde o Povo d'Ajuda
Da vossa Graça os chuveiros.

Para se recitar no lugar de Bemfica

Que bem fica neste Povo
Do nosso Cirio a lembrança,
N'hum Povo, que he tão devoto!
Que tem na Fé segurança!
N'hum Povo, que á sua custa
Fez o Templo de Bemfica
Que para o Culto Divino
Tudo o que possue, applica!
Que rende, como rendemos,
Mil graças á Mãi de Deos,
Alcançando em rogativas
Immensos favores seus!
Vinde, perfeitas Familias,
Que tendes na Lei, firmeza,
Louvar esta Virgem Pura,
E o Author da Natureza.
Embora esses vis sectarios
Das impiedades malditas,
Neguem as puras verdades
Por Santos Padres escriptas.
Sustentai a vossa Lei,
Sabendo bem quanto p'riga
O que deixa de a cumprir,
Que hum Deos premeia, e castiga,
Sêde pois, ó Pais, e Filhos
Do Throno, e Altar amantes,
Respeitai o vosso Rei,
Que já vemos, como d'antes.
Com tempo tambem vereis
Surgir a vossa fortuna,

Sustentada por Leis Santas,
Que he a mais firme columna.
Tambem se ha de vêr o tempo
Vossos males impecer,
Se a emenda da vossa vida
Á Virgem se prometter.
A Virgem da Nazaré
Muitos Prodigios tem feito,
Sejamos-lhe agradecidos
Com devoção, e respeito:
Porque esta amoroza Mãi
Mesmo do Ceo, onde está,
Ás vozes das vossas preces
Bemfica abençoará.

Para se recitar na Villa das Caldas

Em paz o Cirio devoto
Á Villa das Caldas veio,
Que he de enfermos refrigerio,
E da saude recreio.
Por onde esta Virgem Santa
Em sacro Triunfo passa,
Não derrama enfurecida
Seu negro fel a desgraça.
Basta o Nome desta Virgem
Soar por essas Campinas,
Para dos mesmos abrolhos
Sahirem gratas boninas.
Chegai, Povo desta Villa,
Respeitai esta Bandeira.
Em que a Effigie de Maria
Pede a fé mais verdadeira.
Vôem por este emisferio,
Almos hymnos de alegria,
Em honra da Mãi de Deos,
Que tanto vos auxilia.
Não admirais tanto assombro
Do seu magestoso Braço,
Adejando em Lysia a paz,
Sem o menor embaraço?

Não vêdes tempos de ferro
Em dias de ouro tornados?
Toda a tormenta desfeita,
E os animos socegados?
Não vêdes o bom Silveira
Resgatando Portugal,
Restituindo os poderes,
Roubados á Mão Real?
Por sustentar valoroso
D'ElRei os Direitos seus,
A Cezar dando o de Cezar,
A Deos tudo o que he de Deos?
O Inclito Dom Miguel
Não foi por Deos inspirado?
Não voltou cheio de gloria
Pela Virgem escudado?
Ó Virgem da Nazareth,
Vós sois nossa Medianeira;
E com outra invocação,
Deste Reino a Padroeira.
Quem trouxe em seu ventre hum Deos,
Quem he nos p'rigos escudo,
Quem piza o monstro da culpa,
He certo que póde tudo.
Lembrai-vos dos vossos filhos
Quando a Salvação vos peção,
Que elles tambem não se esquecem,
Da Santa Lei, que professão.
Accudi a quem vos busca,
Como Mãi compadecida,
Accudi a quem vos louva
Nos trabalhos desta vida.

Chegando o Cirio ao Sitio da Nazareth

Eis o Lugar, eis o Templo
Da Virgem immaculada,
Onde deve esta Bandeira
Ser por nós depositada.
Ella foi quem nos guiou
Livres de p'rigo, e de insulto,

Só porque a Vossa piedade
Complete o devoto Culto.
Eis o Lugar do Prodigio,
Tido entre vós por primeiro,
Quando a Virgem suspendeo
O arriscado Cavalleiro.
He rara a Cidade, ou Villa,
Que não se mostra vaidosa,
De ter em si hum Milagre
Desta Mãi prodigiosa.
Os incredulos, que estão
Dos Milagres duvidando,
Contra si de Deos a ira
Pouco e pouco vão chamando.
Apezar de tantos impios,
Cresça mais a vossa fé
Com festas, e com louvores
Á Virgem da Nazaré.
He dever, he gratidão
Seus Attributos louvar,
E queimar-lhe puro incenso
Em torno do seu Altar.
E alli com toda a humildade
Ao seu Culto presidir,
Todo o bem de Portugal
Do fundo d'alma pedir.
Rogar-lhe que ao vosso Rei
Socorra, ampare, e proteja,
Porque tem dado mil provas
Do bem, que a todos deseja.
Pela constante Rainha
Rogar, e pedir a Deos,
E á Virgem porque auxilie
Os mimosos Filhos seus.
Que jámais possão traidores
Perseguir esta Nação,
Que separe de entre vós
Os filhos da maldição.
Que santa, e segura paz
Do Ceo vos seja enviada,
Para que esta Monarquia
Se conserve socegada.

Acceitai, Virgem Sob'rana
Estes efficazes Votos;
A vossa Mãi abençõe
A tantos fieis Devotos.
Que estes dias de prazer
No vosso Culto empregados,
Por este Povo d'Ajuda
Só a vós são dedicados.

Na Retirada do Cirio da Nazareth

Ó Virgem Sagrada e Pura,
Perfeita Mãi escolhida,
Que amparais todos na morte,
Que a todos guiais na vida.
Vós que sois o nosso Bem,
A nossa grande Esperança,
Que nos males sois remedio,
Nas tempestades bonança.
Defendei as Povoações
De impia guerra, peste, e fome,
Fujão os p'rigos da vida,
Quando se ouve vosso Nome.
Acceitai a Despedida,
Que este Cirio hoje vos faz,
Aceitai saudoso pranto,
E dai-lhe descanço, e paz.
Aceitai do nosso Povo
Hum contrito coração,
Aceitai os puros votos
Desta ardente Devoção.

Chegando o Cirio ao Sitio de Nossa Senhora d'Ajuda

Ó Virgem da Nazareth,
Nosso Voto está cumprido:
Agora amparai, Senhora
Este Povo enternecido.
Em quanto houver Sol, e Lua,
Sempre no seu coração

Ha de este Povo da Ajuda
Mostrar esta Devoção.
Embora destrúa o tempo
Edificios sumptuosos;
Não poderá destruir
Estes Cultos fervorosos.
E vós, Christãos, que louvais
Á Virgem, com tanta fé,
Vede o que este Reino deve
Á Virgem da Nazaré.
Aos seus Fieis, com auxilios
He que a Santa Virgem falla;
Com elles venceo Silveira,
Não com ferro, fogo, e bala.
Conserva Deos homens máos
Só para vos castigar,
E escolhe Heroes, qual Silveira
Para o castigo atalhar.
Silveira salvou a Patria,
A Patria deve Louvallo,
E todos aprendão delle
O que he ser hum bom vassallo.
O vosso amavel Infante,
Entrando na mesma empresa,
Por inspiração da Virgem
Se pôz em vossa defeza.
Portugal na sua Lei
Mostre-se sempre constante;
Que o Deos, que animou Affonso;
Animou o vosso Infante.
Vive entregue á Providencia
Portugal Reino escolhido,
E por ser de hum Deos escolha,
Sempre he por Deos defendido.
Vós levais grande vantagem;
Festeiros, na Devoção
Porque conseguis, de certo,
De Maria a protecção.
Educai os vossos filhos,
Mostrai-lhes que ha vida eterna,
Inclinai-os ás virtudes;
Sem moral, nada governa.

Roma mostrou bons Romanos,
Tinhão erros, e moral,
E entre Christãos ha monstros!
Não parece natural!
Não tem igual o seu crime,
Ao infinito chegárão;
Quem era Deos conhecêrão,
Logo depois o negárão.
Justos Ceos, que corações!
Que libertinos ensaios:
E Deos, que tudo penetra
Inda suspendendo os raios.
Virgem, acodi ao Mundo,
No meio destes horrores.
Não rogueis só pelos Justos,
Rogai pelos Peccadores.

Por José Daniel Rodrigues da Costa.

Com esta Loa se reparte outra, que não he do mesmo Author! In-folio de 4 paginas (1).

(Continúa).

J. Leite de Vasconcellos.

(1) [Esta observação é, do próprio José Daniel, que ressalvou assim os seus créditos! — J. L. de V.].

Ecos vocabulares e fraseológicos dos sinais abecedários

Os caracteres da escrita — letras e sinais acessórios — deram origem a grande número de palavras e expressões de que vamos procurar dar os exemplos maiores.

Podia até começar por assinalar-se que a denominação geral do sinal alfabético está na base de inúmeros vocábulos — uns vindo por via culta e conservadores da forma latina como *literal, literário, literato, literatura, aliterar, transliterar*, outros vindos por via popular e roídos ou desgastados pelas leis fonéticas como *letrado*, que produziu ulteriormente o contra nome *iletrado, deletrear* e *soletrar*. Deste há ainda os derivados *soletração, soletrador*. De *letrado* se formaram, por sua vez, — o português é muito rico de formas relacionadas com *letra* — o adjectivo *letradal*, de pouco uso, e os substântivos *letradete, letradice*, que concorrem — na nossa língua abundam os pejorativos, coisa que atesta o feitio chalaceador e satírico da gente — com *literatice, literatelho*.

Outrora houve ainda *letramento*, com o significado de escrita, e *letradura*, têrmo sinónimo de *literatura*, de que é evolução fonética regular; e hoje a *aliterar, transliterar*, correspondem os substântivos, adjectivos e advérbios *aliteração, transliteração, aliterante, transliterado, aliterantemente, transliteradamente*.

O letrado é também chamado *homem de letras* e às vezes satìricamente *homem de tretas*, porque a rima, que ora beneficia, ora prejudica, associou os dois vocábulos.

Escrevemos já no estudo — *A rima e a sua acção lingüística literária e ideológica*: «É esta condução do pensamento pela rima que faz que entre nós se diga: *letras são tretas*. Se não houvesse entre *letras* e *tretas* confluência fónica aquela palavra não teria tomado o injusto matiz depreciativo que tomou e que não há água que lave.

Ainda que seja incomparávelmente mais difícil averiguar, como o fêz o mestre ilustre da Faculdade de Letras de Lisboa que é o Sr. Dr. José Maria Rodrigues, quais as influências que se exerceram sôbre o espírito de Camões ao redigir os *Lusíadas* do que registar as reacções que se ope-

ram numa retorta química, onde se lançaram prèviamente vários ingredientes, ou fazer, segundo certas fórmulas matemáticas, o cálculo da órbita percorrida por determinado astro — as *letras* serão, por muito que se reme contra a maré, depreciadas por causa da rima com *tretas*» (1).

Entre o *indivíduo sem letras* e o *homem de letras* ficam as *pessoas dadas às letras* — inda que, nem sempre, — o gracejo é de Camilo Castelo Branco — as letras se dêem com elas.

Letra com valor de algum modo colectivo, surge nas expressões: *a letra de uma canção*, por aposição à música respectiva; *tomar as coisas à letra*, ou seja no seu pleno rigorismo; *isso é letra morta*, que se diz do preceito ou hábito caduco; *tradução à letra* ou feita palavra a palavra, sem qualquer sacrifício da ideia; e na sentença bíblica *a letra mata e o espírito vivifica — littera occidit spiritus autem vivificat.*

Letra é ainda palavra sinónima de «léria» ou «basófia» — e neste facto semântico está tôda uma crítica da nossa pedagogia que, longe de combater o espírito ardiloso e megalómano dos portugueses, o fomenta e agrava. Cândido de Figueiredo regista, no *Novo Dicionário*, colhida nas Caldas da Rainha (2) a locução *ter muita letra*, em que a palavra *letra* tem os dois apontados sentidos.

Outrora houve ainda *a letra*, que os cavaleiros inscreviam geralmente no escudo e que era formada por dois ou três versos alusivos ao símbolo constituído pela *cimeira* do elmo (3). Camões, nos *Lusíadas*, tem o seguinte passo:

> Outros fazem vestidos de mil côres,
> Com letras e tenções de seus amores (4).

Neste caso *letra* equivalia ao seu derivado *letreiro*.

A-pesar-da riqueza do português neste domínio do nome *letra* e seus compostos e derivados, o francês tem aspectos que nos faltam. Assim possui *lettre*, do singular *littera*, equiva-

---

(1) Cap. VIII, pág. 33.
(2) S. v. *letra*.
(3) Óscar de Pratt, *Gil Vicente*, pág. 37.
(4) Canto IV, est. 22.

lente ao plural latino *litterae*, que significava já neste idioma carta ou epístola. Fácil foi a aquisição de tal sentido, como o atestam as expressões portuguesas: *preciso escrever-lhe duas letras, cá recebi as suas letras.* No entanto o significado do francês *lettre* não falta de todo no nosso idioma: logo o vê quem, por exemplo, cotejar a formação *letra de câmbio* com *carta de crédito.* Nas duas línguas, como em outras muitas, o plural, *letras, lettres,* é sinónimo de literatura.

Usa o francês ainda de outros vocábulos e locuções que não tem entre nós correspondente orgânico ou fisiológico. Tais são: *lettrage,* a marca com letras, *lettrisé,* aliterado, *lettrille,* a letra de uma canção, *lettrine,* a letra de chamada nos textos — estas duas últimas formas são visìvelmente importações, uma do espanhol, outro do italiano — e tem a expressão *avant la lettre,* que, porque é idiomática vemos nas nossas mais elegantes e puristicas penas.

Um exemplo de Jaime de Magalhães Lima, no livro que é modêlo de perspicácia crítica — *Dificuldades etnicas e históricas da insinuação do nacionalismo na arte portuguesa contemporânea:* «... enquanto Gil Vicente jazia apartado na obscuridade do pó plebeu que o cobria, talvez mesmo que hoje, perante semelhante preterição, a mordacidade da ironia mais ácida pudesse classificar de francesismo, *avant la lettre,* uma tão consumada predominância da insinuação estrangeira» (1).

Em inglês *letter* com o sentido de «carta» dá também origem a muitas formações; notem-se, por exemplo, *letter-box* e *letter-paper.* Curiosa para nós será a expressão *letters-patent* — consignadora de *patente de invenção,* ou concessionária de honra que obriga a *pagamento de patente* — e que é, na elipse *patent,* que vinha nos involucros de certa espécie de pano inglês, ou sôbre o próprio tecido, a criadora da locução *pano patente.* Gonçalves Viana reparára já no anglicismo. Referindo-se, nas *Apostilas aos dicionários portugueses,* aos vários tecidos tapados, nota:

«Entre os de algodão há um que se chama *pano patente,* e êste epíteto proveio-lhe da marca *patent,* que traziam os que importamos de Inglaterra» (2).

---

(1) Coimbra, 1931, pág. 72.
(2) Vol. II, pág. 220.

Em latim os derivados de *littera* são já numerosos. Contam-se entre êles:

1) Os substântivos, *litteratio*, estudos elementares, *litterator*, gramático, professor, sábio, *litteratrix*, mulher gramatizante, *litterio*, pedante, *litterula*, letra miúda, carta pequena, instrução medíocre, e ainda *litteratura*, que significou o alfabeto e a escrita inicialmente, depois quis dizer a gramática no sentido genérico ou cultural, e por último denominou as produções mentais de carácter artístico e deleitador.

2) Os adjectivos *litteralis*, *litterarius*, *litteratus*, *litteratorius*.

3) O advérbio *litterate*.

A-par destes derivados também no idioma do Lácio houve compostos — ou antes parasintéticos — de mais ou menos voga, como o nome *illitteratus* — e seu superlativo *illitteratissimus* — e ainda o verbo *obliterare* que no português e no francês está respectivamente representado pelos cultismos *obliterar*, *obliterer*. O latim *obliterare* teve ainda os derivados *obliteratio*, *obliterator*, representados no português por *obliteração*, *obliterador*, e no francês por *oblitération*, *oblitérateur*.

Já o grego *gramma*, no singular letra e no plural, alfabeto, inscrição, carta, instrução em geral — caso que tem depois paralelo no latim *litterae*, e no português *letras* — fôra uma fonte jorrante de vocábulos para o latim e para as línguas modernas. Atente-se logo em *grammática*, que designou a princípio na Grécia, talqualmente o latim *litteratura* — e na evolução semântica destas duas palavras está a história ascensional do pensamento humano — as primeiras letras, depois significou a cultura geral, e finalmente a cultura literária.

Grammática teve na Helada derivados inúmeros; e outro tanto lhe aconteceu em latim, idioma que possuiu, por exemplo, os substântivos *grammaticus* e *grammatista*, o adjectivo *grammaticalis*, o advérbio *grammaticaliter*. O português tem também *gramática*, *gramático*, *gramatical* e os pejorativos *gramatiquice*, *gramaticão*, e ainda *gramatista*, que é designador do mestre da escola elementar na Grécia antiga e significa também o gramático de curta vista.

E, com estas, muitas mais formações em que entra o elemento *gramma*, letra, umas vindas da Grécia já, como *monograma* e *anagrama*, outras feitas depois com elementos helénicos, como *tautograma*, dos tempos clássicos e *telegrama*, dos

tempos modernos. Estes vocábulos são, por sua vez, fontes de novas criações derivadas ou compostas.

De *anagrama*, por exemplo, o português tem derivados como *anagramatista*, *anagramático*, *anagramatizar*. E pela pauta de *telegrama* — e esta formação até importa sob o aspecto literário porque criou um estilo económico, despojado de artigos, partículas relacionais e sinais pontuadores, que, a basto, vai encontrar-se com o de um Mallarmé, o poeta-término do impressionismo — criam-se curiosos híbridos lingüísticos: *radiograma*, latino-grego, *cabograma*, português-grego, *marconigrama*, italiano-grego.

Até a forma geral do sinal alfabético provocou expressões. Assim diz-se *que é de letras gordas* aquele que mal escreve e pior lê, e *que tem letra miúdinha* aquele que escreve para que os outros não leiam, ou seja o que pretende lograr o seu semelhante com os conhecimentos que possui.

Dessa forma geral do sinal abecedário provirá ainda a frase rimada:

Não diz a letra
Co'a careta

e que tenho ouvido também nestoutra variante que, já pelo rigorismo lógico, já pela história do objecto com que se escreve — pena de pato inda há bem pouco, donde a metáfora *escritor de aparada pena* —, já pelo meio culto em que floresce —, julgo artificial e pedante:

Não diz a letra
Co'a caneta.

A locução:

Não diz a letra
Co'a careta,

como formação devida à rima que é, foge naturalmente à razão. Ela é sinónima da expressão beirôa:

Não diz a cota
Co'a perdigota,

em que igualmente se aliam duas coisas que, sem confluência fonética, jámais lograriam convergir ou convizinhar.

A própria indicação do número de letras de um vocábulo pode servir para o velar ou adoçar.

Escrevemos isto no *O Eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa:* «Também a simples indicação numérica dos sinais gráficos constitutivos de uma palavra impura serve para a velar ou atenuar.

Assim a alcoviteira é nalguns pontos de Portugal chamada *onze letras* e até mais opacamente *dez e um.* Em França vela-se também pela expressão *cinq lettres* o vocábulo de Cambronne» (1).

Plauto também já chamara ao ladrão — em latim *fur* — homem de três letras: — *trium litterarum homo* (2).

É certo que também — e então disfémicamente — o número de letras que constitui uma palavra pode ser indicado após a pronúncia dela. Tal o caso da frase agressiva francesa: *tu es un sot en trois lettres.*

O disfemismo está, por exemplo, no seguinte passo do drama *Cyrano de Bergerac,* do grande épico do Verbo Edmundo Rostand:

Voilà ce qu'à peu près, mon cher, vous m'auriez dit
Si vous aviez un peu de lettres et d'esprit:
Mais d'esprit, ô le plus lamentable des êtres,
Vous n'en eùtes jamais un atome, et de lettres
Vous n'avez que les trois qui forment le mot: sot (3).

As letras em especial deram também origem a não poucas palavras e expressões.

As primeiras que haveria logo a assinalar seriam *alfabeto* e *abc* de que nos ocuparemos num dos outros capítulos deste estudo — *Reflexos filológicos do aprendizado do alfabeto,* conjuntamente com *ax* e *gregotil.*

Sòmente caberia inscrever aqui as formações *avezimao, aveziboo,* se elas proviessem da recitação com objectivos místico-mágicos das primeiras três letras do alfabeto latino como crê Meyer Lübke quando diz no *Romanisches Etymologisches*

---

(1) Arquivo da Universidade de Lisboa, vol. XII, 1927, págs. 529-30.

(2) Quicherat, s. v. *Littera.*

(3) Act. I, sc. X.

Wörterbuch, — ligando as formas espanholas *abce, auze* que significam «habilidade», «aptidão» e explicáveis pelas três primeiras letras do abecedário — confronte-se de algum modo *alfabeto* igual a «culto», «capaz» — com as portuguesas referidas, que com tais letras nada devem ter: «Asp. *abce, auze* «Geschick», apg. *avezibõo* «glücklich», *avezimao* «unglücklich» ausgehend von der vielfach bezeugten mystisch-zauberischen Verwendung des Abc».

Estas formas devem explicar-se, porém, seguindo a pista indicada pela Sr.ª D. Carolina Michaëlis no *Cancioneiro da Ajuda*. Depois de aí chamar a *avezimao* «*belo e transparente modismo arcaico*» dá-lhe como étimo: *avice mala* de *avix* por *avis*, e como valor semântico: «infeliz, a que um pássaro de mau agoiro significou acontecimentos desastrosos» (1).

Para fugir a peguilhas fonéticas pode preferir-se, ao *avice mala* da ilustre romanista, *avitium malum: avitium* existiu no latim clássico com a significação de «bando de aves»; e dum aglutinado *aviti(u)-malu* saía naturalmente a forma *avezimao*.

A forma *avezimao* aparece no seguinte verso do *Auto da Barca do Purgatório* de Gil Vicente:

Triste avezimao tinhoso (2)

Que a hipótese explicativa que subscrevemos é a preferível mostra-o até o seguinte passo de uma poesia de Pero de Sousa Ribeiro no *Cancioneiro Geral:*

Nom party com boas aves
e com pee ezquerdo entrey,
pois achey males mais graves
de quantos fantasiey (3).

O douto filólogo João Ribeiro relaciona curiosamente com

---

(1) Vol. II, 1904, pág. 84.

(2) A edição de Hamburgo, muito errada, traz *avezimão*, e outro tanto faz a da Biblioteca Portuguesa, que reproduz as incorrecções daquela.

(3) Ed. de Stuttgart, 1852, vol. III, pág. 28.

avezimao a palavra *bisnau*, que só vive na locução *um pássaro bisnau*, que se aplica aos finórios e velhaquetes, que fazem as coisas pela calada e não é fácil castigar pelas faltas que praticam. Diz assim o ilustre brasileiro depois de comentar a explicação de Sílvio de Almeida que deriva *bisnau* de um hipotético *avis navis* (1):

«De *pássaro vismao* é que se formou pássaro bisnau».

A expressão *pássaro bisnau* é antiga no idioma: Manuel José de Paiva condenou-a nas *Infermidades da Língua* (2); Manuel de Figueiredo tomou-a para título de uma comédia de três actos (3), e António Feliciano de Castilho no *Método português para o ensino de ler e escrever* traz a quadra articulatória seguinte, em que a locução apresenta uma atracção de número imposta pela necessidade da rima:

Anastácia e Ana Nunes
Cunhadas de Anão da Nau,
Mandaram vir de Narsinga
Vinte e um pássaro bisnau (4).

No campo musical é que encontramos a letra *b* como primeiro elemento do vocábulo *bemol*, ou seja *b mole*, ou b brando, e que nos chegou, não pela via do italiano *bemolle*, mas pela do francês *bémol* — e ao lado do qual há o derivado verbal *bemolar* com o adjectivo-partícipio *bemolado*. Diz Domingos Vieira no *Grande Dicionário Português*, vocábulo *bemol:* «Em música, carácter de notação musical, em forma de um *b*, que se põe adiante de uma nota para indicar que ela deve abaixar meio tom». *Bemol* funciona não só substântiva como adjectivamente.

Vêmo-lo nesta última função no seguinte passo da *Arte mínima*, de Nunes: «Usamos desta propriedade *bemol* em os cantos brandos» (5).

Igualmente o *b* aparece no contraposto musical de *bémol*,

---

(1) *Frases feitas*, Rio de Janeiro, 1908, pág. 235.
(2) Lisboa, 1760, pág. 143, linha última.
(3) *Teatro*, Lisboa, 1810, tômo XIII.
(4) Lisboa, 1853, pág. 81.
(5) Cit. por Frei Domingos Vieira, *Gr. Dic. Port.*, s. v. *bemol*.

o outrora mesmo chamado, nos domínios da associação polar, *b duro*, e que hoje se diz à italiana *bêquadro*, ou mais à portuguesa *bêquadrado*.

O francês, no caso deste vocábulo, não foi nem dador nem intermediário, como tantas vezes acontece: o italiano *bequadro* veio para nós directamente, e, porventura, deu naquele idioma, sob o influxo do vocábulo arcaico *quarré*, hoje *carré*, — caso curioso de etimologia popular em confluência semântica com a etimologia culta, se fôsse tido por sem dúvida — a forma *béquarre* que hoje se grafa *bécarre* (1).

De letras gregas provém também um certo número de vocábulos referentes no geral a vícios de pronúncia: *iotacismo*, em grego *iotakismos*, em latim *iotacismus*, que deriva de *iota*, a leta helénica correspondente ao nosso I; *labdacismo* ou *lambdacismo*, em grego *labdakismos*, em latim *labdacismus*, que é originário de *lambda*, a letra helénica correspondente ao *l* do latim e do romanço; *rotacismo*, que representa o grego *rhotakismos*, nome em cuja base está a letra *rhô* correspondente ao nosso *r*, e que, além de vício de pronúncia, designa em filologia a mutação do *s* em *r*, como se vê por exemplo nos genitivos latinos — note-se *moris*, *roris* ao lado dos nominativos *mos*, *ros* — e dos genitivos passou aos nominativos — note-se *arbor*, *labor*, cujas formas arcaicas encontraveis em poesia e nos prosadores não clássicos, como Salustio, eram respectivamente *arbos* e *labos*; e *sigmatismo*, que tem por radical a letra grega *sigma*, correspondente ao nosso *s*.

Da letra grega *iota* provém ainda *iotizar*, *iotização*, termos que se aplicam em filologia à quebra do hiato por meio da vogal *i*, em formas como *a-i-água*.

Da letra grega *lambda* provém também o adjectivo *lambdico*, que se emprega na designação anatómica do ângulo postero-superior dos parietais, e Ramiz Galvão prefere ao *lambdático* de Cândido de Figueiredo. Igualmente da mesma letra, mais de *eidos*, forma, provém *lambdoide*, que se emprega também na linguagem médica: chama-se *sutura lambdoide* à sutura ocipito-parietal do crâneo.

Caldas Aulete e Adolfo Coelho nos respectivos dicionários empregam ainda a designação *sutura lambdoidea*, for-

---

(1) *Dictionnaire Général de la langue française*, s. v. *bécarre* e *Introduction* § 12.°, nota 1.

mação que o helenista Ramiz Galvão condena no seu *Vocabulário.*

De *sigma* igualmente deriva o adjectivo *sigmático*, de grande voga em filogia clássica — notem-se os *aoristos sigmáticos* — e até na filologia portuguesa para designar certos singulares depreciantes que aparentam de plurais — *um traquinas, um burrancas, um magriselas* e ainda *um nicas, um lérias, um patranhas.*

E de *khi*, sinal em forma de cruz, provém nada menos que os três seguintes termos: *quiasma*, têrmo anatómico, que designa o cruzamento de nervos ópticos, e que está registado pelo comum dos dicionaristas; *quiasmo*, que falta nos nossos léxicos, — não vem inclusivamente no *Vocabulário* de Ramiz Galvão nem no *Dicionário* de Cândido de Figueiredo — e é têrmo estilístico designador da disposição em cruz do mesmo vocábulo, como a que se vê no provérbio:

Atrás de tempos, tempos vem,

ou de vocábulos da mesma categoria gramatical, como a que se vê no verso de Camões, em *Os Lusíadas:*

Que foi segundo Afonso e Rei terceiro (1),

e ainda *quiastro*, registado por Cândido de Figueiredo, com o significado de ligadura em forma de cruz usada nas fracturas das pernas, e que, não existindo em grego, como os vocábulos precedentes, parece ser obra, não apenas do sinal alfabético helénico de que nos ocupamos, mas ainda de outro grecismo, *emplastro*, fàcilmente influenciador por ser, no mesmo domínio da enfermagem, têrmo de muita voga. A formação *quiastro* deve ser moderna, já porque a não registam os antigos dicionaristas — não está em Bluteau, Morais, Vieira, Aulete, Lacerda — já porque a fase antiga de *emplastro* foi *emprasto*, — forma com dissimilação completa de uma anterior, *emprastro* com assimilação completa — e que é visível no seguinte passo do *Livro de Falcoaria de Pero Menino*, recem-publicado pelo Dr. Rodrigues Lapa em modelar edição crítica:

---

(1) Canto III, est. 90, v. 4.

«... e das pernas quebradas e das aas, e que enprastos hão mister, e perque guiza hão de ser liados, de guiza que a liadura seja firme» (1).

Esta forma *emprasto* vive ainda no povo das nossas províncias ao lado de *empresto* — o *a* tónico evoluciona para *e* nalgumas terras do centro do país, em que se diz *bureco*, *guiterra* respectivamente por *buraco*, *guitarra* — e que se vê já no seguinte passo da edição príncipe do *Auto do Procurador* de António Prestes:

Quer me la emprestar um bolo
pera por no gorgomilho
por empresto? (2)

As letras latinas como as gregas aparecem freqüentemente com valor de numerais ordinais: nos liceus usa-se indiferentemente a designação *turma A*, *turma B*, *turma C* e 1.ª, 2.ª, 3.ª turmas; e na química fala-se largamente em *raios alfa* e *raios beta*, como em astronomia em *estrela alfa* e *estrela beta* desta ou daquela constelação, e em farmacopeia em *dinamol alfa* e *dinamol beta*.

Na linguagem ferro-viária empregam-se também as letras com largueza. Por exemplo um *j*, pronunciado um *jota*, designa o vagão fechado para transporte de animais — donde o ser empregado largamente em expressões de satira amigavel: *aquele não vem aqui; vai no jota*.

Muitas outras designações do mundo utilitário como do especulativo se socorrem dos sinais alfabéticos. Na vida comercial há os *esquadros ou réguas em T*; com a mesma ideia de similitude a ciência geográfica emprega as expressões *vales em V* e *vales em U*; e a álgebra deu para a linguagem corrente a frase — *é o x da questão*, em que entra a letra mais comumente empregnada como incógnita, e ainda as expressões *demonstra-se por* $a + b$, *isso é função de n coisas, problema para que há* $n + 1$ *soluções*.

Herculano, neste passo do *Monge de Cister*, apresenta uma fórmula algébrica — que é afinal a do silofismo filosófico — e

---

(1) Coimbra, 1931, pág. 1.

(2) Pág. 33 da edição príncipe. A pág. 136 da ed. de Tito de Noronha encontra-se esta forma trasladada *emprasto*.

que por si só era demonstradora da negação do Autor para o gracejo: «Marta, apenas vira descer as mãos de Rui Casco sôbre as orelhas da tia Domingas, como o endiabrado Febo dos Homeridas

.....semelhantes
A tenebrosa noite.....

Fugira a bom fugir em virtude da seguinte fórmula algébrica

$$A = B$$
$$C = A$$
$$C = B$$

E substituindo:

Maledicencia da tia Domingas igual a um puxão de orelhas por mão de Rui Casco;

Maledicencia de Marta igual a maledicencia de tia Domingas. Logo: maledicencia de Marta igual a um puxão de orelhas por mão de Rui Casco.

A pronta fuga era o resultado de rigorosa dedução matemática» (1).

O Sr. Dr. Ricardo Jorge, num artigo do *Diário de Notícias*, cujo título, *Résvés-Campo de Ourique*, e logo um achado, tem também o passo seguinte, em que aparece a expressão — *por* $a + b$: «Pega-se duma incógnita — tantas há e continuará a haver em matéria nacional, exactamente pelo nosso descuido atávico — e *por* $a + b$ se decifra perfurativamente qualquer que ela seja — facto ou personagem do nosso passado histórico, livro ou figura do nosso passado literário, quadro ou monumento do nosso passado artístico» (2).

Em filologia há a *gíria* do *p*, que artícula, após cada sílaba de palavra, outra sílaba constituída por *p* e vogal fonéticamente confluente com a da sílaba base. Assim: *Você vai lá?* é nesta criptologia verbal: *Vo-pó-cê-pê vai-pai lá-pá?*

O *x*, incógnita algébrico, encontra-se ainda na denominação dos misteriosos raios de Roentgen — é já popular a frase *ir ao Raio X* — e anda hoje até no título de uma afamada publicação lisboeta — *O Repórter X*, título que é na

(1) Lisboa, 1902, vol. I, pág. 76.
(2) Número de 12-IV-932.

origem o pseudónimo de um jornalista de notáveis méritos — o Sr. Reinaldo Ferreira.

Para superlativar recorre-se também não raro a expressões do tipo de: *É um artista com A grande.* Já em menor grau — no entanto ainda com certa freqüência — se utilizam as letras do alfabeto como termos de comparação. Diz-se: *redondo como um* o, *coleante como um* s, *torcido como um* z.

A triângular letra grega *delta*, que corresponde ao *d* latino, veio a designar metafóricamente as ilhas formadas pelos dois braços de um rio, como a célebre do Nilo, na designação de Plínio.

Ainda, se não como metáfora feita, ao menos como passo para ela, que é sempre a comparação ou a imagem — *delta* está no seguinte esbelto dístico da composição singular que é na poesia portuguesa a *D. Briolanja*, das *Horas*, de Eugénio de Castro:

> Eis que alfim lá surge gracilmente esbelta
> Cabelos em domo, fresca boca em delta (1),

Da mesma letra deriva também *deltoide* nome designador de certo músculo da espádua.

Ainda outra letra grega, o *iota*, a mais pequena do alfabeto, foi utilizada no latim e depois no romanço para designar um nada ou uma bagatela.

Um exemplo está no seguinte passo da comédia de Molière, *M. de Pourceaugnac*, em que o boticário diz:

«C'est un homme qui sait la médecine à fond, comme je sais ma croix de par Dieu, et qui quand on devrait crever, ne demordrait pas d'un iota des règles des anciens» (2).

Ainda a letra *x* — por andar em tempos nos cunhos das moedas de dez réis — originou a expressão elíptica registada por João Ribeiro nas *Frases feitas* (3): *não ter uma de x*, e que perdura na nossa fraseologia, com outro também arcaismo lingüístico-numismático — *não ter vintém.*

António Feliciano de Castilho, no *Método português para o ensino do ler e escrever*, traz a locução:

---

(1) Coimbra, 1912, pág. 58.
(2) Act. I, sc. VII.
(3) Vol. II, Rio de Janeiro, 1909, pág. 107.

Depois puz tudo isto à venda;
Que parvo negócio fiz!?
Um rapaz moço de tenda
Prometeu-me uma de xiz! (1)

Na formação *xis-garavis* custa-nos porém, a vêr já a origem alfabetal que o mesmo douto brasileiro lhe atribue, sem no entanto entrar em pormenores explicativos (2).

Inda que tais pormenores pudessem ser a circunstância do emprêgo comum de *x* como incógnita matemática — o que dava fàcilmente ao primeiro elemento da formação valor indefinido — e o entendimento de *garavis* como aliança, com amoldamento fonético e semântico, operado pela rima, da palavra *garavim*, que significou coifa ou toucado rico de retroz com lavores de fio de ouro, preferimos entender *xis-garavis* como simples construção onomatópica do tipo de *trós-catrapós*, traduzindo o primeiro elemento, por via da chiante, ruído ou pavonice vaidosa e o segundo, por via da vibrante, irrequietude e entrometimento bisbilhoteiro. Bluteau no *Vocabulário português e latino* classifica *xis-garavis* de têrmo do vulgo — que só conhece no geral as letras das marcas bordadas da rouparia caseira, marcas onde o *x*, pela sua raridade como inicial onomástica, freqüentemente falta. E isto, sendo argumento contra a origem alfabética da formação, pode de algum modo favorecer a explicação onomatopaica que propômos. Como pode favorecê-la ainda a definição vaga — que a precisa no campo das onomatopeias é quási sempre difícil, dada a sua elasticidade semântica — inclusivamente feita através de um exemplo — que de tal formação dá o mesmo dicionarista: «Fulano he hum *xis-garavis, id est*, hum figurilha, hum entremetido, ou cousa semelhante».

Acresce que João Ribeiro não se abona com nenhum texto em que a formação *xis-garavis* tenha o primeiro elemento grafado com o simples sinal alfabético: apresenta um exemplo das *Orações académicas* de Frei Simão de Santa Catarina em que *xisgaravis* tem os elementos aglutinados:

Uns certos *xisgaravis* (3)

(1) Lisboa, 1753, pág. 81.
(2) Obra citada, vol. II, pág. 109.
(3) *Frases feitas*, vol. II, pág. 109.

e outro de um manuscrito de Gregório de Matos em que há *Chis-garavis*, com o primeiro elemento grafado inclusivamente com *ch*:

Diz que um Chis-garavis deitara à luz (1),

não, porém, *x-garavis*, quando há ao lado de *axis*, nome formado das letras *a* e *x*, que aparece no seguinte passo de uma satira de Ribeiro Chiado ao poeta mulato Afonso Álvares:

E com tudo sempre quiz
Estar firme no que espero,
Ó mau cão que se me viro
Far-te-ei tornar ao *axis* (2).

A fórma *a x* que se vê no passo seguinte da comédia *Ulisipo*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos:

—Nunca essa morre ao desamparo: e seguro que sabe ela já o *a x* (3).

O sentido de intruso que Bluteau dá a *xis-garavis* está bem patente na seguinte satira de Gregório de Matos, *A um homem humilde que se meteu a fidalgo*:

Alerta homens de ciência
Que quer o xiz-garaviz
Que aquilo que vos não diz
Por lh'o impedir a rudeza
Avalieis madureza
Sendo ignorância traidora (4).

Já se me afigura mais aceitável a explicação de que a locução *estar em erre*, que Jorge Ferreira de Vasconcelos usou neste passo da *Aulegrafia*:

---

(1) *Frases feitas*, vol. II, pág. 109.
(2) Obras, pág. 187.
(3) Act. II, sc. VIII.
(4) Cit. por João Ribeiro, *Frases feitas*, vol. II, Rio de Janeiro, 1909, pág. 109.

«Ora sobrisso fêz-se-me tão grave, que *estive em erre* de levar-lhe as toucas nas unhas» (1), provenha, como o mesmo douto João Ribeiro afirma nas *Frases feitas*, da vibrante portuguesa: tanto no texto acima citado, como noutro, que aduz de António Prestes no *Auto do Procurador*, errado por Tito de Noronha, como bem nota o ilustre filólogo brasílico, e que transcrevo qual se encontra na edição-príncipe:

Bofa nam e assi o assele
Que asi aja a bençam della
Senõra comadre, quella
Me pos nũ erre, & nũ prazo
De trager por ella vaso
Porque tinha hũa filha nella (2)

— em que *erre* tem o sentido de *apuro* ou *risco*, poderá êle ter origem alfabética, visto como tal fonema é difícil de articular para as crianças — e até para os bêbados. O espanhol tem as expressões *no decir haches ni erres*, «calar-se na ocasião em que era preciso falar», e ainda o eufemismo *tropezar en los erres*, com que se dá a entender que alguém está ébrio, por estes claudicarem na pronúncia da líquida referida.

No português, e tendo *erre* o valor de dificuldade, há a expressão: *êste caso tem seus erres.*

No entanto não seria impossível que todos estes *erres*, como até particularmente parece indicar o da locução *por um erre*, equivalente semântico de *por um és não és*, tivessem sua origem no *eres*, segunda pessoa do singular do modo indicativo do verbo *ser* no espanhol, e que é na origem um dos raros vestígios do futuro sintético latino, transportado por uma razão de profilaxia vocabular para uma função do presente. Como a segunda e terceira pessoa do *esse* latino, *es* e *est* davam, por evolução fonética normal, *es*, o espanhol resolveu a dificuldade que a colisão homonímica lhe tra-

(1) Act. I, sc. IV.

(2) Pág. 34, col. 1.ª da edição-príncipe. Êste passo aparece a págs. 138-139 da edição de Tito de Noronha com *erre* substituído por *erro*, com evidente violência semântica, no quinto verso dos citados e *hũa* substituído por *uma* no último deles, com desrespeito manifesto da métrica.

zia, recorrendo à segunda pessoa do futuro sintético *eris*, enquanto o português optou por solução diversa — a da rasoira analógica: *est* que devia dar *es* ainda com mais razão que o *es* latino, porque tinha o segundo elemento protegido por outra consoante, evolucionou para *é* profilàticamente, em virtude da acção uniformizante geral das terceiras pessoas — *estás, está, eras, era* e assim por diante.

Êste *eres* também de Espanha passou para cá, e tanto que o registaram, por exemplo, Morais, que diz no *Dicionário da língua portuguesa*, com a nota de que «hoje é desusado»: «*Eres* por *es*, segunda pessoa do presente do indicativo do verbo ser» e Domingos Vieira, que diz no *Grande Dicionário da Língua portuguesa*, com a mesma nota de «caído em desuso», e idêntica definição: «antiga forma de *es*, segunda pessoa do presente do indicativo do verbo *ser*».

E, assim como o *és* português, entra na locução *és não és* que indica aproximação, coisa que se vê neste passo de um romance de D. Francisco Manuel, em *A Viola de Talia:*

Item as cazas me enfadão
Porque por um *és não és*
Estas cazas são cazinhas
Donde a gente say a arder (1).

E, como ainda *por um és não és* admite a elípse *por um es*, também era natural dizer-se *por um eres não eres* e elìpticamente *por um eres*, e natural admitir a evolução de *eres* por atracção do artigo, para *ere* — note-se no povo *vinte e um mil rei* — e depois, por arcaização de *eres* e confusão com o nome da letra, o aparecimento de *erre*, talqualmente ao que aconteceu no provérbio:

Não se pescam trutas
A bragas enxutas

e em que *bragas*, como mostrou o sábio Mestre Dr. Leite de Vasconcelos (2), logo que se tornou opaco pela arcaização, foi substituído por *barbas*, forma mais corrente.

---

(1) Lisboa, 1765, tômo II, págs. 25-26.
(2) 2.ª Edição, pág. 25.

De *por um erre* no sentido de *por um tris*, *por pouco*, podia passar-se à ideia de risco que *erre* tem nas frases *estar em erre*, *pôr em erre*.

De menos discutível origem abecedária são as locuções espanholas *que erre!* e *erre que erre* equivalentes ao português *que porfia!* e *porfiadamente* e que o valor semântico impele para uma filiação no tom sega-rega da vibrante.

Em letras de alfabétos de outras línguas se foram já filiar expressões da língua portuguesa. Uma delas é *não saber pataca*, que Bluteau explica do seguinte modo, no *Vocabulário português e latino*: «Não vê pataca, não sabe pataca, são modos de falar proverbiais, tomados, não da pataca, moeda, mas de *Pathach*, palavra hebraica». E depois de notar, citando passos das *Instituïções da língua hebraica* do Cardeal Belarmino, que há no hebreu dois tipos de *A*, um longo e um breve, êste chamado *Pathach*, conclui: «E como o ignorar a primeyra letra do seu proprio idioma, he sinal de uma crassa ignorancia, não me parece fora de razão o suppôr, que entre os adagios hebraicos do ignorante haja hum que responda ao nosso *Não sabe pataca*, e que pela communicação com os primeiros Hebreus que entrarão neste Reyno, se introduzisse e permanecesse na nossa lingoa» (1).

O douto João Ribeiro, registando Bluteau, apresenta novo horizonte explicativo: «Quanto a mim trata-se aqui apenas de mera amplificação popular do tema de refôrço negativo existente em outras línguas romanas, *pas* (passus) como no francês». E acrescenta mais precisamente: «Deste tema negativo *pá* foi possível formar derivações populares como *não saber pataca* ou *não saber patavina* e *não ter pada*» (2).

Estou convencido que dos próprios textos com que o ilustre filólogo brasileiro abona a expressão *não ter pataca* e, das expressões negativas enfáticas que paralelamente aduz, se conclui coisa bem diversa. *Não saber pataca* nasceu de *não ter pataca*, negação expletiva, de tipo idêntico a *não ter vintém*. Há nela catacrese similar à que se observa na locução *não saber boia*, que proveio, por sua vez, de *não ver boia* expressão da linguagem náutica, que se topa no

---

(1) S. v. *pataca*.

(2) *Frases feitas*, vol. II, Rio de Janeiro, 1909, pág. 76.

seguinte passo do soneto de Nicolau Tolentino — *A dois velhos jogando o Gamão:*

Corra, visinho, corra-me esses dados,
Gritava um deles, que nem boia via (1).

De *não ter pataca* se passou facilmente a *não ver pataca* que ocorre na seguinte décima trocadilhada da *Fénix Renascida:*

Hontem, Marcia singular,
Mar de amor, mar de belleza,
Com inaudita Grandeza
Deitey patacas ao mar:
Dar um vintem era dar
Causa para uma matraca,
Não dou eu cousa tão fraca,
Mas só patacas entrego,
Por mostrar que estou tão cego,
Que já não vejo pataca (2).

E do sentido de *ver* era facil passar ao de *ouvir*. Na comedia de Manuel de Figueiredo *Os censores do teatro* há a seguinte fala de uma personagem:

Não se canse que eu não ouço pataca: Sabe V. M. contar pelos dedos? (3)

E, uma vez empregue nestas expressões, *pataca* deixava de funcionar como um semantema: estava esvasiado do seu sentido particular, tornando-se um utensílio gramatical de reforçamento — pelo que o aparecimento de *não saber pataca*, registado por Bluteau, era coisa naturalíssima.

O mesmo contágio de significado, que leva semantemas empregues em negativas enfáticas à função de morfemas, se vê no francês com os vocábulos *pas*, *goutte* e *mie*.

Pas, do nome latino *passus*, só se empregava a princípio

---

(1) Obras completas, ed. José Torres, Lisboa, 1861, pág. 42.

(2) Vol. III, Lisboa, 1746, pág. 94.

(3) *Teatro*, Lisboa, 1804, vol. VI, pág. 26.

com verbos que indicavam andamento. Ao lado da forma primária *il ne marche* desenvolveu-se uma outra expletiva — *il ne marche pas*, cujo sentido era a rigor *êle não anda um passo*. *Pas*, com o tempo, perdeu o valor reforçativo que teve na idade-média, tornando-se mero complemento da negação e empregando-se com todo o verbo, qualquer que fôsse o sentido. Por alturas do fim do Renascimento o uso de *pas* está generalizado. Tudo isto o nota Nyrop no último volume da *Syntaxe*, da monumental *Grammaire historique de la langue française*, donde recortamos o seguinte:

«*Pas:* c'est le complément de négation le plus important. Nous avons là primitivement um substantif, le latin *passus;* il a dû s'employer d'abord avec les verbes indiquant le mouvement, la marche» (1).

Também *goutte*, do latim *gutta*, de que a língua medieval usou com largueza e que, na língua moderna, inda vive em expressões como *je n'y vois goutte, je n'y comprends goutte, je n'entends goutte à ce qu'il dit* deve ter sido a princípio só empregue com *boire*. Isso o nota Nyrop igualmente, depois de aduzir o que acabamos de pôr em relêvo:

«Primitivement le mot a dû s'employer avec le seul verbe *boire*» (2).

Ainda a idade média francesa usou *mie*, do substântivo *mica*, primeiro com o valor nominal de «migalha», depois como mero reforçativo da negação.

Nyrop nota do mesmo modo estes factos quando diz:

Primeiro: «Dans les plus vieux textes ce mot garde sa valeur primitive de substantif».

Segundo: «*Mie* devient vite un simple complément renforçant» (3).

Vemos *mie* ainda perto do valor nominal, nos seguintes versos de uma *chanson d'histoire* do século XII:

Des ieux s'en va plorant, del cuer sospire,
Quant Gaie sa seror n'en meine mie, (4)

---

(1) Vol. VI, § 22.º, 1.º.
(2) Vol. VI, § 22.º, 4.º.
(3) Vol. VI, § 22.º, 5.º.
(4) Em Gaston Paris & Langlois, *Chrestomathie du moyen âge*, Paris, 1914, pág. 279.

mas já longe desse valor nominal está *mie* no seguinte passo da peça, *Le jeu de la Feuillée*, de Adam le Bossu, que foi representada em Arras por meados do mesmo século XII:

Et n'a il as dez joé mie
De par moi ne a ma requeste (1).

Em português — se bem que esporàdicamente — deram-se com as palavras correspondentes *passo, gota* e *migalha* — esta assentando num diminutivo *micac'la*, de *mica* — factos paralelos. Gil Vicente ministra-nos os indispensáveis exemplos:

1) Do vocábulo *migalha*, aglutinado com a partícula *nem:*

a) Ainda em sentido concreto primitivo, no *Auto da Feira:*

Não revolvais aramá
Que não trago nemigalha (2)

b) Já no sentido translato ulterior, na tragi-comédia *Romagem de Agravados:*

Não me presta nemigalha
Oferta nem oração (3).

2) Dos vocábulos *gota* e *passo*, ambos funcionando como meros complementos de negação, o primeiro no *Auto da Barca do Purgatório:*

Não lhe marra ela aqui gota
De ser isto terremota
Para enforcar alguém (4)

o segundo no *Romance à morte do rei D. Manuel*

Triste pranto até Belem
Nem passo não se esquecia (5).

---

(1) Ibidem, pág. 328.
(2) Hamburgo, I, 180.
(3) Hamburgo, II, pág. 501.
(4) Ibidem, I, pág. 260.
(5) Ibidem, III, pág. 350.

Os casos do francês e do português recem-apontados põem-nos perfeitamente na pista explicativa das locuções — *não saber pataca*, como ainda *não saber patavina*, e *não ter pada*. A primeira, de carácter culto, está em relação com *patavino*, *patavina* e *patavinidade*, o habitante de *Patavium*, hoje Pádua, pátria de Tito Lívio, e a maneira de dizer que lhes era própria e de que no orador-historiógrafo das *Decadas* há bastos exemplos.

De *é um patavino* ou *patavina* no sentido de «é um labroste sem letras» e de *é uma pativinidade* ou *patavinice*, no sentido de «é uma aldeanice ignara» o acesso a *não saber patavina* equivalente a «não saber coisa alguma» afigura-se-me isento de dificuldades. Não deixo, no entanto, de assinalar outra via explicativa, também de algum modo admissível. *Não saber patavina* poderia provir do esplendor da cultura jurídica que, com Bolonha, teve Pádua na idade-média. Ignorar então a *scientia patavina* era de facto não saber nada nesse campo especial dos estudos.

Não ter pada, por sua vez, equivale também a «não ter nada». *Pada* tem origem num derivado de *panis* — *panata*, através das formas *panada*, *pãada* e *paada*, como mostrou o grande Mestre Dr. Leite de Vasconcelos nas *Lições de Filologia Portuguesa* (1), e significa «pão pequeno».

Vem, por exemplo, no seguinte passo da farsa — *O Juiz da Beira*, de Gil Vicente:

Mandava-lhe a pada de pão,
As empadas de sardinhas,
Bacios de camarinhas
A talhada do melão (2).

De *não ter pada* no sentido especial de «não ter sequer um pão pequeno, facilmente se chegava ao sentido geral de «não ter coisa alguma», que aparece no seguinte passo de um conto de Filinto Elisio:

Sturdio:

Só lhe falta, Senhor, um pintainho,
Que a Chanfana gramou e o lava-guelas
«Inteire o pinto» (grita um Quadrilheiro).

---

(1) 1.ª Edição, pág. 147.
(2) Hamburgo, III, pág. 147.

Sturdio:

«Não tenho pada».

Quadrilheiro:

«Preso. Na enxovia» (1).

Inda pode notar-se que certas letras imprimem matizes significativos particulares aos vocábulos em que se encontram. Tanto o facto é verdadeiro que elas aparecem parasitária ou usurpadoramente em casos, como os dois seguintes:

1) *O de y em vez de i na palavra «alfaiate»*, com o fim de a tornar mais aristocrática. Trindade Coelho pôs em relêvo o facto na *Tradição*, juntamente com casos de nobilitação lexical, alguns bens tradutores da megalomania portuguesa:

«Tenho notado que com os progressos da chamada Democracia (com D grande) a nomenclatura das artes e officios e das indústrias tende... a aristocratizar-se. Assim o typôgrapho já não é typógrapho é *graphico;* o padeiro mudou de nome: *é manipulador de pão;* o sapateiro idem: *é manipulador de calçado;* o caixeiro, esse não há já maneira de ser caixeiro: *é empregado do comercio;* o taberneiro, *vendedor de vinho a retalho;* o informador de jornais *é reporter e até jornalista;* o mercieiro *é vendedor de viveres;* o barbeiro, esse é tudo menos barbeiro: *coiffeur, peluquero, raseur, cabelleireiro;* e o alfaiate não tendo modo de se aristocratizar doutra forma, pregou com um *-y-* no officio: Alfayate!» (2)

Inda que, na idade-média, tanto dada ao *i* chamado grego, e depois disso — recordo a grafia do *Cancioneiro Geral* de Rezende — se escreva com *y* a palavra arábica *alfaiate*, inda que o castelhano antigo tivesse o vocábulo — depois substituído por *sastre* — nessa mesma forma, a verdade é que os *alfaiates* e *alfaiatarias* modernas não possuem o *y* em respeito dessa remota tradição, aliás bem pouco respeitável. Já o grande dicionarista Bluteau registou no *Vocabulário português e latino* as duas formas, *Alfaiate* e *alfayate*, e dando prioridade à forma com *i* latino. E depois os dicionaristas Morais, Vieira, Aulete,

---

(1) Obras completas, vol. VIII, Lisboa, 1837, pág. 121.
(2) Vol. II, 1900, pág. 100, nota 1.

Coelho, Figueiredo registaram sempre *alfaiate*, com *i* latino, e com *i* latino vemos a palavra em edições dos últimos séculos, como a de 1777, que em Lisboa se fêz das *Décadas* de João de Barros, e que contém o seguinte passo relativo à hereditariedade profissional da gente malabar:

«O filho do carpinteiro não pode ser alfaiate, porque em modo de religião cada hum na vida e officio segue seu pai» (1).

Mas que o *y* fosse em *alfaiate* a ressurreição de uma velha tradição gráfica isso não invalidava a afirmativa de Trindade Coelho, porquanto a arcaização de escrita envolve com freqüência pretensões aristocráticas.

2) *O de* k *em vez de* c *na palavra «cágado»*, com o fim de a tornar mais andadeira, por eufèmicamente inaproximável do nome-particípio deslimpo.

A facilidade de aproximação mostram-no-la bem os seguintes versos de Miguel do Couto Guerreiro na sátira *O mau leitor:*

Se por desgraça cágado encontrárão
A penultima sempre lhe alongárão (2).

O étimo *cacitus*, lodoso, produziu, através de *cac'tu*, *caguedo*, já transformado assimilitivamente em *càgado* no tempo de Gil Vicente, como se vê numa rubrica do *Auto das Fadas*. A forma da edição-princípe tem a vogal tónica duplicada, coisa freqüente na grafia arcaica: como as duas vogais etimológicas, após a crase, soassem abertamente, estendeu-se por analogia a grafia binarística a casos, como o de *caagado*, em que a etimologia a não justifica. O étimo provável apresentou-o Gonçalves Viana, nas *Apostilas aos dicionários portugueses*, e depois do comentário seguinte: «O extravagante nome que em português se dá a êste batráquio e que os pudibundos escritores modernos velam para o disfarçar com uma inicial grega — *kágado*, não figura em outro idioma, nem com esta forma, nem com qualquer que com ela se pareça» (3).

É curioso também notar que a forma com *k* do batráquio de que se está tratando, inda que surja aqui e acolá em obras

(1) Dec. I, liv. IX, cap. III.

(2) Sátiras e Elegias, Lisboa, 1786, pág. 1. No *Dicionário* de Domingos Vieira citam-se estes versos, mas em vez do vocábulo-final *alongarão* está *mudarão*.

(3) Vol. I, pág. 198.

cultas — vêmo-la, por exemplo, na *Cartinha* de João de Barros que, para aprendizado da letra *k*, traz o vocábulo *kagado* com a imagem respectiva — não aparece em regra nos dicionaristas: Bluteau, Morais, Vieira, Lacerda, Coelho, Figueiredo, registam *cágado* com *c*. Apenas o *Dicionário Contemporâneo da Língua portuguesa*, de Caldas Aulete-Santos Valente, faz o registo do batráquio com *k* inicial.

Pelos mesmos motivos eufémicos vemos o *k* em vez de *c* na designação de um produto farmacológico português, com que se trata a amenorreia: para despolarizar o espírito do nome vulgar do fluxo menstrual o autor da *Inkomodine* lançou lhe por cima um *k* eucapotador.

E, como o *y* e o *k*, também o *h* deve aparecer, por vezes, a nobilitar vocábulos. Tal acontecerá na alcunha-sobrenome *Temudo* — na origem particípio passivo do verbo *temer*, que, como *conteúdo*, não evolucionou para *ido*, dado o seu emprêgo substantival, — e que, no geral, os respectivos portadores grafam com um aristocrático *h* depois da inicial: *Themudo*. O Sr. Dr. Leite de Vasconcelos, na sua monumental *Antroponímia portuguesa*, nota com ponto de admiração, não apenas o caso da grafia com *h* da alcunha-apelido na forma arcaica — *Temudo*, mas inclusivamente na forma moderna — *Temido*: «*Temido & Temudo* (escrito por vezes *Themido & Themudo!*») (1).

E cumpriria, por ventura, dizer ainda que certas letras parecem ter sido queridas a determinadas escolas literárias. Assim entrevejo no simbolismo — cujos cultores são aliás freqüentemente floridos calígrafos — certa simpatia, contrariada depois pela reforma de 1911, pelos sinais e grupos gráficos de esbelteza complicada e exótica, como o *k*, o *y* ou o *z*, o *ph*, o *rh* ou *th*. Arranco às *Horas* de Eugénio de Castro, edição de 1912, dois passos que os *yy*, particularmente enramalhetam. Dois exemplos:

Um de *A Epiphania dos Licornes*:

. . . . . .
Balsamyrrhando o manso ar
Em de cobre babylonicas caçoilas (2).

---

(1) Lisboa, 1928, pág. 195.
(2) Coimbra, 1912, pág. 35.

Outro de *O vaso de eleição:*

Sê o vetyver, a escallonia
O sisymbro, o nardo, o cyclamen (1).

A edição completa e definitiva das obras do Poeta, publicada pela Emprêsa Internacional Editora — Lumen — adoptou já a ortografia vigente, destruindo, portanto, êste exotismo estético inicial, que não sei se teria tido qualquer influxo na própria associação verbo-ideológica.

As expressões em que aparecem letras tem com freqüência o carácter metafórico. Assim diz-se que uma coisa *está com todos os ff e rr*, quando se apresenta acabada e perfeita, talqualmente um manuscrito a cujas palavras contextuais não faltem as letras dobradas e próprias. A frase provirá de épocas, não só anteriores à reforma ortográfica de 1911, — que simplificou as duplas, com excepção dos *rr*, dos *ss* e ainda dos *nn* nos casos de prefixo de inclusão e palavra começada por *n* e dos *mm* nos casos de prefixo de inclusão e palavra começada por *m*, e ainda de advérbio em *mente* formado sôbre adjectivo acabado em *m*, — mas bem mais recuadas — medievismo ou pré-classicismo — em que se duplicavam quási tôdas as consoantes — o *l*, por exemplo, até em três posições: inicial, medial e final.

Porque o *f* e o *r* eram com freqüência dobráveis, não só medial mas até inicialmente, — como notou Viterbo, — que diz a respeito do *F:* «Em os nossos documentos dos séculos XIII, XIV e XV he mui trivial dobrar o F no princípio de dicção, v. g. *ffeito, ffallecido, fforom*»; e que diz relativamente ao *R:* «Desde o século XIII até o XVI delle usarão os nossos maiores, dobrando o no princípio das dicçõens e no meio dellas, onde não era preciso»: — natural se nos afigura que adquirissem relêvo especial *ff* e *rr*, levando os escribas a traçá-los, não só com mais atenção ou cuidado de espírito, como até com mais apuro ou donaire de mão.

Esta explicação só muito no pormenor encontrará a do douto filólogo brasileiro João Ribeiro — nas *Frases feitas:* «Com todos os *ff* e *rr* era matraca aos que escreviam com

(1) Coimbra, 1912, pág. 72.

demaziada afétação e pedantismo porque na linguagem antiga dobravam exageradamente os *rr* iniciais e escreviam: *rrazão*, *rraposa*, *rreceber*, como se vê das edições diplomáticas dos cancioneiros e de antigos documentos; e faziam-no com uma letra especial semelhante a *ff*, conforme era da escritura gótica» (1).

Cumpre dizer que esta explicação é no entanto bem mais de acolher que a do Dr. Castro Lopes, nas *Origens de anexins, prolóquios, locuções populares*, em que diz: «Quando os advogados citam e allegam pedaços do *Digesto* escrevem adiante dos pedaços citados as letras Fr., que querem dizer *fragmentos, pedaços*, e sendo mais de um o fragmento citado, hão de escrever-se e lêr-se fr. fr.» (2).

O Dr. Castro Lopes deve ter sido conduzido para êste caminho explicativo, como viu o mesmo Dr. João Ribeiro que o comentou, pela seguinte observação de Viterbo, no *Elucidário*, letra *F*: «Na jurisprudência se allegão os textos do Digesto com dois *ff* juntos. E a razão he porque os gregos chamavam ao Digesto *Pandectas* e para abreviarem êste nome formavam dois ππ, que os Amanuenses Latinos imaginarão ser dois F F».

Também prefiro dar a *com todos os ff e rr*, simplesmente o sentido de *com os pontos nos ii*, ou seja de exactidão ao de jactância ou alarde farófio — inda que do primeiro pudesse passar-se ao segundo — que lhe dá o mesmo ilustre Dr. João Ribeiro: «*Com todos os ff e rr* quer dizer pedantescamente, com ostentação vã e descabida, à maneira de gente antiga ou prezumida de douta» (3). Vejo aliás no *Dicionário* de Cândido de Figueiredo a mesma explicação semântica. Na letra *F* diz: «Usado na locução familiar *com todos os ff e rr*, que significa *apuradamente, com exactidão, completamente*».

Uma como que elipse de *com todos os ff e rr* — inda que pela via da dificuldade de pronúncia da vibrante se chegasse também a explicação plausível — está no seguinte passo do poema herói-cómico — *A Benteida*, de Alexandre António de Lima:

---

(1) Rio de Janeiro, 1908, pág. 12.
(2) Rio de Janeiro, 1886, pág. 196.
(3) Ob. cit., pág. 12, nota 1.

Entra, sae, sobe, desce: não escapa
de ter com elle a alegre peliona
desde a dama mais eres e mais guapa
Até à mais desastrada trapalhona [1],

— e que João Ribeiro comenta dêste modo nas *Frases feitas:* «Aqui tem o mesmo sentido da locução *ff e rr. Eres* é o nome de *r* simples entre vogais» [2].

Outra expressão metafórica do mesmo tipo é *andar aos ss*, que se aplica normalmente aos ébrios. Camilo Castelo Branco empregou-a no seguinte passo do *Amor de Perdição:* «tem uma boa tensa, mas gasta tudo em vinho e tem ocasiões de entrar no côro a fazer ss, que é mesmo uma desgraça» [3].

Uma letra só — o *K* — que tem para nós a curiosidade de permanecer como símbolo de pêso e de medida no sistema métrico, ainda depois de ter desaparecido da grafia das palavras simbolizadas, *quilograma*, e *quilómetro*, em que aliás era grosseiro êrro, — serve de alcunha metafórica das pessoas que apresentam certo defeito físico, vulgar pelo abuso do cabaz nos distribuidores de pão — e em que, na locomoção, um joelho enrista com o outro.

O ditongo — menos de-certo pela solidariedade dos sons na emissão oral que pela íntima ligação gráfica que apresentam em latim *Æ* e *Œ*, e no francês da fase moderna o último desses dois — ministrou também a esbeltíssima imagem, que o grande artista Eugénio de Castro nos deu logo no livro-alvorada que são as *Horas:*

No azul epithalâmico, entre palmas,
Enlaçam-se em diphtongo as *Duas Almas* [4].

Outro ditongo *-OI-* é às vezes alcunha de um par de pessoas de oposta corporatura — uma gorda e baixa, outra magra e alta — que sistemàticamente andem juntas. O género do ditongo varía, como é natural: marido e mulher, naquelas condições fisicas são *os oi;* mãi e filha são *as oi*. É apôdo

(1) Edição de 1876, canto II, est. 6.
(2) Vol. II, Rio de Janeiro, 1909, pág. 19.
(3) Pôrto, 1920, pág. 79.
(4) Coimbra, 1912, pág. 41.

sinónimo deste — e por igual metafórico — o constituído com o número *81*, em que o reboludo *8* evoca o elemento humano adipôso e atarracado, e o escanzelado *1* o desnutrido e linear.

As letras do alfabeto entram na lírica popular, em expressões ainda de algum modo metafóricas, cujo aparecimento a rima provoca. Tais letras deverá conhecê-las o vulgo, menos por ventura dos abecedários da escola, onde não entra por desgraça, ou felicidade sua — a instrução só vale se é educativa, quere dizer, disciplinadora dos indivíduos, criadora dos cidadãos, organizadora dos profissionais — que das cartas alfabéticas da indústria doméstica dos bordados. Dois exemplos, ambos tradutores da fidelidade amorosa:

Atirei a pena ao ar
Caiu no chão, fêz um *i:*
Ande lá por onde andar
Nunca me esqueço de ti.

Atirei com a pena ao ar
Caiu no chão, fêz um *s:*
Por mais amores que eu tenha
O primeiro nunca esquece.

As letras do alfabeto entram ainda em muitas outras expressões, evocando, por economia ou por eufemismo, a palavra que iniciam. Na linguagem das escolas há, por exemplo, *apanhar um B, levar um R*, que querem dizer ter a classificação de *Bom* ou ficar *Reprovado*. E equivalente *a levar um R* há ainda a metáfora, a um tempo venatória e química, *apanhar um P-B*, também *levar um chumbo*, pois que tais sinais alfabéticos são o símbolo deste metal na abreviada linguagem formular da ciência de Lavoisier.

Também por eufemismo se empregam sinais gráficos iniciais de vocábulos estrangeiros. Escrevemos no estudo *Algumas observações àcêrca da influência do inglês no português e do seu veículo maior — o francês*, a respeito do corrente *W. C.*

«Em *W C*, lidas as iniciais de *water-closet*, com o seu valor no alfabeto inglês, há efectivamente um anglicismo — mas que está na expressão reduzida, que não no fenómeno de redução, o qual já era conhecido de outras línguas para fins atenuadores: *Water-closet*, estando, como eufemismo de decência que é, sujeito ao fácil conspurco do contágio da

idéa da coisa suja que vela, foi naturalmente atenuado por novo tapume eufémico: e a abreviação na forma de redução vocabular ao fonema inicial, foi empregada aqui, como é a utilizada em português em expressões aliás de formação espontânea, como: *ter um T na testa*, e *passe à letra F*, em que as iniciais *T* e *F* velam respectivamente o nome agressivo ou desapiedado – *tolo*, e o verbo rascante designador do acto sexual» (1).

E a nossa época febril faz largo uso de redução a iniciais, que a Inglaterra espalhou pelo mundo. Tal uso nasceu nas sociedades desportivas, mas invade tôda a outra espécie de associações. Entre nós designa-se correntemente pela *C. P.*, a Companhia Portuguesa de Caminhos de Ferro.

Ao uso das letras iniciais que evocam ou resumem palavras opõe-se o das circunlocuções designadoras dessas letras. Cícero fala da letra que absolve, a *littera salutaris*, que é o *A*, e da letra que condena, a *littera tristis*, que é o *C*; e Plauto designa o acto de ser enforcado por «fazer uma letra comprida — ou seja o *i* — com o próprio corpo» — *litteram ex se longam facere* (2).

Estas iniciais chegam, por vezes, a ser lidas como palavras e até a ter derivados. Entre nós as iniciais *S I C* lidas como a partícula latina que quer dizer *assim*, designam comummente a *Sociedade Industrial de Chocolates*. E *C G T*, iniciais designadoras da *Confederação Geral do Trabalho*, produziram o derivado *cegetista*, que teve já curso nos jornais.

Já foi inclusivamente aventada a hipótese de ser uma leitura de iniciais a nota musical *si*: em tal caso ela proviria das duas iniciais onomásticas latinas do *Hino de São João*, composição dos primórdios da era cristã, e de cujas primeiras sílabas dos vocábulos iniciantes de versos se extrairam os nomes das várias notas musicais (3).

Contrário aos casos de leitura de iniciais como se fôssem vocábulo há um outro de leitura de vocábulo como se fôsse conjunto de iniciais, — e de iniciais pertencente ao sistema gráfico latino quando eram do grego. É êle *X P T O*, que

---

(1) Coimbra, 1928, pág. 82.

(2) Quicherat, s. v. *littera*.

(3) Albert Lavignac, *La musique et les musiciens*, Paris, 1930, pág. 457.

aparece em frases superlativantes: *isto é de XPTO.* A formação — de origem religiosa — foi explicada pela sagacidade da eminente Mestra D. Carolina Michaëlis nas *Lições práticas de Português Arcaico:*

«A par da abreviatura XPO, só com três letras, houve na Idade Média XPTO. É esta que originou a expressão chula *Chispêtêó* ou *Xis-pê-tê-ó,* que designa excelência. Imagino que ela se baseia em qualquer anedota de caloiros. Algum inexperto, ignorando que as quatro maiscúlas eram gregas: *Khi, Rho, tau, omikron,* tendo-as por romanas, leu provàvelmente XPTO» (1). É curioso notar que a expressão *é de XPTO* aparece transformada por etimologia popular em *é de chupeta e ó.* Esta expressão, que a primeira fêz aparecer, só foi no entanto possível, por existir já uma locução superlativa *de chupeta,* que Camilo Castelo Branco nos dá no seguinte passo do *Amor de Perdição:* «ponto é que ela queira, que eu, num abrir e fechar de olhos, atiro com ela para cima duma égua de chupeta, que ali tenho, e o pai e mais o primo ficam a ver navios» (2), e ainda por *oh!* ser interjeição — e portanto também superlativante —, equivalendo a cada passo a estoutra locução exclamativa, que, não raro, até introduz: *Que bom! Que esplêndido!*

JOÃO DA SILVA CORREIA.

(1) Coimbra, 1913, pág. 52.
(2) Pôrto, 1930, pág. 53.

PÁGINAS FOLCLÓRICAS

IV

Notas para o estudo da poesia popular portuguesa [1]

A) O ROMANCE DE SANTA-IRIA

Lendas e Cantares

— Terras de Santa-Iria. — É a baixa, a planície contínua. O Tejo corre, alarga, espraia-se pelas terras, e já não tem a mínima pressa de chegar ao Oceano, que o espera na vastidão azul, além de Lisboa. Pois é êste o Ribatejo. E está no coração dêle a cidade de Santarém. O Ribatejano fala da sua cidade, como um Muçulmano fala da Meca do Profeta. Há neste intenso e cego regionalismo bairrista uma supersticiosa unção pela terra, que o homem trabalha e dela vive, como ela dêle vive na fecundação, que recebe das mãos, do suor e do sacrifício do homem.

Entre Constância e Santarém, à-vista-da Golegã e da Chamusca, vilas de lavradores, brancas e fartas, de Alpiarça e Almeirim, suaves e direitas planícies verdes de esperanças

---

(1) Nêste trabalho serviram-me materiais já publicados por mim noutros estudos: em *Revista de Historia*, n.º 45, ano XII, Lisboa, 1923, págs. 51 e ss.; *Portucale*, Pôrto, 1929, vol. II, págs. 244-248; *Nação Portuguesa*, Lisboa, 1928, série V, tômo I, págs. 347 e ss., para A); — e na *Revista de Guimarães*, vol. XXX, 1913, págs. 49 a 74, para B); — o assunto do terceiro C), constituiu uma das comunicações por mim lidas na secção de Ciências históricas, filosóficas e filológicas, do 3.º Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, realizado em Lisboa no mês de Maio de 1932.

Êste é o IV estudo da Série das «Páginas Folclóricas»: — I. *Canção do Trabalho*... na «Rev. Lusit.» XXI; — II. *A sinfonia das côres*... na «Nação Portuguesa», Série V, tômo II; — III. *A rosa na lírica popular*, na «Brotéria», e na «Rev. Lusit.» XXIX.

eternas, aí onde está o centro mais activo do Ribatejo, a velha Santarém, alcandorada nas Portas-do-Sol, sol para a planície, portas a todo o Ribatejano abertas, hospitaleira e maternalmente, — lá do alto a olhar pelas vilas dispersas, como ninhadas, tôdas essas terras sagradas pelo trabalho e pela tradição, chamaríamos *Terras-de-Santa-Iria.*

É tradição poética e velha, que a mártir cristã que foi Santa Iria ou Santa Irene, deu o nome a Santirene, Santarém, a mourisca Chantireyn.

E, consoante a lenda que vou estudar, a Santa, degolada em Tomar e arrojada ao Rio Nabão, foi trazida pela corrente ao Zêzere, de que o Nabão é afluente, e do Zêzere desceu ao Tejo, que a levou rio abaixo até Santarém. O Tejo foi assim trânsito e sepultura do cadáver da Santa, que bem pode ser a padroeira do Ribatejo inteiro, como o é da cidade de Santarém. A sua tradição é pois antiquíssima, e, se não é na Ribeira da cidade que se conserva hoje em dia com tôdas as honras folclóricas, lá lhe estão erguidas, no entanto, a memória da Raínha-Santa ou, segundo outros, de D. Denis, e a estátua de bronze, oferta votiva do Município santareno. Para os barqueiros locais, êste padrão é sòmente — o *nicho.*

Posta a paisagem onde se desenrola a apoteose de Santa Iria, dou a palavra a Duarte Nunez do Leão, que nos dá a breve narrativa de *Sancta Eiria* na *Descrição do Reino de Portugal* (1).

«No tempo que em Hespanha reinaua Reccesuindo Rei dos Godos, hauia em Nabancia (que agora he a villa de Tomar onde stá assentado o Cõuento da ordem de nosso Senhor IESV Christo & esteue em tempo antigo o dos Templarios) hum fidalgo por nome Hermigio, que de Eugenia sua molher tinha hũa filha por nome Irene, na qual com a idade ião crescendo grandes virtudes, & speranças do que despois foi. Iunto aa mesma villa hauia hũa Abbadia, de que era Abbade Selio varam docto & sancto irmão da dita Eugenia, o qual sendo mui contente de sua sobrinha Irene, tomou a cargo a criaçam & doctrina della & a entregou a duas irmãas de Hermigio q̃. com outras muitas dõzellas religiosas viuiam em congregaçam & clausura, & lhe deu por

(1) Lisboa, 1620, fls. 75 v a 77, cap. XXXV.

mestre para a doctrinar nas letras a hum monge principal de seu moesteiro per nome Remigio, homem letrado & hauido por virtuoso. Esta sancta dõzella como nunqua saia daquella clausura mais que hũa vez no anno por dia de sam Pedro, cuja igreja estaua junto aos paços de Castenaldo senhor da dita villa de Nabancia, foi vista de Britaldo filho vnico de Castenaldo, & tãto se della namorou que por ter encubertos seus grãdes desejos & angustias por reuerencia dos pai & mãi de Irene, & de seu tio o Abbade chegou aa morte. Porque como não se sabia a causa da infirmidade, assi nam se lhe daua remedio. Entendendo a sancta donzella por reuelaçam diuina aquele mal, & a causa delle foi ver a Britaldo que na cama estaua, para o consolar, & o tirar daquelle illicito amor, & fazer que o conuertesse a Deos a quem o deuia ter. Britaldo se alegrou tanto com a vista & palauras de Irene, que parecia que resuscitou, & aa despedida della lhe pedio lhe promettesse de nunqua em seu coraçam entrar outrem que não fosse elle. Ao que ella respondeo que nunqua Deos permittiria que a elle nem a outrem tiuesse amor, & pondolhe as mãos e dizendo algũas orações, se tornou. Britaldo foi mui em breue sam. Dahi a dous annos por a continuaçam que Remigio tinha com sua discipula Irene, entrou o Demonio nelle, & a começou amar torpemente & descobrirlhe seus desejos: ao que ella respondeo con tanta furia & aspereza de palauras, que conuertendo elle o amor em odio & instigado do Demonio, determinou de se vingar per hũa estranha maneira: que foi dar aa innocẽte dõzella hũa beberagẽ cõposta de taes heruas, q̃. lhe fizeram inchar a barriga de maneira, q̃. verdadeiramẽte parecia prenhe. Esta emprenhidão se diuulgou por toda a terra cõ grãde vergonha & angustia da Sancta Irene & de seus parentes. O que vindo aas orelhas de Britaldo & dando a vista testimunho da fama mouido com ciumes do que quisera a Irene & do que lhe pedira & ella lhe promettera, buscou hum soldado a que mandou a espiasse & como visse occasiam a matasse. E assi foi, que saindo ella hũa manhãa ao rio Nabam que hi stá jũto para aliuiar da sua infirmidade & pedir a nosso Senhor a liurasse daquella infamia pois sabia sua innocencia: stando de giolhos fazendo oraçam o soldado veo a ella & a degollou & despioa deixandoa em camisa, & a lançou no rio para que se nam soubesse daquelle feito. As tias quando foi de dia não a achando em casa, cuidaram que desesperada por aquella vergonha de

sua emprenhidão se fora com algum homem a perder de todo. Mas Deos que nas maiores pressas socorre aos seos seruos nam permittio que aquella sancta donzella morresse infamada, mas se mostrasse sua sanctidade & limpeza: & reuelou ao Abbade Selio seu tio tudo o que passara & onde a acharia. A corrente do Nabam onde foi lançada, a tinha leuada ao rio Zezere onde se mete, & o Zezere a leuou ao Tejo onde tambem entra em Punhette: & a corrente do Tejo a leuou dahi ao pé do monte alto de Santarem que ate entam se chamou Cabelicastro (1). O Abbade mui alegre com aquella reuelaçam o descobrio ao pouo q̃. o creo por sua muita authoridade & sancta vida & porque Deos o moueo: & todos com grande precisam acompanharão ao Abbade ate o dito monte. E onde o corpo da sancta estaua, as agoas do Tejo se afastaram ao rodor, fazendo parede & ficando secca a terra onde o corpo estaua posto sobre hum sepulchro laurado per obra de Deos. O Abbade & a mais gente a quiserão tirar de alli, & nam poderam com força algũa ou engenho mouelo. Pelo que entendendo todos que era obra de Deos, somente lhe tomaram por reliquias os cabellos & parte da camisa que tinha vestida. E tornãdose a procisam virão outro milagre, que foi as agoas do Tejo tornaranse a cerrar cobrindo o sepulchro. Com as reliquias que o Abbade trouxe se fizeram outros muitos milagres em Tomar...»

O Bispo Correia de Lacerda, na *Historia da Vida, Morte, e Milagres, Canonisação, e Trasladação de Sancta Isabel Sexta Rainha de Portugal* (2), descreve com pompa o milagre da procissão do Abade Célio, que pretende arrancar do sepulcro de pedra, «lavrado por obra de Deos», o corpo de Iria, «para que elle honrasse a sua patria na morte, assi como a hõrrara na vida» (3). E continúa com o novo milagre moisaico da Rainha Santa.

«Quasi sete seculos tinhão passado, depois deste sucesso

---

(1) Scalabis Castrum e Scalabicastrum → Scalabicastro → (S)cabelicastro (...ca*la*bi...—...ca*be*li...).

(2) O título ainda conclui: ... dedicada ao Serenissimo Principe Dom Pedro Escrita por D. Fernando Corea de Lacerda indigno Bispo do Porto. Lisboa. Na officina de João Galvão. Anno de 1680.

(3) C. de Lacerda, *Ob. cit.*, págs. 224-225.

milagroso, quando a favor da Rainha Sãcta, obrou Deos outro semelhante milagre; desejava esta molher forte pella virtude, ver aquella que o tinha sido pello martyrio, e andando com El Rey grande parte da Corte nas margens do Tejo, naquelle sitio, aonde está o profundo pego onde se oculta aquele insigne Sanctuario, não por dar passo à Magestade, mas por fazer mais que ponte de prata, estrada de ouro à virtude, abriu o Rio as liquidas entranhas, e deixãdo enxutas as douradas areas, deu passo franco à Sancta Rainha, para ir venerar no Angelico sepulchro o Sancto Corpo da Virgem Martyr, vendo a Sãcta Rainha o caminho aberto, e que o Rio da parte superior parava, da inferior não corria, fes com devotos passos a mais peregrina Romaria, que se tenha feito em muitos seculos; affirmam, que El Rey lhe queria fazer companhia, e que unindo-se o cristal na mesma parte, aonde se tinha dividido a corrente, lhe dissera na lingoa da agoa o cristalino Tejo, q̃. e logro daquella maravilha, era só concedido por premio da virtude, e não por respeito da Magestade» (1).

E ainda Correia de Lacerda afirma que, «naquelle venturoso sitio», mandou «não por jactancia, mas por memoria, levantar hum Padrão». Refere-se à Raínha. Garrett pinta o Rei e a Côrte a seguirem a Raínha, e todos a repetirem o esfôrço do Abade Célio, sete séculos atrás, para arrancarem do leito do Rio Tejo o sepulcro maravilhoso de Santa Iria; quebravam-se as ferramentas na inútil faina. Há contradição.

«Desenganado el-rei, — diz Garrett nas *Viagens na minha Terra* (2) — de que um poder sobrehumano não permittia que elle se abrisse, mandou a toda a pressa levantar um padrão muito alto sobre o mesmo tumulo, e tam alto que o rio na maior enchente o não pudesse cobrir».

Em 1644, a Câmara do Concelho de Santarém mandou revestir de cantaria lavrada o pedestal do padrão, que era de alvenaria, e colocou-lhe em cima, para maior glória da santa e brio seu, a imagem de bronze de Santa Iria, sob uma cúpula sustentada por quatro colunas, também de bronze, — o *nicho* (3).

---

(1) C. de Lacerda, *Ob. cit.*, págs. 226-227.

(2) Colecção «Selecta». Edição da Empresa Lusitana, pág. 226.

(3) Por analogia com os nichos parietais com imagens.

Assim, do Zêzere ao Tejo foi o caminho fluvial do cadáver de Iria. Localizando a tradição de Santa Iria entre Tomar e Santarém, a xácara original deve provir da Borda-da-Água, dêsse Ribatejo fecundo de seiva, de beleza e de inspiração. Porque a permanência dos monumentos, o dos milagres apoteóticos da mártir, o da invocação religiosa de Santa Iria em Santarém com o seu culto e orago, o do padrão isabelino e do nicho municipal, determina a localização, deduz-se que o culto público e as memórias vivas da Santa nasceram em Santarém, à-beira-da água; aí por estas razões deve ter nascido e manteve-se o romance popular do martírio. À mesma convicção se chega pela leitura da *Historia Ecclesiastica da Igreja de Lisboa* (1).

Referindo-se ao poema popular de Santa Iria, Garrett diz: «este visivelmente nasceu nos arraiaes, nos oragos dos campos, e por lá tem vivido até agora» (2).

Não haverá dúvida talvez na proveniência dêste romance. A tradição vivia, e no ambiente próprio, religioso e rural, activado pela sugestão da tragédia e pela poesia mística de amor divino, o romance foi tomando forma, delineando de comêço a acção, criando paisagem, avultando teatralidade. Esta origem etnográfica directa é provável, é demonstrável por comparação, é lógica. Desenvolveu depois e espalhou o romance a multidão dos arraiaes, dos oragos, e, acrescentarei eu, das fainas e festas dos barqueiros e pescadores da beira-Tejo.

Mas não se atentou ainda na influência capital, tão só até, que teria tido a Igreja, na origem do romance popular de caracter religioso e moral, que o povo depois aproveitaria por sugestão lançada e disseminada em bom terreno; etnogràficamente, a origem do romance seria indirecta na poética do povo, que a receberia por contacto e lhe daria forma sua, o que é também, como no primeiro caso, demonstrável por comparação; à semelhança da música popular, e da forma romanceada, a trova medieval de Santa Iria, pode e deve provir inicialmente das festas e comemorações litúrgicas em-honra-da Santa mártir de Tomar. Ora, em Santarém foi instituída a freguesia de Santa Iria com sua igreja paroquial;

---

(1) D. Rodrigo da Cunha, *Hist. Ecl. da Igr. de Lisboa*, I, cap. XXV, pág. 54.

(2) Garrett, *Viagens*... id., págs. 228-29.

como a tradição foi aí mais pertinaz, era êsse o meio próprio para a formação do romance. Se na guarnição interna de azulejos setecentistas vemos a narrativa pictórica da lenda tradicional do martírio de Santa Iria, e ela se prendeu à iconografia popular, que admirará que das homenagens eclesiásticas à mártir, onde predominaria a narrativa das virtudes, martírio e maravilhas *post-mortem* da heroína, nascesse qualquer scena de mistério medieval, e a-par-dêle, paralelamente ou derivado, surgisse o romance do mesmo assunto?

Há, pois, tôdas as razões, para crer que o romance popular ou xácara de Santa Iria tivesse a sua origem no Riba-Tejo, em terras de Santarém, entre os homens do mar da Ribeira, em cuja memória cantavam os ecos de maravilha da mártir, em cuja retina se erguiam o padrão da Santa e a sua ermida, e cujas orações se repartiam entre a imagem da ermida com a Santa por orago, na Ribeira do Alfange e a sugestão do local do sepulcro.

A trova de Santa Iria modificou-se mais ou menos na migração de bôca em bôca, pelos campos e pelas idades, à-medida-que se afastava no espaço e no tempo. Ao mesmo assistimos em canções provincianas, que passam de província para província, ou recebidas de Lisboa, e se vão modificando mais ou menos lentamente; não é só modificação formal, que sofrem, é também expressão musical e semântica, pela transfortação de sentido e aplicação da palavra.

As romarias, as feiras, os trabalhos agrícolas, que reùnem grandes aglomerações de homens e mulheres, — sobretudo nas ceifas e nas vindimas, — contribuiram com sua parte para o lançamento de cantigas e sua expansão. Não se deve esquecer também como veículo folclórico a vida de quartel; num regimento dos arredores de Lisboa, onde servi em 1918-1919, os soldados de uma das casernas, quando à tarde tinham a folga do serviço diário do quartel, cantavam canções alentejanas, que envolviam os ecos do edifício em toadas lentas de duas ou três vozes. A maioria dos soldados era recrutada no Alentejo; havia, porém, contingentes posteriores de outras unidades do Norte e Centro de Portugal, nesses anos; estes ouviam com admiração as cantigas desconhecidas, se nem sempre na letra, constantemente na música orfeónica e na expressão musical.

A xácara, romance ou rimance de Santa Iria sofreria as vicissitudes de tôdas as outras formas folclóricas. Teve, com

tôda a probabilidade e lógica, a sua origem entre o Nabão e o Tejo, entre Tomar, banhada pelo Nabão, — cidade onde a donzela nasceu, viveu e foi martirizada, rio onde foi lançada e que lhe transportou o cadáver, — e Santarém, na Ribeira, subúrbio, arrabalde, e depois bairro da cidade, banhado pelo Tejo, onde o cadáver apareceu, envôlto na maravilha do milagre. Nos tempos de maior culto prestado à Santa virgem-mártir (ermidinha junto do sepulcro [1]), instituïção da paróquia santarena com o orago da Santa Iria, memória municipal da Santa no *nicho* da Ribeira, etc.), é de tôda a probabilidade, por comparação e analogia, que lhe fizessem romaria concorrida principalmente ou quási exclusivamente pelos povos do que chamei as *Terras de Santa Iria*, entre Tomar e Santarém. Sobretudo, pelo meio, pelo local da romaria ao orago, pelo talvez patronato da Santa à-beira-do rio, a concorrência especializar-se-ia nos barqueiros, pescadores e ribeirinhos circuntejanos.

Aí, qualquer trovador aldeão ou nauta, lançaria a canção da trova; na sua imaginação entrelaçavam-se duas correntes; *a)* a de origem litúrgica, baseada na interpretação eclesiástica, a apologética das virtudes cristãs e do martírio da Iria; *b)* a de origem erótica, popular, pagã, baseada na tradição oral dos amores lascivos e da paixão enciumada, que provocaram o martírio da virgem nabantina. As duas fôrças actuantes conjugaram-se na feitura da trova, mixto de ambas.

A trova, como a recolheu Garrett no século XIX, tem quatro fases no entrecho activo: — I, a hospedagem do Cavaleiro em casa do pai de Iria; — II, o rapto de Iria pelo hóspede; — III, a degolação e abandôno do cadáver de Iria; — IV, o arrependimento do Cavaleiro.

Como se vê pelo sumário, a lenda na trova distingue-se da lenda nas tradições das crónicas. A trova é na origem mais antiga que as crónicas apontadas, mas a formação da trova popular obedece a outras condições; a selecção do trovador, que a teria inicialmente lançado, era independente da tradição escrita, se existia e existiria nos santorais e devocionários mediévicos; para êle havia as formas correntes e a sugestão cavalheiresca do trovadorismo calaico-português.

---

(1) Areosa Feio, *Santarém, Princesa das nossas vilas.* Santarém, 1929, pág. 80.

A trova tem todo o ar de família das canções de cavalaria, onde vão entroncar as trovas das xácaras ainda vivas, com assuntos reconhecíveis como tal.

O trovador santirenense deu à trova de Santa Iria o entrecho comum a outras trovas de ciclo próprio, em que um cavaleiro raptava uma donzela e a degolava, porque ela lhe resistia. Compare-se o assunto com o da lenda de Iria: o cavaleiro seria Britaldo, o apaixonado moço, filho do senhor de Nabância; Iria era a donzela; êle pedia hospitalidade em casa do pai de Iria, e pela noite adiante raptava-a; no caminho pretendeu violentá-la, lutaram ambos, e êle, desorientado, degolou-a.

Os pormenores; — a donzela estar a coser à janela, com agulha de ouro e dedal de prata, — o cavaleiro que passa e pede pousada, — a recusa do pedido e a insistência da donzela para o obter, — a scena da degolação, — o encontro da capela sôbre o local do crime, — o perdão, etc., e outros são comuns ao ciclo a que pertence a trova e a outros de fora-dêle, mas de scenário reclamado por circunstâncias semelhantes.

Como em todos os romances acontece, êste é narrativo: é a própria Iria que narra a sua xácara, até morrer; depois a narrativa é do troveiro, que reconstitui o diálogo.

Vejamos a trova, como Garrett no-la deu nas *Viagens na minha terra*, no capítulo XXIX. Ei-la em parelhas, fàcilmente transportáveis para a distribuição em quadras.

I

(Hospitalidade)

«Estando eu à janela, co'a minha almofada,
Minha agulha d'ouro, meu dedal de prata;

Passa um Cavaleiro, pedia pousada:
Meu pai lh'a negou: quanto me custava!

(Intervêm Iria)

— Já vem vindo a noite, e tam só a estrada,
Senhor pai, não digam tal de nossa casa,

Que a um Cavaleiro, que pede pousada,
Se feche esta porta, à noite cerrada —.

Roguei e pedi; muito lhe pesava!
Mas eu tanto fiz, que porfim deixava.

Fui-lhe abrir a porta, muito contente entrava;
Ao lar o levei, logo se assentava.

Às mãos lhe dei água, êle se lavava:
Pus-lhe uma toalha, nela se limpava.

Poucas as palavras, que mal me falava:
Mas eu bem sentia que êle me mirava.

Fui a erguer os olhos, mal os levantava,
Os seus lindos olhos na terra os pregava.

Fui-lhe pôr a ceia, muito bem ceava;
A cama lhe fiz, nela se deitava.

Dei-lhe as boas noites, não me replicava;
Tam má cortezia nunca a vi usada! (1)

II

(Rapto)

«Lá por meia noite, que me eu sufocava;
Sinto que me levam co'a bôca tapada...

Levam-me a cavalo, levam-me abraçada,
Correndo, correndo à desfilada.

Sem abrir os olhos, vi quem me roubava
Calei'-me e chorei; êle não falava.

D'ali muito longe, que me preguntava;
Eu na minha terra como me chamava.

—Chamavam-me Iria, Iria a Fidalga;
Por aqui agora, Iria a coitada—(2).

---

(1) Note-se a habilidade do contraste das duas personagens, independentemente da sua identidade, e também se deve observar a forma hábil por que se vai formando o conflito.

(2) Garrett preferia *casada* em vez de *coitada*, por ser a lição ribatejana, embora diga em nota que será melhor esta forma.

III

(Suplício de Iria)

Andando, andando, tôda a noite andava;
Lá por madrugada que me atentava...

Horas esquecidas comigo lutava:
Nem fôrças nem rogos, tudo lhe mancava.

Tirou do alfange... ali me matava;
Abriu uma cova, onde me enterrava.

IV

(Regresso e arrependimento do Cavaleiro)

No fim de sete anos, passa o cavaleiro (1),
Uma linda ermida viu naquele outeiro.

—Minha Santa Iria, meu amor primeiro,
Se me perdoares, serei teu romeiro—.

—Perdoar não te hei-de, ladrão carniceiro,
Que me degolaste que nem um cordeiro—.

Esta a lição, a que pela cota corográfica deve provir mais directamente da trova original. Deve atender-se ao fundo poético da trova, sem reparo no verniz superior dos séculos, que lhe passaram por cima. Aqui e ali poderá fazer-se reparo em forma ou expressão mais recente; lembremos, porém, que estamos ante uma espécie folclórica, recolhida a seis ou sete séculos de vida. O desfecho desiquilibra, é mais curto do que se esperaria; acaso haverá aqui alguns cortes para precipitar a acção, tornando-a mais enérgica, o que melhor se poderá compreender, comparando esta lição ribatejana com a algarvia.

---

(1) Aqui está um pormenor comum neste número *sete*.

A xâcara foi-se modificando. É de lembrar que outra acção das romarias, feiras e fainas agrícolas, tôdas elas com sua parcela recreativa em todos os tempos, não consistia sòmente em lançar, «botar», a canção do ano, — mas, pela sua distribuição dispersiva, modificá-la, adaptá-la, corrompê-la com outras canções já em voga. Isto, que se fazia extra-Ribatejo, em sentido centrífugo, fazia-se ao invés no Ribatejo, aonde pela mesma razão convergente levavam os de fora os ecos da sua terra. Os que ficavam, alteravam por si as trovas dos que haviam vindo e partiram de regresso ao lar. Não deve ser outra a origem das modificações ribatejanas das xâcaras ou romances, que Garrett nos transcreve no *Romanceiro*.

Os barqueiros da Ribeira de Santarém perderam a tradição de Santa Iria. Para êles o padrão é por sinédoque o *nicho*, que lhes não evoca a memória secular dos milagres a êle ligados; outros tem-no como sinal denunciador de cheias memoráveis. O romance popular de Santa Iria afastou-se do lugar de nascença. Foi para terras de Mação, Tejo montante, subiu às Beiras e a Trás-os-Montes, desceu ao Algarve.

Vejamos agora as variantes. Por elas se confirma a visão inicial da trova, e se observam as modificações exteriores, que ela sofreu na sua deambulação.

Comecemos pela variante de Mação. Foi publicada por Francisco Serrano em *Romances e Canções populares da minha terra* (1). Acompanhada de duas variantes da pauta melódica, — Mação e Cardigos, — tem a mesma ordenação da recolhida por Garrett no Ribatejo.

I

Estando eu a coser
Na minha almofada,
Com agulha d'ouro
E dedal de prata,
Chegou um estrangeiro (2)
Pedindo pousada:
Se meu pae lha désse,
Estava mui bem dada,
Deu-lha minha mãe,
Muito me custara.
Poseram-lhe a ceia
Do melhor manjar,
Fizeram-lhe a cama
No meio da casa.

---

(1) Braga, 1921, págs. 11-13.

(2) Em vez de Cavaleiro está nesta variante o estrangeiro.

II

Meia noute dada,
Êle me roubava;
De três, que nós éramos,
Só a mim levava.
Andámos seis légoas,
E nenhum falava.
No fundo de um vale,
Êle me preguntava:
— «Lá na tua terra,
Como te chamavas?» —
— «Eu, na minha terra,
Iria, a fidalga;
Por terras alheias,
Ando mal estimada» —.
— «Pelas falas que déste,
Serás degolada!» —

III

Êle se desceu,
E me degolava;
Coberta de fetos
Ali me deixava.

IV

Ao fim de sete anos,
Por ali passava.
Viu um pastorinho,
E lhe preguntava
— «Que ermida é aquela,
Que ali está formada?» —
— «É de Santa Iria;
Morreu degolada;
Coberta de fetos,
Ali foi achada» —.
— «Iria, Iria,
Meu amor primeiro;
Perdoa-me, Iria,
Serei teu romeiro» —.
— «Como perdoar-te,
Cruel carniceiro!
Tu me degolaste
Como a um carneiro!
Da minha garganta
Fizeste madeiro!» — (1)
— «Perdoa-me, Iria,
Meu amor primeiro!» —
— «Veste-te de azul,
Que é a côr do céo;
Se Deus perdoar,
Perdoar-te quero» —.

Algumas observações merecem a nossa atenção. Na primeira parte, passa alusão a ser dada pousada pela mãe («muito me custara») e não pelo pai, que, se a «désse, estava mui bem

(1) Madeiro: consideração metafórica da degolação, em que o pescoço foi cortado pela espada, como se decepasse um madeiro.

dada»; há nesta passagem cruzamento de pormenor com os romances do modêlo de *O Conde d'Alemanha* (1):

Padrasto com meu pai vivo,
Nunca eu o consentira.

É Iria que narra a gesta; não serviu ela o hóspede, como na trova do Ribatejo. Aparece o número três, simétrico etnográfico do número sete, já na trova do Ribatejo e nesta mesma variante. A última parte é mais completa que a correspondente do romance ribatejano; quanto mais extensa é esta de Mação, tanto mais reduzida a outra. Surge pela primeira vez referência à promessa de romaria, quando o Cavaleiro diz na invocação a Iria: «serei teu romeiro». Manda-o ela vestir de azul, «que é a côr do céu», como côr simbólica de oração penitencial e arrependimento.

No romance de Santa Iria, como anda por terras algarvias e Estácio da Veiga o recolheu no *Romanceiro do Algarve*, já não é a Santa que narra o seu martírio; é a xácara característica, e de tôdas as trovas de Santa Iria a mais longa e completa: estilo narrativo, dialogado, rima toante dos versos pares, até final, redondilha corrente, movimento variado, desenvolvimento dramático, indo por fim o cavaleiro a Roma pedir humildemente perdão ao Pontífice; a intenção salva-o pelo sacrifício a que se devotou, e, à-entrada-da Cidade Eterna, aparece-lhe a Santa, que lhe diz:

— «Atrás, atrás, Cavaleiro,
Tua alma é já perdoada» —.

Em todo o romance a protogonista só fala nos diálogos com o Cavaleiro. Esta versão desviada corogràficamente do centro das *Terras-de-Santa-Iria* para o extrêmo Sul de Portugal, parece provir mais directamente da forma inicial da trova primitiva do que a do Ribatejo, colhida por Garrett. Temos de ver nela a luz, que brilha debaixo do alqueire, e contar com todos aqueles pontos, que aumentam os contadores de

(1) Garrett, *Romanceiro*, obras completas des., Garrett, Lisboa, 1904, pág. 84.

contos e os cantadores de trovas, e a deformação poética por analogia.

Transcrevo o romance algarvio, sem o dividir nas partes constituintes, pois que está comprovado o assunto sem necessidade de mais elucidação. Apenas chamo a atenção para o tipo vulgar da xácara, que nesta se encontra claramente.

Achava-se dona Iria
Na sua sala assentada,
Bordando de agulha de oiro,
E com seu dedal de prata;
Bate à porta um cavaleiro,
Que lhe pedira pousada;
Dona Iria lhe responde,
Muito triste e maguada.
Que, se sua mãe lha désse [1],
Estava muito bem dada;
Êle, quando aquilo ouvira,
Muito triste que ficara;
Picando no seu cavalo,
Sòzinho se retirara.
Ela, de compadecida,
Do seu balcão lhe acenava,
Que a sua mãe foi pedir
Para lhe dar acoitada.
Volve atrás o cavaleiro,
Com má tenção que levava;
Mandara-lhe a pôr a mesa,
Muito bem que êle ceava;
Mandou a fazer-lhe a cama,
Para que se êle deitara.
Negro sono ela dormia,
Êle sòmente velava;
Pesado corria o sono,
Meia noite era já dada.
Lá por essa noite velha,
Cavaleiro em pé na casa,
Já selado é seu cavalo,

---

[1] Cfr. com a variante de Mação, e com a observação do texto.

Que à luz da lua alvejava.
À cama de dona Iria
Corria, que não andava.
Pouco tempo era passado,
Já com ela cavalgava,
Levando a triste donzela
Em seus braços desmaiada.
Longo caminho corrido,
Nem um, nem outro falava,
Mas a donzela em seus braços
A chorar se delatava (1).
Ao cabo de sete légoas,
Para amor a requestava.
Mas só pranto eram as vozes,
Com que lhe ela voltava.
Cavaleiro com brandura
Suas falas lhe voltava:
— «Como vos chamais, donzela?
Como vos chamais, minh'alma?» —
— «Eu, lá pela minha terra,
Fui dona Iria, a fidalga;
Agora nestes montios (2),
Sou Iria, a desgraçada» —.
Êle, que aquilo ouvira,
Alma lhe ficou danada,
E quer já vencer por fôrça
O que não vence a palavra.
Mas a Virgem era do Céu,
Pelo céu era guardada.
Com a espada, que trazia,
Logo ali a degolara,
E lá mesmo abre uma cova,
Em que mal a soterrara,
Pois, co'a pressa, seus cabelos
Fora da cova deixara.
Ali se forma uma ermida,
Que a todos bem que pasmava,
C'um letreiro, que dizia:

---

(1) Delatava: denunciava? voc. erudito.
(2) Montio: n. colectivo de montes.

«A Santa Iria,—a fidalga».
Ao cabo de bons sete anos (1),
Cavaleiro, que passava,
Vendo aquela linda ermida,
A um pastor preguntava:
—«Diz-me, ó pastor da serra,
Pastorinho da minh'alma,
Ai, que ermida é aquela
Que àlém vejo tão armada?»—
—«Aquela é de Santa Iria,
De Santa Iria, a fidalga,
Que, por mão de um cavaleiro,
Ali fôra degolada;
A ermida cresceu, cresceu,
Sem de ninguém ser tocada».—
Cavaleiro, que tal ouve,
De joelhos se prostrara.
—«Minha linda Santa Iria,
Santa Iria da minh'alma,
Perdoa-me a dura morte,
Que vos fiz com esta espada,
Que já partida aqui fica,
Para o sempre sepultada.
Eu serei vosso romeiro,
Em longa peregrinada».—
Uma voz saíu da ermida,
Que parecia encantada:
—«Ergue d'aí, cavaleiro,
Mais a tua dura espada,
Que a tua alma neste mundo
Não pode ser perdoada.
Tua alma não é do Céu,
Pelo Céu foi condenada».—
D'aí parte o cavaleiro,
Vai fazer fazer longa jornada;
Chegando às portas de Roma,
Vira a Santa degolada:

(1) «Uns bons sete anos» é expressão popular corrente, «umas boas sete légoas», «há uns bons sete dias», «esteve aí umas boas sete horas». Significa aumento quantitativo.

— «Atrás, atrás, cavaleiro,
Tua alma é já perdoada». —

O pormenor mais interessante, e original, dêste romance na dição algarvia, é a ermida encantada de Santa Iria com o letreiro elucidativo, de fantasia mais recente, sugerido pelas inscrições votivas ou memorativas de nichos e capelas; o encantamento da ermida consiste em ela crescer aos olhos do cavaleiro, crescer sem ninguém lhe tocar: a voz de Iria saíu da ermida, «que parecia encantada».

Para comparação de técnica e de poética, transcrevem-se a seguir mais duas variantes do romance de Santa-Iria, a primeira me parece que do Alentejo (1), a segunda de Ovar (2).

*

Estando eu cosendo
Na minha almofada
Com agulha d'ouro
E dedal de prata,
Veio um cavaleiro
E pediu pousada.
Eu lhe respondi
Que não governava;
Se meu pae lh'a désse
Estava bem dada;
Deu-lh'a minha mãe,
A casa roubada (3);
Era meia noite,
Êle que passeava;
De três, que nós éramos,
Só a mim levava;
A minha almofada
No cavalo *prantava* (4);
Por essas charnecas
Êl'me procurava
Como me chamava.

— «Em casa de meu pae,
Iria, a fidalga;
Por estas charnecas,
Ai de mim! coitada!» —
— «Por essas razões
Morres degolada». —
Do alfange puxava,
E ali a matava;
Coberta de rosas,
Ali a deixava;
Ao fim de nove anos (5),
Êle ali passava:
— «Linda pastorinha,
Que guardaes o gado,
Que ermida é aquela,
Que está no silvado?» —
— «É de Santa Iria,
Morreu degolada». —
— «Ó Santa Iria,
Meu amor primeiro,
Queiras perdoar-me,

(1) Diário da capital *A Época*, de 1 de Março de 1925.
(2) Id. *A Época*, de 12 de Dezembro de 1924.
(3) Cfr. com a mesma passagem das variantes anteriores.
(4) Voc. pop. «plantar» = pôr.
(5) Nove por sete anos.

Serei teu romeiro». — (1)
— «Eu não te perdôo,
Cruel carniceiro,
Que me degolaste,
Que nem um carneiro». —
— «Ó Santa Iria,
Meu amor primeiro,
Se me perdoares,
Serei teu romeiro». —
— «Se quer's te perdôe,
C'uma disciplina,
Com três nós no cabo,
Um ano e um dia
S'rás disciplinado;
Finda a penitência,
Serás perdoado». —

*

Iria, Iria
estava cosendo
na sua almofada
com agulha de oiro
e dedal de prata.
Passou um cavaleiro
pedindo pousada;
se meu pai lha désse,
estava bem dada:
deu-lha a minha mãe,
que foi confiada (2).
Fizeram-lhe a ceia,
e êle não ceava.
Fizeram-lhe a cama
à beira da arca.
Era meia noite
e êle já palrava,
de três que nós éramos,
só a mim gabava.
Êle em mim pegou,
e a furto levou,
andou sete léguas,
e me preguntou:
— «Tu, na tua terra,
como te chamavas?» —
— «Eu, na minha terra,
Iria fidalga;
agora na alheia
serei desgraçada». —
— «Palavra, que deste,
vaes ser degolada». —
Ali a matou,
e ali a deixou,
coberta com ramos.
Passados sete anos,
êle ali passou,
e ali preguntou:
— «Dizei, pastorinhos,
dizei, por voss'alma,
que ermida é aquela,
que ali está plantada?» —
— «É de Santa Iria,
que foi degolada». —
À ermida chegou,
à santa falou,
e assim lhe rezou:
— «Perdoa-me, Iria,
meu amor primeiro». —
— «Como perdoar,
cruel carniceiro,
que do meu pescoço
fizeste carneiro,
da minha cabeça
fizeste copeiro,
e do meu cabelo
fizeste dinheiro?» —
— «Perdoa-me, Iria,
serei teu romeiro». —

(1) Notar a penitência.
(2) Cfr. com a mesma passagem nas variantes anteriores.

— «Veste-te de azul,
que é a côr do ceu:
se Deus te perdoa,
perdoar-te eu quero». —

As variantes vão-se até à alteração do nome de Iria para Irédia, talvez por via de Eiria — Iria = Irene (1) — Irénia — Irédia. Em Maçores, no distrito de Bragança, o romance de Irédia é claramente o de Iria; o cavaleiro, depois de a raptar, lhe pregunta como se chama, Irédia responde-lhe tal qual Iria:

— «Eu na minha terra
Sou Irédia estimada;
Por estas serras medonhas
Serei sempre desgraçada» — (2).

É o romance de uma Iria transmontana, entre «serras medonhas».

— «Estando eu à janela
Coser na minha almofada,
C'uma agulha d'ouro
E um dedal de prata,
Veio um cavaleiro,
Pedindo-me pousada;
Meu pae que lha dera,
E eu fôra a culpada» — (3).
Pelo meio da noite,
Deu volta à sala;
De sete que éramos (4)
Só a mim me levara!
Pelo meio do caminho
Êle então me procurava
Eu na minha terra
Como me chamava;
— «Eu na minha terra
Sou Irédia estimada;
Por estas serras medonhas,
Serei sempre desgraçada». —
— «Por estas falas que déste,
Detrás do outeiro
Serás degolada
Assim como um carneiro» — (5).

---

(1) Leite de Vasconcelos, *Antroponímia Portuguesa*, Lisboa, 1928, págs. 46 e 74.

(2) Ab. José Augusto Tavares, «Romanceiro Transmontano», in *Revista Lusitana*, Lisboa, 1907, vol. IX, pág. 282.

(3) Confronte-se com a parte correspondente dos outros romances; licença do pai, licença da mãe, culpa de Irédia = Iria que a solicitou ou por sua causa, de a vêr à janela, foi dada ao cavaleiro pousada.

(4) Aparece o número sete nesta altura da trova.

(5) Esta frase do cavaleiro justifica depois, no final, a queixa de Irédia: mais lógico assim.

O romance omite a scena do martírio de Irédia. A esta parte transcrita segue-se imediatamente o diálogo entre o cavaleiro que regressa, e a alma de Irédia, na capela erguida sôbre o seu cadáver.

— «Perdoa-me, Irédia,
Meu amor primeiro,
Servirei-te um ano
De joelhos inteiro». —
— «Como te hei-de perdoar,
Cruel carniceiro,
Que me degolaste
Como um carneiro?»
— «Perdoa-me, Irédia,
Meu amor primeiro,
Servirei-te um ano
A serrar o pinho
Para uma capela
Ó Verbo divino». —

Na Rapa, concelho de Celorico-da-Beira (Beira-Baixa), colheu a Sr.ª D. Maria Angélica Furtado de Mendonça, o romance popular de *Santa Ireia*, outra alteração sónica do nome de Iria, mais vizinha da forma antiga dos documentos — *Eirẽa*.

'Stando Santa Ireia
A coser na almofada
Com agulha d'oiro
Seu dedal de prata,
Chega um cavaleiro,

Lá por noite adiante
A casa roubada:
De sete que éramos,
Só a mim levava.
Ao meio do caminho
Êle me procurava:
— «Lá, na tua terra,
Como eras chamada?»
Pedia pousada.
Se lh'a minha mãe desse,
É que eu não gostava;
Dar-lha meu paezinho,
'Stá muito bem dada.

— «Eu, na minha terra,
Ireia, a fidalga;
Na terra alheisa,
Serei desgraçada». —
— «Por a fala que déste,
Serás degolada;
Entre dois penedos
Serás enterrada». —

Como na trova de Maçores, também esta não narra a scena da degolação; passa sôbre ela, e continua imediatamente o regresso do Cavaleiro.

Ao fim de sete anos (1),
Cavaleiro passava:
— «Que ermida é aquela,
Que tanto alvejava?» —

(1) Nesta variante repete-se o número sete: as irmãs que

— «É Santa Ireia,
Bemaventurada;
Entre dois penedos
Se acha enterrada». —
— «Perdoa-me, Ireia,
Meu amor primeiro;
Se me perdoares,
Serei teu romeiro». —
— «Não, não te perdôo,
Cruel carniceiro,
Que tu me degolaste,
Que nem a um cordeiro» — (1).

O paralelismo é constante em tôdas estas variantes da mesma trova.

Agora abra-se a *Illustração Trasmontana*, a pág. 193 do 3.º volume (2); encontramos o romance musicado de *Santa Helena*, música e letra colhidas em Parada-de-Cunhos, concelho de Vila-Real, pelo Sr. Luiz Esteves de Aguiar.

'Stando Santa Helena
Na sala assentada,
Com agulha d'oiro,
E dedal de prata,
Passou um cavaleiro
Lá pela estrada.
Pediu a seu pai
Se dava pousada;
Seu pai, que era velho,
Disse que lha dava.
Foi fazer-lhe a ceia,
E diz que ceara.
Foi fazer-lhe a cama,
Diz que se deitara.
Era meia noite:
Helena roubada.
No meio da serra:
— «Como se chamava?» —
— «Eu, na minha terra,
Sou Helena amada;
Por terras alheias,
Helena coitada».
Puxou pelo alfange
E a degolou.
Coberta de ramos,
No monte a deixou.

Passados sete anos,
Por ali passou.
Viu uma capela,
Logo se ajoelhou.
— «Pastor's e pastoras,
Que gado guardaes,
Que Santa é essa
A quem adorais?» —
— «É Santa Helena,
Que o traidor matou;

---

eram, e os anos que passaram até regresso do Cavaleiro ao local do suplício.

(1) *Revista Lusitana*, 1911, vol. XIV, págs. 29-30: «Romances Populares da Beira-Baixa».

(2) *Il. Trasmontana*, Archivo Pittoresco, Litterario e Scientifico das Terras Trasmontanas. 3.º Ano, 1910, Pôrto.

Coberta de ramos,
No monte a deixou». —
— «Perdoa-me, Helena;
Meu amor primeiro;
Dá-me tu saúde
Ao meu braço d'reito». —
— «Como perdoar-te,
Ladrão carniceiro,
Que me degolaste,
Como a um carneiro?» —
— «Perdoa-me, Helena,
Meu amor primeiro...
Jejuo-te um ano,
Um ano inteiro,
Pastando hervinhas
Naquele lameiro,
E bebendo água
Daquele ribeiro».

Verifica-se que o romance é o mesmo; a protogonista é que mudou de nome. Mas o romance de Santa Helena corre em Vinhais, também de Trás-os-Montes, já com modificações notáveis. Primeiramente, o rapto por mão do cavaleiro não se deu em casa dela, mas «por aqueles campinhos»; depois, a protogonista não era a fidalga que, à janela, cosia na almofada com agulha de oiro e dedal de prata, mas «linda romeira», que ia cumprir a sua romaria; o cavaleiro acomete-a no caminho.

Por aqueles campinhos
Linda romeira *venia;*
Sua saia leva baixa,
As hervas a repreendiam.
Veio por ali um cavaleiro,
De amores a pretendia:
— «Peço-te, ó bom cavaleiro,
Por Deus e Santa Maria,
Que me deixes ir honrada
A cumprir a romaria».

Daqui por diante, salvos pormenores secundários, como a pregunta feita após sete anos, o entrecho é o mesmo do romance de Iria.

Sete léguas a levou,
Nenhuma fala lhe dizia;
Ao cabo de sete anos (1),
O cavaleiro lhe preguntou:
— «Como se chama a menina,
Como se chama a minha alma?» —
— «Em casa de meu pai,

(1) É incompreensível, como está, a referência a sete anos, introduzida na narrativa. Justifica-a talvez evitar a repetição. Porque deverá ser: «ao cabo de sete léguas».

Chamo-me Helena estimada;
Nas mãos de ti, cavaleiro,
Sou Helena desgraçada». —
Lá no meio do caminho
O cavaleiro a acometia;
Ela, como mui discreta,
Dissera-lhe que não queria.
Puxou por um punhal de ouro,
O coração lhe partira (1).
Ao cabo de sete anos (2),
O cavaleiro por ali tornara.
Vira estar uma ermida,
Vira estar uma orada (3).
Encontrou um pastorzinho,
Que o seu rebanho guardava:
— «Quem fêz esta ermida?
Quem fêz esta orada?» —
— «Senhora Santa Helena,
Que um cavaleiro matara». —

— «Meus amores primeiros,
Perdoai-me a vossa morte,
Que eu serei vosso romeiro». —
— «Como te perdoarei eu,
Ó lôbo, ó carniceiro,
Que fizestes à minha cabeça
O que o lôbo faz ao carneiro?
Vae-te para trás do altar,
Servirás de candieiro» — (4).

---

(1) No romance de «D. Ana», de Maçores, o raptor é um tenente de cavalaria, em Vila-Viçosa; a trova é de recente feitura moldada na trova de Santa Iria, nesta variante de Santa Helena. O cavaleiro: puxou por um anel d'ouro,/... Meteu-lho por um lado/E ao coração lhe saía./*Rev. Lusitana*, IX, 277-278.

(2) A referência aos sete anos, no regresso do cavaleiro, deve também ter atraído a repetição na primeira parte do romance, que o torna inverosímil.

(3) Orada: ermide campestre.

(4) *Rev. Lusitana*, IX, 299.

A trova romanceada de Santa Iria difere das crónicas, como já foi acentuado. A degolação da mártir e a capela de Santa Iria, a ermida vagamente aludida, bem como os amores do cavaleiro, são os elementos comuns à tradição escrita. O romance entrou no gôsto comum dos trovadores, que deformavam a realidade aos modelos prèestabelecidos; e assim enfileirou no ciclo que para Portugal poderiamos chamar iriano, da donzela pretendida, raptada pelo cavaleiro que pedia pousada e a levava de casa sua, para a degolar no caminho, e regressar mais tarde arrependido, espêlho fiel dos costumes bárbaros da Idade-Média, em que por fim o triunfo cristão encerrava a tragédia para os arrependidos.

Quem tomar uma colecção de romances populares, observará imediatamente ao lê-los, depois de ter lido a trova de Santa Iria, elementos comuns no plano, no desenvolvimento e no pormenor.

O comêço da trova é comum a muitas outras:

Estando D. Filomena
No seu jardim a fiar...

D. Filomena (Carviçaes) (1).

Estando a Bela Infanta
No seu jardim assentada,
C'um pente d'ouro na mão,
C'o seu cabelo penteado...

A Bela Infanta (Ligares) (2).

Estando D. Francisquinha
No seu balcão assentada,
Fiando e torcendo sêda...

Dona Francisquinha (Ligares) (3).

---

(1) *Rev. Lusitana*, VIII, 79.
(2) *Rev. Lusitana*, IX, 283.
(3) *Rev. Lusitana*, IX, 294.

Estando eu à minha porta
Cosendo e lavando sêda...

Um cavaleiro (Vinhais) (1).

Às vezes é no meio da narração, mas início de episódio:

Estando eu no meu tear,
Sêda amarela tecia...

O Conde d'Alemanha (2).

Depois, inicia-se logo a acção:

Passou um triste soldado,
Tratou em o namorar...

D. Filomena.

Baixou os olhos ao mar,
Viu vir uma rica armada.
Capitão, que nela vinha,
Trazia-a bem guiada.

A Bela Infanta.

Viu vir um cavaleiro
Àquela Serra da Estrela;
Atreveu-se a preguntar-lhe:
—«Que vai de novo na guerra?»—

Dona Francisquinha.

Vira vir um cavaleiro
Junto da Serra Morena.
Atrevi-me e preguntei-lhe:
—«Cavaleiro, vem da guerra?»—

Um cavaleiro.

---

(1) *Rev. Lusitana*, IX, 299.
(2) Garrett, *Romanceiro*, I, 85.

Veio o Conde d'Alemanha,
Três fios dela me tira...

O Conde d'Alemanha.

No romance de «Dona Ana», em Maçores (Moncorvo) (1) há um rapto por um tenente de cavalaria = o cavaleiro da trova; a scena episódica da morte da raptada, pertence ao ciclo das trovas de Santa Iria:

À saída do palácio,
O tenente lhe procurava:
Lá, em casa de seus pais,
Como ela se chamava.
— «Em casa de meus pais
Chamava-se-me fidalga;
Agora, por êsses mundos,
Serei infeliz, desgraçada».

Inda lá mais adiante,
O tenente lhe procurava:
Em casa de seus pais,
Como era tratada.
— «Em casa de meus pais,
Comia galinha assada,
Agora, por êsses mundos,
Comerei sardinha salgada».

Inda mais lá para diante,
O tenente a acometia,
E ela, como discreta,
Respondeu-lhe que não queria.
Puxou por um punhal d'ouro,
Que o cavaleiro trazia,
Meteu-lho por um lado,
E ao coração lhe saía.
Pegou nela em seus braços,
E a sua mão levou a filha...

(1) *Rev. Lusitana*, IX, 277.

Também o pedido final do perdão se encontra em outros romances. Êste por exemplo de A Ermida, de Urros:

Ó homem, se me matares,
Enterra-me na ermida,
Aos pés de Nossa Senhora,
Virada para a Virgem Maria.

— «Perdoa-me tu agora,
Serva da Virgem Maria».—
— «Como te hei de perdoar,
Se tua alma está perdida?...»

A trova de Santa Helena de Vinhais tem mais pontos de contacto com a de Santa Iria, e tantos são êles que se pode considerar como cruzamento de dois romances. Do primeiro é o rapto da romeira; o acometimento das romeiras forma assunto muito conhecido nos romances populares:

Preso vai o Conde, preso,
Preso vai a bom recado;
Não vai preso por ladrão,
Nem por homem que ha matado:
Por dormir c'uma donzela
Caminho de Santiago...

O Conde (Maçores) (1).

Romeira, como mais fraca,
Logo debaixo caíra.
Botou mãos a um punhal,
Que êle no seu bolso trazia;
Metera-lho por um lado,
Ao coração lhe saíra.

O Romeiro (Maçores) (2).

---

(1) *Rev. Lusitana*, IX, 315.
(2) *Rev. Lusitana*, IX, 315.

A Romeira, por mais fraca,
Enfim rendida caía.
No caír lhe viu à cinta
Um punhal que êle trazia;
Com tôda a fôrça lh'o arranca,
No coração lho metia.

A Romeira [1].

Do segundo romance, que se cruzou, são a fuga do cavaleiro com a donzela raptada e a morte dela, o regresso do assassino e o pedido de perdão, — e êsse é o de Santa Iria.

O romance de Santa Helena pertence ao *ciclo santiriano*, ou melhor ao ciclo de que faz parte o nosso subciclo santiriano. É o ciclo, que reúne em Portugal os romances de *Santa Iria*, *Santa Irédia* e *Santa Helena*, por protogonista uma virgem mártir, e nas terras de Espanha o romance de *Santa Elena*, cuja traça é a mesma, pelo que prova afinidades íntimas de família, e cuja diferença está apenas no pormenor.

O romance espanhol, na versão de Amusco (Palência), é o seguinte: um traidor pediu pousada em casa do rei, pae de Elena; êles nobremente lhe concederam a hospitalidade requerida; e o traidor pediu aos pais a mais galante das três filhas suas, — Elena; responderam êles que não se destinava a casamento mas a monja de Santa Clara aquela sua filha; êle com ajuda de uma criada raptou a menina. Daqui por diante o episódio é igual: as preguntas à menina, as lástimas dela, a degolação, o abandôno, o regresso do traidor, anos depois, a ermida, o pedido de perdão, a evocação do amor primeiro. Há, porém, nesta parte o traço de união entre a corrente portuguesa e a espanhola: é a penitência que Santa Helena dá ao assassino.

O romance de Santa Helena, de Vinhais, já se observou que cruzava o romance de romeira acometida no caminho, e o de Santa Iria. Pois no final ainda vai provar a influência de outra origem, num mosaico troveiro: o de Santa Elena, de Palência.

---

(1) Garrett, *Romanceiro*, II, 4.

Quando regressa e vê a ermida, diz o cavaleiro, dirigindo-se a Santa Helena, na versão de Vinhais:

— « Meus amores primeiros,
Perdoai-me a vossa morte ». —

e responde a Santa:

— « Como te perdoarei eu,
Ó lôbo, ó carniceiro,
Que fizestes à minha cabeça,
O que o lôbo faz ao carneiro?
Vai-te para trás do altar,
Servirás de candieiro ». —

Na versão castelhana de Amusco (Palência) pede o traidor, diante da *ermita, toda blanca y dibujada*...

— « Perdoname, Santa Elena,
que yo fui tu amor primero » — (1).

e da ermida responde Santa Elena *en el monte degollada:*

— « Yo no te perdonaré
ni tampoco el Rey del cielo.
Arrimate aqui a este altar,
servirás de candelero.... » —

O castelhanismo original dêste romance está na pormenorização dramática do quador, que não passou ao romance português, superiormente lírico em simpleza e bucolismo. Observe-se a descrição da ermida de Santa Elena:

. . . . . .
toda blanca y dibujada;
de sus huesos las paredes,
de sus cabellos las matas,
de las cejas de sus ojos
tejas para retejarla ».

---

(1) Em Portugal foi ela o amor primeiro do cavaleiro; em Espanha jacta-se-lhe êle de ser o amor primeiro dela.

E veja-se ainda o fêcho de todo o romance; depois de Santa Elena dizer ao traidor que serviria de *candelero*, a narrativa conclui assim:

Las palabras non están dichas
y el candelero está ardiendo;
el traidor allí quedó
y su alma está en los infiernos.

Romance de Santa Elena

En casa del rey mi padre
un traidor pidió posada,
y mis padres como nobles
al momento se la daban;
de las três hijas que tienen
les pedió la más galana,
y mis padres le contestan
que su hija no es pa casada,
que se quiere meter monja,
monjita de Santa Clara.
El traidor que ha óido esto
ha tratado de robarla;
no la ha sacado por puertas
ni tampoco por ventanas,
la sacó por el balcón
a favor de la criada,
la montado en su caballo
la llevado cautivada;
lleva andadas siete leguas
sin hablar una palabra,
de las siete pa las ocho
estas palabras hablaba:
—«¿Como se llama la niña?
¿Como se llama la dama»?—
—«En casa del rey mi padre
Elenita me llamaban,
y ahora sola en estes campos
Elena la desgraciada»—.
El traidor que ha óido esto
ha tratado de matarla,
la ha bajado del caballo,

la cabeza le cortaba.
De ella se formó una ermita
toda blanca y dibujada;
de sus huesos las paredes,
de sus cabellos las matas,
de las cejas de sus ojos
tejas para retejarla.
Pasan años y más años,
el traidor por allí pasa.
—Dígame tu el pastorcito
que tu ganadito guardas:
—¿De quién es esta ermita,
tan blanca y tan dibujada?—
—«La ermita es de Santa Elena,
en el monte degollada»—.
—«Pues, si es de Santa Elena,
entremos a visitarla:
«Perdoname, Santa Elena,
que yo fuí tu amor primero».—
—«Yo no te perdonaré,
ni tampoco el Rey del cielo.
—«Arrímate aqui a este altar,
servirás de candelero».—
Las palabras non están dichas,
y el candelero está ardiendo;
el traidor allí quedó,
y su alma está en los infiernos (1).

Simplificada, mas esquemàticamente com o mesmo assunto e a mesma movimentação, é esta variante do mesmo romance em terras espanholas, que transcrevo a seguir.

Santa Elena

Estaban tres niñas
bordando corbatas,
con agujas de oro,
dedales de plata;
pasó un caballero
pidiendo posada:
—«Si mis padres quieren
yo le daré cama»—.

(1) P. Martín Alonso, in *Estudios*, rev. de Buenos-Aires, tômo XLV, n.º 4. Dezembro de 1931, págs. 330-331.

Le puso la mesa
en medio la sala,
con cubiertos de oro,
cucharas de plata;
le puso la cama
a un lado la sala,
con sábanas de hilo
y colchas de Holanda.
A la média noche
él se levantó.
Y de las tres niñas
a Elena cogió;
— «Dime, niña mia,
que como te llamas». —
— «En mi casa Elena
y aqui desgraciada». —
Sacó un cuchillo
y la degolló,
debajo una planta
allí la enterró.
Al dia siguiente
pasó por alli;
y al pisar la planta,
Elena salió:
— «Perdoname Elena,
por lo que te hice». —
— «Perdonado estás
pero no me quisiste» — (1).

Conclusão: existe um ciclo a que pertencem em terras de Portugal os romances de Santa Iria e derivados, e em terras de Espanha os romances de Santa Elena; uns e outros formaram uma corrente, que pertence ao tipo das trovas da donzela raptada e morta pelo cavaleiro.

Santa Iria cá, Santa Elena em Espanha, ambas foram martirizadas, ambas degoladas; Iria em Tomar, Elena em Soris; as relíquias de Elena estão na catedral de Burgos, as de Iria dá-as tradição medieval no sepulcro de obra divina, jazida no fundo das águas do Tejo, cara-a-cara com Santarém, a cidade de Santa Irene, conjugada na etimologia folclórica de Santa Irene = Iria.

B) AS "DÉCIMAS DO PADRÃO" DO AMEIXIAL

Um romance do século XIX

Em 1640, a poderosa armada de Orquendo trazia, de caminho para Lisboa, duas missões importantes a realizar. De tal transcendência elas eram que o Duque de Olivares as considerou de primeira necessidade para firmeza da sua política europeia. A primeira coisa que a esquadra tinha de fazer, era derrotar as fôrças navais holandesas: desembaraçar-se hia

(1) P. Martín Alonso, id., *Estudios*, págs. 331-332.

o ministro na grave questão dos Países-Baixos. A segunda consistia em proteger em Lisboa «a annexação violenta, — sem egualdade, nem garantias, como de um país conquistado e escravizado» (1). A esquadra espanhola foi, porém, batida pelos Holandeses na batalha naval das Dunas, no mês de de Março. A segunda missão, que lhe fôra atribuída, ficou por conseqüência prejudicada.

Dada ordem à nobreza de Portugal para em massa partir em direcção da Catalunha, a fim de tomar parte na sufocação da revolta de Junho, e, depois obrigada, sem excepções nem mesmo do Duque de Bragança, a acompanhar Felipe IV de Espanha às côrtes de Aragão, no dia 24 de Agôsto, — a conspiração contra os Espanhois activou-se. Na manhã de 1 de Dezembro do mesmo ano, os conjurados deposeram a Duquesa de Mântua, regente do Reino em nome de Felipe IV de Espanha e III de Portugal, e proclamaram Rei o Duque de Bragança com o nome de D. João IV.

Procuraram os Espanhois rehaver o Reino, que por sessenta anos assenhorearam. A guerra iniciou-se em 1641, e, com várias feições, estendeu-se até 1668. Narra Oliveira Martins: «A guerra proseguia; e D. João de Austria, senhor do Alemtejo, ameaçava Lisboa, quando a revolução de palacio que entregou o governo ao unico estadista portuguez do XVII seculo, o conde de Castello-Melhor, imprimiu força e unidade às operações, dando-nos as victorias decisivas do Ameixial e de Montes-Claros» (2).

No local da peleja do Ameixial, foi erguido um padrão comemorativo da vitória. Chama-lhe o povo o «padrão» e a «memória» («memoira»). A estrada que leva de Estremoz a Sousel, estende-se ao-longo-de uma cadeia de colinas: vem de Vila-Viçosa e Borba num antemural da Serra de Ossa, a Norte desta, e formam-lhe à direita uma barreira contínua. A oito quilómetros de Estremoz, está o padrão da batalha do Ameixial, à esquerda da estrada e já na planície, que vai esbarrar na Serra. Em-frente fica-lhe uma das colinas, a mais alta, onde teria sido o centro da defesa espanhola, colina que tem o nome de Serra do Padrão, por proximidade toponímica.

---

(1) Oliveira Martins, *História de Portugal*, ed., 1882, vol. II, pág. 120.

(2) Oliv. Martins, id. II, 137-138.

O padrão de mármore branco de Estremoz é simples: uma coluna dórica ergue a linha austera e militar; sôbre o ábaco poisa almofada borlada, saliente, onde assenta a coroa real. No plinto tem inscrição aberta em letra capital:

I

(Na face voltada para a estrada)

NO ANNO DE SEIS CENTOS E SETENTA
E TRES EM OVTO DE IVNHO REINANDO
EM CASTELLA DOM PHELIPE QVARTO
VINDO DOM IOÃO DE AUSTRIA SEV FILHO
CAPM GENL DO EXTO DAQVELLE REINO RETI-
RANDOSE COMELLE DA SIDADE DE EVORA
SE FORMOV NESTE SITTO AVISTA DO EXTO
DE PORTVGAL QVE O SEGVIA DE QVE ERA
GOVOR DAS ARMAS DOM SANCHO MEL CON-
DE DE VILA FLOR O ACOMETEO DANDOLHE BA'-
TALHA E DESTROINDO AO EXTO DE CASTELLA
EM QVE VINHA TODA A NOBREZA

II

(Na face voltada ao Norte)

DELA GANHAMDOLHE ARTRA QVE TRAZIA E
GRANDE CANTIDADE DE CARRVAGENS QVE O
ACOMPANAVA E PARA MEMORIA DE TAM
GLORIOZO SUCECO MANDOV ELREI DOM
AFONCO CEXTO NOSO SOR POR AQVI
ESTE PEDRÃO Q HE O LVGAR EM QVE SE
DEV E VENCEO A BATALHA.

Na inscrição desenvolvem-se as letras inclusas, que podem ver-se na *Revista de Guimarães*, vol. XXX, 1913, págs. 57-58. O padrão actual, deve dizer-se, não é o primitivo, mas uma cópia dêle, consoante ao que se vê na *Revista Militar*, de 1853, pág. 316; invernia recente danificou o fuste.

O padrão da batalha de Montes-Claros é igual; junto do cabeço da Vigaria, na mesma linha de colinas de Vila-Viçosa a Sousel; distingue-os lògicamente a inscrição.

I

NO ANO DE 1665 REINANDO
EM PORTVGAL DOM AF° O 6°
EM QARTA FEIRA 17 DE IVNHO
DO MESMO ANNO DIA INFRA
OVATAVA DO GLORIOSO SANT
PORTVGVES NESTE SITIO DE
MONTES CLAROS D ANT° LVIZ
DE MENEZES MARQVES DE MARI
ALVA CAPITAO GERAL DO A
LEMTEIO EM BATALHA SINGVL
AR POR ESPACO DE 9 ORAS
Q COMESARAO AS 9 DE MENAM

II

AS 6 DA TARDE MATOV ROMP
EO DESBARATOV E VENCEO O E
XERCITO CASTELHANO Q O MAR
QUES DE CARASSENA CAPITAO
GERAL DE ESTREMADVRA GOVE
RNAVA O QVAL DIXOV NA CAMPANHA
HVM GRANDE NVMARO DE PRIZIONEI
ROS E MVITOS CAROS TODA ARTELH
ARIA CARRVAGE E AVILLA VICOSA LI
VRE DO SITIO Q LHE TINHA POST°
ESTA MEMORIA FES P.A OS PREZEN
TES E VINDOVROS RENDEREM ABOS

III

GRAC E REZARAM PELAS ALMA
S DOS QVE SE ASHARAM E MOR
RERAO EM TAO NOTAVEL CONTENDA

«O povo ...só aspira ao futuro nas grandes calamidades, porque o passado é quasi sempre o seu ideal», escreveu Teófilo Braga na *Historia da Poesia Popular* (1). O povo de Santa Vitória do Ameixial, aldeia a pequena distância do padrão do Ameixial, é permanentemente sugestionado pelo

(1) 1867, pág. 5.

padrão a que também chama «cruzeiro». Havia de dar origem a um romance. A forma actual da xácara alentejana é a décima, em octosílabos. As décimas que motivam esta exposição, foram colhidas na aldeia de Santa Vitória. Celebram a vitória do Ameixial memorada no padrão. O poeta rústico, seu autor, era pastor naquela vasta e vaga charneca. Tinha fama nos arredores. Enquanto os outros faziam ou «bordavam» colheres de madeira ou chifre, a ponta aguda, êle fazia versos. Recitava-os meio cantados meio declamados em cantochão. Morreu ha duas dezenas de anos e é venerada a sua memória com os versos que improvisou, êsse descendente dos antigos *trovadores ó decidores*. Era Càleiro de nome. Deixou outras décimas, além das do padrão; o assunto delas era porém local e arrevezado a sucessos passionais, crimes ou factos congéneres.

São curiosas as interpretações que foi tirar dos factos comemorados no monumento. Serve de exemplo e estudo às modificações das trovas. O maravilhoso manifesta-se. Aparecem três pessoas de sangue real, porque o poeta trouxe à scena teatral que imaginou: D. Afonso VI de Portugal e D. Felipe IV de Espanha, juntando-os a D. João de Áustria, como Rei de Áustria, que trazia consigo seu filho (quatro pessoas reais, portanto, e não três como diz o poeta). Figurou o Rei português a falar às tropas, a prometer, caso vencesse, uma memória da batalha, que teria a coroa dêle no cimo, e a oferecer aos soldados medalhas de vencedores. Criou situações dramáticas, que foi acompanhando de comentários pezarosos, cheios de moralidade, coração e piedade. Não pôde furtar-se à narração das lástimas das batalhas, entrelaçando-as com as côres tristes da saudade e de heróica revolta contra a dura sorte dos soldados. Lá surge a soberania fatal do Destino, a Morte, que tudo verga; é o fado. E as décimas, narrativas vêm, irmãs do fado, emparceirar com êle, formas caducas de uma origem comum, apenas diferentes na côr local. Assim veio do causticante *fabliau* e da *gesta* heróica, a décima filosofante dos factos actuais.

Cada décima principia pelo último verso da anterior. É a deixa progressiva que as prende. A rima dispõe-se com simetria nas duas metades: rima o primeiro verso com o quarto e o quinto; o segundo e o terceiro emparelham; sexto, sétimo com o décimo; o oitavo com o nono. A primeira estrofe oferece influência da oratória sagrada.

1.º Padre, Filho e Espírito Santo,
Digo eu, para começar.
E começo a *filociar* (1).
Minha vista ao Céu levanto,
P'ra pedir a quem dá tanto,
Dê juízo e capacidade,
P'ra qu'minha moralidade
D'sempenhe a minha pessoa,
Olhando p'ra esta coroa,
Qu'aqui pôs Sua Majestade.

2.º Qu'aqui pôs Sua Majestade,
Em um dia santificado.
Que neste dia assinalado
Houve grande impiedade.
D'sapareceu a humanidade,
Apar'ceu a ambição.
Mesmo a santa religião
'Stá dizendo a todo instante:
Quem ofende o seu similhante,
Forma grande escuridão.

3.º Forma grande escuridão:
Os que em ser maus consideram,
Contas do que cá fizeram
Não se lembram que as darão.
Pois de as dar pertos estão,
Aqueles que as não tem dado.
Nem fidalgo nem morgado,
Que a sua riqueza prometa,
A morte em vindo não *respêta* (2),
Nem paisana, nem soldado.

4.º Nem paisana, nem soldado,
Nem alferes, nem capitão,
Nem médico, nem *surgião* (3),
Nem juíz, nem um letrado,

---

(1) Filanciar-filosofia.
(2) Pronúncia alentejana.
(3) Forma popular.

Nem o homem bem armado,
Seja lá com que armas fôr,
Nem gen'ral, nem g'vernador,
Nem c'ronel, nem brigadeiro,
Nem casado, nem solteiro,
Nem *vigairo*, nem prior (1).

5.º Nem vigairo, nem prior,
Nem bispo na sua igreja,
Resiste *indas* que seja
Com m'nistro e embaixador,
Com o Rei e *Imparador*.
Toma a mesma confiança,
Leva-os a mesma balança
Aonde leva o *pelengrino*,
Moço, velho e o menino,
Vivem na mesma esperança.

6.º Vivem na mesma esperança.
Semos igais no nascer
E *semos igais* no morrer;
Só no viver há mudança.
Pois quem não morre em criança,
Não cuide que sempre *veve*.
Com uma lembrança leve
E uma atenção natural,
P'ra esta *memoira* real
Diz o Càlêro que se deve.

7.º Diz o Càlêro que se deve
P'ra êste *pedrão* olhar,
E d'vemos de calcular
Tudo o qu'nele se percebe.
Que êle calcula e *m'nuscreve* (2)
C'mo êstes foram atacados.
Deus perdôe os seus pecados
A cantos aqui morreram.
Vês aqui o que sofreram
Os nossos antepassados.

---

(1) As palavras em itálico são formas populares.
(2) *M'nuscreve?*

8.º Os nossos antepassados
Da nossa *antiguedade*,
Vês aqui a crueldade
Com que foram castigados,
Caindo despedaçados,
Destruídos pelo chão.
Por essa mesma rezão,
Encanto o mundo durar,
Sempre se há de falar
Nesta *Serra do Padrão.*

9.º Nesta *Serra do Padrão*
Houve um grande *assassino* (1),
Que morreu gente sem tino
Naquela ocasião.
Ih! Jesus, que *afelição*
Tiveram daquela vez,
Caindo a cinco e a *sês!* (2)
Encanto de pé estiveram,
Muitos gritos se aqui deram
Em sêscentos s'tenta e três.

10.º Em sêscentos s'tenta e três,
No dia oito de Junho,
Morreu muita gente *a-punho* (3),
Neste lugar que aqui vês.
P'ssoas reais vieram três,
À-uma tomar despique.
E p'ra que esta *memoira* fique
Nas vistas de quem passeia,
O primeiro que se nomeia,
É de Castela Dom F'lipe.

11.º *Vêu* de Castela Dom F'lipe
Quarto e sua divisão,
E veio d'Áustria dom João
Com seu filho pôr-se a pique.

---

(1) «Assassino» por «assassínio».
(2) Pronúncia alentejana.
(3) A-punho, loc. adv. de quantidade: «como punhos», «às punhadas».

E não tenho mais qu' s'explique.
Isto é o que conta a *históira*
Na frente desta *memoira.*
Vêu o Rei dos Castelhanos,
Junto com dois Austrianos,
Todos três perder *vitóira.*

12.° Todos três perderam *vitóira,*
Armas e a sua riqueza,
Aonde *vêu* tôda a nobreza
Ganhar morte e perder, *glóira.*
Levaram co'a *palmatóira*
Do Conde de Vila-Flor,
Qu'êle era o Governador
Das armas de Portugal.
No campo do Ameixial
Acha-se êle por vencedor.

13.° Acha-se êle por vencedor,
Ganhando-lhe as art'lharias.
Vinham os outros há dois dias
Fugindo com seu temor.
Dom Afonso, El-rei Senhor,
Detrás os vinha seguindo.
Vinham d'Évora fugindo
Aqui p'ra esta fortaleza,
Cada vez com mais basteza
Castelhanos no chão caíndo.

14.° Castelhanos no chão caíndo
Sempre de continuamente,
Dom Afonso de contente
Com Dom Sancho estava rindo,
Cada vez mais oprimindo
A inconstante batalha.
Diz Afonso: «aqui trabalha
Hoje tudo a-ferro-frio,
Que no cabo do desafio
Cada um tem sua medalha.

15.° Cada um tem sua medalha,
Que à fôrça d'armas ganhamos,

Vamos a vêr se acabamos
Co'a raça desta canalha.
Que êles nem pólv'ra nem m'tralha
A tem já no seu poder;
E, se eu a c'roa não perder,
Antes da *v'tóira* ganhar,
Aqui prometo de a prantar,
P'ra tôda a gente a vêr.

16.º P'ra tôda a gente a vêr
A um *pedrão* servir de têsto (1).
A c'roa de Dom Afons' Sêsto
É esta, e há de dizer
Que êle aqui se *vêu* bater
Com duas nações estrangeiras (2).
— Com palavras verdadeiras,
O que faço, não desmancho. —
Em-companha-de (3) Dom Sancho
Vêu aqui ganhar bandeiras». —

17.º Vêu aqui ganhar bandeiras
No *assassino* (4) desta guerra.
Corria o sangue p'la terra
Como *auga* pelas beiras.
— Ó lente (5), peço que queiras
Esta gente socorrer,
Que vieram aqui morrer,
Gritando por Deus e Santos,
Que os gritos seriam tantos,
Que mais não poderiam ser.

---

(1) Têsto = Tampa de panela — cobertura ou cocuruto do «pedrão».

(2) Duas nações estrangeiras: recordar que a décima 11.ª que faz intervir na batalha os Espanhóes com Felipe IV e os Austrianos com D. João de Austria e o filho.

(3) Em-companha-de, loc. adv. alentejana, em-companhia-de.

(4) «Assassino» por «assassínio» como na décima 9.ª.

(5) «Ó lente», «ó tu que lês», forma do part. pres. (antiq.).

18.º Que mais não poderiam ser
Os gritos, ais e gemidos
D'aqueles que caíam f'ridos
Sem se poderem valer.
Que de pé s' não podiam ter:
Uns com pernas partidas
E outros com outras f'ridas,
E outros com braços *cobrados* (1),
Outros para além passados
Acabarem com as vidas.

19.º Acabarem com as vidas,
Nũa morte tão afrontosa,
Q' tiveram a mais custosa
De tôdas as escolhidas.
Nem pesadas, nem medidas
São estas *afelições.*
E nas nossas orações
A um Deus ònipotente,
Pedimos p'l'aquela gente,
Q'nós todos *semos irmões.*

20.º Q'nós todos *semos irmões,*
E da mesma terra *fêtos* (2),
Tanto os brancos como os pretos,
Os mouros como os *Cristões.*
São duros os corações,
Que passam por esta 'strada,
Que a *d'menos* (3) não rezam nada,
P'ra tanta morte que aqui foi.
Pedimos a Deus que p'rdôe
A esta gente d'sgraçada.

21.º Por esta gente d'sgraçada
Todos devemos pedir,
Porque pod'remos caír
Nos golpes da mesma 'spada.

---

(1) «Cobrados» — «quebrados».
(2) Pronúncia alentejana.
(3) «D'menos», «de menos», «ao menos».

Esta coisa consid'rada
C'mo foi e c'mo seria,
Af'lições que aqui hav'ria,
Morrendo c'mo passarinhos,
P'ra êles todos coitadinhos,
Muito triste foi o dia.

22.° Muito triste foi o dia,
E custoso, na verdade;
Tenhamos dêles piedade
Com uma *Ade*-maria.
Desgraçada mãe a que crie
Filhos p'ra dar a *El-Rê* (1).
Q'despois a morte lhe dê.
Nũa ocasião tão séria,
Metido em tanta miséria,
Coitado de quem se vê!

23.° Coitado de quem se vê
No mundo tão infeliz,
Òsente do seu país
D'baixo dos ferros d'*El-Rê*,
Q'não há mal neum que não dê
No triste pobre soldado.
Vê-se de bichos gafado,
E muitos dias não come,
Passa muita sêde e fome,
P'ra assim morrer desgraçado,

24.° P'ra assim morrer desgraçado,
Mais lhe valia morrer,
Acabado de nascer,
Depois de ser baptizado,
Do que vêr-se assim d'vorado
Do mais soberbo valente,
Desviado da sua gente,
E d'alguns amigos seus,
Sem poder dizer adeus
Ao mais chegado parente.

---

(1) Pronúncia alentejana.

25.° Ao mais chegado parente,
Que é sua mãe e seu pai
A *desgrácia* é de quem vai
Vêr-se co'a mort' na frente,
E vêr-se na hora temente,
Nas ânsias da morte m'tidos,
Porque ali se vêem perdidos
Das bandas os cadilhos (1).
Os pais perdem os filhos,
As casadas seus maridos.

26.° As casadas seus maridos,
As donzelas os mancebos,
Perdem os enlêvos
Do mundo mais conhecidos,
Os homens mais instruídos
Alí perdem seu saber.
Que, digo e tórno a dizer,
Alí não há filho p'r'ó pai,
A *desgrácia* é de quem vai
Ali àquel' lugar gemer.

27.° Ali àquel' lugar gemer,
Conforme acontece a *muntos*,
Não àqueles que são d'funtos,
Que morrem sem padecer;
Êsses morrem sem saber
Se a morte custa ou não;
Conforme caiem no chão,
Ali ficam quiètinhos,
Ali morrem coitadinhos,
Sem mexerem pé nem mão.

28.° Sem mecherem pé nem mão.
Entre meio de *muntos* mais,
Que gritam por mães e paes,
Que sabe Deus onde estão.
Os paes, que amorudos são,
Dizem: «meu filho não m'squece!

(1) «Das [duas] bandas os caudilhos»? — Dos dois bandos: castelhanos e austrianos.

Se eu acudir-lhe podésse!» —
Dizem todos os vizinhos:
— «Cá de longe coitadinhos,
E quem lá anda é que padece!» —

29.º Quem lá anda é que padece,
Perde todos os regalos,
Porque até os próprios cavalos
Ali dão o seu *arremesse* (1).
Ali tudo se estremece,
Naquêl' trabalho furioso.
Que só um Deus todo pod'roso
É que ali pode acudir.
Quem lá vai e torna a vir,
Pode-se dar por ditoso.

C) ORIGEM PENINSULAR DE UM ROMANCE PORTUGUÊS DA ÉPOCA DO DESCOBRIMENTO E DAS GRANDES NAVEGAÇÕES: "A NAO CATRINETA"

(Contribuição para o seu estudo)

I

Todos conhecem, tôda a gente portuguesa, do Norte ao Sul, conhece o romance, que vou estudar. — É a *Nao Catrineta*, [Doc. 1].

Que tem muito que contar!

Decomponhâmo-lo nos seus elementos essenciais.

1.º — *a nao:* — andava no mar, «passava mais de ano e dia»; ou havia «sete anos e um dia»; ou, ainda, «muito tempo era passado»; — consoante à versão recolhida.

Tomado metonìmicamente o conteúdo pelo continente, depois de o romance se referir à nao, passa imediatamente a referir-se aos navegantes, nela contidos:

Lá vem a nao Catrineta,
Que tem muito que contar!
. . . . . .

Passava mais de ano e dia
Que iam na volta do mar.
. . . . . .

(1) «Arremesse», — «arremêço».

2.º — *a fome:* — não tinham que comer, os pobres perdidos no mar. Deitaram de môlho a sola, que houveram. A sola, porém, era dura, sortearam entre si quem deveria morrer, para que os outros, famintos à última, o devorassem. Cai a sorte no próprio Capitão-General.

Deitam sortes à ventura,
Qual se havia de matar;
Logo foi caír a sorte
No capitão-general.

3.º — *o regresso:* — o romance o diz: «*iam na volta do mar*». E, mais adeante, o capitão-general pede ao gageiro:

«Sobe, sobe, marujinho,
Àquele mastro real:
Vê se vês *terras de Espanha,*
As praias de Portugal».

«Acima, acima, gageiro,
Acima, ao tope real!
Olha se enxergas Espanha,
Areias de Portugal».

. . . . . .

Pede alvíçaras, por fim, o gageiro, porque «vê terras de Espanha, *Areias de Portugal*». Terras de Espanha tudo indica, por mais lógico, sejam Terras da Hispania, e nestas as areias de Portugal. Note-se que o gageiro anuncia terras de Espanha, areias de Portugal, e três meninas que o capitão diz serem suas filhas.

E à noite a nao Catrineta
Estava *em terra a varar.*

4.º — *o diálogo* entre o capitão-general, na perspectiva de ser devorado e o gageiro; aquêle, com a pressa de chegar a terra e salvar-se; êste, a não vêr terras, depois, a tentá-lo a êle na disputa das alvíçaras:

Capitão, quero a tua alma,
Para commigo a levar.

II

Examinemos agora cada uma destas partes. Em uma das versões conta-se por sete anos o tempo que a nao andou perdida: é a superstição do número sete, que por muito vulgar se reflecte aqui.

Surge o nome da nao.

Os nomes das naos e galeões eram de invocação religiosa. Ainda hoje assim é para os barcos de pesca. E acompanhavam a invocação as imagens correspondentes, como também ainda hoje correntemente o exige a religiosidade congénita e ambiente da gente do mar. As invocações mais vulgares ou mais compreensivas familiarizavam-se: a nao de «Nossa Senhora da Conceição» passava assim na linguagem comum e afectiva a ser a nao Conceição. (*Relaçam do lastimoso naufragio da nao Conceiçam, chamada «Algaravia Nova»*. Lisboa, Oficina de Afonso Álvares. — *Memoravel relaçam da perda da nao «Conceiçam»*, por Joam Carvalho Mascarenhas, Lisboa, 1627. — *Naufragio da nao Conceiçam* de que era capitão Francisco Nobre, 1555; etc.). Ora «Conceição» é aqui derivado do nome original e completo «Nossa Senhora da Conceição». O mesmo se terá dado com as naos de nome «Graça», abrev. de «Nossa Senhora da Graça», tão venerada dos mareantes de Lisboa, e com as de nome «Sacramento», abrev. evidente de «Santíssimo Sacramento» (*Relaçam do naufragio que fizeram as naos Sacramento e Nossa Senhora da Atalaia*, por Francisco Vaz Dalmada, Lisboa, 1625).

Uma nao «Santa Catarina» ou, na forma popular, Santa Catrina, e com outras formas da mesma família, como o mostrou o D.or Leite de Vasconcellos na sua *Antroponímia Portuguesa* (pág. 513) e o indicou em êste esquema:

Cat[h]arina	Cat[h]alina	Cat[h]elina Cat[h]alinha
	Cat[h]erina	Cat[h]rina

(onde eu ponho o *h* que não está no original, e acrescento por clareza e comparação com o original do romance e da ortografia antiga: Nao Cathrineta): — uma nao «Santa Catarina» teria tomado por simplificação o nome de «Catarina», «Catrina». Consoante supõe Almeida Garrett, êste nome daria o deminutivo *Catrineta:* «de airosa mastreação, pelo talhe elegante do seu casco, por alguma dessas qualidades graciosas que tanto apprecia o olho exercitado e fino da gente do mar»; «ou talvez é o nome supposto de um navio bem conhecido, por outro, que o discreto menestrel quiz occultar por considerações pessoaes e respeitos humanos», — assim escreveu Garrett no II volume do *Romanceiro* (pág. 55).

Corresponderá pois o nome ao navio do romance?

Corre ainda em Espanha o *Romance de Santa Catarina* (Doc. 4 e 5). Ora o assunto dêste romance anda cruzado com outro de assunto marítimo, em que há uma scena de tentação, como a do gageiro e do capitão-general da «Nao Catrineta». (Doc. 2 e 3).

Folheando a *História Tràgico-Marítima*, deparamos com o *Naufragio* de Jorge de Albuquerque Coelho. Êste vinha do Brasil. Os trabalhos a que a nao foi submetida, são assim contados: ...«Assim iamos seguindo nossa viagem para onde o *mar e vento nos queriam levar*, gastando todo o tempo em orações e em dar à bomba... Não *sabemos onde estamos, nem para onde caminhamos*, porque de nenhuma couza destas temos certeza: e o peior de tudo é que *não temos em toda a nao couza com que nos possamos sustentar*, pois o mantimento é acabado.»... «São couzas contra as quaes não val força do corpo nem esforço de animo, que são, fome, furia do mar, nao rota, e sem apparelho, e não saber caminho, nem carreira».

A fome atormenta. E o capitão invoca a Virgem, para suavizar os pesares e dar alentos de esperança; diz aos seus homens: ...«tendo nós por advogada e intercessora a Santissima Virgem Maria Nossa Senhora Rainha dos Anjos, por cuja intercessão, rogos e merecimentos eu espero e confio que nos havemos de ver fora de tamanho perigo: e torno-vos a dizer que não havemos de ir a qualquer terra, senão que pela intercessão da Virgem Nossa Senhora havemos de ir ter a Lisboa, para que nossa chegada em salvo faça notorios os milagres que por nós obrou».

Esta nao vinha perdida, do Brasil para Lisboa. Demandava, pois, o pôrto de Lisboa. Havia fome. Ora, no romance da «Nao Catrineta», há o prenúncio de uma scena de canibalismo. Vamos encontrar uma prova neste naufrágio ou melhor nesta tormentosa viagem da nao de Jorge de Albuquerque Coelho, narrada por Bento Teixeira Pinto, que nela teve parte.

Morria-se de fome a-bordo. Foram da tripulação pedir ao comandante que lhes deixasse comer os mortos. «Bem via os que morriam, — reclamavam os comissionados, segundo a narrativa, — e acabavam de pura fome, e os que estavam vivos não tinham couza de que se sustentar; e que pois assim era *lhe desse licença para comerem os que morriam*, pois elles vivos não tinham outra couza de que se manter».

Êle respondeu que tal não consentiria, enquanto fôsse vivo.

Quem duvida que, nesta ou outra viagem semelhante nos transes da fome sem lenitivo, tivesse havido alguém que lançasse a idea de deitar sortes sôbre quem condenassem à morte para alimento dos outros? E quem duvida que entre os famintos houvesse assentimento? E não poderia ser acintoso que o escolhido fôsse o comandante, o capitão, o penhor da disciplina e o acusado das desgraças, o grande ali dentro, o maior de todos, que era preciso cegamente eliminar? Neste caso, as «sortes à ventura» seriam burla trágica! Quantos exemplos destas revoltas em gente de alma abatida, entregue à rudeza dos instintos, e convencida do irremediável!

Esta tentação, nos homens da nao, era «obra do perverso inimigo»; havia ali os «conselhos diabolicos»; o demónio os punha em tamanho desatino. E êles não se podiam levantar com a fome, e andando ainda uma hora à bomba.

E o milagre da chegada a Lisboa, o anjo que recebe o Capitão nos braços, o triunfo sôbre o demónio, o gageiro,

[Acalmaram vento e mar]

onde encontrar scena que se assemelhe? Ainda a poderemos ver nesta mesma descrição de Teixeira Pinto. Milagrosamente, encontram-se os da nao «entre a Berlengas e a Roca de Cintra, diante de Nossa Senhora da Pena», que viram ao meio dia, quando se levantou o nevoeiro do mar. Olhavam a serra e os monumentos de Sintra sem os reconhecer. E, à tarde, aportaram em Belêm.

E à noite a nao Catrineta
Estava em terra a varar.

III

Há três elementos de reconstituição do romance, no estudo da sua origem:

a) A viagem de regresso de uma nao;
b) O incidente demoníaco;
c) O romance cruzado de Santa Catarina.

a) O primeiro elemento é português. Vimos que a gesta do romance condiz com o assunto narrado por Teixeira Pinto, referido a uma nao, de regresso, «à volta do mar», a Lisboa (para o caso presente, pouco importa que viesse do Brasil ou da India). O episódio desta é apenas uma prova dos tormentos das navegações. Esta narrativa da *História Tràgico-marítima* é posterior a 1565, ano em que o caso se deu. Não quere dizer que fôsse esta nao a do romance, nem que êste possa ser anterior a esta data; justifica-se a origem, e limita-se a data.

b) O segundo elemento é peninsular. O ciclo demoníaco penetra a lírica popular. A tentação do Diabo anda nos cancioneiros e nas Gestas e nas Linhagens da Idade-Média. A *Dama Pé-de-Cabra*, que Alexandre Herculano descreveu nas *Lendas e Narrativas* (1), é romance de jogral do século XI, e dêste ciclo demoníaco.

c) O terceiro elemento é actualmente espanhol: o *romance de Santa Catalina*. Neste romance ha cruzamento de dois romances diferentes: 1.º — *El marinero del agua*, que cai à agua e, a quem, pedindo êle soccorro, aparece o demónio a reclamar-lhe a entrega da alma em-troca-do favor de salvar o náufrago, que o recusa; 2.º — *Santa Catalina*, narrativa do ciclo mourisco: Catalina uma zagala, filha de rei mouro e de mãe renegada, e a quem o pai castiga todos os dias por ser cristã. O rei mouro manda preparar uma roda de navalhas para martirizar a filha, e, quando tudo estava pronto, aparece um anjo com coroa e palma, e chama a Virgem mártir para o Ceu; neste momento, liga-se êste romance com o antecedente.

O romance de Santa Catarina teria sido conhecido em Portugal. O conhecimento, que o menestrel da «Nao Catrineta» tinha dêste romance e do sucesso de uma ou outra scena como a do canibalismo da nao de Jorge de Albuquerque Coelho, cruzaria as gestas e daria origem ao único romance português integral da época dos Descobrimentos e das grandes navegações.

O nome provirá talvez: 1.º — Da associação de nome entre o romance de Santa Catarina e o nome da nao visada, ou apenas da associação de assunto; 2.º — Da vulgarização do

(1) Ed. de Lisboa, 1884, II vol. págs. 7-51.

romance, do que adviria a familiaridade do deminutivo, se é que na corrente popular de então o romance não daria já o deminutivo à Santa em alguma das suas invocações.

Estas «chispas de oro de viejos romances», de que fala Menêndez Pidal *(Poesia Popular)*, tem inspiração lusitana, o lusitanismo do sentimento do amor e da saüdade. Quando o gageiro diz ao capitão-general da Nao Catrineta que vê «três meninas,/debaixo de um laranjal:/uma sentada a coser,/outra na roca a fiar,/a mais formosa de tôdas/está no meio a chorar/», o capitão comove-se, e diz com enlêvo:

Tôdas três são minhas filhas, A mais formosa de tôdas
Oh! quem m'as dera abraçar! Contigo a hei de casar.

Como português, o capitão oferece por alviçaras ao gageiro a beleza da sua filha, supondo sentir nele todo o amoroso da raça; e o Demónio é bem um Diabo português, evocando ao luso e ao pai a beleza feminina, no ambiente belo do laranjal.

Para comparação das variantes mais de notar no pormenor do romance português, acompanham em mapa a forma colhida e publicada por Garrett aquelas que, ou na distribuïção corográfica ou na modificação mais ou menos profunda (em pormenor mais ou menos extensamente desenvolvido, mais ou menos reduzido), alguma importância maior tem na acção e sua compreensão. (Doc. 1).

Seguem-se duas variantes do romance castelhano *El marinero del agua*, uma de Menendez Pelayo publicada na *Antologia de poetas liricos castellanos*, outra colhida pelo P. Martín Alonso em Aranjuez (Madrid). Compare-se a tentação do demónio ao marinheiro que caíu à água, com a tentação do capitão general, da Nau Cathrineta. (Doc. 2 e 3).

Por fim sirvam duas versões do romance de *Santa Catalina*, uma de Oña (Burgos), outra de Osuna, para com elas se comparar a acção e provável influência antroponímica no nome da nau portuguesa do romance que deu origem a estas notas de contribuição para o seu estudo.

Doc. 1 — O romance da Nau Cathrineta

Lá vem a nau Cathrineta,	Ora da nau Cathrineta		=
Que tem muito que contar!	D'ella vos quero contar.		=
Ouvide, agora, senhores,	=	Estremadura	Escutai, se quereis ouvir
Uma historia de pasmar.	=		=
Passava mais de anno e dia	Sete annos e um dia		Muito tempo era passado
Que iam na volta do mar,	=	Minho	=
Já não tinham que comer,	=		=
Já não tinham que manjar.	=		=
Deitaram sola de môlho	=		=
Para o outro dia jantar;	=		=
Mas a sola era tão rija	Mas a sola era tão dura		=
Que a não podiam tragar.	Que a não podiam rilhar.		=
Deitaram sortes à ventura,	=	Minho	Quem haviam de matar.
Qual se havia de matar;	=		=
Logo foi cahir a sorte	=		=
No capitão general!	=		=
			=
— «Sobe, sobe, marujinho,	=		=
Àquelle mastro real,	Àquelle tope real		=
Vê se vês terras de Hespanha,	=	Lisboa	=
As praias de Portugal».—	=		Ou praias de Portugal.
— «Não vejo terras de Hespanha,	=		=
Nem areias de Portugal,	=		=
Vejo sete espadas nuas,	=		=
Que estão para te matar».—	Tôdas para te matar.	Estremadura	=

— «Acima, acima, gageiro,	=	=
Acima ao tope real!	=	Alcança o tope real.
Olha se enxergas Hespanha,	Vê se vês terras de Hespanha,	Arriba, arriba, gageiro,
Areias de Portugal». —	As praias de Portugal.	=
— «Alviçaras, capitão,	=	=
Meu capitão general!	=	=
Já vejo terras de Hespanha,	=	=
Areias de Portugal.	=	E as praias de Portugal
Mais enxergo três meninas,	Também vejo três meninas	.....três donzelas.
Debaixo de um laranjal:	= Lisboa	= Estremadura
Uma sentada a coser,	=	=
Outra na roca a fiar,	=	=
A mais formosa de tôdas	=	=
Está no meio a chorar». —	=	=
— «Tôdas três são minhas filhas,	=	=
Oh! quem mas dera abraçar!	=	=
A mais formosa de tôdas	=	=
Contigo a hei de casar». —	=	=
— «A vossa filha não quero,	=	=
Que vos custou a criar». —	=	=
— «Dar-te hei tanto dinheiro	=	=
Que o nao possas contar». —	=	=
— «Não quero o vosso dinheiro,	=	=
Que vos custou a ganhar». —	=	=
— «Dou-te o meu cavalo branco,	=	=
Que nunca houve outro igual». —	Para nelle campear.	Sempre prompto a galopar.

— «Guardae o vosso cavallo,	=	=
Que vos custou a ensinar». —	=	=
— «Dar-te hei a Nau Cathrineta,	— «Que queres tu, meu gageiro?	Quero tua nau Cathrineta
Para nella navegar». —	Que alviçaras te hei de dar?» —	=
— «Não quero a nau Cathrineta,	— «Eu quero a nau Cathrineta,	=
Que a não sei governar». —	Para nella navegar». —	=
— «Que queres tu, meu gageiro?	— «A nau Cathrineta	=
Que alviçaras te hei de dar?» —	É d'el-rei de Portugal,	=
— «Capitão, quero a tua alma,	Mas ou eu não sou quem sou,	Pede-a tu a el-rei, gageiro
Para commigo a levar». —	Ou el-rei t'a hade dar». —	Que t'a não pode negar.
— «Renego de ti, demónio,	=	=
Que me estavas a attentar!	=	=
A minha alma é só de Deus;	=	=
O corpo dou eu ao mar». —	O meu corpo é para o mar.	=
Tomou-o um anjo nos braços,	=	=
Não n'o deixou afogar.	=	=
Deu um estouro o demónio,	=	=
Acalmaram vento e mar;	=	=
E à noute a nau Cathrineta	=	=
Estava em terra varar.	=	=

(1) Garrett, *Romanceiro*, II, 57-59. Pedro Fernandes Thomaz, *Velhas Canções e Romances Populares Portugueses*, Coimbra, 1913, ed. cit.

Doc. 2 — El marinero del agua

Versão da «Antologia de poetas liricos castellanos» de Menendez y Pelayo. (X, pág. 57)

Mañanita de San Juan
cayó un marinero al agua.
— Que me dás marinerito
porque te saque del agua?
— Doyte todos mis navios
cargados d'oro y de plata
y además mi mujer
para que sea tu esclava.
— Yo no quiero tu navíos
ni tu oro ni tu plata,
quiero que cuando te mueras
a mi me entregues el alma.
— El alma la entrego a Dios
y el corpo a la mar salada.
¡Valgame Nuestra Señora,
Nuestra Señora me valga! (1)

Doc. 3 — El marinero del agua

Versão de Aranjuez (Madride)

A las dos de la mañana,
apenas el sol rayaba,
daba voces um marino
que le sacasen del agua.
Se le apareció el demonio
desde la peña más alta.
— Que me dás marinerito
si yo te saco del agua?
— Yo te doy mis cién navíos
y mi oro y mi plata.
— No quiero tus cién navíos
ni tu oro, ni tu plata,
quiero que cuando mueras
a mí me entregues el alma.
— El alma no puede ser
que a Diós la tiengo entregada.
Mi cuerpo para los peces
pa que coman carne humana,

(1) P. Martín Alonso, in *Estudios*, Buenos-Aires, «Las coplas de la infancia». Tômo XLIV. Año XX, n.º 246, Dezembro de 1931, pág. 328, nota 19.

mis huesos para la Iglesia
pa badajo de campana,
mi pellejo para el cura
pa que se haga una sotana,
mis dientes para mi abuela
pa que masque las castañas;
mi alma doy a la Virgen
pa que vaya asegurada.
Y aqui se acabó la historia
del marinero del agua [1].

Doc. 4 — Romance de Santa Catalina

Versão de Oña (Burgos)

En Burgos hay una niña
Que Catalina se llama.
Todos los dias de fiesta,
Su padre la castigaba,
Porque no queria hacer
Lo que su madre mandaba.
Le mandó hacer una rueda
De cuchillos y navajas.
La rueda ya estaba hecha
Y la Santa preparada.
Ya baja un ángel del cielo
Com su corona y su palma:
— Sube, sube, Catalina,
Que el Rey del cielo te llama. —
— Que me querrá el Rey del cielo
Que tan aprisa me llama?
— Que te subas a la gloria
Que ya la tienes guardada,
Al subir las escaleras
Al marinero le habla:
— Qué me dás, marinerito,
Porque te saque del agua?
— Yo te doy mis tres navíos,
Cargados de oro y de plata.

---

(1) P. Martín Alonso, Id., págs. 328-329.

— Yo no quiero tus navíos,
Ni tu oro ni tu plata;
Quiero que, cuando mueras,
A mi me entregues el alma.
— Mi alma la entrego a Dios
Y a la Virgem soberana.
Mi cuerpo doy a los peces
Y a las anguilas del agua;
Las uñas a un guitarrista,
Pa que toque la guitarra,
Mis huesos al campanero
Pa que toque las campanas,
Los dientes para las viejas
Pa que ronchen las castañas,
El pellejo para el cura
Pa que se haga una sotana (1).

Doc. 5 — Romance de Santa Catalina

Versão de Osuna (de Rodríguez Marín)

Por las barandas del cielo
Se pasea una zagala,
Vestida de azul y blanco,
Que Catalina se llama.
Su padre era un rey moro.
Su madre una renegada.
Todos los dias que amanece,
Su padre la castigaba:
— No me castigue usted padre,
Que com Cristo estoy casada.
Mandó hacer una rueda
De cuchillos y navajas.
Estando la rueda en punto
Um marinero bogaba.
— Que me dás marinerito,
Y te saco de estas aguas? (2)
. . . . . .

LUÍS CHAVES.

(1) Id., in *Estudios*, n.os 242-243, Agôsto de 1931, pág. 348.
(2) Id., n.º 242, pág. 342, nota 24.

Glossario dos Arcos de Valdevêz

(Continuação da *Revista Lusitana*, vol. XXVI, pags. 281-297)

---

taburno — Pano de taboado de forro que cobre a mó, para não cair pó ou lixo na farinha. Dá-se tambem este nome á tribuna da capela mór.

tachar — v. t. Pôr, pregar tachas, brochas, nos tamancos.

tachas — s. f. Incisivos grandes, desmarcados.

tacheiro — s. m. Homem que fabrica tachas.

tachola — s. f. Tacha pequena; dentes salientes e grandes.

tafear — Estar com grande medo de alguma coisa. De *tafe-tafe* (q. v. no *Novo Dicionario*). (C. B.)

Ha tambem *trafear*.

tafelear — O mesmo que *tafear*. (Soajo). (C. B.)

talha — s. f. Dez medidas; *dez razas* de milho é uma talha; *dez cabaços* de vinho é uma talha. Quando os rendeiros vão pagar a pensão e medir o cereal, depois de contarem dez razas ou alqueires, dizem: *talha prumeira!* e começam outra serie de dez, ao fim das quaes gritam: *duas talhas* e assim por deante.

tamancas — s. f. Pedras maiores ou menores com que os pedreiros calçam e onde apoiam as pedras de cantaria que estão a *panear*.

tambariço — Quantidade de *tambo* (q. v. infra). (Soajo-Varzea). (C. B.)

tambo — As sarugas, cascas e cisco que cáem do centeio quando se ergue ao vento. (Soajo-Varzea). Cfr. *tamo*, infra. (C. B.)

tamo — Além da significação de *tambo* (supra), com a qual esta palavra é conhecida em varias partes do concelho, tambem em Sabadim a ouvi aplicada ao deposito deixado por um liquido — vinho, vinagre, azeite, etc. — no fundo da garrafa ou vaso em que estiver. Veja tambem a palavra *moiña* na *Rev. Lusitana*, VII, 219. (C. B.)

tanganho — O cadêlo do moinho (Pias, Monção). (C. B.)

«Pequeno pau perpendicular a uma peça de taboado ou forro, formando dois angulos rectos e que roça na mó, bulindo por meio da peça de que é perpendicular, no adelhão para cair o grão no olhal da mó».

* **tangle-mangle** — Coxeando (*Rev. Lus.* V. pag. 80).

tanho — *Stá gordo cum'um tanho,* diz-se das pessoas em comparação com o *tanho,* que não conheço.

tantage — s. f. Tanchagem. Nome de uma erva a que se attribue acção nas gengivas. Recolhi-a no concelho de Braga. É planta lanceolada, que se chama lingua de ovelha ou tanchagem. Vide *Gazeta das Aldeias,* n.º 103 — 3.º anno, 1898, pag. 28.

tapadoura — Qualquer coisa que serve para tapar; tábua de correr com que se fecha o postigo nos canastros.

tapage (do forno) — Massa composta de cinza e bosta, com que se vedam as juntas da porta do forno.

tape-tape — loc. adv. *Agua de tape-tape;* denominação da agua de rega quando cada pôça ou poçada d'ella pertence a quem primeiro a dirigir á sua terra e assistir ao seu esgoto.

tapume — De uma teia é a parte já tecida. A que vem a correr chama-se *ordume.*

tarabéla — Bicha amarela que ataca a planta do milho (Soajo). Depois de ter colhido este termo, já o vi empregado no jornalzinho *O Lavrador,* do Porto. (C. B.)

taramela — s. f. Ventoinha ruidosa para espantar passaros. É constituida por uma helice de madeira de duas pás apenas, a cujo veio se prendem duas balas pela extremidade de 2 pequenos fios. Por efeito da rotação do veio, estas balas chocam numa cabaça e produzem um ruido de tambor.

taramêlo — s. m. Doença na boca de alguns animaes, especialmente os porcos, e que os não deixa comer, nem beber. Por semelhança, de alguem que não come quasi nada e anda enfastiado, diz-se: «tem taramêlo». (C. B.)

tardo — s. m. A explicação popular é que o tardo ou pesadelo é um diabo feito gato que vem fazer peso no corpo da pessoa que dorme.

tarear — Tentear ou ensaiar a collocação de um objecto na sua posição devida, ou relativamente ao seu equilibrio. «Calcular mentalmente». (G. V.)

targa — s. f. A asa da corda do carro; as da sôga de *ensogar* os bois e a do tamoeiro; o ponto onde se prende a estremidade do arrieiro oposta á da cruz, no moinho.

Vid. *Tasga.*

taroucos — Tamancos grandes e mal cavacados. (C. B.)

Em Lisboa ouve-se: *tairócos.*

tarreste e **tarresto** — adj. (terrestre), rasteiro, baixo, rente á terra. Tambem é nome locativo de algumas terras ou sitios «quando nelles ha ou houve carvalhos rasteiros». (G. V.)

tarrouça — s. m. Raizame de planta com terra adherente; touça. Tambem se ouve *tarrouceiro* e *tarrouceira*.

tartério — Palavriado, conversa. «*Não dá tartério*», i, é, não responde ao que se lhe diz, conserva-se em silencio, não dá rumor de si. (C. B.)

tarugar — Pôr ou lançar tarugos.

tarugo *(talugo)* — s. m. Travessa estreita de madeira nas vidraças, pinazio. Pequeno barrote transversal a outros mais longos.

tasga — Laçada na extremidade da corda do carro (Gavieira, Soajo, Sistélo). Em Vilarinho de Ermêlo ouvi-lhe chamar *targa*. (C. B.) Vid. *Arrieiro*.

tato — Gago, tatibitate. (C. B.)

téculas — Peça do engenho do linho.

teçume — s. m. A urdidura dos cestos, formada das *costellas;* urdidura das tecedeiras.

teio — Doença do gado bovino e vacum, especie de gõta. (C. B.)

teiró — Odio, aversão.

teixugueira — Toca onde se esconde o teixugo, o coelho, etc.

tempada — s. f. Periodo indeterminado do tempo.

tempéra — s. f. Têmpera do aço ou qualquer outra; concerto ou arranjo. «*Tempéra* de *temperar*, como *espéra* de *esperar*». (C. B.)

temp'ranças e **temp'rancinhas** — s. f. Chuvas beneficas na primavera ou nov erão. «Creio que vem de *temperar*, como *esperança* de esperar. Moderam a secura das terras, suavizam os calores estivaes». (C. B.)

temp'rar — v. t. Arranjar, concertar. *Ora bá, que num temprou mal!*

temp'rar-se — Arranjar-se, governar-se cada qual. *F. tempera-se bem:* tem meios sufficientes para viver desafogadamente. (C. B.)

temp'ras — O mesmo que *remessas* ou *arremessas* neste glossario: prognostico do tempo segundo o lado de que fica o vento á meia noite de 24 para 25 de Dezembro. «*Deve-se vêr de que lado ficam as temp'ras*». (C. B.)

tempreiros — Peças do engenho de serra e do tear.

temp'rilho — Concerto, arranjo. (C. B.)

tendões — As *candeias* ou inflorescencia dos castanheiros.

tenir *(tinir?)* — Sem dinheiro. *Andar a tenir...*

tenreira — *Váca tenreira:* que pariu ha pouco. Ainda usado pelas Inquirições.

tentenico e **toutenico** — Fedelho, creança enfezada, magra. (C. B.)

terminos (im) — Em termos de, a ponto de... *Bi-me im términos d'ir parar ó rio. Conhecer os términos d'alguem?*

terreiro-a — adj. *Casa terreira* diz-se e lê-se em antigas demarcações (casa terrea).

terrica — s. f. (Terminologia infantil) castigo corporal.

terricar — Teimar, disputando. «Certamente por *turricar*, frequentativo de *turrar*». (C. B.)

terrilhar — O mesmo que *terricar*. (C. B.)

terrilhas — s. m. O que está sempre a terrilhar. (C. B.)

testeiros — Peças do engenho de serra; do canastro de *vergasta*, da grade e da própria serra.

testeludo (e ás vezes *testaludo*) — Teimoso, cabeçudo. (C. B.)

testinhos — Duas peças de madeira em que pelos fuzis está presa a serra de Leiria. São as que formam os lados menores do paralelogramo, cuja linha mediana é formada pela serra.

tétlo — Lugar ou posição opposta a *estro;* é a parte superior. Talvez por *tecto*. «Julgo que está em vêz de *tétro*, isto é, *técto* com epentese de *r*. Cfr. mastro, longro, Albertlo. Vid. *Clis*». (C. B.)

têto ou **této** — Cada uma das têtas por onde se extrae o leite da vaca e da cabra. (C. B.) Tambem gômo da laranja, do limão, etc.

tiása ou **tiésa** — Nervura, nervo ou tendão na carne. (C. B.)

tibalhão, — ôna — ou,

tibão, — ôna — Pessoa que não faz serviço limpo, que çuja tudo, que entorna a comida pela mesa, pelo fato, etc. (C. B.)

tibar — v. t. Misturar agua quente com fria.

tição — *Pedra de tição;* expressão usada pelos pedreiros na construção de paredes para significar as pedras colocadas através da espessura daquelas.

tiesgas — s. f. Farpas ou lascas de madeira que se produzem no interior do golpe quando se fende violentamente um pedaço de madeira ou tronco.

tijela — Nas nossas casas da provincia ha uma ratoeira economica a que se chama *a tijela*, que consta de uma vul-

gar tijela de barro vidrado, que se deixa de noite com o fundo para o ar e por um bordo descança sobre um bogalho. Este é espetado na extremidade de um pequeno páu, prendendo-se na outra uma isca qualquer, pão, carne, etc., de modo que esta fique debaixo da tijela. Se o rato é grande, zomba do peso da armadilha, arrastando-a.

tijouras *(tesouras)* — s. m. Nome que tambem se dá aos alfaiates; conhecido insecto.

timbroso — adj. Pundonoroso.

tinjeira — O mesmo que *càjeira* (Soajo). (C. B.)

tinto — s. m. Certa porção de urdidura d'uma teia, correspondente a uma ida e uma volta da pessoa que urde. Chama-se *tinto* por causa de se marcar ou tingir com uma tinta qualquer, o çumo d'uma herva, por ex.; os pontos onde acaba uma e começa outra d'essas medidas. A estas marcas chamam *sinaes* noutras partes. (V. *Portugalia*, loc. cit.). Tambem se chama *tinto* a 7 varas de panno tecido. (C. B.)

tiorga — s. f. Bebida repugnante, estragada, como vinho toldado.

tirantes — Nas azenhas são 4 prumos ou barrotes verticaes em que se apoia a adelha. No carrinho do arado é a peça de pau por onde o gado o puxa. *Jugueiros* mais curtos para atravessar nas latas por cima dos jugueiros.

tira-puxas — Teimas, altercações, em que cada um puxa para seu lado e se não quer dar por vencido. (C. B.)

titiritaina — Voz do jogo dos pinhões; é uma mão fechada e cheia de pinhões que podem ser *pares* ou *nunes*.

tirar de linha — Alinhar obras em linhas rectas para serrar. «Desempená-las á enxó». (G. V.) Termo de carpinteiro.

toado, participio de **toar** — *Andar toado*, dizer-se, correr de bocca em bocca. *Isso andou muito toado.*

tôco — s. m. Côto de vela.

tojeiro — Um pé de tojo.

tójo (não *ó*) — Vid. *Arnal* e *Arranha-lobos*.

tola *(d'agua)* — s. f. Disposição num rego que serve para mudar a direcção á agua por meio de adufas, ou por simples basculhos ou torrões; a porção d'agua que corre pelo rego com referencia ao facto de provir da distribuição. Tambem se diz *atóla*.

tolineiro — Estroina.

tomada e **tapada** — s. f. É hoje nome locativo, mas designa terreno *tomado* de novo por balisas ou marcas para arrotear; divisão territorial muitas vezes no maninho. «Préga, refêgo ou fêsto feito num vestido para o tornar mais curto ou apertado».

tombeiro — Sapateiro reles que deita tombas e pouco mais.

tomentêlo — Tremontêlo. (C. B.)

tônha ou **tónha** — A urze branca ou *albaria* (alvar); a sua raiz para fazer carvão. «*Carvão de tonha*» é pois o mesmo que *carvão albario*. (C. B.)

tonho — adj. Estupido, bronco, tapado, imbecil. (C. B.)

tonilhos — Tretas, lerias, para enganar. (G. V.)

topão — Vid. *Topeia*.

tópe — s. m. Parte plana que se deixa nos caminhos de encosta, para dar uma certa folga ao gado e permittir-lhe que arranque melhor o carro.

topeia — Centopeia. Ouvi este termo num ensalmo de cortar a peçonha.

topejar — (Termo de carpinteiro). Aplainar os topos de uma tábua, fasquia, etc.

topenear — V. intransitivo. Cabecear com somno.

topetar — Tirar o *topête* com a enxada. (C. B.)

topête — Bocado de terra que se mordica com a enxada, para depois poder enterrar esta mais fundo. (C. B.)

torga *(Carvão de)* — Urze, de flor vermelha, de que se faz carvão.

torgainho — Urze moura (Cabreiro). (C. B.)

torgalho *(trogalho)* — Cordel, verga ou tira de cabedal que se enrola e ata ao gargalo da cabaça do vinho.

torgos — As raizes da urze ou torga, de que se faz o carvão. (C. B.)

torna — s. f. Pedaço de terra, ou de agua de réga. «*Torna* é a porção do campo limitada por 2 regos em sentido transversal; as tornas subdividem-se em *leiras* por meio de outros regos mais unidos e que incidem obliquamente sobre os primeiros». (G. V.)

tornar — V. transitivo. *(Tornar o gado)*. Desvia-lo, apartá-lo, encaminho-lo para outro lado.

tornilho — Estorninho. (C. B.)

tórno — Qualquer pequeno páu saliente, accessorio de objecto maior; cavilha ou prego de páu sem cabêça; pollegar da vinha. No plural *tórnos* são peças do carro de bois. Tendo cabêça é *tornel*; v. g. nas dobradiças.

torteirada — Pancada com torteiro.

torteiro — s. m. Parte da verga aonde se dá o nó; qualquer vara torta imitante.

tortilha — Ovos fritos com rodelas de chouriço. Tambem chamam a isto *tachada*.

tóste — s. m. Tábua que serve de assento a meio de um banco.

touba — s. f. Tóca, buraco subterraneo, caverna. *Touba de ladrões.*

toubar — Rebentar de cheio. (B. G.)

tounha — Outra variante de *tônha* e *tónha*, raiz da urze (Lordêlo de Cabreiro). (C. B.)

toupa — s. f. Toupeira. Afecção cutanea com tumores. *Cortar a toupa.*

toupar — v. l. Rebentar de cheio; abarrotar. Talvez *stoupar.*

toupeiro — Peixe menor que o esqualo (escalo) e de barbatanas vermelhas, no Minho.

toureira (vaca) — *bòieira*, com cio (Gavieira). (C. B.)

toupo — s. m. Toupeira-macha. Entra no ensalmo da toupa.

tousso — No moinho o veio vertical, que tem na extremidade inferior as *penas* em que a agua bate; nêle se embebe a *agulha* que gira sôbre a *rão.*

trabesseira — Almofada da cabeça na cama.

traba *(trava)* — Disposição em virtude da qual os dentes de uma serra são alternadamente inclinados.

trabésso — s. m. *Atalho.* Peça nas azenhas, constante de um barrote horizontal que por uma extremidade se firma na parede e pela outra prende á *cruzeira.*

trabucar — v. m. Lidar.

trabular — Serrar em tóros; um tronco.

trabúlo — s. m. A serra que serve para trabular.

tração — Foice ou instrumento para *traçar* a palha para fazer palhada. (C. B.)

traçar — v. t. Misturar; cortar ao travez um objecto. (*Revista Lus.*, v, pag. 223). Em Monção dizem *tracear. Milho traceado*, espiga de um milho de duas côres, amarelo e branco. *Tracear enxofre com cal.*

trafiar — v. n. Tremer com medo. Parece ser outra forma de *tafiar.*

trambalasanas — Pessoa desajeitada no andar. (C. B.)

trambar *(com fome)* — Andar a cair com fome, com lazeira. (C. B.)

tramblicar — v. i. Tremer, estremecer para cahir, vacillar. *Os velhos tramblicam ao andar.*

tranca — Pedaço mais pequeno que o *trancaço*. A *bucha* é a seguir. Vid. *Cibinho.*

trancaço — Grande pedaço de pão; a *influenza.*

* **tranqueiro** — Cada uma das peças postas ao alto, das quaes consta a umbreira da porta, e onde se fixam os gonzos. (C. B.)

tranqueta — Peça de madeira da serra, serve para torcer a corda e embeiça no *marco.*

trapálho — Trapo, rodilha, esfregão. (C. B.)

traseiro — adj.: *carro traseiro*, o mesmo que *derradeiro*, isto é que pesa demais na parte de trás.

* **trastejar** — Andar de um lado para o outro a mexer em tudo; não atinar bem com as coisas, não ligar bem as ideias, em virtude de doença ou fraqueza cerebral. (C. B.)

treceiras *(terceiras)* — s. f. Barrotes nos madeiramentos dos telhados, comprehendidos entre os frechaes ou soleiras e o cume e paralelos a estes.

tremedal — Pessoa ou animal de desusada gordura e tamanho. (C. B.)

tremer as maleitas — v. t. Nesta acepção transitiva ouvi a um velho dizer que na sua mocidade tivera sesões e todos os dias á mesma hora *tremia as maleitas.*

trépa — s. f. Castigo corporeo; offensas corporaes.

trepar — Lançar trepos, rebentos ou renovos (falando de qualquer planta). (C. B.)

trépos — s. m. Rebentos do pé da arvore, ladrões, pequeno rebento.

treposta — v. *Tresposta*, infra, ou *tresfecheira.*

tresbirar — v. t. Voltar, girando sempre, uma coisa.

tresfecheira — Batente da porta feito de uma fasquia ou taboa estreita de madeira e no qual está a *fecheira* ou buraco em que entra a lingoeta da fechadura (Soajo). (C. B.)

* **tresladar** — v. i. Estado resultante e emergente de outro anterior; v. g. Este *Vinho não estreladou bem*, (Não sahiu bom); surtir ou ter incerto resultado. Tambem se diz da gente moça que faz estroina. «Ouve-se ainda *etreladar* e *treladar*», (C. B.) «e *traladar*». (M. P.)

tresleitar — v. t. Mudar o leito de uma pedra, isto é, construindo-se uma parede, voltar a face inferior (o *leito)* para cima, e a face superior *(subreleito)* para baixo.

tresolhar — v. i. Rebentar por ôlho lateral e secundario. Diz-se da vinha ou de qualquer outra arvore.

tremalho — s. m. Especie de rede, formada de dois panos *(muros)* de malha desigual.

tresporta — Peça de madeira que serve de batente a uma porta de uma folha só. Vid. *Tresposta.*

tresposta — O mesmo que *treposta.* (C. B.)

tricol — Trapo, farrapo, andrajo.

trigueira — s. m. Trigal, campo de trigo. (C. B.)

trincha — s. f. Parte superior do saco; «parte dobrada das saias ou dos aventaes, onde se pregam os panos; aperta na cintura». (B. G.)

trinchador — Alicate corta-arame.

trinchar — v. t. *(Talvez tronchar).* (*Rev. Lus.*, IV, pag. 76). Partir ou dividir, cortando, ramos secos em pedaços pequenos.

trinta — Adagio: *D'onde quinta, d'ahi trinta.* Vid. *quinta.*

trintada — O numero de trinta tentos, no jôgo da bisca. «*Uma trintada com onze*». (C. B.)

tripalho — Pessoa mal arranjada, rota, maltrapida. (C. B.)

troça — s. f. Aguardente baixa; a que sai do alambique como *cabeça* ou no fim da *alambicadura.* O verbo diz-se *stroçar* e *troçar.*

trôço — A extremidade mais grossa da arvore depois de cortada. Pedra assente ou metida *a troço,* diz-se quando se faz parede com pedra atravessada e não ao correr. Tambem lhe chamam o *cu do pau.* (L. L.)

trogalhão ou **torgalhão** — Pessoa que faz o serviço á pressa e muito mal feito, muito atabalhoadamente. (Cp. *trogalheiro* e *trogalho* no N. D.). (C. B.)

troichada e **truichada** — s. f. *(Troichada de chuva)* aguaceiro. «Tambem se ouve *treichada*». (F. R.) e (M. C.)

trólhas — O mesmo que *atróllhas* (Ermêlo). (C. B.)

trompeteiro — s. m. Especie de mosquito nocturno, ou melga.

troques — s. m. Planta e flôres da *digitalis.* (*Revista Lus.*, V, pag. 107). «Chamam ás folhas *couves de cobra*». (L. L.)

trobisca — Trovisco. Tambem lhe chamam *herva fedorenta,* por causa da seiva fétida e leitosa. Nalguns sitios chamam *leiteiras* a estas hervas. Não consta que tenha *virtude,* mas parece que é irritante em contacto com as mucosas.

trouço — Fuso de torcer linhas. São todos de madeira, inclusivé o volante.

trasfegar — É ter boa trasfega.

troussar — *Este vinho é de costume troussar muito bem;* dá bom resultado na trasfega, porque sai limpo e de boa conserva, sem perder as primeiras qualidades. Extrair todos os favos dum cortiço de abelhas, recolhendo estas noutro vasio.

trupar — v. i. Dar pancadas com a cabeça, como o carneiro. *Trupava o defuncto com a cabeça dentro do caixão, quando o levavam para o cemitério.* Ouvi uma vez. Marrar o carneiro ou a cabra.

trupe — Diz-se aos carneiros, para investirem.

trúpia *(Ser levado da trúpia)* — Ser muito inquieto, bulhento, zangadiço, endemoninhado.

tufo — Peça de madeira, encaixada no cabaço do arado, e num buraco da qual entra a extremidade aguda do temão (Soajo). Vid. *Stufo.*

tumba — s. f. Pessoa de segredo, calada.

tupêlho — O mesmo que nêto?

turcos — Duas pedras salientes, na parede ao pé do lagar, nas quaes se prende uma extremidade da trave que serve para *impesar* ou espremer o bagaço. «No singular, a tranca que segura uma das extremidades do *feixe* do lagar e lhe serve de eixo» (Ermêlo). (C. B.)

turramonte *(parede de turramonte)* — Isto é, encostada á terra por uma face. (C. B.)

turrão — Teimoso (de turrar, dár turras, v. g. o carneiro).

turro da uva — O *vinho tem um gostinho ao turro da uva,* gôsto que as uvas adquirem pela demora demasiada na vindima depois de maduras. Julgo que é a palavra *esturro* com esta forma.

U

ubeirar — v. t. e i. — Lançar vinhas ás uveiras. «Podar ou desbastar os ramos de uma arvore, de modo que possa servir para supportar vinho». (C. B.)

udlita — Um *mólho* de linho, ou doze pares de estrigas (Padroso). (C. B.)

ullo — *Q'é d'ullo,* que é d'elle? que é d'essa coisa?

umbrar e **unir** — «*Umbrar um individuo com outro,* acompanhá-lo num trabalho ou feito, ser capaz de fazer coisa egual ou fazê-la». (G. V.)

uns, ũas — Iguais. *Sois todos uns. Os politicos sõum todos uns.*
upar — O mesmo que *oupar*, que é mais usado. *Stá a upar com o sápo.* (C. B.)
urca — Mulher muito gorda. (*Rev. Lus.*, v, 108).

X

xastre — s. m. Alfaiate, homem mulherengueiro.
xeixebra — Planta medicinal, especie de mentrasto bravo (Cabreiro); (Saxifraga?) (C. B.)
xixigueira *(Sessegueira?)* — Parte do cabo da euxada que sai fóra do olho desta.

Z

zaburro — *Morrão* do milho, ou excrescencia volumosa que costuma formar-se nesta planta (Soajo). (C. B.)
zaganeiro ou **zaganão** — Ratazana. (G. V.)
zaina — *Fazer á zaina*, irritar. F., *anda-me só a fazer á zaina*, isto é, a tirar por mim.
zambro — Pessoa que tem as pernas divergentes, unindo os joelhos.
zanga — Informam-me que o arado pequeno tem uma só *aveca*, e dois *rabos* ou um só. Não tem contra nem evita numa viagem *seita* ou corta a terra, e na volta vira a leiva. A *seita* tem uma posição muito obliqua, e para seitar a terra deita-se o arado para o lado para onde está virada a seita, indo a aveca, que fica de lado opposto, fóra da terra. O uso da *zanga* é muito raro, e apenas se encontra uma outra vez em algumas freguesias do norte do concelho.
zanganha ou **zanganhada** — Sébe para vedar um terreno (Ermêlo). (C. B.)
zangarinho — Certo arbusto. Creio que é o mesmo que os diccionarios trazem como *zangrinheiro*, *zangarinheiro* ou *sanguinheiro*. (C. B.)
zelaria — Zêlos, ciúmes (Ponte da Barca). (C. B.)
zimbra — O mesmo que *cimbra*, vergasta. (C. B.)
zimbrada — O mesmo que *cimbrada*. Cf. o v. *zimbrar* nos diccionarios. (C. B.)
zimbro e **zimbre** — s. m. Vento do Sul com aguaceiros. (C. B.)
zineira — Vento constante, *bonbiana* (Gavieira). (C. B.)

ziques — O mesmo que *çoque*. (C. B.) e (G. V.)

zique-traque — Brinquedo de rapazes, constituido por um pedaço de pau de sabugueiro, ôco, por cujo interior se faz passar uma bucha de estôpa molhada, que se expelle como um projectil com o ar comprimido por meio de outra igual que, levada na extremidade de uma haste de pau, faz o effeito de um embolo. Termo onomatopaico. Ha a variante *zicle-tracle*. «Noutros sitios chamam-lhe *stalóte*», (C. B.) «e *atiróte*». (M. P.)

zonga — Funda, *funga* ou *zunga*. (C. B.)

zispar-se — Escapulir-se. (C. B.)

zóques — Çóccos, tamancos (Choças). (C. B.)

zorrar — Conduzir pedra em zorra. F., *anda a zorrar pedra*.

zuão — Insecto que zumbe, voando. «Individuo que azôa os ouvidos de alguem». (C. B.)

zungadeira — O mesmo que zonga, supra (Couto). (C. B.)

zupar — v. t. Confundir fortemente. (*Rev. Lus.*, v, pag. 110).

F. ALVES PEREIRA.

O teatro dos «Grupos de Boas-Festas», do Pôrto

I

1. As pessoas, para se divertir, associam-se. Tais associações, muitas vezes, estabilizam-se. Assim se formam os «Grupos» populares.

2. Claro é que êsses grupos nem sempre são *apenas* recreativos. Há-os até com fins instrutivos, com fins beneficentes... sem deixarem de ser *recreativos*, à mistura. A fôrça que determina os «grupos», e os mantém, é, na essência, o desejo de divertimento.

3. Onde êles mais aparecem, em número crescente de ano para ano, é em Lisboa e no Pôrto. Pode-se até dizer que, em Portugal, são característicos destas duas cidades, e só por imitação êles se organizam em outras povoações, — onde aliás são raros. Em Lisboa e Pôrto há muita gente, ganha-se melhor, e, acima de tudo, é mais sentida a necessidade de *ar livre, de sair*, de passear, — pois estes «grupos» jamais deixam de ser *excursionistas*, ou vão êles percorrer o país, por longe, em digressões anuais, ou êles se contentem em gozar nas cercanias da terra onde têm a sede, — o que pode ser feito muitas vezes no ano.

4. As excursões grandes realizam-se, de preferência, em automóvel, ou caminheta (se o Grupo é numeroso). No veículo, é costume porem letreiro, — com o nome do Grupo, pelo menos. Às vezes, ornamentam-no, com flores, bandeiras... Para se apreciar a extensão de alguns passeios, veja-se, como simples amostra, o que diz o *Diário de Notícias*, de 4-Set.-932: «Estão marcados para hoje os seguintes passeios [desde Lisboa].... : Grupo «Os Jeitosos», a Monção, Viana-do-Castelo, Braga, Póvoa-de-Varzim, Pôrto, Espinho, Aveiro, Coimbra e Figueira-da-Foz; Grupo Excursionista «Os Fixes», a Santarém, Figueira-da-Foz, Aveiro, Pôrto, Viana-do-Castelo, Monção, Braga, Guimarães, Lamego, Viseu, Buçaco, Curia, Coimbra, Leiria, Alcobaça, Caldas-da-Rainha e Nazaré. No próximo dia 6 parte o Grupo Excursionista de S. Cristóvão para um

passeio por Vila-Franca, Cartaxo, Santarém, Rio-Maior, Caldas-da-Rainha, Alcobaça, Batalha, Leiria, Coimbra, Mealhada, Luso, Anadia, Curía, Águeda, Oliveira-de-Azemeis, Estarreja, Murtosa, Bestida, Oliveira-de-Azemeis, S. João-da-Madeira, Gaia, Pôrto, Leixões, Maia, Santo Tirso, Guimarães, Vizela, Braga, Ponte-da-Barca, Lindoso, Monção, Valença, Praia-de--Âncora, Caminha, Viana-do-Castelo, Esposende, Póvoa-de--Varzim e Vila-do-Conde»; e o que diz o *Jornal de Notícias*, do Pôrto, de 7-Set.-932: «Reuniram[-se] os sócios desta sociedade [«Os Portucalenses»], resolvendo felicitar a direcção pelo êxito do último passeio, que durou dez dias, percorrendo as províncias do Algarve, Alentejo, Estremadura, Beira-Baixa e Douro».

4 *a*. Estes Grupos divertem-se, mas não se esquecem de ir visitando o país inteiro, em excursões que variam de ano para ano. Leia-se, por exemplo, a notícia: «*Grupo Excursionista «Àvante pelo Progresso»*. Com êste título acaba de se fundar na rua do Bonjardim — Bairro Leal [*bairro* ou *ilha*; em Lisboa, dizem *pátio*], um grupo que se propõe visitar tôdas as terras de Portugal, em passeios colectivos anuais, sendo nomeados para a sua direcção durante 1932-33 os srs....» *Jornal de Notícias*, de 28-Set.-932. — A fim de juntarem o dinheiro preciso para estas excursões, os membros dos Grupos vão-se cotizando durante o ano, pelo ordinário semanalmente, quando recebem a féria. Escusado seria dizer que também há excursões de combóio e até de barco.

5. Os «grupos», em regra, adoptam «distintivo»: boina da mesma côr; ou lenço igual, ao pescoço; ou gravata igual; ou até farpela completa, uniforme. Há-os também femininos, e então as raparigas ou trazem o mesmo vestuário completo, ou qualquer peça da roupa, igual. Não raro têm bandeira, com dísticos, — às vezes coisa bem estrambótica. Quem vá à divertida romaria do Senhor da Pedra, cêrca do Pôrto, encontrará muitos e curiosos «grupos», — masculinos, femininos, e mistos. Alguns, com uniformes carnavalescos (1).

---

(1) Estes «grupos» populares não são apenas de Portugal, — claro é. Vi alguns na Bélgica, exactamente como os de cá. Um dêsses era constituído por bastantes homens, todos de chapéu alto; e lá tinham o seu pendão, além... do competente grão na asa. Vi-o na estação de Antuérpia, à noitinha.

6. São dignos de registo os nomes com que os «grupos» se bàtizam. Apresentarei amostra que baste.

7. Do Pôrto:

Grupo Recreativo «15 Cabaças».

Grupo Recreativo 3 de Agôsto «Os Sempre Fixes».

Grupo Recreativo «Os Rouxinóis do Fado».

Grupo Recreativo Portuense «Os Leões».

Grupo Recreativo «Leões do Campo 24 de Agôsto».

Grupo Recreativo «Os Embirrentos do Marquês de Pombal» [entenda-se: do Largo ou bairro do «Marquês de Pombal»].

Grupo Recreativo «Leais Amigos do Progresso».

Grupo Recreativo «Cidade do Pôrto».

Grupo Recreativo «Lusíadas».

Grupo Recreativo «Os Brancos».

Grupo Recreativo «Bota Abaixo».

Grupo Recreativo «Os Bichos».

Grupo Recreativo «Os Futuristas das Fontaínhas».

Grupo Excursionista «Os Verdes».

Grupo Excursionista «Os Silvas».

Grupo Excursionista «Os Unidinhos de Paranhos».

Grupo Excursionista «Os Pindéricos Portuenses».

Grupo Excursionista «Os Alegres da Carcereira».

Grupo Excursionista «A Bengalada».

Grupo Excursionista «1.º de Agôsto».

Grupo Excursionista «Os Portelanos do Pôrto».

Grupo Excursionista «Ó Zé, vais bem com a tua vida».

Grupo Excursionista «Sem Firma».

Grupo Excursionista «Luz e Mocidade».

Núcleo Excursionista «Os Pombalinos».

Sociedade Excursionista «Os Portucalenses».

Grupo Excursionista e Recreativo «Alma Lusa».

Grupo Recreativo e Excursionista «Os Passos Perdidos».

Grupo Recreativo e Excursionista «Os Vaporosos de S. Denis» [entenda-se: da Rua de «S. Denis»].

Grupo Recreativo, Excursionista e Beneficente «Os Lusitanos».

Grupo Recreativo «Benfeitores».

Grupo Beneficente e Recreativo «Os Lordes do Pôrto».

Grupo Excursionista de 20 Amigos «Os Leais».

Caixa Recreativa 20 Amigos «Flores de Maio».

Caixa Excursionista «Os Malmequeres de Santos Pousada» [rua].

Caixa Excursionista «Os Peixinhos».

Caixa «Os 4 Fixes».

Caixa de 20 Amigos «Os Espertos da Rua Justino Teixeira».

Caixa dos 20 Amigos «A Nova Aurora».

Caixa dos 20 Amigos «1.º de Janeiro».

Caixa de 20 Amigos «A Rival de Campanhã».

Caixa dos 20 Amigos «Os Bigodes».

Caixa dos 20 Amigos «A Florescente Marquês de Pombal» [Não sei se se trata do Marquês, se do Largo que tem êsse nome].

Caixa de 20 Amigos «União e Auxílio» (1).

Grupo Local de Paranhos «D. João II».

Grupo Dramático «Os Simples».

Grupo Musical «15 de Novembro» [Gaia].

Troupe (2) Musical «Mocidade de Aldoar» [Gondomar].

Grupo de Instrução e Recreio «Unidinhos da Sé» [entenda-se: do bairro da Sé].

Grupo de Instrução e Recreio «Os Alegres do Pôrto».

Grupo Recreio e Turismo «Os Lusos».

Grupo «Amigos das Belezas de Portugal».

Grupo «Onze Vermelho das Aves».

---

(1) A seguinte notícia elucida-nos acêrca destas «Caixas»: — «Acaba de fundar-se nesta cidade [Pôrto] mais uma Caixa de Vinte Amigos, a que foi dado o nome de «União e Auxílio». Para êsse fim reüniram[-se] no passado domingo, em assembleia preparatória, vinte amigos, sob a presidência do sr...., secretariado pelos srs.... [O presidente] disse o fim da reünião e salientou as vantagens que todos os sócios podiam auferir da Caixa que se ia fundar, apresentando também um esbôço da dita, que foi aprovado com pequenas alterações. Ficou resolvido, por fim, que a Caixa tivesse o seu início no dia 5 de Outubro [data da proclamação da República] e se destinasse a empréstimos aos sócios, passeios recreativos, beneficência, etc.... Procedeu-se à nomeação dos corpos gerentes...» — *Jornal de Notícias*, de 27-Set.-932.

(2) Como se vê, o estranjeirismo *troupe* é excepcional. Obra de algum semi-letrado...

Grupo Ideal 20 Amigos.
Grupo «Luz do Bem».
Grupo «31 de Janeiro».
Grupo «Os Desentendidos» da Colónia Viterbo de Campos.
Grupo «Àvante pelo Pôrto».
Grupo Excursionista «Àvante pelo Progresso».
Grupo Juvenal Portuense. Etc.

8. Até aqui, «grupos» do Pôrto. Agora, de Lisboa:

Grupo Excursionista «O Trevo».
Grupo Excursionista «Os Passarões».
Grupo Excursionista «Os Caretas».
Grupo Excursionista «Os Mistos».
Grupo Excursionista «Os 12 Amigos Leais».
Grupo Excursionista «Os Canequinhas».
Grupo Excursionista «Os 7 Grèmistas» [por serem do Grémio do Alto-do-Pina].
Grupo Excursionista «Os Trinas».
Grupo Excursionista «Os xx Dominós».
Grupo Excursionista «Estrêla da Aurora».
Grupo Excursionista «Os Carquejas».
Grupo Excursionista «Sempre Assim».
Grupo Excursionista «Confiança».
Grupo Excursionista «Lealdade e Harmonia».
Grupo Excursionista «Salve-se quem puder».
Grémio Excursionista Oriental.
Grupo Excursionista «Só 5».
Grupo Excursionista Familiar «Os Barrigas».
Grupo Excursionista Familiar «Os Faz Inveja».
Grupo Excursionista e Familiar «Os Olarilas».
Grupo Excursionista e Beneficente «Ponto de Interrogação».
Concentração Musical «24 de Agôsto».
Grupo de Bandolinistas «Bons Amigos».
Grupo «União Estrêla da Madrugada».
Grupo dos «5 Reis».
Grupo das «Senhoras Económicas».
Grupo dos «Aborrecidos».
Grupo Digestivo «Encravados dos Olivais».
Grupo Jantarista «Os Não se aponta que é feio».
Grupo «Leais Barões do Casco».
Grupo Cinéfilo «Os 10 Marlène Dietrich» [Nome de actriz de cinema].

Grupo Desportivo «Os Vencedores».

Grupo Recreativo e Educativo «Os Benfeitores». Etc. [1]

9. O título dos «grupos» é constituído, em geral, por — digamos assim — parte *genérica* («Grupo Recreativo», «Grupo Excursionista», «Grupo Dramático», etc.) e parte *específica* («Os Verdes», «O Trevo», «Os Canequinhas», etc.). O nome específico é o que mais interessa. Passarei a citar outros «grupos», designando-os por êsse nome.

10. Do Pôrto (e arredores): «Os 6 Exquisitos do Pôrto»; «Os Exquisitos de Gulpilhares» [Gaia]; «Os Leais»; «Os Firmes do Pôrto»; «Os Sempre Fixes»; «Os Unidinhos da Triana»; «Os Unidinhos de Santos Pousada» [rua]; «Os Unidinhos de Oliveira-do-Douro»; «Os Cotovias da Sé» [do bairro da Sé]; «Os Tripeiros»; «Os Tripeiros da Costa»; «Os Tripeirinhos do Bem»; «Os Andorinhas»; «Os Andorinhas das Musas» [da Travessa das Musas]; «Os Filhos do Visco»; «O Esgaça»; «Os Lusos»; «Os Lusitanos»; «Os 6 Arautos Lusitanos»; «Os Vassalos de Cupido»; «Os Aldrabões»; «Os Alegres das Fontainhas»; «Os Galitos Portuenses»; «Os Galitos da Foz»; «Os Garantidos»; «Os Fraternos da Fervença» [Gaia]; «Os Dissidentes»; «Os Independentes»; «Os Intransigentes»; «Os Fogosos do Pôrto»; «Os Mecânicos»; «Os Goelas de Pau» [naturalmente, do Lugar de êste nome]; «Os Boémios Portuenses»; «Os Pacholas da Fontinha»; «Os Primos da Porta Larga»; «Os Modestos»; «Os Modestos de Paranhos»; «Os Preguiçosos»; «Os Conquistadores Avintenses»; «Os 20 Cabaças»; «Os 20 Inseparáveis da Vitória» [rua, ou freguesia]; «Os Inseparáveis de Paranhos»; «Os 20 Leões de Monte-Louro»; «Os Desconhecidos do Pôrto»; «Os Traquinas»; «Os Traquininhas»; «Os Cacholas»; «Os Gafanhotos»; «Os Papagaios»; «O Segue Sempre»; «Micharia Total»; «Os Fungàgás»; «Os Ilustres do Oriente»; «Os Marqueses à la Minuta»; «Os Caladinhos do Pôrto»; «Os Honestos» [Avintes]; «Os Vaidosos da Sé» [bairro]; «Os Rapiocas»; «A Flor do Progresso»; «Flor de Pedrouços»; «O Pagode»; «Os Piedosos»; «Os Sinceros»; «Os Filhos do Trabalho»; «Os Filhos de Portugal»; «Os 13 Videirinhos»; «Os 10 Verdetes

---

[1] Há também Grupos com nomes pomposos: *Academia Recreio Artístico*, e outros assim. São nomes excepcionais, já sem carácter popular.

de Miragaia»; «Os Viscondes»; «Os Pobretas»; «Os Arregaçados do Pôrto»; «Os Desunidos de Leça-de-Palmeira»; «Os Violetas»; «Flor do Repolho»; «Os Leques do Pôrto»; «Os 10 até ver...»; «Os Moderados do Freixo» [rua, ou lugar]; «Os Bigodinhos»; «Os Caras-Unhacas»; «O Porvir»; «Os Pássaros de Arribação»; «Os Conhecidos do Pôrto»; «Os Piratas» [de Oliveira-do-Douro]; «Feios Alegres»; «Os Pernetas»; «Os Bacanos» [isto é: bons, direitos, firmes, «fixes»; calão portuense]; «Os Timpanas do Pôrto» [por influência do «Timpanas», de *A Severa*]; etc.

11. De Lisboa: «Os 6»; «Os 13»; «Os 15»; «Os 24»; «Os 8 Perdidos»; «Os 7 Cravas»; «Os 5 Amigos do Mercado de S. Bento»; «Os 5 Amigos do Bairro-Alto»; «Os 7 Amigos»; «Os 10 Amigos»; «Os Bons Amigos»; «Os 3 Manos sempre alegres»; «Os 6 Garrafões»; «Os 6 Garrafões com pensar»; «Os Maçaricos da Bica»; «Os 6 Divertidos»; «Os 6 Compinchas de Carcavelos»; «Os 35 do Pote-d'Água»; «Os 10 Sábios»; «Os Desorganizados»; «Os Bem-intencionados»; «Jardim de Inverno»; «Espalha-Brasas»; «Os Solidários»; «Os Pequenitos»; «Os Encravados»; «Os Fixes»; «Os Tais Fixes»; «Os Choras»; «Os Neros»; «Os Paródias»; «Os Morcegos de Campolide»; «Os Venenos»; «Os Zarepas»; «Os Maduros»; «Os Renitentes»; «Os Aranhas»; «Os Senhorinhos»; «Heróis do Garfo»; «Os Rapiocas»; «Os Sem-destino»; «Os Exaltados Pacatos»; «Os Mal-vestidos»; «Os Desesperados»; «Os Sempre Prontos»; «Os Neuras»; «Os Cravas às Caldeiradas»; «Os Fidalgos da Rabicha»; «Os Gaivotas»; «Os 4 Frieiras» [isto é: que comem muito]; «O Pulso»; «Os Alfredinhos»; «Os Águias»; «Os Rapadinhos»; «Os Bichinhos do Monte-Prado»; «Os Zaranzas»; «Os Púcaros de Fôlha»; «Os Cavacos»; «Os Galos da Bica»; «Os Barões do Copo»; «Os Verdes»; «Os Canecos»; «Os Diabretes»; «Os Reinadios de Arroios»; «Os Ratos Mortos»; «Os Rochas»; «Os Sempre Unidos»; «Os 24 Bem-unidos do Terreirinho»; «Os Bem-unidos»; «Os Bem-entendidos»; «Os que se entendem»; «Os Pacatos Bem-entendidos»; «Os Trovadores»; «Os Desprezados»; «Os Quinas»; «Os Galinhas»; «Os Lagartos»; «Os Lagartixas»; «Os Andorinhas»; «O Bicho Homem»; «Os Bombardenses»; «Os Cachorradas»; «Os Pepes»; «Os Marialvas»; «Os Marialvas de Outrora»; «O Pirilau»; «Os Doutores»; «Os Periquitos»; «Os Exigentes»; «Os Pampilos»; «Soma e segue»; «Os 15 Ricos»;

«Os 12 Sérios»; «Os 7 Repolhos»; «Os 7 Marechais»; «Os 8 Pombos Mariolas»; «Os 3 da Fama»; «Os 31 de Santo Amaro»; «Os 12 Amigos Leais»; «Os 20 Amigos da Pipa»; «Os Peoneiros»; «Os Gralhas»; «Os Tigres»; «Os Cegonhas»; «Os Bilontras»; «Os Melros»; «Os Europeus»; «Os Glórias»; «Os Fomenicas»; «Os Focas»; «Os Minotas»; «O Pau caiado»; «Os Rôscas»; «Os Bocageanos»; «Os Jeitosos»; «Os Mancipais» [pop., por «Municipais»]; «Os Estrábicos»; «Os Dragões Dourados»; «Os Limpa Canjeirões» [aliás, *canjirões*]; «Os Arrotários» [de *arrôto;* é troça aos «Rotários»]; «Os Lísbios»; «Os Zarucas da Amadora»; «Os Casacas»; «Os da Sineta»; «Os Famintos»; «União dos Copofonistas» [de *copofone*, voc. facêto, de uso popular; formado de *copo*, por analogia com *gramofone*... *Copofonista*, «o que toca ou aprecia copofone», isto é, «bebedor» (de vinho, está claro)]; «Os Jacós»; «Ou vai ou racha»; «Os Miradores do Monte»; «Os Inimigos da Lei sêca»; «A ver se conseguimos»; «Os Fixes e Garantidos da Ajuda»; etc.

12. De outras povoações [1]: «Os Teimosos», de Penafiel; «Os Mascarilhas», de Caminha; «Os Tunantes», de Monte-Redondo; «Os Unidos», de Troviscal; «20 Filhos de Afonso Henriques», de Guimarães; «Fiat», também de Guimarães, [é marca de automóveis]; «Os Inocentes», de Coimbra; «Os Joaquins», também de Coimbra; «Os Irmãos», idem; Grupo Excursionista «5 de Julho», idem; Grupo Excursionista «3 de Maio», idem; «Macacaria Académica», idem; Grupo Recreativo «Comes e Bebes», de Borba; «Os Invencíveis», de Braga; Grupo Excursionista «Veneza de Portugal» [isto é: Aveiro]; «Os Tamancos», de Setúbal; «Almas Penantes», de Montijo; «Os Estoirados», do Louriçal; Grupo Excursionista «Os Minhotos», de Viana-do-Castelo; «Os Peneiras» [isto é: sem dinheiro], da mesma cidade; Grupo «Os Snrs. Ora essa é boa!», idem; Grupo «Empina o Copo», do Cartaxo; «O Entorna», de Vila-Fria [aldeia do concelho de Viana-do-Castelo]; etc.

13. Havendo lido com alguma atenção todos os nomes «específicos» registados, reconhece-se que êles se poderiam coleccionar metòdicamente: uns lembram datas (da organi-

---

[1] Registo os nomes específicos e, por excepção, um ou outro nome genérico, para maior clareza.

zação do «grupo», históricas...); outros lembram o bairro, a terra, ou a pátria; outros acentuam a amizade, a união dos associados; outros dizem o «número» dos agrupados — o que também é forma de exprimir a sua união; outros apregoam essa união por antonímia («Os Desunidos», «Os Desentendidos»); outros não escondem o prazer do comes-e-bebes; outros declaram, por maneira geral, o pândego fim do «grupo»; grandíssima parte dos nomes é pinturesca, arbitràriamente pinturesca, — o que está na massa do sangue popular; etc., etc. E, sôbre isso, muitos «nomes» há, que se prestam a considerações de vária ordem.

14. Não é êsse, porém, o fito do meu trabalho. O que pretendo focar particularmente é o «teatro» a que se consagram alguns dos «grupos» da cidade do Pôrto, desde o Natal aos Reis. Quanto para trás ficou dito não passa, por assim dizer, de introdução ao assunto que me proponho versar, — introdução necessária, para se formar ideia de o que sejam os «grupos populares», aos quais — que eu saiba — ninguém ainda se referira.

II

15. Já n-*O Tripeiro*, mensário portuense [1], aludi à usança de, no Pôrto, desde o Natal aos Reis, se exibirem «grupos», chamados então «de Boas-festas», os quais representam, de casa em casa ou em recintos descobertos, peças teatrais — *revistas* — expressamente feitas, cada ano, para êsse fim.

16. Nada melhor, para se conhecer bem o que sejam essas «representações» populares, do que estampar fiada abundante de recortes jornalísticos que lhes dizem respeito; êles documentarão, fartamente, não só a técnica e o carácter das «revistas», mas ainda a apresentação e o trabalho dos «Grupos de Boas-Festas». Os recortes, a que mondo as superfluïdades, são do *Jornal de Notícias*, fôlha popular do Pôrto, e referentes a Natal-Reis de 1930-1931 e 1931-1932.

17. O *Jornal de Notícias*, de 28 de Dezembro de 1930 (domingo), dia em que muitos Grupos iniciaram as visitas de «boas-festas», publicava os seguintes anúncios:

---

[1] IV Série, pág. 77 (N.º 5, de Março de 1931).

«**Os Perdidinhos** — Apresenta-se hoje com a revista *A vida que passa*, nas seguintes casas: Travessa de Santo Izidro, 87, às 3 e meia horas; Grupo Recreativo Arte e Instrução, na rua de S. Paulo, às 5 e meia; na acreditada casa Raúl, à rua Lindo Vale, pelas 6 e meia. À noite, na Troupe Musical Escola das Antas, às 8 horas, e na casa Bernardino, às Fontaínhas, às 9 e meia, e na casa Samuel, à rua de Entreparedes, às 11 horas.

Os Vinte Tintos da Sé — Êste grupo apresenta-se pela primeira vez em público com a revista intitulada *O Presente e o Futuro da Sé*. 20 números atraentes. Director, Gomes Maer; ensaiador, Américo Carriça; autor da letra, pela primeira vez, Augusto «O Manuas». Êste grupo apresenta-se para actos de beneficência. Qualquer convite, que tenham a enviar para o grupo, deve ser dirigido para a Travessa de S. Sebastião.

Grupo Musical Atrasadinhos da Sé — Êste grupo exibe-se hoje com a sua revista *Ver e calar...*, da autoria de Sérgio D. dos Santos e com colaboração de Adriano Magalhães, no Salão Maxin's, pelas 16 horas. Apresentar-se-á também, às 18 horas, no Freixo (salão em frente à União Eléctrica); às 20, na rua de S. Vítor, no Salão dos Verdiais; às 22, no Centro Federal 15 de Novembro, e às 24, no Recreio da Trindade, à rua do Estêvão.

Unidinhos da Vitória — O Grupo Recreativo «Os Unidinhos da Vitória» tem continuado a colhêr os mais calorosos aplausos, com a sua chistosa revista *No país do bruxedo*, e hoje mais uma vez se fará ouvir, pelas 16 horas, na Adega do Ameal, próximo à Arca-de-Água, a pedido do público daquele local.

Os Filhos do Visco — Êste grupo apresenta-se hoje, 28, com a engraçada revista *Maravilhas Tripeiras*, da autoria de Júlio de Campos, nas seguintes casas: às 16 horas, na Corujeira, na Adega do sr. José Ramos, e às 20 horas, no Gabinete de Instrução e Recreio, em Azevedo, Campanhã; às 22 horas, na rua do Freixo, 1126.

Os Graciosos — O Grupo dos Graciosos exibe-se hoje, no Salão Maxin's, pelas 16 horas, e às 18 horas, no Bernardino, às Fontaínhas.

Grupo Unidos de Santos Pousada — Êste grupo vai exibir-se no Grupo Recreativo «Feios Alegres», R. Fernando Magalhães, às 15 horas; na Adega Ramos, Corujeira; 22 e meia, Café Paulista, Campanhã. Na segunda-feira, no Café do Brasileiro, às 21 horas, e no Café Bristol, às 23 horas.

Grupo Os Traquinas — Êste magnífico grupo exibe-se hoje, às 15 horas, no Salão do Bernardino; às 17 horas, à entrada do Freixo, em frente ao Valada; às 19 horas, no Bonfim Beneficente; às 21 horas, nas Antas.

Grupo Instrução e Recreio Unidinhos da Sé — Êste conhecido grupo exibir-se-á hoje, pelas 15 e 17 horas, no Sport Club Invicta, sito à Travessa da Lage, 47, levando à cena a interessante revista *No Reino da Patavina*».

18. O *Jornal de Notícias*, de 30 de Dezembro de 1930, assim se referia aos «grupos» que o visitaram no domingo, 28:

a) «**Unidinhos da Triana** — O primeiro grupo que nos visitou a cantar as «Janeiras» e que, pela primeira vez, se apresenta em público, foi o do «Unidinhos da Triana». Apresenta-se com uma espirituosa revista: *O Zé entre as leis*, cujo autor e ensaiador é o sr. Ventura Soares Dias. É justo destacar as «charges» ao «Zé dos Caracóis», «Falsificador de chouriços e Sopeira», «Pombinhos do Senhor da Pedra», «Vendedor de cavacas» e «Vendedor ambulante», que mantiveram as numerosas pessoas que assistiram à representação em constantes gargalhadas. «Zé pagante» — o tradicional Zé Povinho português — encontrou em Augusto Silva a pessoa suficiente para interpretar com brilho o papel principal da revista.

«A revista é acompanhada de 38 números de música coordenada, que a orquestra, composta dos srs.... [Seguem-se os nomes de 6 homens], executou com brilho. No *Zé entre as leis* entram as seguintes... [personagens] (1): «Contra-regra», «O Diz tudo», «Zé pagante», «Vira casacas, artigo 69.º», «Criada, artigo 96.º», «Fiscal», «Zé dos Caracóis, artigo 37.º», «Beata», «1.º Agente», «2.º Agente, artigo 42.º», «Falsificador de chouriços», «Sopeira», «Cèguinha», «Filho desta», «Pombinho do Senhor da Pedra» [isto é: namorado, da romaria do Senhor da Pedra]; «Pombinha», «Vendedor de cavacas», «Mari» e «Zeca», na romaria; «Vendedor ambulante» e «Vélho Portugal». Os coros são feitos por diversos componentes — rapazes e raparigas — pertencentes ao grupo».

[Os papéis femininos, desempenhados por mulheres].

b) «**Miüdinhos da Sé** — Composto de rapazes novos, o

(1) Elimino os nomes dos actores, por desnecessários. Citá-los-ei, porém, entre parênteses, quando houver conveniência.

«Grupo Musical Miüdinhos da Sé» esteve também no *Jornal de Notícias* a cantar as boas-festas. Apresenta-se com a revista *A Sé vista por um canudo*, original de António Tomás e Amadeu Teles, com música coordenada. É uma revista curiosa, que foca principalmente o populoso e interessante bairro da Sé. Números curiosos e dignos de menção: «O homem das prestações», «Soldado desconhecido», «Fadista bêbado...», «Operário», etc.

«*A Sé vista por um canudo* é representada pelas seguintes... [personagens]: «Zé Povo», «Sé», «1.º miúdo», «2.º miúdo», «3.º miúdo», «Apache», «Apache» (mulher) (José Silva); «Homem das prestações», «Soldado desconhecido», «Pai», «Filho», «Vélho», «Fadista», «Bêbado», e «Operário».

«Uma orquestra, composta de... [Seguem-se os nomes de 4 rapazes], acompanha o grupo, encarregando-se da parte musical».

c) «**Os Alegrinhos de Pedrouços** — *As voltas que o mundo dá* é uma curiosa revista com que se apresentam a cantar as boas-festas «Os Alegrinhos de Pedrouços». Tem situações interessantes e movimentadas. É autor da revista o sr. António Ferreira, que a ensaiou e se encarregou do principal papel — «O Zé Povo» —, um autêntico Zé Povinho pacóvio e ignorante, que quere saber *As voltas que o mundo dá*. «Garoto de jornais», «Presidente da República Brasileira», «Agente Vidal» (Pôça das Feiticeiras), «Falsificador de chouriços», «Bruxa e competente autoridade», são números que merecem referência especial. A destacar Olívia Ferreira, no papel de «República Portuguesa» — uma república cheia de vida e mocidade. De *As voltas que o mundo dá*... papéis:

«Compère», «Garoto de jornais», «Agricultor», «Presidente do Brasil», «Agente Vidal», «Falsificadores de chouriços», «Bruxas», «Agente de autoridade».

«Nos coros entram... [Seguem-se os nomes de 3 mulheres e 8 homens]. A orquestra é composta de... [Seguem-se os nomes de 4 homens]».

d) «**Os Andorinhas** — O grupo de boas-festas «Os Andorinhas» é já bem conhecido a cantar as «Janeiras». Afinados, muito certos, os componentes de «Os Andorinhas» emprestam à revista com que se apresentam êste ano — *Relíquias da nossa terra* — tôda a sua boa-vontade e dedicação. A revista, que tem situações muito curiosas e interessantes — quási tôda

ela em prosa rimada — é da autoria de José Maria da Silva, que tomou a seu cargo o papel de «compère» — «Correio da Verdade». Números que mereceram a atenção: «Raínha da desgraça», «Vida conjugal» — um marido atraiçoado e uma espôsa de «respeito» —, «Faminto», «Operário sindicalista», «Doutor propagandista» — «charge» curiosa à linha férrea Boavista-Trindade —, «Actor cómico Harold» — «charge» ao cinema sonoro —, «Crime da Pôça das Feiticeiras» — o Homem dos Bigodes, filho e genro, e o Luís das Picoas —, e o «Soldado desconhecido» (apoteose). «O Fadista», brilhantemente interpretado por António Emílio Ferreira, que cantou um interessante fado, mereceu as honras, tendo sido fartamente aplaudido.

«Das *Relíquias da nossa terra*... [personagens, algumas já mencionadas]: «Zé Povo», «O Cataratas», «Burlista», «Pita Bezerra», «Bruxa», «Polícia», «Raínha da desgraça», «Vida conjugal» — marido, mulher (Francisco da Rocha), o amante —, «Faminto», «Operário», «Dr. Propagandista», «Harold», «Vendedores», «Homem dos Bigodes, filho, genro e Luís das Picoas», «Filho do soldado e Soldado desconhecido».

«Dos coros encarregaram-se:.. [Seguem-se os nomes de 15 homens]. A parte musical está a cargo dos músicos... [Seguem-se os nomes de 6 homens]».

[Os papéis de «Bruxa», «Raínha da Desgraça», Mulher na «Vida Conjugal», são representados por homens].

19. No *Jornal de Notícias*, de 31 de Dezembro de 1930, lê-se:

a) «**Os Unidos de Santos Pousada** — *Salsada e mais salsada* é o título da revista com que o grupo «Os Unidos de Santos Pousada» se apresenta êste ano a cantar as «Janeiras». Peça curiosa, versada em assuntos da actualidade, reúne um pouco de tudo. A revista é da autoria do popular escritor Sérgio D. Santos, tendo sido ensaiada pelo director do grupo, João de Oliveira.

«Tem «charges» curiosas: «Linha férrea Boavista-Trindade», «Cinema sonoro», «Genro inconsolável», «Bruxo do Carvalhido», etc. Não lhe falta o «Operário sem trabalho», nem o autor se esqueceu da «mania» dos sorteios. O sapateiro, alfaiate e chapeleiro formam um trio curioso, para avaliar aonde chega essa nova modalidade posta em prática. Dêste trio destacam-se, por curiosos, os seguintes versos:

SAPATEIRO: Quando eu estou atrapalhado,
Com a minha vida de mais,
Faço sorteios de calçado,
A prestações semanais.
Só bilhetes, passo cem,
Que me rendem boas notas;
Mas no fim de tudo, alguém
Há-de ficar sem as botas.

ALFAIATE: Eu só gosto de arranjar
Uns frèguesinhos pacatos,
Que não usem protestar,
Se não lhe entregar os fatos.

ZÉ POVO: Se isso a mim me acontecesse
Eu gritaria por socorro.

ALFAIATE: Eu talvez o convencesse,
Entregando-lhe só o fôrro.

CHAPELEIRO: Quem talvez te favoreça,
Oh! Zé — devo ser só eu,
Pois se perdes a cabeça,
Podes perder o chapéu.
Eu sou muito sèriozinho
No que tenho contratado,
Sai-te sempre um chapéuzinho,
O que pode é ser usado.

«*Salsada e mais salsada* é desempenhada pelas seguintes... [personagens]:

«Compère, Mistério»; «Zé Povo», «Vítima do Sátiro de Coruche», «Marquês de Sagres», «Gaiato do cinema sonoro», «Salchicheiro», «Genro inconsolável», «Bruxo do Carvalhido», «Operário sem trabalho», «Sapateiro do sorteio», «Chapeleiro do sorteio», «Alfaiate do sorteio», «Homem do guarda-chuva».

«Da parte musical encarregou-se uma excelente orquestra composta dos srs.... [Seguem-se os nomes de 7 homens]».

b) «**Atrasadinhos da Sé** — O grupo musical «Atrasadinhos da Sé» — grupo que desde 1928 vem por ocasião das festas do Natal cantando as «Janeiras» — apresentou-se êste ano com uma revista engraçadíssima e de muita oportuni-

dade — *Ver e calar* —, da autoria de Sérgio Santos, mais conhecido pelo Sérgio de Espinho, e com a colaboração de Adriano Guimarães.

«São perto de 2 horas de constantes gargalhadas, situações cómicas interessantes, «charges» cuidadas... Ao acaso tomamos nota dos seguintes números: «Fogueteiro de Viana» — «charge» às obras da ponte D. Luís; «Vélha Sé» — evocação ao populoso e antigo bairro tradicional do Pôrto; «Engenheiros das Companhias Carris e Norte de Portugal» — «charge» espirituosa sôbre a linha Boavista-Trindade; «Carlinhos da Sé», «O problema da falta de escolas» — não se esquecendo do Américo Cardoso, um acérrimo propagandista contra o analfabetismo —, «Fadista», «Bêbado», etc.

«Os «Atrasadinhos da Sé» mantiveram em constantes gargalhadas as inúmeras pessoas que, no *Jornal de Notícias*, estiveram a assistir à representação da revista.

«As personagens do *Ver e calar* são: «Zé Povinho», «Fogueteiro de Viana», «Engenheiros da Carris e da Companhia do Norte», «A vélha Sé», «Carlinhos da Sé», «Cinema sonoro», «Fadista», «Sorteios a prestações», «Bêbado», «Operário sindicalista» e «Mendigo».

«Nos coros tomam parte... [Seguem-se os nomes de 13 homens]. Uma excelente orquestra, dirigida pelo violinista Pedro Paiva e com a colaboração dos músicos... [Seguem-se os nomes de 5 homens] encarrega-se da parte musical».

[O papel de «A Vélha Sé» é representado por homem].

20. O *Jornal de Notícias* anuncia, no mesmo dia 31:

«**Escola Dramática R. Mocidade de Campanhã** — O Grupo «Os Desconhecidos» apresenta-se com a revista *Coisas da nossa terra*, letra de Joaquim P. Matinha, tendo 15 números de música, 25 personagens e luxuoso guarda-roupa. Director Rocha Barbedo. Hoje, no *Notícias*, às 22 horas.

Os Perdidinhos — Êste simpático grupo, que tem causado um formidável sucesso com a sua triunfante revista *A vida que passa*, original de Joaquim Matinha, uma das melhores competências no assunto, em virtude do franco acolhimento do público portuense, resolveu sair, novamente, nos dias 31 do corrente e 1, 3, 4, 5 e 6 de Janeiro, visitando algumas das melhores casas e salões desta cidade, entre os quais os seguintes: Às 20 e meia horas, na Cordoaria Vélha; às 22, na travessa da Lage, no salão do Invicta Sport Club; e às 23, em Miragaia, ao fundo da rua Tomás Gonzaga.

Adeus ao Ano Vélho — Hoje, às 10 e meia da noite, o alegre grupo dos «Escondidos», da travessa dos Caldeireiros, à Vitória, organiza ali um engraçado cortejo de despedida ao ano vélho. Neste cortejo tomam parte vários figurantes, música e numerosos «Zés-P'reiras».

21. No *Jornal de Notícias*, de 1 de Janeiro de 1931:

«**Cumprimentos de boas-festas** — À noite recebemos a visita do importante grupo «Filhos do Visco», que nos deliciou com a sua interessante *charge* a que nos referiremos com largueza, porque bem merece, no próximo número. [Vid. **26**].

«A outros grupos que nos visitarem durante a noite faremos também depois a referência.

Os Perdidinhos — Cantam hoje, pelas 15 e meia horas, nas Eirinhas, no terreno da Escola dos Filhos do Visco; às 17 no Café Paulista, a Campanhã; às 18 e meia na casa do sr. Póvoas, e às 21 na Ribeira, em frente ao Espreita.

Grupo «O Esgaça» — Êste magnífico e interessante grupo, popularizado como o mais cómico do Pôrto, apresentar-se-á hoje, dia de Ano Novo, nas seguintes localidades: terreno dos Unidos de Santos Pousada, 59; Grupos Verdiais, S. Vítor; Salão Corpo da Guarda, respectivamente às 3 e meia, 5 e 7 horas.

Grupos de boas-festas — Visitas:

«O Grupo «Alegrinhos de Pedrouços» visita hoje: às 13 horas a casa da rua Fernão de Magalhães, 207; às 17 a casa Samuel, e às 19 a Corujeira.

«Os Unidinhos da Póvoa» apresentam-se hoje no Centro Pádua Correia, Valbom, pelas 16 horas, levando à cena a revista *No país da reinação*, de José Maeca.

«Os Atrasadinhos da Sé» cantam: na Adega do Bernardino, às 16 horas; na Estrêla da Guia, à rua de Lamas, pelas 20 horas; Centro Federal 15 de Novembro. Àmanhã, 2, no Salão Corpo da Guarda, pelas 21 horas.

«Os Unidinhos de Santos Pousada» visitarão hoje as seguintes casas: às 14 horas, Bonfim Beneficente; às 16, Grupo Flor do Campo 24 de Agôsto; às 19, Salão Maxime; às 21, Adega do Carvoeiro, no largo dos Poveiros.

«Os Filhos do Visco» cantam: às 15 horas, na rua do Freixo; às 17 e meia horas, na Flor de Pedrouços; às 20, na Casa do Povo de Águas-Santas; às 22, no Café Paulista; dia 2, às 20 horas, no Salão Bonfim Beneficente, e às 21, na Associação dos Chauffeurs, travessa da rua Formosa.

«Os Unidinhos da Vitória» representam: às 4 da tarde e 9 da noite, no grupo Arte e Instrução, travessa de S. Paulo, 62.

«Os Traquinas» cantam hoje na sua sede, rua de S. Vítor, 77, às 15 horas; no Salão Maxime, às 16 e meia horas; às 19, no Bernardino, Fontaínhas; e às 21, no Bonfim Beneficente. Àmanhã, no Monte Aventino.

«Os Mascotinhos» apresentam-se no Salão Barredo, à Ribeira, pelas 18 horas. Pelas 21 horas, vai êste grupo ao Salão da Carris. Os convites distribuem-se das 18 horas em diante».

22. Do *Jornal de Notícias*, de 3 de Janeiro de 1931:

a) «**O Esgaça** — O magnífico e conhecido Grupo de «O Esgaça», que há 5 anos vem cantando as boas-festas, apresenta-se êste ano com uma curiosa e interessante revista *Leilão de Penhores*, original de Carlos da Rocha Ferraz e música original e coordenada de Artur Augusto Reis. *Leilão de Penhores* é uma revista curiosa e cheia de atractivos.

«Destaca-se na sua representação Mário Faria, que interpreta o papel de «Agapito Pancadinha» — protótipo do penhorista avarento e usurário que na sua vida só pensa no dinheiro.

«Números que se destacam pela sua oportunidade: «Gregório sacristão e Rosinha do Cruzeiro» — *charge* ao «recenseamento da população»; «Açúcar e café»; «Magala e Sopeira»; «Moço de cego»; «Raínhas Lilás, Azul, Salmão, e *Miss* Portugal», etc. O crime da «Pôça das Feiticeiras» não foi esquecido. E aparece o «Homem dos Bigodes», cantando, entre outros, os seguintes versos:

[Homem dos Bigodes]:

Mas o Meira e o Vidal
Entram em actividade,
para descobrir o pardal
que matou o *sôr* Trindade.
E do Pôrto para Viseu
e de Coimbra para Lisboa,
um automóvel correu
pelas estradas à toa.
E depois de tanto andar
de Pilatos para Herodes,
foram prender sem tardar
a família dos Bigodes.
Sendo enviada para o Pôrto
essa família de bródio,
para o *filme* não ser torto.

Agapito:

Fim do primeiro episódio.

[Homem dos Bigodes]:

Apertado com perguntas,
confessou ser os autores,
e as palavras são juntas
ao processo sem favores.

Os jornalistas metidos
por debaixo das carrelas,
catrafilando os ouvidos,
são testemunhas das belas.
E saem de lá, coitados,
carpindo suas desditas,
de percevejos ferrados
e cheios de parasitas.

Mas em Viseu os tratantes
negam a palavra dada;
esperem mais uns instantes.

AGAPITO:

E está a fita parada.

«No *Leilão de Penhores*... [personagens]: «Zé Povo», «Agapito Pancadinha», «Timóteo Barnabé», «Aniceto Rolinha», «Sacristão Gregório», «Miséria Humana», «Avenida» e «Rainha Lilás» (Augusto Ferreira); «Rosinha do Cruzeiro» (Alfredo Coutinho); «Polícia», «Açúcar», «Café» e «Rainha Azul» (Fernando Mouro); «Bruxa» (Américo Ferreira); «Magala», «Homem dos Bigodes», «Rainha Salmão», «Bêco», «Moço de Cego», «1.º Cego», «2.º Cego», «Fado», «*Miss* Portugal» e «A Sopeira» (Floriano Leite).

«Coros... [Seguem-se os nomes de 8 homens]. Da parte musical encarregaram-se os srs.... [Seguem-se os nomes de 7 homens]».

[Os papéis femininos são representados por homens].

b) «**Mentirosos de Campanhã** — Grupo curioso, cheio de entusiasmo e dedicação, os «Mentirosos de Campanhã» apresentam-se êste ano com perto de 40 pessoas, a cantar as «Janeiras».

«*Mentiras e Verdades* é o título sugestivo da revista com que se apresentam. É da autoria de Sérgio Domingos dos Santos — que interpreta o papel de «Zé Povo» —, e música de António Xavier.

«Tem graça e encontra-se bem desempenhada. «Falsificadores de chouriços», «O Desempregado», «Chinês», «Pescador», «Rei do lixo de Lisboa», «Raínhas Lilás e da Ribeira», e «Justiça» — *charge* ao crime da Pôça das Feiticeiras — constituem números de agrado geral.

«A destacar o «Rapaz dos pirolitos», cantado por um *gaiato* de 13 anos — que mereceu as honras da noite, tendo sido bisado. Os seus versos são:

Vender pirolitos
já não vale a pena,
porque os garotitos
não vão ao cinema.
Ninguém *grama* agora
ir ver uma fita,

que por ser sonora
não acham bonita.
Falam francês
ou inglês,
não as percebe
o português.

Dantes era enchente
com os rapazitos,
e vendia a gente
muitos pirolitos.
Hoje, que o cinema
já só é falado,
nenhuma pequena
chucha o rebuçado,
pois não compreende
tudo que é dito,
e não se vende
o pirolito.

ZÉ POVO:

¿Então essas fitas,
que já são falantes,
não são tão bonitas
como eram dantes?

GAROTO:

Não, porque em francês
é que as falam cá,
eu por minha vez
não compreendo *pas*.
Mas aprendi
com outros já,
a dizer *merci*
e *ne pas de quoi*.

ZÉ POVO:

Mas se assim te fica
o francês de cór,
então explica
isso a quem lá fôr.

GAROTO:

Parece latim,
eu isso ignoro;
não *gramo* p'ra mim
cinema sonoro.
E tenho dito.
Seu Zé martelo,
¿vai pirolito
ou caramelo?

«Em *Mentiras e Verdades* tomam parte as seguintes... [personagens]:

«Compère sabichão», «Zé Povo», «Falsificadores de chouriços» (Francisco Marques (chefe), Abel da Silva, Joaquim da Silva, António de Azevedo, Joaquim de Magalhães, João da Cunha, Manuel Barreira e Domingos Monteiro (agente); «O Desempregado», «Largateiro de Campanhã», «Bacalhoeiro», «Engenheiro da Companhia do Norte», «Chinês», «Mãe do condenado à morte», «Fadista», «Pescador», «Rei do lixo», «Raínhas Lilás e da Ribeira» (Delfim da Silva e Vicente da Silva); «Justiça» (Frederico dos Santos).

«A parte musical é composta de... [Seguem-se os nomes de 6 homens]».

[Os papéis de «Raínhas», «Justiça» e «Mãe do condenado à morte» são representados por homens].

23. Do mesmo *Jornal de Notícias*, de 3 de Janeiro:

«**Inquietos da Ribeira** — O grupo «Inquietos da Ribeira» também nos visitou. É composto de 18 figuras, sendo três as principais. Dirige-o o sr. Jaime de Sousa Oliveira, e cantam «coisinhas» para alegrar o povo. Os «Inquietos da Ribeira» fizeram ruïdosas manifestações ao *Jornal de Notícias*, fazendo-se acompanhar de um grande instrumental — latas de marmelada.

Atrasadinhos da Sé — Êste grupo visita hoje, pelas 21 horas, o Grupo Dramático, na travessa de S. Paulo, e às 24 horas, o Café Leque de Ouro.

Os «Atrasadinhos da Sé», não tendo podido visitar o Grupo Dramático e Recreativo Estrêla da Guia, pedem à Direcção do mesmo e aos associados que lhes desculpem tal falta, prometendo fazer a referida visita hoje, sábado.

Os Alegrinhos de Pedrouços — Êste grupo visita hoje, pelas 7 horas, a casa do sr. Domingos Francisco da Costa, em Pedrouços de Baião.

Unidinhos da Sé — Êste grupo visita hoje, respectivamente, às 9 e 10 horas e meia, os grupos dramáticos Monte Aventino e Carris.

Os Filhos do Visco — Êste grupo apresenta-se hoje, às 20 horas, no Salão Maximes, ao Largo 13 de Fevereiro, e, às 22 horas, no Salão da Bernardina Carvoeira, às Fontaínhas.

Grupo Os Andorinhas — Êste grupo vai cantar no Barredo, à Ribeira, às 20 e meia horas, e, às 22 horas, no Grupo Escondidinho, aos Guindais.

Unidos de Santos Pousada — Visitam hoje, pelas 22 e meia horas, a Adega Custódio, rua Porta do Sol».

24. Do *Jornal de Notícias*, de 4 de Janeiro de 1931:

a) «**Os Traquininhas** — Grupo curioso, interessante, composto de «verdadeiros» actores, cujas idades variam desde 8 a 13 anos. «Os Traquininhas» apresentam-se êste ano, pela primeira vez, cantando uma espirituosa revista intitulada *Razão que tem a Canalha*. É autor da revista o sr. Belmiro de Lima, entrando na sua representação, coros e música — à falta de instrumentos, trauteada pelos figurantes —, 16 *gaiatos*, que se portam à altura da responsabilidade dos seus *papéis*. Curioso se torna mencionar o dueto «Zé Povo» e «Leiteira», que cantam os seguintes versos:

— Zé, com franqueza,
tu és muito malcriado,
muita limpeza tenho
dentro do meu canado.

— Os meus fregueses
por eu gozar de tal fama,
por várias vezes,
lho meço na cama.

— Eu conheço a tua manha,
estudiosa leiteira,
a mentir ninguém te ganha,
na medida és matreira.

— Acalma os nervos, Zé Povo,
porque a discussão é aceite,
como és um rapaz novo
deves gostar do meu leite.

— Tu em tudo és muito fina
mas eu não vou no balão,
botas no canado urina
quando não tens água à mão.

— Óptimo para biberões,
para queijo em boa lata,
tenho fregueses pimpões
que até me lambem a nata.

«Principais personagens: «Zé Povo», «Compère», «Leiteira», «Homem dos Bigodes, genro e filho»; «Garoto», «Mulher dos nabos» (João Vieira) e «Fadista».

«Depois de fotografados — preocupação dos miúdos — retiraram-se alegres e bem dispostos, pois tinham marcado o seu lugar — e bem marcado — ao lado dos *grandes grupos*».

b) «**Unidinhos da Sé** — Grupo de vélhas tradições, fundado em 1924, os «Unidinhos da Sé» estiveram também no *Jornal de Notícias*, a cantar as «Janeiras».

«Com uma revista curiosa — *São tudo coisas no ar*, dividida em 9 quadros, o excelente grupo consegue durante perto de duas horas prender a atenção das pessoas que o escutam com interêsse.

«Tem a revista um pouco de tudo: crítica à revolução brasileira, a mãe de Pita Soares pedindo para que perdoem a seu filho, crime da Pôça das Feiticeiras, paródia às bruxas, a caça ao pé descalço, e a despedida do Zé para a terra com uma interessante apoteose.

«*São tudo coisas no ar* é da autoria do sr. Ferreira de Lima, ornada de 29 números de música, parte original e parte coordenada.

«Papéis: «Compère A Fome», «Zé Povo», «Presidente da República Brasileira» e «Preto», «Mãe de Pita Soares» (Laurindo dos Santos); «Pôça das Feiticeiras», vélho Trindade, padre Peres e Mário Barroso (respectivamente, António Barros, João Pinto e Domingos Pereira); «Bruxa» (Álvaro Correia); «Cliente», «Polícia», «Miúdo a fugir», «Romaria»

(Álvaro Correia e Afonso Varela); «Agente de autoridade», «Cego», «Filho tuberculoso», «Padre», «Justiça» (Laurindo dos Santos). Coros... [Seguem-se os nomes de 15 homens]. Guarda-roupa de Domingos Ribeiro de Amorim. Delegado da direcção que acompanha o grupo, Américo Alcino de Campos. Da parte musical encarregaram-se... [Seguem-se os nomes de 9 homens]».

25. Do *Jornal de Notícias*, de 6 de Janeiro de 1931:

«**Grupo Instrução e Recreio Unidinhos da Sé** — Grupo curioso, bem formado e com tradições de há muito conhecidas, o Grupo de Instrução e Recreio «Unidinhos da Sé» (Roial) apresenta-se êste ano com uma curiosa e chistosa revista, subordinada ao título *No reino da Patavina*.

«Os seus autores — Joaquim Pereira da Silva e José Alves Neto Júnior, êste último bem conhecido no meio popular, pelas suas inúmeras canções adaptadas a interessantes tangos, foxes e one-steps — foram felizes. Não lhes esqueceu o mínimo detalhe sôbre variados assuntos recentes. *No reino da Patavina* encontra-se um pouco de tudo — de graça, de cómico, de sentimental. A música, parte original e parte coordenada, pertence ao sr. Jaime Martins.

«Números curiosos a destacar: Um «Zé Povo» que despe a sua tradicional jaleca envergando uma sobrecasaca para poder admirar as «belezas» do reino; as *charges* aos vestidos de rabona e à pesca; «os três pedintes» — número verdadeiramente sentimental, cantado por um rapaz, um cego e mulher tuberculosa; a «cega-rega» política-salvador, mulher da macaca, padeiro e bruxa; o «gato-pingado»; o «maricas»; e, por fim, a «apoteose» — uma brilhante apoteose de invocação ao vélho e glorioso bairro da Sé e na qual tomam parte as figuras do «Pôrto», «Tradição», «História» e «Tripeiro».

«A Cigarilha 3 vintes» e «Cigarros Antoninhos» tem *No reino da Patavina* uma felicíssima *charge*. Interpretado por José de Oliveira e Aldino Palhares, que cantam versos dignos de menção:

ELA:	ÊLE:
Quebra-me já esta bilha,	Não vou nisso, não, ó filha,
Põe-ma já tôda em bocados.	Tens aí os 3 marcados.

ELA:

Se esta bilha me partisses,
Ficaria abençoada.

ÊLE:

Olha, não digas tolices,
Pois ficavas desgraçada.

ELA:

Se me partisses a bilha então,
Fazias-me alguma desfeita.

ÊLE:

Meto-te outra nessa mão,
Consertadinha, direita.

ELA:

Satisfaz o teu parecer,
Meu rico Sant'Antoninho.

ÊLE:

Mas isso não quer dizer
Que não tomes cuidadinho.

ELA:

Vou levar a cantarinha
À fonte dos meus requintes.

ÊLE:

Olha se tens cautelinha,
Não deixes lá os 3 vintes.

Côro

ELA:

Antoninho,
Meu Santinho,
És formoso,
Milagroso,
Quebra bilhas.

ÊLE:

Já sei disso,
E por isso
Nem que pintes
Com 3 vintes,
Não me pilhas.

«*No reino da Patavina* tomam parte:

«Zé Povo», «Rei da Patavina», «Compère», «Pescadores», «Pedintes», «Cega-Rega Política» (Rodrigo Alcântara, José Marques, Mário Pereira e Ângelo Martins); «Maricas» (Augusto da Silva Fernandes); «Operário», «Pôrto», «Tradição» (Rodrigo Alcântara); «História» (Aldino Palhares); «Tripeiro» e «Fadista». Côro... [Seguem-se os nomes de 11 homens]. Música... [Seguem-se os nomes de 7 homens]».

26. Do *Jornal de Notícias*, de 7 de Janeiro de 1931:

a) «**Os Graciosos** — «Os Graciosos» é um grupo de vélhas tradições. Dum conjunto muito harmonioso, certos, com-

penetrados dos seus deveres, os componentes dos «Graciosos» mantêm-se num plano de superioridade cantando as «Janeiras».

«*O Sonho do Zé* é o título da revista com que se apresentam êste ano.

«É seu autor o sr. Artur Cândido, que tem também a seu cargo a direcção cénica. O autor foi felicíssimo. *O Sonho do Zé* é uma autêntica revista, que muito bem podia ser apresentada num dos nossos teatros.

«A interpretação é impecável. Cada qual, num certo à vontade, estudou criteriosamente o seu papel. E só assim se compreende que «Os Graciosos» tragam sempre consigo uma imensidade de pessoas ávidas de os ouvir.

«Números destacantes e que foram largamente palmeados: «Leiteira», «Vida conjugal», «*Miss* Portugal» — uma curiosa *miss* que Esmeralda Tavares, com muito aprumo e boa dição, mantém à altura da sua responsabilidade; «Zé dos Caracóis e Plácida»; «Homem das Cavacas» — cantado por Boaventura Santos, que possui uma boa garganta; «Cega-rega» — que mereceu a *honra* de ser bisado; «Revolução brasileira» — dueto-maxixe; e por fim a apoteose — «Pátria-Mãe» — em que Emília de Sousa, rodeada de lâmpadas eléctricas, faz sobressair a sua beleza.

«Os Santos populares não foram esquecidos: E, formando um terceto, aparece-nos, em determinada altura, «Santo António», «S. Pedro» e «S. João», que nos cantam:

SANTO ANTÓNIO:

Estou deveras descontente
Com o que se passa na Terra.
Vou já para o céu de repente,
Só desgraça a Terra encerra.
Julguei que vinha gozar
As delícias dum peixão,
Mas só cá vim encontrar
Miséria e podridão.
Não quero mais
Tempo perder,
Com mulheres tais
Não quero entreter,
As vossas bilhas
Quebradas... estão,
Por elas, ó filhas,
Não dou um tostão.

S. PEDRO:

Todos me chamam careca,
Mas eu sorrio-me com isso,
Muitas damas p'ra aí
Já também rapam o toutiço.
Se não fôsse recear
Cometer um crime grave,
Gostava eu de lhes rapar,
Com ajuda desta chave.

S. João:

Ó raparigas formosas,
Acendei vossas fogueiras,
Correi para mim pressurosas,
Sorridentes e fagueiras.
Dai ao vosso S. João
Todo o vosso amor,
Que êle em compensação
Dá-vos um menino primor.
Meus amores, quem me dera,
Gozar convosco um bocado;
Nunca mais santo eu era,
Que cometeria um pecado.

Côro

Somos três santinhos
Muito foliões,
Queridos dos povinhos,
Vimos aos peixões,
Sentir sensações,
Gozar aos bocadinhos.

«Assistir a êste espectáculo é dar duas horas de gôzo ao espírito — dizem «Os Graciosos» nos seus programas. Não mentem. Ouvem-se e, quando não é tarde, dá vontade de mandar repetir.

«No *Sonho do Zé*, tomam parte: «Zé Povo», «Detective», «Espectador», «Mulher Perfumada», «Assistente», «Leiteira», «Professor de Assobio», «Professora de Assobio», «Anastácio», «Eufrásia», «Namorado Aldeão», «Namorada Aldeã», «*Miss* Portugal», «Zé dos Caracóis», «Plácida», «Homem das Cavacas», «Santo António», «S. João», «S. Pedro», «Prostituta», «Pôça das Feiticeiras» (Boaventura dos Santos, Esmeralda Tavares, Ilídio Rodrigues, Fernanda Lima, Manuel Correia, Aníbal Barros); «Casa Tuberculosa», «Revolução Brasileira» (êle) (Esmeralda Tavares); «Revolução Brasileira» (ela) (Eulália de Jesus); «Operário», «Pátria-Mãe» (Emília de Sousa). Coros... [Seguem-se os nomes de 3 mulheres e 4 homens]. Música .. [Seguem-se os nomes de 10 homens]».

[Os papéis femininos e a «Revolução Brasileira» *(êle)* são representados por mulheres].

b) «**Os Perdidinhos** — Com uma espirituosa *charge* — *A Vida que passa* — original de Joaquim F. Matinha e música coordenada, o «Grupo dos Perdidinhos» apresenta-se também nesta quadra do ano, a cantar as «Janeiras». Tem números curiosos: «O Poveiro» — que mereceu palmas das pessoas que o ouviram; «Gambiota» — *charge* à raínha da Ribeira; «Rita e Manel» — *charge* às Raínhas das costureiras; «Garotos»; «Bola de trapos», etc., são de agrado e prendem a atenção.

«Em *A Vida que passa* tomam parte os seguintes «Perdidinhos»: «Zé Povo», «Compère», «1.º Garoto», «2.º Garoto», «Manel», «Rita» (João Ferreira); «Vadio», «Párias» (êle) (Augusto de Freitas); «Párias» (ela) (Baltasar Sarnadas); «Gambiota», «Bola de Trapos», «Polícia», «Poveiro», «Verdade» (Alfredo Rodrigues). Coros... [Seguem-se os nomes de 7 homens]. Música... [Seguem-se os nomes de 7 homens]».

[Papéis femininos, desempenhados por homens].

c) «**Os Tripeirinhos** — Os «miúdos» também têm os seus direitos. E assim, alguns, alegres, folgazões, resolveram fundar o grupo dos «Tripeirinhos», cantando as boas-festas.

«Levam à «cena» uma «revista à sorte». Não lhe puseram nome porque não tiveram tempo — como também foi escasso para os ensaios — apenas 19 dias. A parte musical, à falta de instrumental, era trauteada pelos próprios figurantes. Em todo o caso não se esqueceram de consigo trazer as pandeiretas e ferrinhos.

«Na revista que apresentam tomam parte: «Zé Povo», «Homem dos Bigodes», «Agente Vidal e Polícia» (Eduardo Alves); «Raínha das Badalhocas» (José Norberto de Oliveira). No côro... [Seguem-se os nomes de 4 rapazes]».

27. No *Jornal de Notícias*, de 8 de Janeiro de 1931, lê-se:

«Os Filhos do Visco» vieram também dar-nos as boas-festas. É um agrupamento simpático, de trabalhadores conscientes, vivificados por um altíssimo ideal. O título a que subordinaram a sua acção social — é claro, diz tudo. Fala duma maneira iniludível. A epopeia de liberdade que Eugène Sue cantou nos «Mistérios do Povo» — revive no esfôrço obscuro dêstes trabalhadores.

«A revista que apresentaram — *Maravilhas Tripeiras* — foi escrita por Júlio de Campos, um operário também... Pobre, com família numerosa, Júlio de Campos encontrou ainda tempo para compor, ao gôsto popular, versos que se cantam emocionadamente. A sua revista, escrita por um operário para operários, devia reflectir as suas tendências sociais, reproduzindo os quadros tristes que formam a vida desolada dos que morrem de fome — fazendo a riqueza alheia. A crítica, implacável, não tem desmedidas violências... O coral «Filhos do Visco», que inicia a representação, tem em Joaquim dos Santos o intérprete preciso. Jorge Bàtista — «Zé Tripeiro» — é um símbolo — o símbolo dêste povo calado e espesinhado.

Mário Gomes — «Habitante de Marte» — é o observador doutro mundo, perturbado pelas desigualdades sociais. Um quadro que arripia pela dramática verdade — «Cordoaria» (Manuel dos Santos), «Universidade» (João Lopes), «Cadeia» (António Portugal), «Clérigos» (Eduardo Freitas) e «Hospital» (José Correia).

«O friso da Raínha das Costureiras serviu de pretexto para o autor exemplificar o seu processo crítico. As «Rainhas» — Cármen Pereira, Aurora Bàtista e Cármen Silva — compreenderam o seu papel. Souberam cantar — e sentiram o que cantaram.

«Os bairros da cidade, os tortuosos bairros onde se aninha a miséria, são nas *Maravilhas Tripeiras* — espantosas maravilhas! — notas elegíacas. «Barredo», por José Ferreira, compunge. Entristece tanto desconfôrto! «Eirinhas», por José Correia, continúa a senda lúgubre. «Paranhos» — José Vinagre — e «Prelada» — Manuel Gomes — vibram de alacridade. Uma sinfonia de luz. «Avenidas do Centro» — Cármen Pereira — e «Meio Chic» — Bernardino dos Santos — condimentam de sal ático a graça irónica da revistazinha. Depois — continuam os risos sarcásticos, a implacável crítica: «Protesto», por Arnaldo da Silva, «Homem da Toca», por Bernardino dos Santos, a «Bruxa do Codessal», por José Ferreira — valem como aríetes contra uma sociedade na agonia.

«Dois números a fixar — «Polícia» e «Fadista». «Liberdade» — Florêncio dos Santos — é um grito de esperança. O grito de todos os que sofrem. «Instrução» — António da Rocha — sintetiza a vida intelectual e social de «Os Filhos do Visco». É uma certeza — a certeza que há-de emancipar os que hoje sofrem a pior das tiranias, a tirania negra da ignorância.

«A revista, com coros de ambos os sexos, é valorizada por lindos trechos de música, parte original, parte coordenada. E o compositor e coordenador é também um operário — A. Fonseca Alves —, um operário que tem a paixão de tudo o que é belo — e que faz do seu violino um prodígio de sonoridade.

... «Nota simpática — O produto das exibições reverte a favor da Escola e Biblioteca das Eirinhas, mantida e criada por trabalhadores.

«Esta revista, como tantas outras que nos foi dado apreciar, afasta-se da vélha concepção das «Janeiras». O povo

outrora cantava a pedir esmola — e a exaltar os seu senhores. Modernamente — não é assim. O povo canta, não já para espantar as suas dores, mas para que as vejam — e as reparem. A hora é de justiça! Ai daqueles que, alheados da vida, procuram iludir-se sôbre o significado dêstes cânticos! Os cantores, finda a recolta, não vão para casa, semi-tontos de vinho, a continuar na brutalidade antiga...

«Erguem escolas, educam os seus filhos. Os senhores das Universidades não têm tempo para cuidar dêles. Tratam êles mesmos de si... — *J. R.*».

28. Do *Jornal de Notícias*, de 9 de Janeiro de 1931:

a) «**Os Traquinas** – Um grupo de tradições antigas, antigo e sobejamente conhecido, que alegra sempre com as suas revistas as inúmeras pessoas que o ouvem, e que mantém, com brilho, um lugar de destaque, é o Grupo dos «Traquinas». Como muito bem disse Reinaldo Costa, no prólogo que abre a revista com que êste ano se apresentam, faltariam os «Traquinas» a um dever imperdoável, se não se apresentassem na quadra das boas-festas a cantar as «Janeiras».

«*O Fado* é o título da peça que levam à cena.

«Fogem à vulgaridade da quadra de boas-festas. Apresentam uma revista conscienciosa e digna de se ver. Tem graça, por vezes chistosa, e fundo de moral.

«Abre por um prólogo em verso, muito bem recitado, e tem a acompanhar o tradicional «Zé Povo», encarnado com justeza e equilíbrio, uma «Commère» — «Mimi» — que Acrísio Fernandes interpreta com acêrto.

«Sopeira» e o «37 da Guarda», «Raínhas das Costureiras e da Ribeira», «Chico» e «Joana Fadista», «O Fado dos Salões», «Manel e Rita», e outros, constituem números do agrado geral. «O Jornalista» — número em que Reinaldo Costa, uma vez mais, demonstra as suas excepcionais qualidades — é felicíssimo. Alto, gordo, de fato azul e óculos de tartaruga, tomando apontamentos nos tradicionais linguados, o «Zé Povo» chegou a confundí-lo com o nosso querido chefe de redacção Francisco Seara. *Charge* com graça e mantida com equilíbrio.

«Pelo «Chico» e «Joana Fadista», são cantados, entre outros, os seguintes versos:

JOANA: ¿Tu vês aquela casinha
tão distante e pequenina [ou *pequeninha*?],

onde passo tanto frio?
a-pesar-de ser vèlhinha,
posso dizer não é minha,
pertence ao meu senhorio.

CHICO: Até parece um castigo
estar sujeito a tal abrigo
sem ter feito mal algum;
por isso minha mulher
paga o primeiro aluguer,
depois não dá mais nenhum.

JOANA: O Crime das Feiticeiras
preocupa as mioleiras;
o misterioso véu,
franqueza! se me deixassem,
depois não me censurassem,
punha os «bigodes» ao léu.

CHICO: Basta de barbaridade,
ponham tudo em liberdade,
não sejam tão desumanos,
porque quem matou o Trindade,
isto é falar verdade,
já faleceu há 100 anos.

Em *O Fado* — original de Belmiro Lima, com música coordenada e uma interessante apoteose alusiva à Paz — entram: «Prólogo», «Commère Mimi» (Acrísio Fernandes); «Sopeira» (Evaristo Lacerda); «Rainha Azul» (Diamantino Firmino); «Salmão» (Américo Tavares); «Lilás» (Manuel Correia); «Rainha da Ribeira» (Artur Valsas); «Joana Fadista» (Domingos Oliveira); «Marquesa Fadista» (Manuel Correia); «Rita» (Evaristo); «Paz» (A. Fernandes); «Zé Povo», «Verdilhão», «Bêbado», «Bombeiro», «Chico Fadista», «Conde Fadista», «Manel», «Lulu», «Jornalista», «Pai», «Filho», «Estudante», «Operário». Côro... [Seguem-se os nomes de 1 mulher e 8 homens]. Música... [Seguem-se os nomes de 8 homens]».

[Os papéis femininos são representados por homens, mas no côro entra uma rapariga].

b) «**Os Miüdinhos das Fontainhas** — O título diz tudo. São

«miüdinhos» que também têm o direito de dar as boas-festas. Representam números variados e de oportunidade. Não os coordenaram em revista, nem «crismaram» a peça. Mas em compensação arranjaram um estribilho para o «Zé Povo», que no final de cada número pregunta ao «Compère»: — «¿não apresentas mais nada?»

«Os «Miüdinhos», que se apresentam afinados e com graça, trazem a seguinte constituïção:

«Zé Povo», «Compère», «Leiteira» (Manuel da Silva Neves); «Bruxa» (Dimas da Silva Machado); «Feiticeiro», «Protestante», «Polícia». Côro... [Seguem-se os nomes de 3 rapazes]». Guia o grupo, José Barbosa, e é autor da letra o sr. Armindo da Silva Neves».

c) «**Os Fontinenses** — Grupo de «pequenos» moradores da Fontinha. Não têm música. Estão no princípio e por isso ainda não possuem «fundos» necessários para instrumental. Torna-se agradável ouvi-los. Têm graça — e graça por serem «miúdos». «Os Fontinenses» no seu «arranjo» destacaram para as boas-festas:

«Zé Povo», «Traineira Espanhola» (Ismael Gouveia); «Polícia», «General Pum-Pum», «Maria Leiteira» (Felipe Lopes); «Santos Bandeira». Nos coros... [Seguem-se os nomes de 2 rapazes]».

d) «**Dos Grilos** — Mais um grupo de rapazes. Não tem música própria — o que acontece a todos os grupos de «miúdos». *Pontas e Bicos* é o título da peça com que se apresentam, da autoria de Carlos Ferraz. Destaca-se pela graça que lhe imprime, com acêrto e naturalidade, Fausto Cardoso, que interpreta o papel de «Carocha» — oficial-ajudante de sapateiro. Tôda a peça é uma *charge* à oficina de sapataria. Os figurantes desejam consertar calçado — calçado que não aparece, mas, em compensação, os principais instrumentos, usados pelos sapateiros, não falham. Em *Pontas e Bicos* tomam parte: «Zé Povo», «Carocha», «Sapateiro», «Criada» (Alberto Santos); «Garoto», «Bruxa» (António Pinto); «Homem dos Bigodes, filho e genro», «Polícia». Coros... [Seguem-se os nomes de 3 rapazes]».

29. O mesmo número do *Jornal de Notícias* anuncia:

«**Os Atrasadinhos da Sé** — Exibem-se hoje, pelas 21 horas, no Salão Maxime, juntamente com o Grupo «Unidinhos da Vitória», em disputa de uma taça de prata, que será entregue ao melhor classificado. «Os Atrasadinhos» apresentam

a sua revista *Ver e calar...*, e os «Unidinhos da Vitória» a sua revista *No país do bruxedo*».

30. E, pelo que diz respeito às «Boas-festas» de 1930-1931, nada mais há digno de menção. Convém dar alguns esclarecimentos.

Nestas revistas, como é natural, os temas provêm de tudo quanto impressiona a alma do povo — desde coisas de interêsse local *(O Presente e o Futuro da Sé)* até coisas de interêsse social (*Maravilhas Tripeiras.* Vid. **27**). Na essência, estas revistas *do ano* são satíricas, — aparecendo de vez em quando relanços sentimentais. Em 1930-1931, foram especialmente visados: vendas a prestações e sorteios (do comércio); falsificação dos chouriços e do leite; a proïbição do pé descalço; o desemprêgo; as bruxas; recenseamento da população; a revolução brasileira; o crime da Pôça das Feiticeiras (Homem-dos-Bigodes, filho, genro, Luís das Picoas, Agente Vidal...); Soldado desconhecido; linha férrea Trindade-Boavista; obras da ponte de D. Luís; cinema sonoro; o caso do Pita Bezerra Soares, «condenado à morte» nos Estados-Unidos; o Marquês de Sagres; Casas de penhores; as eleições de «*miss* Portugal» e de Raínhas [1]; cenas da vida conjugal; etc. Não falta o Zé Povo, o Fadista, o Operário, o Polícia, o Padre, o Mendigo, o Cego, S. João, Santo António e S. Pedro, o Jornalista, a Sopeira, etc., como não faltam as manisfestações patrióticas. Há, por vezes, exageros — na linguagem, na alusão pessoal, na crítica social e política, e, a pretexto disso (segundo creio), no ano seguinte...

III

31. No ano seguinte, as autoridades chegaram a proïbir a exibição pública dos «Grupos», como se vê do seguinte

---

[1] As «raínhas» das costureiras são designadas por *Lilás, Azul* e *Salmão* [Vid. **22** e **28** *a)*], das côres dos vestidos com que se apresentaram ao eleitorado.

Um júri elegeu a «Raínha»; o povo, discordando, elegeu outra, tendo conseguido também grande votação uma terceira; e, ao fim, as três ficaram sendo «raínhas».

No mercado da Ribeira, houve paródia à eleição, ficando «raínha da Ribeira» uma vélha.

convite publicado no *Jornal de Notícias*, de 27 de Dezembro de 1931:

«**Grupos de Boas-Festas — Reünião** — Os Grupos «Capuchos», «Tripeiros», «Tripeiros da Costa», «Mascotinhos», «Traquinas», «Amores da Severa» e «Graciosos» convidam os demais grupos de boas-festas a mandarem os seus directores ou delegados a uma reünião que se realiza hoje, pelas 10 horas da manhã, na sede do Grupo dos «Traquinas», à rua de S. Vítor, 73.

«Nessa reünião, da maior importância para todos os grupos, estudar-se-á a maneira de conseguir do sr. Governador Civil do Pôrto a licença para as exibições públicas nos salões da cidade.

«Os grupos, obrigados a enormes despesas com guarda-roupa e música, precisam, para fazer face aos seus tremendos encargos, duma licença mais ampla e mais geral».

A Redacção do periódico, por sua vez, acrescentou:

«Perfilhamos a petição dêsses grupos — vélhos e dedicados amigos desta casa.

«Os grupos de boas-festas continuam em Portugal uma tradição brilhante. É a feição popular, livre, irreverente, sim, mas verdadeira, duma arte que encontra a sua mais bela expressão na alma do povo. Devem-se-lhe[s] facultar todos os meios de expressão — tôdas as formas de propaganda. Exageros, se os há entre êles, corrigem-se pela auto-crítica. E essa é uma questão diferente. O que não é humano nem legítimo é contrariar-lhes a vocação, tirar-lhe[s] as possibilidades de triunfo».

32. E, por sua vez, os Evangélicos pretenderam *modificar* a feição dos Grupos de boas-festas, — seguindo vélhas pisadas da Igreja. Veja-se, no *Jornal de Notícias*, do mesmo dia 27, esta nota «oficiosa»:

«**Orfeão Evangélico** — Um grupo de Evangélicos organizou, há dias, um interessante Orfeão de Evangélicos de várias igrejas, na intenção de iniciar uma tentativa de modificar a feição dos Grupos de boas-festas para uma nova orientação mais própria.

«Assim, hoje, domingo, cêrca das 22 horas, saïrá êsse corpo coral da Missão Adventícia, à rua do Bonjardim, 472, para ir saüdar com canções evangélicas, adequadas ao Natal, as autoridades civis e militares, a Imprensa do Pôrto, as igrejas evangélicas, a A. C. M. [Associação Cristã da Mocidade] e

Uniões Femininas, ministros e prègadores evangélicos metodistas, lusitanos, bàtistas e adventistas, e, no percurso, várias casas de crentes, terminando a sua jornada cêrca da $^1/_2$ hora da manhã, na casa do prègador evangélico.....».

33. As autoridades permitiram, afinal, a exibição pública dos «Grupos de Boas-Festas», e os Evangélicos não modificaram coisa nenhuma...

E assim, no *Jornal de Notícias*, de 29 de Dezembro de 1931, liam-se os relatos seguintes:

a) «**Os Andorinhas** — O primeiro grupo de boas-festas que êste ano nos visitou, foi «Os Andorinhas». «Os Andorinhas» apresentam-se com uma interessante revista, denominada *Ilusões e Realidades*. É seu autor o sr. José Maria da Silva, que acumula as funções de ensaiador e interpreta o papel tradicional de «Zé Povo».

«A revista divide-se em 12 quadros: tem *charges* apropriadas aos principais casos do ano. E assim encontramos nas *Ilusões e Realidades* oportunas alusões à *falsificação dos chouriços, congressos da crítica, misérias nas minas, nas garras da sogra, a morte do estudante, troca de mulheres casadas, a eterna tuberculose, a guerra entre a China e o Japão, concurso dos Mapas de Portugal*, etc., etc.

«Em *Ilusões e Realidades* tomam parte: «Compère», «Homem das Vassouras», «Zé Povo», «Livre Pensador», «Congressista da Crítica», «Mineiro, genro e tuberculoso», «Profeta Gandhi», «Poetisa índia» e «Concorrente dos Mapas» (Manuel Ramos), «Operário sem Trabalho» e «Fadista», «Polícia» e «Compadre», «Sogra» e «Joana» (Eduardo Sousa Faria), «Compadre» e «Japonês», «Escola» (Albano Bàtista de Sousa), «Filho do Zé Povo». O côro compunha-se de... [Seguem-se os nomes de 14 homens]. A orquestra dirigida pelo sr. Daniel Fernandes — acertada — compunha-se de... [Seguem-se os nomes de 5 homens]».

[Os papéis femininos, representados por homens].

b) «**Os Alegres** — É um grupo de boas-festas que também se apresenta a cantar as «Janeiras». E, mantendo a tradição, apresentam-se êste ano com uma curiosa revista, subordinada ao título *Alegrias e Tristezas*. O seu autor, sr. Diamantino Pereira Firmino, teve uma única preocupação — «marcar» os factos mais característicos do nosso povo. De boa piada — piada forte e para rir —, temos, em *Alegrias e Tristezas*, um pouco de tudo. Figuras que passam e merecem especial men-

ção: — «O Garoto de Jornais», «Menino Perfumado», «Operário Desempregado», «Vagabundo», «Falsificador de Chouriços», etc., etc.

«No desempenho de *Alegrias e Tristezas*, tomam parte: «Zé Povo», «Compère», «Os Noivos» (Manuel Augusto Geraldes e Constantino Pereira da Rocha), «Garoto dos Jornais», «Vagabundo», «Menino Perfumado», «Operário Desempregado», «Funileiro», «Soldado Desconhecido», «Guita» e «Polícia», «Sopeira» e «Japonês» (Constantino P. Rocha), «Bêbado», «Falsificador de Chouriços», «Chinês», «Desempregado». O côro compõe-se de... [Seguem-se os nomes de 14 homens]. A música está confiada a... [Seguem-se os nomes de 6 homens]».

[Os papéis femininos, desempenhados por homens].

c) «**Os Capuchos** — *Portugal através dos tempos* é o título da curiosa e excelente revista com que se apresentam «Os Capuchos». Da autoria do sr. João António da Costa, discípulo do falecido Quinzinho Cigarreiro, a revista amolda-se em factos curiosos. Tem um pouco de tudo — sentimento, comicidade e educativa. «Rua Formosa», «Rei da Beleza», «Político», «Órfão», «Visitante da Exposição do Vinho do Pôrto», «Caramileiro» e «Freguesa», «Senhorio», etc., são números que constituem constante hilaridade, merecendo alguns a honra de serem bisados. No desempenho da peça tomam parte: «Zé Povo», «Sabe-Tudo», «Rua Formosa» (Manuel Braga), «Rei da Beleza», «Desempregado», «Político», «Órfão», «Estudante», «Visitante da Exposição dos Vinhos do Pôrto», «Caramileiro», «Freguesa do Caramileiro» (Mário Silva), «Professor», «Alunos» (António P. Costa, Simplício Marcelino, António Ramos, Augusto Pacheco), «Senhorio», «Canção Nacional», «Portugal», «Jesuítas» (Alberto Ramos e Mário Silva), «Amigo de Portugal», «Marquês de Pombal», «Liberdade» (Edmundo Ribeiro), «O Traído», «Cego», «Rapaz do Cego». Na parte corante [coral] tomam parte... [Seguem-se os nomes de 10 homens]. A música — afinada e acertada — a cargo de... [Seguem-se os nomes de 5 homens]».

[Papéis femininos, desempenhados por homens].

34. Do *Jornal de Notícias*, do dia 30 de Dezembro de 1931:

a) «**Os Teimosos** — Êste grupo de boas-festas apresenta-se êste ano com uma chistosa revista, tôda em verso, da autoria do sr. José Alves Neto Junior, e com música coordenada e original do sr. Jaime Martins. *Não vale a pena ralar* tem um

pouco de tudo — de assuntos populares e de flagrante actualidade. Os concursos são em *Não vale a pena ralar* apontados sem esquecimento. E assim temos interessantes *charges* aos concursos do *Repórter X* [periódico], das «Estátuas de Portugal» [concurso de *O Século*], dos fósforos «Pátria», «Pôrto» e «Santo António». Não esqueceu o seu autor o nosso [do *Jornal de Notícias*] concurso «Amor e Saudade», desempenhado pelo menino Abel..... no papel de «Cupido» e D. Valentina..... no de «Saudade»:

Côro: A vida mais sublime,
Robusta, de mais valor,
É aquela que imprime
O primitivo amor.
A vida é sonho fugaz,
Sem qualquer tranqüilidade,
Que por tempo se desfaz
Para viver na Saudade.

CUPIDO: Ser Cupido, Deus Amor,
Sem vos perder do sentido,
Com a flecha em vigor,
O coração sonhador,
A todos tenho ferido.

SAUDADE: A Saudade, sem mentir,
A todos está abraçada;
Quem à Saudade fugir,
Para não sentir,
No mundo não vale nada.

CUPIDO: Minhas trovas tentadoras
São fogueiras da paixão;
Minhas setas detentoras
Ferem embriagadas
O mais rude coração.

SAUDADE: Só as minhas são tão tristes
Embora tenham encanto,
Porque nem tu lhe resistes,
São tão tristes
Que ninguém as ouve sem pranto.

«A Ilusão», «Feira da Avenida», «Chapéus da Moda», «Semanas do Trabalho e da Uva», «Lar Moderno», «A Desgraça», com o «Senhorio, Prestamista e Dinheiro a Juro», «Rivoli» — *charge* ao futuro pessoal feminino daquela casa de espectáculos — e a «Apoteose à Exposição do Vinho do Pôrto» marcam pela sua originalidade. Em *Não vale a pena ralar*, tomam parte: «Zé Finório», «Compadre Teimoso», «Amor e Saudade», «Concurso dos Fósforos» [5 homens e 2 mulheres], «A Ilusão» (D. Maria.....), «Satanás», «Tachado», «Canceroso», «Cruzada do Bem» (D. Emília.....), «Feira da Avenida» [4 homens], «Moderna Infância» (Joaquim..... e D. Cassilda.....), «Chapéus da Moda» [3 homens], «Papéis Brasileiros» (Manuel..... e D. Albertina.....), «Semanas do Trabalho Nacional e da Uva» [2 homens e 1 mulher], «Lar Moderno» (José..... e D. Valentina.....), «A Desgraça» [3 homens], «Rivoli», «Groom», «Vélho Portugal», «Porta-Machado» [2 homens], «Repórter X», «Nally», «Estátuas de Portugal» [3 homens]. Nos coros... [Seguem-se os nomes de 12 homens e 1 mulher]. Música... [Seguem-se os nomes de 9 homens]».

[Nesta revista, entram mulheres, — o que é excepcional].

b) «**Miúdinhos das Fontainhas** — É um grupo composto de miúdos — sete ou oito — cujas idades vão de 10 a 14 anos. Arranjaram um «compincha» — mais vélho, 18 anos — que lhes fêz uma revistazinha — *Tristezas e Alegrias*. «Ensaiaram» — e toca a cantar as boas-festas para arranjar uns «patacos». E, como a carestia é grande, dispensaram coros e música; os sete ou oito miúdos encarregam-se de tudo. Têm graça e fazem rir. E quando algum foge do «compasso», o «director» fá-lo entrar na ordem. Os «miúdos» são: «Zé Povo», «Compère», «Desgraçado», «Guita», «Sopeira» (Álvaro Rodrigues), «Cheiro», «Poeta».

c) «**Cotovias da Sé** — Com a revista *Visita na Cidade*, da autoria dos srs. António Tomás e Rodrigo Mota, o grupo «Cotovias da Sé» também nos visitou.

«A rábula do «Timpanas» — paródia ao actor Silvestre Alegrim, no fono-filme *a Severa* — é curiosa. E entre outros, canta os seguintes versos:

De tudo quanto entrou
No filme em que estou falando,
Aquele que mais brilhou
Está cantando.

Até mesmo na tourada
Fiz um grande figurão
E quando da minha entrada
Na função.

Há quem se ria de mim
Decerto sem se lembrar
Que sou Silvestre Alegrim
Sempre a reinar.

«Póvoa» e «Aveiro», «O Adelaide», «Concurso dos Mapas e Hípico», «Semanas do Livro e da Uva», «Frade» e «Freira», «Falsificadores de Chouriços», «Desempregado» e a «Alusão à Semana do Trabalho», com que finaliza a revista, são números dignos de registo. Os figurantes são: «Zé Povo», «Compère», «Póvoa» e «Aveiro», «Timpanas», «O Adelaide», «Fadistas», «Concurso dos Mapas e Hípico» (Carlos Guimarães e José Melo), «Semanas do Livro e da Uva» (António Ferreira e António Matos), «Frade» e «Freira» (Américo Baltasar e José Melo), «Falsificadores de Chouriços» [5 homens], «Desempregado», «Alusão à Semana do Trabalho» (António Ferreira). Côro... [Seguem-se os nomes de 11 homens]. A música compõe-se de... [Seguem-se os nomes de 4 homens]».

[Os papéis femininos são desempenhados por homens].

35. Do *Jornal de Notícias*, de 31 de Dezembro de 1931:

a) «**Amores da Severa** — O grupo recreativo «Amores da Severa», organizado êste ano, esteve na nossa redacção a cantar as «Janeiras». Apresenta-se com uma revista, interessante e curiosa, subordinada ao título *A Severa*, e na qual foca os principais motivos da vida da que foi raínha do fado. O autor da revista — que não sabemos quem é — não esqueceu, no seu trabalho, os tradicionais «Condes de Marialva e Vimioso». E aproveita a oportunidade para intercalar vários tipos populares, tais como «Vendedores Ambulantes», «Cèguinho», «Fadista», «Profecia», «Bengala Americana», «Lavadeira», etc., etc. Em *A Severa* tomam parte: «Zé Povo», «Compère», «Conde de Marialva», «Severa», «Meretriz» e «Pombinha» [os três últimos papéis, desempenhados por 1 homem], «Conde de Vimioso», «Fadista», «Estudante», «Pombinho», «1.º Ambulante», «2.º Ambulante», «3.º Ambulante», «Mariozinho», «Cèguinho», «filho do Cèguinho», «Liberdade», «Bengala Americana» e «Lavadeira» [estes três últimos papéis,

representados por homens]. Os coros são... [Seguem-se os nomes de 6 homens]. Da música encarregaram-se... [Seguem-se os nomes de 3 homens]».

b) «**Unidinhos da Corticeira** — É um grupo que promete, pois está no seu início. Composto de crianças, cujas idades variam entre 9 a 15 anos, os miúdos cantam com alma e dedicação. E têm uma vantagem sôbre os «graúdos»: não querem música — pois êles próprios fazem música. A peça intitula-se *Ao fim do Mundo*. Foi feita pelo sr. Francisco José Fernandes, com o apoio da alegre petizada, que corre a cidade a representá-la. A revistazinha é desempenhada pelas seguintes crianças: «Zé Povo», «Compère» (Olímpia Martins Pinto), «Bêbado», «Bailarina», «Leiteira», «Menina Endiabrada», «Bruxa», «Sopeira», «Varredor» (Ângela Alexandrina Pereira da Conceição). Os coros são feitos por... [Seguem-se os nomes de 3 rapazes e 2 raparigas]».

[Os papéis femininos, representam-nos raparigas, e são raparigas que fazem de «Compère» e «Varredor», — coisa rara!].

36. Do *Jornal de Notícias*, de 1 de Janeiro de 1932:

a) «**Columbófilos de Campanhã** — É a primeira vez que saem a dar as boas-festas. «Os Columbófilos de Campanhã» apresentam-se com a revista *Alegrias e tristezas através do Pôrto*, da autoria do sr. António José Valente Júnior. É uma peça com 20 quadros. Números que agradaram: os Santos populares — «S. Pedro», «Santo António» e «S. João», «Espectros», «Folia», «Vigarista» e «Vigarizado», «Campos de Aviação», «Tuberculose», «Apaches» — Apoteose, com duas crianças de 11 a 14 anos. «O futebol através da cidade» marca pela sua originalidade. Além doutros, dêle constam os seguintes versos:

Acabou-se o desafio,
Já se não faz mais banzé;
Ao toque do assobio
Não se dá mais pontapé.
Mas nós ganhamos, olé!
Era isto o que se queria,
Estava com nós a maré,
Foi nossa a sorte do dia.

Quem quiser furar as rêdes
Tem que dar bom pontapé,

Porque senão, como vêdes,
Torna-se tudo em banzé.
O povo paga, ó laré!
Por fim fica a ver navios,
Só vemos rir [ou *vir?*] pontapé
Em lugar de desafios.

O futebol no Pôrto
Tem dado bem que falar,
Quási que sempre sai tôrto
Pois que todos querem ganhar.
Os que cá vêm parar
Contam sempre com vitória,
E só tratam de espancar
Para deixar nome na história.

Em *Alegrias e tristezas através do Pôrto* tomam parte: «Zé Povo», «Compère», «Pomba Correia» (Manuel Teixeira), «S. Pedro», «Santo António», «S. João», «Espectros» (Domingos Oliveira, António Silva e Eurico Martins), «Folia» (Manuel Teixeira, Manuel Castro, Fernando Teixeira, Serafim Valente e Luís Amorim), «Fado» (Albino Torres Santos), «Misória» (Manuel Coelho e Mimosa da Liberdade de Sousa França), «Vigarista», «Vigarizado», «Futebolistas» (Serafim Valente e João Bastos), «Moda», «Aviadores» (Manuel Castro e Carlos dos Santos Lima), «Tuberculosa» (Albino Torres dos Santos), «Concorrentes» (Eurico Martins, Domingos Oliveira e Fernando Teixeira), «Apaches» (António Gomes França e Mimosa da Liberdade de Sousa França). O côro era constituído por... [Seguem-se os nomes de 8 homens]. Da música encarregaram-se... [Seguem-se os nomes de 6 homens]».

[Nesta revista, entra uma rapariga, de nome curioso, como se viu acima].

b) **«O Pagode** — Apresenta-se êste ano com a revista *O Riso da Tragédia*, original do sr. António de Almeida Trindade, e com música original e coordenada. Duas figuras são dignas de menção: O «Zé Povo» — um piadista impagável, como anunciam nos programas — e António Emílio Ferreira com uma linda voz.

«Números dignos de destaque: — O «Zé Povo», que arrasta uma pesada cruz com as legendas: «Vida Cara», «Desemprêgo», «Casas Insalubres», etc., etc., e seguido pelos seus

martirizadores: «O Desempregado», «Fadista» e «Fome», três números lindamente cantados; «O Bêbado», «Cauteleiro», «Engraxador», «Pesos» e «Alteres», «Os Cèguinhos e o seu Guia», etc.

«No *Riso da Tragédia* tomam parte:

«Zé Povo», «Os Martirizadores», «Irmão do Zé», «Polícia», «Desempregado», «1.º Estudante», «2.º Estudante», «Bêbado», «Cauteleiro», «Engraxador», «Papo Sêco», «Fadista», «Pesos» e «Alteres», «Os Cèguinhos», «Guia dos Cegos», «Sapateiro» e «Namôro» (António Correia e Francisco da Rocha), «Ladrão» e «Avarento», «O Noticiador», «A Fome» (António Ferreira), «A Miséria» (José Martins), «O Anjo conselheiro» (Afonso Reis). Dos coros encarregaram-se... [Seguem-se os nomes de 8 homens]. O sexteto é composto pelos... [Seguem-se os nomes de 6 homens]».

[Papéis femininos, desempenhados por homens].

c) «**Os Piedosos** — Não é um grupo de grande espavento. O seu director disse-o logo de princípio. Pretendem entreter durante 40 a 50 minutos a assistência. E para fugir à vulgaridade — pois a revista está muito batida — compuseram uma «Cègada», que bàtizaram com o título *Carnaval*. O seu autor, sr. António Braga, é simples — e tão simples que a «Cègada» não tem mais de que oito quadros. Em *O Carnaval* tomam parte: «Zé Povo», «O Carnaval», «Cronista», «Mutilado», «Lavradeira» (Jaime Augusto Coelho), «Polícia».

«Do côro encarregaram-se... [Seguem-se os nomes de 4 homens]. A música acha-se confiada... [Seguem-se os nomes de 4 homens]».

[O papel de «Lavradeira» é desempenhado por homem].

37. Lê-se no *Jornal de Notícias*, de 3 de Janeiro de 1932:

a) «**Os Traquinas** — «Os Traquinas» têm um público especial — um público que os segue para tôda a parte, só com o intuito de os ouvir cantar. O seu «Zé Povo» é inconfundível. Criou uma personagem muito sua. E, ante-ontem, quando vieram à nossa redacção cantar as «Janeiras», ouvimos a várias pessoas — pessoas do nosso povo, como do povo êles são — que Abílio Sabino é, sem favor, o melhor «Zé Povo» de grupos de boas-festas.

«A revista, com que se apresentam êste ano, intitula-se *Passado, Presente e Futuro*, original do sr. Belmiro Lima, com música original e coordenada.

«Em *Passado, Presente e Futuro* existem alusões a tudo

— à «Semana da Avenida», ao «Carlinhos da Sé», «Semana do Livro», «Falsificadores de Chouriços», aos «Sem Trabalho», etc., etc. Um caso curioso: O «Zé Povo» aparece sempre divorciado da mulher, mas, nesta revista, vem [ela] ter com o seu «home», trazendo-lhe uma novidade — que êle aceita rejubilado. No desempenho da revista tomam parte: «Zé Povo», «Passado», «Presente», «Futuro», «António», «Maria» (Acrísio Fernandes), «Palhaço», «Fotógrafo», «Homem das Farturas», «Fadista», «Ventura Peixeiro», «Noivo», «Noiva» (Manuel Correia), «Antónia, mulher do Zé» (Domingos de Oliveira), «Cura» (Manuel Paulo), «Mulher dos Salpicões» (Acrísio Fernandes), «Vadios», «Pai», «Filho», «Jesuíta», «General», «Banqueiro».

«Dos coros encarregaram-se... [Seguem-se os nomes de 8 homens e 1 mulher]. A música está a cargo... [Seguem-se os nomes de 8 homens]».

[Os papéis femininos, desempenhados por homens].

b) «**Os Traquininhas** — Os «miúdos» são os futuros «graúdos». E os «Traquininhas» devem vir a suceder aos «Traquinas». O autor da revista, sr. Belmiro Lima, definiu bem o assunto com o nome da peça que fêz para os «Traquininhas» — *A Canalha do Futuro*. E está certo.

«Na *Canalha do Futuro* tomam parte: «Zé Povo», «Cadeira» (José Pardal), «Polícia», «Sopeira» (João Vieira), «Compère», «Bêbado», «Joana» (Fernando.....), «Funileiro», «Vendilhão», «Fadista», «Garoto de Jornais».

«O côro é desempenhado por... [Seguem-se os nomes de 7 rapazes]. Para a música, uma flauta — uma flauta tocada por um Carvoeiro».

[Papéis femininos, desempenhados pelos rapazes].

c) «**O Faz-Barulho da Vitória** — O «Grupo Faz-Barulho da Vitória» compõe-se de uma banda — banda infernal e com instrumentos arranjados *à la diable*. Quando o mestre empunha a batuta, os instrumentos — todos «afinadíssimos» — soltam notas que até se confundem com... notas falsas. Principais personagens: «Mestre-Barulho», «Sub-Regente», «Bailarina» (João Graça)».

[Até a «Bailarina» miúda é rapaz!].

38. No *Jornal de Notícias*, de 5 de Janeiro de 1932:

a) «**Unidinhos da Sé** — O Grupo Instrução e Recreio «Unidinhos da Sé» apresentou-se êste ano com a revista *Tu que sabes, eu que sei*... de autoria dos srs. Salvaterra Júnior, Ma-

nuel A. Santos e Pereira da Silva, com música original e coordenada do sr. Jaime Martins. A revista é desempenhada com guarda-roupa pertencente ao próprio grupo. Tem alusões às *Semanas da Tuberculose* e *do Livro, Economia nas contribuïções, Refugiados dos conventos, Misérias sociais, Vestir bem e barato, Concurso dos fósforos, Os sem Natal*, etc. Fecha com uma apoteose, *Não renegues a tua Pátria*, na qual tomam parte, além do «Zé Povo» e «Compère», uma «Camponesa», «Mutilado da Guerra», «Operário» e «Liberdade». Em *Tu que sabes, eu que sei...* tomam parte: «Jornalista», «Zé Povo», «Canceroso», «Tuberculoso», «Analfabeto», «Bêbado», «Saloio», «Funileiro», «Sopeira» (Aldino Palhares), «Desempregado», «Menina do Asilo» (Cipriano Carvalho), «Asilado», «Padre», «Fanático», «Polícia», «Vadio», «O sem Lar», «Pôrto», «Pátria» (Armando Soares), «Fosforeira» (João Guerra), «Adeleiro» e «Camponesa» (Elias Soares), «Mutilado», «Operário», «Liberdade» (João Guerra).

«Os coros são desempenhados por... [Seguem-se os nomes de 11 homens]. A música está confiada a... [Seguem-se os nomes de 8 homens]».

[Os papéis femininos, desempenhados por homens].

b) «**Miüdinhos de Sant'Ana** — Grupo de miüdinhos. Cinco rapazes fazem os «principais papéis». Seis mais — ajudam nos coros. Riem e fazem rir.

«José M. Fernandes Rei compôs-lhes a peçazinha — do tamanho dos figurantes —, bàtizando-a com o nome de *O Zé do Nabo*. E os gaiatos, todos contentes, cantam e dançam para alegrar os outros. Tomam parte: «Zé Povo», «Peixeiro», «Maluco», «Bêbado», «Fadista», «D. Pedro IV». Coros... [Seguem-se os nomes de 6 rapazes]».

c) «**Os Perdidinhos** — Outro grupo de crianças. Também têm o direito de cantar as «Janeiras». E, seguindo a vélha tradição, com um «Zé Povo» à frente, toca a percorrer a cidade, a arranjar uns «patacos». Fazem parte do grupo: «Zé Povo», «Mariana» (Carlos Alberto), «Rita» (Alfredo Fernandes), «Manuel da Ortiga». Côro... [Seguem-se os nomes de 4 rapazes]».

[Os papéis femininos — a-pesar-de crianças — são desempenhados por miúdos].

d) «**Os Sem Nome** — Meia dúzia de rapazinhos combinaram e vieram igualmente cantar as boas-festas. Fogem à vulgaridade. Não têm grupo, nem a revista tem nome. Compô-la

um dêles — um gaiato de 14 anos, José Joaquim Cardoso, que se encarregou do papel de «Zé Povo». E metendo na peça uma «sopeira», um «guita», «compère» e «chinês», mandou pôr os camaradas em sentido, deu voz de comando, e tratou de percorrer meia dúzia de casas a fazer ouvir o seu trabalho. Além do «Zé Povo»: «Sopeira» (Rosa dos Santos), «Guita», «Compère», «Chino». Côro... [Seguem-se os nomes de 2 raparigas]».

[Contra o costume, há raparigas na revista].

e) «**Os Arreliados** — Com a revista *Ao fim do Mundo*, da autoria de Armindo da Silva Neves, «Os Arreliados» — pequenos arreliados — também nos estiveram a mostrar o trabalho. Figurantes: «Zé Povo», «Compère», «Cocaína» (Mário Sousa, Manuel Neves e António Cardoso), «Polícia», «Garotada na Bola» (Fausto Neves Cardoso e Adélio Riobom), «Funileiro», «Fadista». Côro... [Seguem-se os nomes de 6 rapazes]».

39. No *Jornal de Notícias*, de 7 de Janeiro de 1932:

a) «**Os Esquecidos** — Levam à cena uma curiosa *charge* subordinada ao título *Tristezas leva-as o vento*. O seu autor, sr. Joaquim Ferreira Matinha, pretendeu e conseguiu marcar várias actualidades do ano.

«Dignos de menção os números «Avenida», «Barrêdo», «Tuberculoso», «Má-Língua», «Regateira», «Operário», etc.

«Em *Tristezas leva-as o vento* tomam parte: «Zé Povo», «Tripeiro», «Avenida» (Fernando Coelho), «Barrêdo», «Polícia», «Tuberculoso», «Má-Língua» e «Operário» (Hipólito Antunes); «Zèquinha», «Regateira» (António dos Santos), «Zé Bravo», «Sebastião», «Rita» (Modesto Pinto), «Filho», «Maria» (José Garcia).

«Do côro encarregaram-se... [Seguem-se os nomes de 11 homens]. A música está confiada a... [Seguem-se os nomes de 6 homens]».

[Papéis femininos, desempenhados por homens].

b) «**Unidinhos da Sé** — Apresenta-se com uma curiosa revista, da autoria do sr. Joaquim Pereira da Silva, com música, parte original e parte coordenada, do sr. Jaime Martins, subordinada ao título *A cantar de galo*... De entrada, uma *charge* a quatro assuntos — «Engraxa», «Sebastião do Quiosque», «Andador dos Congregados» e «D. Pedro IV». «A Semana da Uva», «Sorteio de panelas», «Cocaína», «Escravos da Moda», «A Morte do caixeiro de Lisboa», não são esque-

cidos pelo seu autor. E termina com uma interessante apoteose — «A Terra pertence a quem trabalha», em que se debate o «Capital», o «Trabalho» e o «Operário». Personagens: «Zé Povo», «Lingüiça da Vid'Airada» (Francisco Maia), «Engraxador», «Sebastião do Quiosque», «Andador dos Congregados», «D. Pedro IV», «Sorteio das panelas», «Cocaïnomania» (Afonso Varela), «Mariana» (Álvaro Tomás Correia), «Romeu», «Polícia», «Meretriz» (Fernando Alão), «Advogado», «Escravos da Moda», «S. Gonçalo», «Devotas» (Afonso Varela e Álvaro Tomás Correia), «Tuberculoso», «Canceroso», «Leproso», «Trabalho», «Capital», «Operário», «Universo».

«Dos coros fazem parte... [Seguem-se os nomes de 6 homens]. Música por... [Seguem-se os nomes de 7 homens]».

[Papéis femininos, desempenhados por homens].

40. No *Jornal de Notícias*, de 8 de Janeiro de 1932:

a) «**Os Tripeiros** — *Na Pagodónia* (1), — revista-*charge* com que êste ano se apresentam a cantar as boas-festas — da autoria do sr. Júlio de Campos, um nome bem conhecido nos meios trabalhadores — «Os Tripeiros». Representam-na com alma, com dedicação. O desempenho é correcto e seguro. Boas máscaras, boas figuras. Ao acaso — as *charges* às «Semanas da Avenida, do Livro, da Tuberculose», o «Funileiro ambulante», «Estudante», «Meninos da Moda», «Semanas do Trabalho e da Uva», «Falsificadores de chouriços» e «Revolucionário», etc. Alguns versos ao acaso:

Do Funileiro:

Atenção! Funileiro
Não engana o frèguês:
Não é nenhum estranjeiro,
É um artista português.

Sou artista popular,
Funileiro ambulante,
As chaleiras sem azar
Eu conserto num instante.

Atendendo à barateza,
É maré de consertar;
P'rà pinga e p'rà despesa
Do tacho quero ganhar.

«O dueto «Dandy sem chapéu» e «Menina sem meias» é igualmente interessante. Cantam, entre outros, os seguintes versos:

---

(1) No jornal, vem *Pagadónia*, mas deve ser *Pagodónia*, de *pagode*, — por analogia com *Patagónia*.

ELA:

Assim de cabeça ao léu,
com o andar miüdinho,
Deixaste de usar chapéu,
estás sempre penteadinho.
Tu desculpa, meu amor,
esta minha referência,
mas estou quási a supor
que me fazes concorrência.
Por isso tu tem cuidado,
não te deixes ir na rêde,
não te vá dar o diabo
de encostares à parede.
Louco,
inebria teu perfume;
eu sinto-me apaixonada,
louca de amor e ciúme.

ÊLE:

És ingrata em julgares
que eu te sou indiferente;
tu despertas os olhares
com teu andar atraente;
tu deixaste de usar meias
p'ra mostrares as perninhas,
e assim livre de peias
vêem-nas bem peludinhas.
Louca,
é p'ra ti meu coração,
e tu não deves duvidar
desta sincera paixão.

«*Na Pagodónia* é relembrada uma figura — figura das mais importantes no meio dos grupos de boas-festas. O tradicional Quinzinho Cigarreiro — quem o não conheceu? — tem a sua homenagem nos «Tripeiros». E Artur Ribeiro — um dos antigos componentes do «Grupo dos Capuchinhos» — é com profunda saudade que o recorda, recitando os seguintes versos:

Partiste, Quim, e deixaste
tristes os pobres cèguinhos.
Fôste, e contigo levaste
o «Grupo dos Capuchinhos».

Lágrimas de saudade
por ti todo o Grupo chora.
Não voltas, é bem verdade;
é sempre a mesma demora.

Partiste p'ra não voltares
a estas lindas campinas,
e o teu lugar entregares
ao director dos «Traquinas».

«Na revista tomam parte: «Um Tripeiro», «Cidadão Tripeiro», «Zé Borromeu», «Zé Borromeu» (irmão), «Avenida» (Cândido Reis), «Circo», «Barraca das Farturas», «Semana do Livro» (Fernando), «Semana da Tuberculose» (Amílcar Alves), «Operário sem trabalho», «Polícia», «Funileiro ambulante», «1.º Romeiro», «2.º Romeiro», «Fadinho tripeiro», «Semana do Trabalho» (Adriano Ferreira), «Estudante», «Dandy sem chapéu», «Menina sem meias» (Fer-

nando), «Semana da Uva» (Armando Máximo), «Mulher de pêlo na venta» (Vitorino Gomes), «Homem, hominho, macaco e macaquinho» (Joaquim Augusto), «Homem dos Chouriços», «Mulher dos Chouriços» (Américo das Neves), «Fiscal», «Capuchinho», «Revolucionário», «Ideia» (Fernando). Coros por... [Seguem-se os nomes de 8 homens]. Música por... [Seguem-se os nomes de 8 homens também]».

[Papéis femininos, desempenhados por homens].

b) «**O Esgaça** — «O Esgaça» tem já seis anos. Apresenta-se êste ano com a revista *Conto do Vigário*, original do sr. Carlos da Rocha Ferraz.

«As alusões à «libra» e «títulos brasileiros», «Semanas da Uva e da Tuberculose», «amor moderno», «porteira do Rivoli», «Raínha das Costureiras», «Semana da Avenida», «operário», «Consagração aos Mártires de Jaca», e Apoteose — apoteose à «República Espanhola» — são bem cuidados e tratados. «O Esgaça» desempenha o trabalho com um à vontade digno de registo. E — coisa curiosa — os próprios figurantes fazem o côro. Terminam os seus papéis, e imediatamente alinham na parte coral. Personagens:

«Zé Povo», «Teodoro», «Papa Sorda», «Ambulante», «Apache» (êle), «Libra» (Afonso Costa), «Semana da Tuberculose» (Júlio Duarte), «Fominha» (José Gari), «Amor moderno», «Porteira do Rivoli» (Branquinho), «Raínha das Costureiras» (Armindo de Oliveira), «1.º Pretendente», «2.º Pretendente», «Semana da Uva» (êle), «Apache chic», «Homem das Rifas», «Palhaços», «Farturas» (Tiodomiro Lopes), «Coreto», «Título», «Libra» (Manuel de Oliveira), «Viúva do Lucas» e «Semana da Uva» (ela) (Rolino Soares), «Sufragista» (Horácio Mota), «Apache» (ela) (Manuel Moura), «Chauffeur», «Polícia», «Sogra» (Américo), «Operário», «Jesuíta», «Galán», «Hernández», «Bailarina» (N. N.), «Toureiro», «Galego». Música por... [Seguem-se os nomes de 7 homens]».

[Papéis femininos, representados por homens].

41. No *Jornal de Notícias*, de 10 de Janeiro de 1932:

«**Os Graciosos** — É o único grupo, se não estamos em êrro, que se apresenta com figuras de ambos os sexos. Apresentam-se com uma revista, original do sr. Artur Cândido, subordinada ao título *O Despertar do Zé*, e música original e coordenada.

«Tem números que provocam o riso, e outros sentimentais.

Alguns números, ao acaso, que merecem referência: «Peixeira», «Cinéfilos», «Amor moderno», «Cega-Rega dos Sorteios de panelas», «Semana da Uva» e do «Trabalho», «Chineses», etc. Termina com a apoteose a uma «Graciosa» que, graciosamente, agradece a atenção dispensada ao grupo. Personagens:

«Veterano», «Zé Povo», «Doidivanas», «Peixeira», «Macário», «Maria», «Cinéfilo», «Cinéfila», «Valentão», «Procópia», «João», «Joãozinho», «Ladrão», «Ladra», «Barbòsinha», «1.º das Panelas», 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º (Felisbela de Almeida), «Polícia», «Rapaz», «Videira», «Lavrador», «Semana do Trabalho», «Chinês», «Zé Povo» (pequeno), «Soldados», «Graciosa». Dos coros faziam parte... [Seguem-se os nomes de 5 homens e 2 mulheres]. Música por... [Seguem-se os nomes de 8 homens]».

[Os papéis femininos são representados por mulheres [Cf. **26** *a)*], o que não é exclusivo dêste «Grupo», embora seja, em verdade, excepcional. Vid. **18** *a)*, **34** *a)*, **35** *a)*, e **38** *d)*].

42. Nesta época, foram visados especialmente: o novo teatro «Rivoli», com o seu pessoal todo feminino; as «Semanas» (da Uva, do Trabalho, da Tuberculose, e do Livro); o Quiosque do Sebastião (quiosque muito conhecido, e que teve de sair do seu vélho local na Praça da Liberdade); a cocaïnomania; a estátua de D. Pedro IV; o Funileiro ambulante (que, por não ter trabalho, começou a percorrer as ruas, com uma oficina ambulante, à cata de fregueses); o Congresso da crítica; os Concursos (dos jornais e das Fábricas de fósforos); a «Severa», fita cinematográfica; a morte do caixeiro, em Lisboa, nos tumultos do 1.º de Maio; os espingardeamentos de Jaca (Espanha); a vida cara; casas insalúbres; futebol; Conto do vigário; a República espanhola; a queda da libra; a Guerra sino-japonesa, o célebre Gandhi; etc., — repetindo-se alguns assuntos do ano anterior, por serem ainda actuais: falsificação de chouriços; a praga dos sorteios e rifas; desemprêgo, etc. Como sempre, crítica à moda e ao modernismo censurável (janotas sem chapéu, meninas sem meias, amor e lar modernos, etc.), apoteoses patrióticas e sociais, exaltação de reivindicações operárias, etc. Lá aparecem — além do *Zé Povo*, que êsse é infalível — o Fadista, a Peixeira, o Soldado, o «Guita» (soldado da Guarda-Republicana), a Sopeira, o Polícia, o Estudante, o Operário, o Padre, o Jesuíta, a Beata, o Fanático, o «Papo-Sêco», o Avarento, o Aviador, o Engra-

xador, o Vadio, o Revolucionário, o Cego, o Trabalho, o Capital, o Tuberculoso, o Canceroso, o Garoto dos jornais, o Cinéfilo, a Sufragista, o Palhaço, S. João, Santo António, S. Pedro e S. Gonçalo, etc., etc.

IV

43. Estas representações populares vieram substituir, há uns dez anos talvez, as tradicionais «Boas-festas» e «Janeiras». Mantém-se, no entanto, a nomenclatura: ainda se diz que os «Grupos» *dão as Boas-festas* ou *cantam as Janeiras*, e êles próprios se chamam «Grupos *de Boas-festas*». Mantém-se a nomenclatura, — embora de comum aos vélhos cantos populares e às actuais «revistas» não haja mais do que a «época»: a sua realização desde o Natal aos Reis.

44. É evidente, nestas «revistas» populares, a influência das revistas teatrais (1). Influência na «forma», — pois, na essência, continua-se o tradicional teatro popular.

45. As «revistas» dos Grupos são, substancialmente, críticas e morais. Visam os factos e os homens que mais avultam aos olhos do povo, e criticam-nos com fim moral. Como há, e sempre houve, no povo, saliente propensão satírica, a crítica nunca deixa de colhêr os factos e os homens que merecem a sua mordacidade, a sua troça, o seu riso, — e é com êles que principalmente se preocupa, deixando menor espaço àquilo que é triste, doloroso.

46. Esta mistura de cómico e dramático, de gargalhada e sentimentalismo, vem das primitivas representações do povo, — nas quais, aliás, se inspiraram, pela Europa fora, os primeiros dramaturgos que deixaram nome na História literária. Ainda mesmo quando, então, o assunto era sério, respeitável, — o cómico tomava boa parte na peça, com o seu faceciar rude e cru, — natural, ao tempo. Mas então, como agora, nunca o Mal triunfava, e, através do ridículo, do burlesco, da licença, irrompia sempre, glorificado, o Bem, — quedando sempre o Mal nìtidamente castigado. O propósito moral é popular, está no sentimento colectivo do povo; melhor, é humano, — como

---

(1) É por isso que, nas «revistas» dos Grupos, aparece uma figura com o nome francês: *Compère*.

é humana a sátira, apresente-se ela sob a forma de chalaça pesada e sôlta ou sob a forma de ironia delicada. É, por tudo isto, que acima afirmei serem as «revistas» populares do Pôrto devidas, *na forma*, às revistas teatrais, — mas não *na essência*. Na essência, estas representações populares, pelo misto de cómico e dramático, pela crítica, pelo fim moral, e (o que ao diante se verá) pela maneira como se afectuam, reproduzem, inconscientemente, o teatro de recuados séculos — fonte do Teatro literário —, não se afastando do tradicional teatro popular.

47. Os autores das «revistas» são *populares*, isto é, filhos do povo que sabem dar voz, forma, realidade aos sentimentos, às ideias, aos gostos *do povo*. As «revistas» são, por isso, *populares*, como se, não podendo ser feitas por *todo* o povo, fôssem feitas por condignos delegados seus.

48. São em prosa e verso (por vezes, em prosa rimada). O verso é para a música, e para recitativos. Há, como é natural, «orquestra» e côro, — sendo os executantes, como todos os que nas «revistas» tomam parte, gente do povo. A música é, pelo ordinário, parte original e parte coordenada, — devida a compositores populares. As representações costumam abrir por uma peça musical, acompanhada quási sempre de côro.

49. São autênticas *revistas «do ano»*. Como é sabido, a revista teatral começou por ser *do ano* — arquitectada sôbre alicerces que, afinal de contas, se devem considerar *populares* —; hoje, a *revista de teatro* não é «revista», nem coisa nenhuma a que, em boa verdade, se possa chamar «teatro». E aqui se vê como a influência da revista de teatro na «revista» popular é apenas quanto à forma geral, — pois, sendo, aquela, nos últimos tempos, mero encadeamento de porcarias, sem qualquer finalidade, a não ser a excitação baixa dos sentidos, a «revista» popular não envereda por êsse caminho (1).

50. As «revistas» dos Grupos de Boas-festas são constituídas por «números» ou «quadros» (como impròpriamente

---

(1) Referindo-se às representações «conhecidas em calão teatral pelo título de *revistas do ano*», dizia José Caldas, especializando as de carácter anti-monárquico levadas à cena no Pôrto, no tempo de D. Luís: «As únicas figuras que movem o respeito das plateias são, alternadamente, ou o *Zé-Povinho*, que significa a alma nacional embrutecida, ou qualquer per-

lhes chamam), os quais se sucedem sem intervalos; são, portanto, em um só acto. A sua extensão é muito variável. Há «revistas» que levam duas horas a representar.

51. Tudo quanto, no correr do ano — e é por isso que elas são autênticas *revistas «do ano»* —, prende a atenção do povo (ou dos «autores», o mesmo é dizer) pode entrar como assunto: não só coisas locais — do bairro, ou da cidade —, mas também nacionais e até internacionais, desde qualquer caso da rua até à política geral, às guerras, às questões sociais. São alvejados: impostos, leis, festas, crimes, prisões, modas e quaisquer innovações, sábios e descobrimentos científicos, desgraças e misérias... Não raro é expressa a ânsia de melhor vida, aspirações revolucionárias. A «apoteose» da revista *A cantar de galo*... é «A terra pertence a quem trabalha» [Vid. **39**, *b)*]. Não rareiam, contudo, «apoteóticas» manifestações de bairrismo e de patriotismo. Estas «apoteoses», finais, consistem, as mais das vezes, em falas, proferidas geralmente pelo *Zé-Povinho*. Na «apoteose», acima especificada, da revista *A cantar de galo*..., entram o Capital, o Trabalho, e o Operário.

52. A crítica é mordente, — franca e rude como o povo. Saltita a sàdia chalaça portuguesa. Esfogueteia a gargalhada. A par com isso, porém, de quando em quando aflora a doçura da alma popular, em relanços de lirismo enternecido, a propósito de um ou outro caso lamentável.

53. Olhada em conjunto, a «revista», não contando êste ou aquêle excesso na alusão, esta ou aquela soltura na linguagem — o que também não deixa de ser caracterìsticamente popular —, é justa, aprecia com são critério, comenta com muita graça, bem empregada. A linguagem é ordinàriamente boa, singela, livre de preocupações literárias.

54. Os «actores» decoram os papéis. Não há «ponto», não

---

sonagem em evidência do partido republicano: — Rodrigues de Freitas e Alexandre Braga, que representam o «bom-senso». Como lance final, há quási sempre uma intitulada cena de Apoteose, em que ora aparece, num limbo luminoso, a figura da República, ora se ouve, entre bastidores, a música melancòlicamente heróica da *Marselhesa*». *Os Jesuítas*, Pôrto 1901, pág. 286. — Como se vê, o plano geral destas «revistas» mantém-se, — subordinado ao gôsto popular.

há qualquer ajuda durante a representação. Tudo está perfeitamente sabido. O autor também costuma representar [1]. As mulheres raríssimamente tomam parte no espectáculo; os papéis femininos são desempenhados por homens. Mantém-se a vélha tradição de as mulheres não entrarem em representações.

55. Há figurantes forçados: o *Zé-Povinho* (com a figura divulgada por Bordalo) e o *Compadre (Compère)*. No geral, aquêle interroga, é o observador, e o Compadre explica, descreve e comenta. Êste é, comummente, tipo do lugar onde se passa a acção: engraxador, porteiro, guarda, vendedor ambulante, etc.

56. Cada «revista» repete-se várias vezes na época, — de sala em sala, em qualquer átrio ou terreno fechado, sob telha ou ao ar livre, e se não dão o espectáculo na praça pública, é porque isso está proïbido [Cf. **17**]. Não há, por conseguinte, qualquer preparação do sítio onde se representa. Representa-se como e onde calha, — sem estrado ou palco, sem cenário. Mas se houver palco, servem-se dêle, evidentemente.

57. O «actor» desempenha o seu papel, e depois retira-se para um lado, ou para trás dos mais figurantes. Se o mesmo «actor» representa mais de um papel, vai mudar o vestuário e a caracterização atrás dos outros, ou afastado para qualquer lado. Se, no entanto, houver porta a jeito, aproveita-a para isso.

58. Ao fim da representação, é costume fazer-se um peditório, que pode ser destinado a fins beneficentes. Para se exibirem o maior número possível de vezes, os Grupos distribuem programas-reclamos e até deitam anúncios nos periódicos. Há, por vezes, concursos de «revistas» [Vid. **29**].

---

[1] Como os primeiros dramaturgos. — A confusão de *autor* e *actor* é natural. O primeiro «autor», que no mundo apareceu, foi o primeiro «actor», ou o primeiro «actor», o primeiro «autor», — fundidas as duas vocações em uma só. A precisão de fazer entrar nas representações mais figurantes, é que levou o primitivo «autor-actor» a agregar a si outros indivíduos, assim se organizando «grupos», «companhias». Desta maneira apareceram os actores não-autores, a comêço dependentes dos autores, dos quais, depois, se foram tornando independentes, distintos, principalmente com a divulgação das «peças» por meio da imprensa.

59. As «revistas» estão de tal maneira entranhadas no gôsto popular, que até a criançada — os *catraios*, como no Pôrto se diz — se mete a representá-las, e a fazê-las, — imitando entusiàsticamente a gente grande. [Vid. **26** *c)*, **28** *b)*, *c)* e *d)*, **37** *b)* e *c)*, **38** *b)* e *c)*, e, sobretudo, **34** *b)* e **38** *d)*].

60. A documentação, com que formei os capítulos II e III dêste já longo artigo, dispensa mais comentários. A análise dessa documentação e o que deixo agora tracejado, à guisa de esclarecimento e resumo, bastam para se fazer ideia clara das «revistas» dos «Grupos de Boas-festas» do Pôrto e, sôbre isso, para se avaliar a importância que essas «revistas» possuem etnogràficamente. Quero, todavia, salientar que elas, além de proporcionarem materiais excelentes para o estudo do povo e do seu teatro, nos regalam inestimáveis elementos para o estudo do primitivo teatro literário. Inconscientemente, espontâneamente, as «revistas» *actualizam*, para assim dizer, êsse teatro vélho, — e nós podemos vê-lo de perto, entendê-lo melhor, apreciar-lhe a feitura, desvendar-lhe as condições e os processos da efectivação, isto é, da «representação».

Viana-do-Castelo, Setembro de 1932.

CLÁUDIO BASTO.

Errata — Em **18** *a)*, 3.ª linha, leia-se *dos «Unidinhos...*, e em *b)*, ao fim do ante-penúltimo parágrafo, emende-se «*Fadista bêbado*», para «*Fadista*», «*Bêbado*». Em **21**, 5.ª linha, saiu «Vid. **26**», em vez de «Vid. **27**». Em **26** *b)*, na 6.ª linha, deveria estar *raínha da Ribeira*.

Notas sôbre a fala dos negros em Lisboa no princípio do século XVI

São três os autos de Gil Vicente em que o autor faz falar um negro: *O Clérigo da Beira* (= CB), a *Nao d'Amores* (= NA) e a *Frágoa d'Amor* (= FA). Veja-se a edição das *Obras de Gil Vicente* de Mendes dos Remédios (nos *Subsidios*) I, 353-357; II, 141-143; 160-161, 164-166. Na *Nao d'Amores* trata-se de «hum Negro de Beni» (II, 142 *Fio sae de Rei Beni*), mas não sabemos nada ao certo da origem dos dois outros pretos. O negro da *Frágoa d'Amor* diz que não pode libertar-se da *fala guiné* (II, 166); porém a palavra *guiné* tinha uma significação bastante vaga, visto que se chamava *Casa da Guiné e Índias* a casa fiscal que recebia tôdas as mercadorias, inclusivè os escravos, não só da Guiné (no sentido da antiga colónia da Guiné = Senegâmbia) e da Índia, mas também da colónia de Mina e de outras partes de África (1).

Gil Vicente, que havia de ter privado com todos os elementos da população de Lisboa do seu tempo, conhecia sem dúvida a linguagem dos escravos negros tão bem como a fala dos serranos da Beira que formavam grande parte do povo da capital (2), e é de presumir que arremedasse a pronúncia dos negros tão bem como o dialecto beirão, a pronúncia mourisca nas *Cortes de Jupiter* ou o castelhano andaluzado dos ciganos e ciganas da Andaluzia, que vagueavam pelo sul de Portugal, na *Fasça das Ciganas* (3).

Certamente que não podemos buscar nos seus autos uma transcrição exacta da linguagem dos negros; podemos todavia descobrir algumas características. Muitas vezes a fala dos pretos oferece ao lado das formas crioulas as palavras cor-

---

(1) Veja-se F. de Almeida, *História de Portugal*, III, 215.

(2) Veja-se O. de Pratt, *Gil Vicente*, Lisboa, 1931, pág. 57. Cf. J. Leite de Vasconcellos, *Opúsculos*, I, 325.

(3) Cf. o que diz D. C. Michaëlis de Vasconcelos nas *Notas vicentinas*, IV, 407.

rectas da língua literária. De mais a mais, o autor modifica, para efeitos estilísticos, a fala crioula, na forma de acentuar as discrepâncias sintácticas, a falta de concordância entre substântivo e adjectivo, entre verbo e pronome (1). A-pesar-de tudo isso, parece-nos possível tirar dos seus autos certos exemplos da pronúncia africana. Indicaremos aqui as características que nos parecem mais importantes, e juntaremos breves apontamentos.

§ 1.° Evita-se a consoante como som final duma palavra, juntando uma vogal. CB: *boso* 'vos', *Deoso*, 'Deus', *senhoro* 'senhor', *muiere*, *muieiro* 'mulher'; NA: *boso*, *seoro* 'senhor', *muiere* 'mulher'; FA: *puro* 'por'. Isto não pode ser característico para a maneira de falar dos negros da costa da Alta Guiné (antiga Guiné, Mina e Benim portugueses; NA = Benim!), porque as línguas sudânicas conhecem também a consoante como final de palavra (2). Corresponde porém ao português dos negros de Angola (veja-se H. Schuchardt, ZRPh, XII, 250) e de S. Tomé (*S. Tomé* (3) 902).

§ 2.° Com a tendência para evitar uma consoante em fim de palavra coïncide a falta de consoante final em várias palavras:

—l: NA: *Purutugá* 'Portugal'. Cf. S. Tomé *ê* 'êle' (*S. Tomé* 893).

—r: CB: *pari*, *mettê*, *bebê*, *comê*. A falta do *r* final encontra-se também no português dos negros de Angola, de S. Tomé, de Anobom, do arquipélago de Cabo Verde e de Senegâmbia. Porém a tendência para emudecer o *r* final existe já em português vulgar. Cf. também port. *trazê-lo*, *chamá-la*.

---

(1) Isto vale também para a fala crioula nas farsas *As Regateiras* e *Prática de oito figuras* de A. Ribeiro Chiado (fim do século XVI): veja-se *Obras do poeta Chiado*, ed., de A. Pimentel, Lisboa, 1889, (cf. ZRPh = *Zeitschrift für romanische Philologie*, Halle, XV, 550 segs.: Epifânio Dias).

(2) Cf. também Tši *cabes* < *cabeça*, *cabuscheer* < *cabeceira* e outros empréstimos do português (ZRPh, XII, 245).

(3) *S. Tomé* = H. Schuchardt, *Kreolische Studien I. Über das Negerportugiesische von S. Thomé*, Sitzungsber. d. phil.-hist. Kl. d. Akad. d. Wiss., Wien, 1882, CI, 889 segs.

§ 3.º Intercala-se uma vogal entre um *r* e a consoante que segue o *r*. CB: *San Furunando* 'San Fernando'; NA: *faramoso* 'fermoso', *poro que* 'porque', *Purutugá* 'Portugal'; FA: *Furunando, faramoso, poro que, puruque* 'porque', *doromia* 'dormia', *faratei* 'fartei', *furutei*, 'furtei'. Cf. Tši *kobere* < port. *cobre* (ZRPh, XII, 245) e a tendência do português dos negros de S. Tomé para intercalar uma vogal entre *l* < *r* e a consoante seguinte (*S. Tomé* 902).

§ 4.º *ui* > *u*. FA: *muto* 'muito'.

§ 5.º A fala dos negros reduz o som do *n* palatal ao som fricativo prepalatal *y*. NA: *seoro* 'senhor'; FA: *seora* 'senhora', *sioro* 'senhor', *Sioro Deos* (1). Cf. no português dos negros das Ilhas de Cabo Verde: *sioris, sioras* 'os senhores, vossês' (H. Schuchardt, ZRPh, XII, 319); de S. Tomé: *djelo* 'dinheiro' (S. Tomé 900); de Anobom: *amayá* 'amanhã', *payá* 'apanhar' (Anobom (2) 206). O português popular oferece *siôr, siôra; siô; sôr, sôra; sô (siôr, siô, sô* também na África continental; Cl. Basto, *Formas de tratamento em português*, Pôrto, 1932 (também RL, XXIX, págs. 9 e 11). Cf. *siá* 'senhor' na fala dos mulatos no Brasil.

§ 6.º De modo análogo se reduz o som do *l* palatal ao som fricativo prepalatal *y*. CB: *muiere, muieiro* 'mulher', *paieiro* 'palheiro'; NA: *muiere* 'mulher', *fio* 'filho'; FA: *muier* 'mulher'. Cf. Ilhas de Cabo Verde: *mejor* 'melhor', *fija* 'filha' (J. Leite de Vasconcellos, *Esquisse* (3) 185, 186); S. Tomé: *fiá* 'folha', *muélo* 'mulher' (S. Tomé 892, 900); Anobom: *tabayá* 'trabalhar', *Nachiol* 'senhor' (< *nosso senhor*), *miel* 'mulher' (*Anobom* 203, 204, 206). Cf. bras. *muyé* 'mulher', *óyo* 'olho', *páya* 'palha', etc.

§ 7.º Na boca dos negos *v* torna-se *b*. CB: *boso* 'vos', *bai;* NA: *bae, bida;* FA: *bos, bem, ber, bai, uba* 'houve'. Cf. no português das Ilhas de Cabo Verde: *bê* 'ver' (H. Schuchardt,

---

(1) Cf. *mia* na *Floresta de Enganos* (*Obras*, II, 108), onde o Doutor Justiça-maior fala na maneira dos pretos (veja-se C. Michaëlis de Vasconcelos, *Notas vicentinas*, IV, 408).

(2) *Anobom* = H. Schuchardt, *Kreolische Studien VII. Über das Negerportugiesische von Annobom*, Zitzungsber. d. phil.-hist. Kl. d. Akad. d. Wiss., Wien, 1888, CXVI, 193 segs.

(3) *Esquisse* = *Esquisse d'une dialectologie portugaise*, Paris-Lisboa, 1901.

ZRPh, XII, 317; cf. J. Leite de Vasconcellos, *Esquisse* 185), *bâ* 'vão' (ZRPh, XII, 321); S. Tomé: *bê* 'vêem', *bi* 'vem!', *bendê* 'vende!' (=*vender*), *bô* 'a ti' (<*vos*), *bâ* 'ir' (*S. Tomé* 893, cf. 897); cf. ademais Kunbi *gubúlo* <port. *governo* (ZRPh, XII, 250).

Os negros de Benim podem pronunciar um *v* (como som diferente de *w* e *b*) como demonstram as seguintes palavras em língua de Benim (Edo): *ovie* 'male slave', *uve* 'bone', *ava* 'day' (1). O *v* existe também ao lado do *w* em Ewe e em Tsǐ (Mina), mas falta em Ga (Mina), Yoruba (ao oeste de Benim) e Efik (este de Benim português). Veja-se Westermann (2) 85, 89, 93, 95, 97. Em Ewe raras vezes se diz *b* em vez de *v*, conhecem-se porém sòmente dois exemplos (Westermann 88).

Recordemo-nos de que em certas regiões de Portugal (Beira, Minho, sul de Trás-os-Montes) se confundem *v* e *b* (J. Leite de Vasconcellos, *Esquisse* (3) 112).

§ 8.º Muitas palavras oferecem *r* em vez de *d*. CB: *rinheiro*, *rirá*, *pariro*, *vira*, *resa* ('desse') *firalgo*, *riabo*, *turo*, *toro*, *ria*, *rise*, *risse*, *condiro* ('escondido'), *re reos*, *sesuro*; NA: *firalgo*, *firalga*, *turo*, *riabo*, *ró*, *cuitaro*; FA: *turo*, *maruro* ('maduro'), *toro*, *reos*, *vontáre*, *riabo*. Creio que êste *r* representa uma transcrição aproximada dum *d* cerebral (=*ḍ*) que pronunciavam certos negros em vez dum *d* dental. Em Tsǐ (Mina) cada *d* antes de vogal tem o som dum *ḍ* cerebral, pelo contrário em Ewe existe *ḍ* ao lado de *d*. A língua Tsǐ oferece também *horo* 'diferente' ao lado de *hodoo* (Westermann 90). É evidente que os exemplos de Gil Vicente podem representar a fala dos negros da Mina, mas não sabemos nada sôbre a pronúncia do *ḍ* nas outras línguas sudânicas (Westermann 130) e por conseguinte tão pouco em Edo (Benim). Em Ga (Mina) *ḍ* no interior de palavras alterna com *r*, mas *r* não se usa como inicial (Wes-

---

(1) S. W. Koelle, *Polyglotta africana*, London, 1854, págs. 26, 52, 88. Cf. N. W. Thomas, *Anthropological report of the Edo-speaking peoples of Nigeria*, I, London, 1910, pág. 126.

(2) Westermann = D. Westermann, *Die Sudansprachen*, Hamburg, 1911.

(3) Cf. para o Minho J. Leite de Vasconcellos, *Opuscúlos*, II, 9, 17, 21, 60, 119, 195, 282.

termann 94). Também em Yoruba alternam *d* e *r* (Westermann 97).

Acrescente-se ainda que em Mbundu (Angola) e no Congo encontramos dialectos que oferecem um *r* lingual e outros que têem no mesmo lugar um *d* (1). Existe porém esta troca sòmente antes da vogal *i* (em Gil Vicente e em Tši antes de cada vogal). Nos empréstimos do português à língua Mbundu *d* antes de *i* ou *e* aparece transformado em *r*, p. e. *cu-risejála* < *desejar*, *nga-risejála* < *desejo*, *riábu* < *diabo* (2).

§ 9.º A palavra *Jeju* 'Jesu' (CB) oferece a troca do som alveolar fricativo sonoro *z* no som palatal fricativo sonoro *ž*. Cf. *buji* < *buzio* na Costa dos Escravos (ZRPh, XII, 248), *cuji* < *cozer* no português dos negros de Anobom (*Anobom* 205).

Existe um paralelo na troca dos respectivos sons surdos no português das Ilhas de Cabo Verde: *paxenxa* < *paciência*, *xínta* < *sentar*, *xintí* < *sentir* (*S. Tomé* 899); de S. Tomé: *pachá* < *passear*, *nogocho* < *negocio*, *achi* < *assim*, *chi* < *se*, *chinco* < *cinco* (*S. Tomé* 899); de Anobom: *chinco* < *cinco*, *Nachiol* < *nosso senhor* (*Anobom* 205); de Angola: *chim* < *sim*, *chintinella* < *sentinela* (*S. Tomé* 899). Cf. ainda a palatalisação do *s* em galego.

§ 10.º *p* > *b*. CB: *bruguntando* 'perguntando'. Encontramos também no sul de Portugal *bescoço* em vez de *pescoço* (J. Leite de Vasconcellos, *Esquisse* 111).

§ 11.º *l* > *r*. CB: *ere* 'êle', *crerigo* 'clérigo', *sempreza* 'simpleza'. Cf. Tši *omuratoni* < port. *mulato* (ZRPh, XII, 245). Encontramos *l* ou *r* na mesma palavra na língua Ga (Mina): *fra*, *fla*; *kra*, *kla*; *krata*, *klata*; *kri*, *kli* e outros (Westermann 33 e 94).

---

(1) Veja-se Heli Chatelin, *Grammatica elementar do Kibundo ou Lingua de Angola*, Génebra, 1888/9, pág. 150: «O *ri* que em Loanda sôa quasi como em portuguez, sôa no sertão como *di* (em umbundu: *li*). A mesma differença na pronuncia de *ri* e *di* dá-se no Congo entre o dialecto da costa e o do planalto de S. Salvador.» Cf. para a língua Mbundu também *Zeitschrift für afrikanische Sprachen*, II, (Berlim, 1888/9), pág. 268. Cf. ainda Efik 'ser': *di* e *ri* (Westermann 165).

(2) B. M. de Cannecattim, *Diccionario da Lingua Bunda ou angolense*, Lisboa, 1804, págs. 290 e 313. Cf. *S. Tomé* 897.

Existem casos análogos em português. A troca dum *l* final de sílaba em *r* é comum aos dialectos minhotos (1). As palavras *crerigo* e *simprez* existem em português arcaico. Cf. S. Tomé *frori* (J. Leite de Vasconcellos, *Esquisse* 189) em vez de *flor* (Gil Vicente, *frol*), port. arc. *fror*. São factos que coïncidem com tendências das línguas sudânicas do antigo território de Mina.

§ 12.º *tr* > *t*. Com a palavra *pato* < latim *pater* 'padre' (CB e FA) pode-se comparar Anobom *tabayá* 'trabalhar'. Cf. ainda *padê* 'padre' no português de S. Tomé (*S. Tomé* 894).

Verificamos primeiramente que não existe muita diferença entre o falar dos três pretos, e se o negro em NA é de Benim, como pretende Gil Vicente, também os dois outros podem ser dêste país. Coïncide a fala dos três negros nos §§ 1.º e 2.º, 3.º, 5.º e 6.º, 7.º, 8.º.

Apresenta o preto em CB além disso os fenómenos caracterizados nos §§ 9.º e 11.º. A troca de *z* > *ž* (§ 9.º) não pode ser característica para o negro de CB, porque êste fenómeno tem analogias em tôda a parte: na Costa dos Escravos, nos dialectos crioulos que têem um substracto Bantu (Angola, S. Tomé (2), Anobom) (3) e até no português dos mouriscos (4). A tendência para trocar *l* por *r* (§ 11.º) pode-se explicar pelo português só, ou, se quisermos absolutamente buscar uma influência de língua africana, esta só poderá ser a da língua Ga no território da *Mina*.

Dos fenómenos comuns à pronúncia de todos os negros nas obras de Gil Vicente não pode indicar a sua origem o intercalar-se uma vogal entre um *r* e a consoante seguinte

---

(1) Veja-se J. Leite de Vasconcellos, *Opúsculos*, II, 20, 60, 68, 174, 196, 255. Cf. bras. *animár* 'animal', *fársa* 'falsa', etc.

(2) A maior parte dos pretos de S. Tomé foi importada de Angola, pôsto que tivessem ido também negros de tôda a costa ocidental desde Senegâmbia até Mossâmedes (*S. Tomé* 890).

(3) Anobom foi povoada por pretos vindos de S. Tomé (*Anobom* 199).

(4) Cf. no falar da Moura nas *Cortes de Jupiter*: *fager* 'fazer'; *xaber*, *xer*, *xacretos* 'secretos', *xon*. Para o português dos mouros de Asfi (Safim) veja-se *Biblos*, VII, 497.

(§ 3.º), que encontramos nos dialectos crioulos de substrato Bantu, de substrato sudânico e ainda no português dos mouros [1]. Comum a todos os dialectos crioulos conhecidos da costa ocidental de África e das ilhas africanas é ainda a troca *nh* > *y*, *lh* > *y* (§§ 5.º-6.º). Muito instructiva, é, porém, a maneira de tratar o *d* antes de vogal (§ 8.º), fenómeno que indica o território da *Mina*, e com certa segurança também *Benim*, como origem provável dos pretos.

A troca de *v* > *b* (§ 7.º) não parece verossímil na boca do «filho do rei Beni», mas sim na fala dos negros vizinhos, parcialmente de territórios que formavam parte do Benim português.

Existe todavia um facto que contradiz estas indicações. A maneira de evitar uma consoante final (§ 1.º) não coïncide com um substrato sudânico, mas sim com um substrato Bantu. Isto, segundo o meu parecer, sòmente pode explicar-se por se ter formado em Lisboa, depois de serem trazidos para a capital pretos de Mina e Benim e ainda pretos de Angola e do Congo [2], se ter formado um *argot* português dos negros que contém igualmente elementos fonéticos das línguas sudânicas e do Bantu.

Hamburgo.

WILHELM GIESE.

---

[1] Veja-se *Biblos*, VII, 504.

[2] Cf. sôbre a história do comércio de escravos neste tempo F. de Almeida, *História de Portugal*, III, 213 segs.

Etnografia jurídica da Ilha Terceira (Açôres)

I

Contractos

O camponês da Ilha Terceira respeita a sua palavra e põe o maior escrupulo em cumprir aquilo a que por ela se obrigou. É isso um ponto de honra para êle.

Antes de fechar um contracto, uma compra por exemplo, regateia e volta a regatear na esperança de economizar alguma coisa, às vezes uma insignificante quantia, porque o dinheiro a seus olhos tem um grande valor.

Nem sempre escrupuliza em não enganar a outra parte contratante. Segura-se, medita e procura tirar do negócio o máximo proveito; mas, uma vez proferida a palavra que traduz o consentimento, não se desdiz. O *solus consensus obligat*, do Direito Canónico está profundamente radicado no seu espírito. Tem bem essa noção.

Há exemplos de transmissões de bens imobiliários, efectuadas apenas de viva voz, que nunca foram impugnadas. Um grande número de partilhas de prédios não consta de qualquer documento e, assim, talvez melhor do que dos bretões, se pode dizer dos terceirenses o que daqueles diz Braudillart: — «Nos seus contractos a palavra é por tal modo sagrada, que muitas vezes não são reduzidos a escrito».

Pela língua morre o peixe, diz um ditado popular; e ainda que mais freqüentemente se empregue como referindo-se a alguém que pratica um acto, que antes censurou quando praticado por outrem, traduz também a importância que o povo da Ilha Terceira liga à palavra como meio de se prender a certas obrigações, equivalendo ao ditado francês: — «*On lie les boeuf par les cornes et les hommes par la langue*».

No adagiário muitos outros ditados se encontram que avisam do perigo de falar em certos casos e dos percalços que palavras levianas acarretam, às vezes, a quem as profere.

Assim, diz o povo: «Cala-te bôca, fala cotovelo», fórmula aproximada da francesa — «*parle papier, tais-toi langue*»; «se o silêncio é de ouro, a palavra é de prata», tradução de prolóquio germânico — *Stille ist Gold, reden ist Silber.*

Quando um camponês apresenta um documento e se lhe faz alguma pregunta sôbre o negócio a que êle se refere, responde logo, invariàvelmente: — «Está aí no papel», sem mais explicações, que só dificilmente se lhe arrancam.

Por isso, ainda, numa forma imaginosa, o nosso povo diz que o *melão calado é o melhor*, isto é, que o melhor melão é o que não tem fenda alguma na casca e por isso não mostra a polpa e não perde o aroma.

Em alguns casos a prestação do consentimento nos contractos está ligada a certas práticas que constituem por assim dizer, formalidades externas do contracto e asseguram o seu cumprimento. Tais são, por exemplo, as compras e vendas de animais e coisas móveis.

Estes contractos efectuam-se em geral na rua, ao ar livre, quando vendedor e comprador se encontram por acaso, ou no *terreiro* (largo em frente da igreja paroquial ou do *império* do Espírito Santo) da frèguesia, onde os homens se reunem à noite, depois do trabalho nas terras, e ao domingo de tarde ou à saída da missa.

Ajustado o negócio, o comprador estende com gravidade a mão direita ao vendedor, que lh'a aperta, deixando cair a sua de certa altura, dizendo o primeiro: «está vendido», ou «está ajustado», ou ainda fazendo com a cabeça um simples sinal afirmativo.

A mão direita, cujo papel é tão importante noutros actos da vida jurídica popular, como o juramento, intervem aqui para confirmar a palavra dada, assegurando o cumprimento da obrigação assumida.

Põe têrmo ao ajuste ratificando o consentimento, firmando a relação jurídica por êle criada. Já em épocas distantes pôr a mão entre as de outrem significava submeter-se à sua autoridade, colocar-se na sua dependência. A *homenagem* fendal prestava-se *per manus porrectionem.*

Aquele que se obriga a alguma coisa para com outrem estende-lhe a mão para significar que se coloca, quanto a ela, à sua disposição; e num contracto bilateral em que os dois contraentes recipròcamente se obrigam, apertam-se mutuamente as mãos.

É esta a interpretação que Brissaud dá à *paumée* francesa. Na *paumée* o comprador pega com a mão esquerda na mão direita do vendedor, por modo que a palma fique aberta, e com a sua mão direita bate nesta. Se o preço oferecido convém ao vendedor, êle repete o gesto do comprador e bate, por seu turno, na mão direita dêste, que às vezes se vê obrigado a repetir o gesto, que é sempre grave e solene.

Contràriamente à opinião de Brissaud, Esmein vê na *paumée* uma execução parcial, puramente simbólica, uma espécie de tradição reduzida à sua expressão mais simples, em que se substitue pela mão a entrega do sinal.

Mas acomodada aos factos, com referência ao aperto de mão dos camponeses terceirenses, se nos afigura a interpretação de Brissaud.

Na venda de animais, achando-se êles no local, a tradição efectua-se logo após o aperto de mão, isto é, no momento seguinte ao da prestação do consentimento; por isso, bem escusado seria o aperto de mão se o povo lhe ligasse a ideia de começo de execução e lhe atribuisse função análoga à do sinal. A ideia que dêle o povo parece ter é a de uma formalidade do contracto, que se destina a corroborar ou atestar a palavra dada.

Ultimado o negócio, o comprador convida o vendedor a acompanhá-lo a uma taberna *(venda)* próxima e, aí, manda encher dois copos de vinho, dos quais bebe um e oferece o outro ao vendedor, que, seguidamente, por uma questão de cortezia, repete a libação. O beberete, sobrevivência da antiga *libatio*, é que, praticado depois da prestação do consentimento, parece constituir um comêço de execução, uma forma simbólica do pagamento de parte do preço, cuja importância, todavia, se não abate no quantitativo dêle.

Estas práticas, no geral, estão em uso também nos contractos de arrendamento de prédios rústicos, por via de regra verbais, por ano agrícola com princípio em 1 de Novembro, *pelos Santos*, e fim em 31 de Outubro do ano seguinte. Se a renda é paga em frutos, o seu vencimento é, segundo o costume da terra, em Agôsto, ou, mais particularmente, em 15 de Agôsto (Santa Maria de Agôsto, Nossa Senhora das Pêras).

Se é em dinheiro paga-se até Setembro.

Quando a renda em frutos não fôr paga no seu vencimento nessa espécie, o pagamento pode efectuar-se em dinheiro até aos Santos, estimando-se os frutos pela liquidação

camarária, que se baseia no preço médio dos géneros no mercado no mês de Agôsto, feita na primeira sessão de Setembro. Como um dos frutos em que mais freqüente é fazer os arrendamentos é o trigo, e êste tem hoje preço fixado por lei, a liquidação tem ido caindo em desuso.

Além do arrendamento, outros contractos há que são regulados pelo costume, como o chamado das *comidas* ou *outonos*, e a parceria marítima nos barcos de pesca.

O contracto de *outonos* é o seguinte: Depois da colheita do milho, as terras ou ficam em descanso ou os proprietários semeiam-nas de tremôço, entre o qual nasce erva em abundância, e cede esta forragem com a gavela e as espigas dos milheiros sêcos a outro lavrador que tem gado, mas não tem nesse período com que sustentá-lo. O que recebe a terra para aproveitar a forragem mete nela o seu gado e obriga-se a lavrar e semear a terra no tempo próprio.

A esta forragem chama-se *outonos*, palavra que nesse sentido se encontra no cancioneiro popular:

Eu sou Outubro,
O mês dos outonos;
Engordo as terras,
Proveito dos donos.

Esta quadra refere-se, porém, mais particularmente a um costume quási abandonado desde a introdução do adubo químico,—o de enterrar a planta do tremôço quando atingia certo desenvolvimento e antes da florescência.

Algumas vezes, nem sequer a terra é hoje semeada de tremôço, e aquele que recebe as comidas ou outonos apenas aproveita a erva que expontâneamente cresce e os pés de milho depois da colheita *(milhãs)*.

A divisão do rendimento dos barcos, tanto de pesca como de carga *(lanchas)* ou passageiros *(botes)*, faz-se, em geral, entre os tripulantes e o dono do barco, pelo seguinte modo: Pago o imposto devido, o rendimento da pescaria divide-se em tantos quinhões quantos os tripulantes e mais dois, um dos quais é para o dono do barco, outro para a Confraria de San Pedro Gonçalves. Se a pesca é de *enchelavar*, faz-se mais um quinhão para o dono dêste; se é de rêde de arrastar ou de bater, ao dono dela cabe um têrço da pescaria.

Nalgumas companhas a Confraria tem apenas meio quinhão, noutras faz-se mais um quinhão para os aparelhos de pesca, do qual o mestre tira uma parte para gratificar algum

tripulante mais hábil ou que tenha prestado serviço extraordinário. Quando o rendimento da Confraria é excessivo, deixa-se de fazer quinhão para ela em algumas companhas, quási sempre dos barcos de pesca.

É de notar que aos quinhões se chamam *soldadas*, não obstante a significação própria desta palavra ser absolutamente diferente, até na linguagem popular. Ferreira Borges, no «Dicionário Jurídico Comercial», contrapõe a soldada à navegação por partes (parceria), dizendo que aquela consiste no pagamento em dinheiro aos tripulantes e esta no pagamento com parte nos lucros; e Viterbo, no «Elucidário», explica que soldada é o que se paga com soldos, espécie antiga de moeda.

O povo da Terceira, ainda que raramente, chama também soldada ao ordenado *(ganhos)* dos criados de lavoura, quando pago ao mês ou ao ano, pois se é pago ao dia, chama-se *jornal.*

À soldada que pertence à Confraria chama-se vulgarmente a *soldada do santo.*

Em quási tôdas as localidades onde há grupos de marítimos existe uma Irmandade de San Pedro Gonçalves Telmo, o santo que os nossos marinheiros do tempo dos descobrimentos, eregiram em seu patrono, também chamado Corpo Santo ou San Telmo, nome que deram à fosforescência do mar

Vi, claramente visto, o lume vivo
Que a marítima gente tem por santo

disse Camões.

Nas ilhas o culto de San Pedro Gonçalves é antigo, certamente introduzido pelos primeiros povoadores, pois na carta da cidade de Angra levantada em 1595 por João Hugues van Leinchotten, que figura na sua História de Navegação, já se encontra indicado a pequena ermida do Corpo Santo, a que o P.e António Cordeiro, na História Insulana, chama célebre, séde de uma irmandade de marítimos que ainda há pouco tempo se achava no mesmo sítio de onde a removeram por causa do desmoronamento da Rocha de Cantagalo.

A pouco e pouco, outros santos de devoção popular foram compartilhando a Confraria com San Pedro Gonçalves, em especial Santo António e Nossa Senhora da Boa Viagem. Na

Praia da Vitória o orago da Confraria é o Senhor Santo Cristo da Misericórdia.

Algumas confrarias têm anexo um *império* do Espírito Santo onde se realizam na época própria os tradicionais festejos.

À *soldada do santo* anda ligada, segundo creio, uma vélha usança, que, aliás, existe também nalgumas localidades do Continente. Todos os anos, em dia diferente, conforme a frèguesia, se faz a festa do patrono da irmandade dos marítimos, e, na tarde desse dia, realiza-se a procissão, na qual levam as imagens dos santos da Confraria e um pequeno andor com um navio, que figurava também noutras procissões, no século XVII, segundo refere José Cândido da Silveira Avelar no seu livro «A Ilha de San Jorge».

A procissão dos marítimos dirige-se ao varadouro, e aí os andores pousam em cada um dos barcos, que nesse dia não vão ao mar e se acham ornamentados com colchas, verduras, flores, bandeiras e estampas devotas. Como as imagens, ao tocarem nos barcos, voltam a face para o mar, o Sr. Dr. Pires de Lima, num notável estudo sôbre o simbolismo jurídico, publicado no «Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra», vê em tal prática um acto simbólico de tomar posse do mar.

Dada, porém, a comparticipação da Confraria no rendimento dos barcos, o tocar neles com os andores afigura-se-nos antes significar um acto de posse do santo em parte da embarcação.

As arrematações em hasta pública tiveram durante muito tempo formalidades especiais, hoje completamente desaparecidas. O pregoeiro segurava na mão um ramo verde, que entregava ao arrematante em sinal da sua arrematação.

De um livro de autos de arrematação, existente no arquivo da Câmara Municipal de Angra, consta o auto de 10 de Maio de 1721, onde esse cerimonial está descrito com certa minuciosidade: «... e logo o ditto porteyro, tomando hum ramo verde na mão, comessou a lançar pregão em voz alta e intellegivel pela prassa desta cidade, dizendo que quem mais lhe desse por outto moyos e meyo de cal... e andando com este pregão por espasso de tempo recebendo muitos lanços sempre para mais, chegou ultima.te a dizer que Manuel Soares, pedreiro, lhe dava pelos outto moyos e meyo de cal vinte e

sette mil e trezentos reis, e por nam aver quem outro mayor lanço desse, mandaram os dittos officiaes da Camara, que nas janellas della estavão, se rematasse, e o ditto porteyro, fasendo as diligencias necessárias em semelhantes auttos de remataçāo, meteo o ramo na mão do ditto Manuel Soares e lhe ouve por arrematada a ditta cal pelo preço de... sendo primeyro afrontado, os mais lançadores que disseram não queriam lançar mais, e sendo aceito pelo ditto arrematante o ramo disse...»

Note-se o emprêgo neste auto da palavra *remataçāo* por *arrematação*, palavra aquela que aparece em quási todos os autos lavrados no citado livro, o que talvez não seja destituído de interêsse para averiguação da controvertida etimologia do vocábulo.

Os votos e promessas não são mais do que uma modalidade especial dos contractos; contractos com a Divindade.

O voto é uma prece ou súplica dirigida à Virgem ou a um Santo, com a promessa do suplicante ir à capela do santuário ou igreja onde êle se venera, quási sempre no dia da sua festa ou comemoração, e fazer-lhe uma oferta ou, por outro qualquer modo, lhe manifestar a sua gratidão, se o pedido tiver despacho favorável.

A promessa é condicional: só será cumprida, se a graça ou favor solicitado se alcançar; e assim o voto toma o aspecto jurídico de um contracto bilateral em que a prestação da coisa oferecida ou de certo objecto do voto fica dependente da obtenção da coisa pedida. É a satisfação do pedido por parte daquele a quem a súplica se dirige, que torna executória a obrigação assumida pela promessa feita pelo suplicante, e perfeito o contracto.

A situação de quem faz o voto é assim semelhante, diz Jobbé Duvale, *Lees idées primitives dans la Bretagne contemporaine*, à de quem tem um processo em juízo e espera que êle seja julgado.

O costume de fazer votos ou promessas é antiquíssimo.

Encontra-se em todos os tempos e em tôdas as religiões; e a história da Ilha Terceira regista um grande número de capelas e igrejas, esmolas e doações a conventos, que tiveram essa origem.

O povo ainda hoje as faz aos santos da sua particular devoção: Santo António, San Braz, Santo Amaro, San João,

Nossa Senhora dos Milagres da Serreta, o Senhor Santo Cristo da Praia, etc.

Há até uma verdadeira especialização, quanto a certos votos e súplicas. San Braz é invocado para curar moléstias da garganta; Santo Amaro e San João nas enfermidades dos membros e outras partes do corpo; Santo Antão nas doenças dos animais. Há uma Nossa Senhora do Parto que se venera na ermida de San João de Deus, num arrabalde da cidade, uma Nossa Senhora da Boa Morte que tem o seu culto na igreja do Colégio dos Jesuítas.

A par destes a devoção popular tudo pede a Nossa Senhora dos Milagres da Serreta, ao Divino Espírito Santo, a Santo António, pôsto que êste seja mais freqüentemente invocado para achar as coisas perdidas, fazer cessar ou cair a chuva, conforme a estiagem é prolongada ou o bom tempo se faz esperar de mais, e para casar as raparigas, a quem o desejado noivo se demora a aparecer.

Santa Luzia é advogada das doenças de olhos; San Sebastião e San Roque os advogados contra a peste.

A coisa prometida varia conforme as circunstâncias da pessoa que faz a promessa e, algumas vezes, condiciona-se pela natureza do pedido.

A San João e a Santo Amaro oferecem geralmente mãos, braços, pés, seios, bonecos, de pão dôce *(massa sovada)* ou de massa de açúcar *(alfenim)*, conforme a região afectada pela doença que se curou pela miraculosa intervenção do santo e o valor que se quere dar à oferta; o mesmo sucedendo com o Espírito Santo.

A San Braz a promessa é, em regra, de uma argola de cêra das dimensões do pescoço atacado pela doença de garganta; a Santa Luzia é de um pequenino par de olhos de prata.

Fora destes casos oferecem usualmente trigo, dinheiro, cêra, banha de porco *(gordura)*, azeite e, sôbre tudo ao Espírito Santo, animais — vacas, bois, bezêrros, galinhas.

As ofertas em géneros são arrematadas em leilão, na tarde do dia da festa ou no imediato, entre a gente que, para esse fim, se reüne no largo *(terreiro)* ou no adro da igreja ou capela.

Se entre os assistentes há algum que prometeu qualquer coisa que figure entre as ofertas que têm de arrematar, mas não pôde arranjá-la a tempo, arremata essa oferta e torna a

oferecê-la. Em regra, as arrematações fazem-se por preços superiores ao valor dos objectos arrematados, porque ficar com elas é praticar um acto de piedade.

Com o gado sucede às vezes não se arrematar na ocasião em que é oferecido, ficando para o ano seguinte; e, neste caso, há sempre um lavrador que se presta a tomar gratuitamente conta dêle e a sustentá-lo com a sua manada.

As promessas em dinheiro são pagas por uma só vez, ou, mais raramente, todos os anos, constituindo assim uma verdadeira renda não imposta, todavia, sôbre certo e determinado prédio, ou propriedade, cujo quantitativo pode variar de ano para ano e ser fixado na ocasião do pagamento. Nunca, porém, essa obrigação se transmite hoje aos herdeiros do promitente.

Até há 30 ou 40 anos havia uma promessa que revestia um carácter especial: era a feita pelos marítimos por ocasião das tempestades.

Acossados pelos vendavais, em perigo, os marinheiros de um barco ou navio prometiam a Nossa Senhora da Boa Viagem ou a San Pedro Gonçalves oferecer-lhe a vela grande, se chegassem a pôrto de salvamento.

Uma vez em terra, no dia seguinte ou alguns dias depois, iam a bordo da embarcação buscar a vela grande e reunidos no desembarcadouro, vestidos com as roupas que tinham no corpo na ocasião do temporal, descalços ou com grandes botas de couro engordurado, casacos de oleado, os *suestes* na cabeça, formavam um cortejo a que se juntavam outros marítimos da localidade. À frente vinham dois ou três, com os baldes de bordo, pedindo pelo caminho esmola para os naufragos; depois a companha e no fim a vela enrolada, trazendo um dos marítimos alguma estampa ou imagem devota, que houvesse a bordo, e vindo, atraz da vela, o mestre ou capitão.

Ao som de cânticos religiosos ou da ladainha percorriam as ruas até chegarem à ermida séde da Confraria dos marítimos onde, rendidas graças, ofereciam a vela que depois resgatavam mediante a entrega do dinheiro angariado no peditório. Êste costume há muito que desapareceu.

II

A posse

A transmissão da posse de coisas imobiliárias estava sujeita a um certo número de formalidades, aliás recomendadas pelos nossos velhos praxistas.

Na Ilha Terceira essas formalidades conservaram-se quási as mesmas no decorrer dos tempos, como se vê de diversos autos de posse, que lêmos e vamos transcrever em parte.

Num auto de 23 de Janeiro de 1600, o escrivão diz que o comprador lhe pediu que... «lhe desse posse das ditas casas conforme a escritura atraz trasladada, em virtude da qual tomei terra, pedra e caliça das ditas casas e terra e pedra do quintal dellas e tudo metti nas mãos do dito comprador pelos quais cousas e cada uma dellas...»

Num auto de 5 de Novembro de 1761, lê-se: — «posse e propriedade contheuda e confrontada na Escriptura retro na qual eu Tabellião entrei e da casa de palha tomei em minhas mãos terra, pedra pao e palha e dos serrados terra, pedra e herva as quais cousas metti nas mãos do ditto beneficiado que as aceitou e andou passiando pela ditta terra, abrindo e tapando portais, por cujas acções e por cada huma dellas lhe dei e houve por dada a ditta posse actual corporal, civel e judicial, tanto quanto em direito devo a sua Mag.e, que Deus guarde, me dá para isso poder e lugar, o que fiz em dia claro e sol fora, sem embargo nem contradição de pessoa alguma.»

Num auto de posse de 20 de Outubro de 1787, diz-se: «... naqual terra logo eu Tabellião entrei e della tomei em minhas mãos terra, pedra, erva e da casa terra, pedra, pao e teilha, as quais couzas metti nas do ditto comprador que as aceitou e andou paciando pela mesma propriedade, abrindo e fexando o portão della por cujas acções e por cada huma dellas lhe dei e ouve por dada a ditta posse actual, corporal, civel e judicial, tanto quanto em direito devo e posso e Sua Magestade me dá para isso poder e lugar, o que foi em dia claro e sol fora sem embargo nem contradição de pessoa alguma e na presença de testemunhas...»

Noutro auto de 24 de Julho de 1833 diz-se: — «entrei nas mesmas casas juntamente com o apossado e por todas ellas andou este passeiando, abrindo e fechando suas portas e fazendo em suma todos os mais actos possessorios recomendados na Lei e do estillo, por cujas solenidades praticadas em dia claro e sol fora sem contradição de pessoa algũa lhe dei e ouve por dada a posse da mencionada propriedade...»

Ainda noutro auto de 13 de Agôsto de 1845 se lê: — «e logo em minhas mãos tomei da referida propriedade terra, pedra, e erva, e tudo meti nas do dito Procurador com o que andou pesseando, abrindo e fechando paredes e portas, praticando todos os mais altos possessórios em dia claro e sol fora sem contradição de pessoa alguma.»

Para assegurar a posse dos gados usam os criadores ferrá-los com o seu ferro, que é registado na Câmara.

Assinalar o gado para se conhecer o seu dono é prática muito antiga, pois já era recomendada no foral dos almoxarifes da Ilha Terceira, de 2 de Julho de 1487, transcrito por Ferreira Drumond nos Anais da Ilha Terceira, volume primeiro.

Os pequenos lavradores, que têm apenas três ou quatro cabeças de gado, não usam ferro; mas, como o deitam a pastar no baldio durante parte do ano, para evitar que êle se confunda com outro, marcam-no nas orelhas.

Cada lavrador usa o seu sinal ou marca, e estas marcas ou sinais teem nomes e formas diversas.

Uma pequena fenda pouco aberta do bordo da orelha para o centro diz-se *orelha rachada*. Se a fenda é mais aberta diz-se *fôrca*.

Mossa é uma incisão em forma de arco de círculo no bordo da orelha; *fôlha de figueira* é o córte de um lado e outro da parte superior da orelha.

Estes sinais fazem-se numa ou ambas as orelhas, mais abaixo ou mais acima, no bordo interno ou externo, permitindo um grande número de combinações.

Assim, um rez é marcada com uma *forca* e duas *mossas*, uma em cima, outra em baixo, na orelha direita; outra com uma *fôlha de figueira* na orelha esquerda e uma mossa na direita; outra ainda com a orelha esquerda *rachada* no bordo externo e duas *mossas* no interno, etc.

Quando uma rez se trasmalha, o dono procura-a pelos

sinais externos, côr, manchas, etc., da pelagem e pelas marcas que lhe pôs.

A orelha, para o efeito da colocação das marcas, é dividida em duas partes, uma inferior junto da inserção na cabeça, que se diz *ramal de baixo*, outra na parte superior que se chama *ramal de cima*.

III

O juramento

O juramento desempenha na vida jurídica popular um papel importante.

O povo, para afirmar a veracidade de uma coisa ou assegurar o cumprimento de uma promessa, jura invocando o paraíso ou as fôrças da natureza e chama sôbre si os mais graves castigos se faltar à verdade ou ao que se comprometeu.

Mas, não obstante a violência dessas fórmulas e a freqüência com que as emprega, não lhes liga, na essência, uma grande importância, e o juramento falso bem como o perjúrio, não são infelizmente tão raros como à primeira vista se pode imaginar.

Até prestado o juramento com solenidade perante a justiça a poucas consciências obriga.

O mal, ao que parece, não é de agora. Vem de longe.

Nas Constituïções do Bispado de Angra, feitas pelo Bispo D. Jorge de Santiago e aprovadas em sinodo diocesano de 1559, lê-se no título XXX: — «E porque algumas pessôas, proposto o temor de Deus e o dano de suas almas, por malícia, ou por temor, ou amor, afeição, rogo ou interesse, algumas vezes encobrem a verdade e dizem falsidades, no que muito ofendem Deus nosso Senhor, e os proximos recebem grandes danos e as almas muito perigo e dano: Querendo nós prover de remédio...»

E não é só neste título, que se inscreve — *Dos que testemunham falso* — que se tomam providências sôbre o assunto. No XVIII dos canones penitenciais volta a falar-se no prejúrio, cominando-se-lhe as penas estabelecidas no Direito Eclesiástico comum.

Em certas frèguesias o camponês, que é dado como testemunha, nem sempre apresenta uma grande repugnância em faltar à verdade.

Chamado a depôr perante a justiça, não põe dúvida em modificar ou alterar os factos por modo que favoreça a parte que o indicou. É isso, porém, menos uma falha de carácter do que uma errada noção do que seja ser testemunha e do seu papel como tal.

Quem vem depôr a juízo numa questão de outrem está convencido, geralmente, que lhe presta um favor e vem defender o seu direito. Não se julga um meio de apurar a verdade dos factos, uma forma de prova. Daqui resulta que, se antes lhe não pediram para o indicarem como testemunha, sente-se ofendido e procura furtar-se a vir ao tribunal, se não prefere encerrar-se num obstinado mutismo, dizendo apenas que nada sabe do que lhe preguntam.

Se por essa atitude o increpam, defende-se da acusação, alegando que nada lhe haviam dito e, por isso, nem sequer sabia que tinha de depôr nem o que tinha de dizer.

A contrastar com semelhante modo de proceder e corroborando o que dissemos sôbre ser êle mais um êrro de que uma imoralidade, está a facilidade com que qualquer camponês confessa, as mais das vezes, aquilo de que o acusam. Não é raro que a sua confissão seja até a única prova da acusação. E confesso lialmente, com verdade, sem subterfúgios, sujeitando-se honradamente às conseqüências de seu acto e manifestando o seu arrependimento por o ter cometido.

Seja como fôr, o certo é que o povo ainda hoje usa com freqüência modos de dizer que traduzem fórmulas de juramento, onde não é difícil achar vestígios de vélhas ideias e crenças, já há muito abandonadas.

O povo tem uma preocupação constante com a vida de além túmulo e crê em almas do outro mundo, em almas penadas e fantasmas que aparecem de noite nas encruzilhadas e fazem mal aos vivos, porque andam a penar, e querem missas, orações e esmolas por sua intenção, no desejo de se aquietarem e abreviarem a expiação de seus pecados. Ainda há poucos anos nas frèguesias do campo se pedia de noite no adro da igreja pelas almas.

Se a um pobre dão uma esmola, é freqüente ouvi-lo agradecer com esta fórmula: — «*Seja pelo amor de Deus; apresentado seja na meza do céo*».

Para afirmar a verdade de um facto, diz-se: «*pela minha rica salvação*», expressão que também se usa para assegurar o cumprimento de uma promessa. Expressões semelhantes usam, aliás, outros povos. Os franceses dizem, por exemplo, «*sur ma part de paradis*», ou «*Je ne demande aucune part dans le paradis si je mens*».

Outras vezes invocam-se no juramento as almas dos outros: — «*pelas almas que lá tenho*», «*pelas almas do purgatório*», fórmulas igualmente usadas para pedir ou agradecer alguma coisa.

O juramento pelas almas envolve às vezes a ideia de as levar a participar do castigo do perjuro, ideia espalhada por muitos outros povos.

Ainda o juramento, tanto afirmativo como promissório se faz invocando as penas eternas: «*Calçado e vestido seja eu no inferno*», forma que outras vezes se liga ao fôgo chamado a testemunhar a afirmação.

O raio é considerado pelo povo uma pedra incandescente *(corisco)* que se deprende das nuvens e, caindo na terra, se apaga. *Pedra de lume* lhe chamam na Ilha de San Miguel. Daqui as fórmulas: «*raios me partam*», «*fôgo ruim me consuma*», «*mau fôgo me abrase*».

Sôbre mim caiam mil raios,
A meus pés se abra o chão,
Se eu nunca deixar de dar-te
Alma, vida e coração...

diz uma cantiga popular, onde duas formas de juramento se reünem.

O fôgo é também invocado por modo que nos recorda a antiga ordália: «*Sou capaz de pôr as mãos no fôgo*».

Por influência do juramento judiciário sôbre os Santos Evangelhos, esta fórmula deu lugar a outra mais moderna: «*Sou capaz de pôr as mãos sôbre umas Horas*».

A terra é também invocada: «*A terra se me abra debaixo dos pés e me engula*», «*a terra me trague*».

Dos males que aquele que jura chama sôbre si com mais freqüência é a cegueira como, aliás acontece noutros povos. Na Wallonia, diz Sébillot, que se usa a seguinte frase: — «*Que le bon Dieu me fasse avengle*».

Na Terceira o camponês diz, geralmente, para atestar que viu certa coisa: «*Cego seja eu, se isto não foi assim*», ou, «*vi com estes que a terra há de comer*», e aponta os olhos.

É curioso que sendo o mar e o vento das coisas que mais preocupam a imaginação da gente do campo, ela não as invoque nos juramentos, tanto mais que lhes atribue vida e inteligência.

O mar é vivo e não fala
. . . . . .

Sabia tanta cantiga,
Tôdas o vento levou!

dizia duas cantigas populares. Não conhecemos, porém, na Ilha Terceira formas de juramento a que o mar e o vento sejam chamados.

O Diabo é que não escapa; mas o juramento por êle é o menos solene e importante. «*Diabos me levem*», «*o Diabo me carregue*», são frases muito vulgares, a que, quem as profere, não liga sentido algum.

IV

O casamento

Não há em tôdas as frèguesias da Ilha Terceira uniformidade perfeita de costumes pelo que respeita ao currículo da vida humana; mas, mau grado essas diferenças, que parecem ter origem na própria localidade, é fácil reünir algumas informações gerais sôbre êle.

Há algumas frèguesias que, ou pelo seu maior isolamento ou pelo espírito rotineiro da sua população, conservam ainda vélhas usanças inteiramente desaparecidas ou modificadas montras.

É geralmente nas folias e festejos do Espírito Santo, ou nas touradas à corda pelo verão adiante, que os rapazes arranjam o seu namôro, que se arrasta durante alguns anos, quási sempre até êles terem cumprido o serviço militar.

Os namorados olham-se a distância, falam-se de fugidela, quando calha e às escondidas dos pais da noiva, que fingem não dar por coisa alguma.

Nas romarias, os rapazes encostam-se aos bordões em frente das raparigas, namorando e falando mais ou menos a tôdas as que estão no grupo com a noiva, para disfarçar.

Cumprido o serviço militar, faz-se o pedido, se já não se tem feito antes.

O pedido faz-se ao comêço da noite, indo o noivo a casa do pai da noiva. Em geral vai só, mas algumas vezes vai com o padrinho. Com o pai é que nunca vai.

Na Ribeirinha travava-se entre os dois êste ou semelhante diálogo:

— O tio (designação genérica de todo o homem de certa idade e fórmula respeitosa de tratamento) o tio sabe ao que venho cá?

— Vocemecê o dirá.

— Venho pedir-lhe a sua filha *Fulana* para casar.

Se o pai não queria o casamento, o que raras vezes sucedia, pois o noivo assegurava-se prèviamente da anuência paterna, afim de não se expôr a uma negativa, dizia logo, abertamente, que não tinha filha para lhe dar. Se o casamento lhe agradava, chamava a filha e preguntava-lhe se queria casar com o pretendente, ao que ela respondia: — «Se é da vontade de meu pai e de minha mãe, é também da minha».

Combinavam então o tempo do casamento, e, desde o pedido, o noivo ficava sendo considerado da família, podendo... falar com a noiva ao domingo e num ou outro dia de semana à tarde, da banda de fora da janela!

Nem sempre, porém, assim é. As relações entre os noivos variam bastante de umas localidades para outras. Numas frèguesias (Santa Barbara) desde o pedido o noivo entra em casa e não fala com a noiva à janela; noutras (Fontinhas) a maior ou menor intimidade na casa varia conforme o agrado com que a família recebe o casamento.

Ao pedido liga o povo a ideia dos antigos esponsais, que, pelo Direito Canónico, eram impedimento do casamento com outra pessoa; e assim é raro o casamento que depois de feito o pedido se não realiza. Na linguagem popular os noivos dizem-se, vulgarmente, *desposados* ou antes *isposados*, segundo a pronúncia popular daquela palavra.

Quando sucede não se realizar um casamento depois do pedido, aquele que deu origem ao rompimento fica mal visto na frèguesia; mais ainda se fôr a noiva a romper. Nalgumas frèguesias, se é o noivo que desiste do casamento, sujeita-se a uma possível vindicta familiar, sobretudo se a noiva tem irmãos que, na primeira oportunidade, lhe aplicam uma va-

lente tareia. A vindicta familiar serviu de assunto a um dos belos contos de Vitorino Nemésio no «Paço do Milhafre» — *Enganada.*

A rapariga que uma vez foi pedida e não casou, mesmo que nada lhe houvesse sucedido, dificilmente arranja outro casamento. — «Êle que a deixou, algum defeito lhe achou», diz o povo da Ribeirinha.

No dia seguinte ao do pedido os pais da noiva vão *dar a saber* o facto aos pais do noivo, que vão depois agradecer a visita, se o casamento lhes agrada. Se não *é do seu gôsto, fazem o caso esquecido e não agradecem.*

A regra é porém, os pais, ainda que não gostem, não se intrometerem nem contrariarem os casamentos dos filhos, porque «*casamento e mortalha no céo se talha*».

Durante o noivado os noivos trocam entre si presentes de pequeno valor. Um dos mais vulgares é um lenço branco que a noiva borda para oferecer ao noivo e que êle nas romarias ostenta, forrando a gola do casaco, ou na algibeira do peito com uma grande ponta de fora. Os bordados do lenço são aves, ramos de incenseiro *(faia do norte)*, fôlhas mais ou menos estilizadas e às vezes cantigas, tudo com linhas de côres vistosas.

Até há pouco tempo, os rapazes duma frèguesia viam com maus olhos o casamento duma rapariga dela com rapaz de frèguesia diferente; e êste, quando ia ver a noiva, arriscava-se a sofrer alguma desfeita. Hoje, com a convivência cada vez mais estreita entre a gente das diversas frèguesias, sobretudo próximas, tem desaparecido a solidariedade do grupo em relação ao casamento, talvez vestígio da vélha exogamia, de què tão largamente se ocupa Amadori Virgilii. O costume terceirense sugeriu a Mendo Bem uma das histórias que formam o pequeno volume «Insulares». Nesse conto, *Vitorina*, há todavia manifesto exagêro nas circunstâncias com que o autor reveste o episódio, nada em harmonia com a índole do povo da Terceira.

O rapto é raro. Quando, porém, se dá, o raptor faz-se acompanhar de uma mulher de respeito, pessoa de família que traz a noiva consigo. Se a noiva fica em casa dos futuros sogros, estes mandam o filho para outra casa até ao casamento. Tanto no caso do rapto como noutro é raro o noivo ter relações com a noiva antes de casarem. «*Não se deve sujar a casa para beber depois*», diz o povo.

Até à crise determinada pela Guerra, em algumas frèguesias ninguém se casava sem primeiro construir a sua casa, no que era ajudado por tôda a vizinhança, que dava trabalho, materiais, carrêtos, conforme as posses. Ao domingo, depois da missa, quem não podia durante a semana desviar-se do seu trabalho, ia trabalhar na obra.

Quem casa quer casa, diz um ditado popular.

Isto fazia com que o período do noivado se eternizasse às vezes anos a fio.

Nas vésperas do dia aprazado para o casamento, que quási sempre era um sábado, coziam pão de trigo e leite, massa sovada em grandes rosquilhas e merendeiros, que se distribuiam pelos convidados; e iam as madrinhas à casa dos noivos fazer a cama, acto a que, nalgumas localidades, assistiam parentas e amigas da noiva. O fazer a cama era uma festa, e as raparigas, que nela tomavam parte, metiam disfarçadamente entre os lençois rosas ou ramos de silva com picões, e outros objectos que incomodassem os noivos ao deitarem-se. Em Santa Barbara era uso meter debaixo do travesseiro um pedaço de pão e uma garrafa de vinho, como sinais de abundância e prognóstico de fartura no casal.

Os convites eram feitos na quinta-feira anterior ao casamento e nalgumas frèguesias oito dias antes, pelos pais e não pelos noivos.

O noivo é que fazia a casa, com auxílio da família da noiva, se esta estava em condições de lh'o prestar. Ainda hoje é o noivo que dá a mobília, exceto a cama e objectos de cozinha, — pás, peneiras, alguidares, panelas, etc., — que ficam a cargo da noiva.

No dia aprazado, quási sempre dois anos depois do pedido, o pai da noiva ia com os seus convidados a casa dos pais do noivo buscá-lo para a cerimónia, e, ao entrar, dizia para o futuro genro:

— «Com licença de vosso pai e vossa mãe e com licença dos vossos padrinhos, fazei favor de me acompanhar para cumprirdes a vossa palavra».

Saiam todos, noivo, padrinhos e convidados, para casa da noiva onde, ao chegar, o noivo dizia à noiva:

— «Com licença de vosso pai e de vossa mãe, fazei favor de me acompanhar».

E, dito isto, punha-se a caminho o cortejo.

As mulheres, por via de regra, não vão à igreja, onde só vão a noiva e a sua madrinha.

Nuns lugares o cortejo tem certa ordem, indo à frente os convidados, logo depois o noivo e o padrinho e no fim a noiva com a madrinha; noutros lugares os homens formam um grupo que vai adiante, e a traz os noivos e os padrinhos.

Nas Fontinhas é o padrinho e não o pai da noiva que em casa do noivo diz que o vai buscar para o casamento.

Tempos houve em que o número de padrinhos era variável, três e às vezes mais, pois as Constituïções do Bispado de 1559 proïbiram que o seu número excedesse três (Constituïção VI), sendo o Concílio de Trento que fixou o seu número em dois.

Ainda hoje os padrinhos, segundo a tradição do Direito Canónico, são considerados parentes dos afilhados, designadamente os do batismo, que lhes lançam a benção como os pais.

À saída da igreja, o cortejo seguia a mesma ordem, mas os noivos é que vinham no fim, um a par do outro.

Nas casas por onde passavam, a gente saía à rua a saudá-los e a oferecer-lhes trigo, que recolhiam em sacas que para isso levavam, e sôbre êles espalhavam trigo, flôres e às vezes confeitos, símbolos da abundância e alegria.

Chegados a casa entravam os noivos e a madrinha ou madrinhas, ficando os homens na rua, até que o noivo, tendo deixado o chapéu em casa, vinha à porta chamá-los.

Na véspera do casamento, os pais mandavam pôr em casa dos noivos lenha, trigo, milho, carne de porco salgada e fumada, chouriços *(linguïça)*, toucinho, etc.

A bôda, que se realiza na casa dos noivos, varia consoante as posses das famílias. As mais pobres constam apenas de pão, queijo e vinho; mas, no geral, consistem num jantar que se realiza pelo meio-dia, depois da volta da igreja.

No fim do jantar deitavam vinho num copo que, pôsto sôbre um prato, circulava por todos os convivas. Do copo bebiam primeiro o noivo, depois a noiva e a seguir o pai do noivo e o pai da noiva, as mães, as madrinhas e padrinhos pela mesma ordem, e todos os convidados então indistintamente. Cada pessoa que bebia deitava dinheiro no prato, dinheiro que era para os noivos, e a isto se chamava *brindar a mesa*. Numas frèguesias os brindes repetiam-se, começando, porém, agora sempre por um dos padrinhos; noutras só uma

vez se *brindava a mesa*. Em Santa Barbara, nalgumas bôdas, depois do jantar ficavam todos em pé junto da mesa e o padrinho mais vélho rezava alguns padre-nossos pelas almas dos defuntos da família, que ia designando pelos seus nomes.

Como «*mesa feita, companhia desfeita*», logo que acabava o jantar saíam os convidados.

No dia seguinte, se era domingo, o noivo, logo de manhã, ia convidar os pais, sogros, padrinhos e alguma pessoa de particular consideração, que fôra ao casamento, para virem jantar com êle.

Antes do jantar, cada padrinho mandava dois alqueires (13,2 litros cada alqueire) de milho num saco e três rosquilhas grandes *(rosquilha de alqueire)* de massa sovada, num açafate. O portador era, geralmente, um filho do padrinho.

No fim do jantar chegavam de visita os convidados que tinham assistido ao casamento e cada um levava ou mandava o seu presente: milho, trigo, abóboras ou morangos, recebendo em troca o portador uma roda de rosquilha. Quem dela comesse, sendo solteiro, casaria nesse ano.

Os casamentos realizavam-se, e ainda hoje se realizam em maior número no tempo do Espírito Santo, ou do Natal, em Maio ou depois das colheitas. Na quaresma não há casamentos, e são raríssimos no tempo em que não há bençãos matrimoniais.

Em Agôsto ninguém se casa porque, diz o povo, «*casamento em Agôsto traz desgôsto*». A razão disso talvez se encontre em ser Agôsto um mês de mais intenso trabalho agrícola, o que leva os franceses a dizerem: «*en août et en vendanges, il n'y a ni fêtes ni dimanches*».

Também no dia treze do mês, em ano bissexto e à terça e à sexta-feira, não há casamentos: — «*À terça e à sexta-feira, não cases a filha nem urdas a teia*». São dias aziagos.

Os dias da semana preferidos são o sábado e a quinta-feira.

É freqüente o homem, enviuvando, passar a segundas núpcias, o que tôda a gente acha bem, porque o homem precisa de uma mulher para cuidar dêle e da casa. Já não assim a mulher, que pode viver bem sem homem, pelo que, ainda que muitas mulheres casem segunda e mais vezes, não é isso bem visto nalgumas frèguesias.

Se casam dois vélhos, ou um vélho com uma rapariga nova, nalgumas localidades (Santa Barbara, Doze Ribeiras, etc.)

os rapazes, na noite do casamento, vão bater à porta dos noivos e arrastar latas ou tocar buzina *(chocalhada)*.

A troca de alianças é pouco vulgar, mas o noivo oferece quási sempre à noiva no dia do casamento um pequeno anel de ouro ou prata, conforme os seus meios de fortuna. A perda desse anel é tido como mau presságio.

Outras superstições andam ligadas ao casamento.

Se há dois casamentos no mesmo dia ambos fazem diligência para ser o primeiro, pois o que primeiro sair da igreja leva a felicidade consigo.

Chover antes do casamento ou quando o cortejo se dirige para a igreja, tem diversas significações conforme as frèguesias.

Numas é bom agouro e sinal de muitos filhos, noutras é sinal de lágrimas. Tocar a finados o sino da igreja paroquial, passar um entêrro pelo cortejo ou êste por casa onde haja um defunto é mau presságio; como o é também quebrar um vidro ou oferecer aos noivos uma galinha no quarto da cama.

Quando se varre uma casa, se a vassoura toca nos pés de rapaz ou rapariga solteira, que nele passa, é sinal de não se casar.

Três velas a arder numa casa é sinal de próximo casamento; e, se êste se demora, as raparigas pedem a Santo António que as case. A San João, se ainda não têm noivo, pedem que lhes revele o nome do que hade aparecer. Para isso usam de meios diversos: escrevem diferentes nomes em pedacinhos de papel que dobram e põem ao relento afim de San João, na sua noite, abrir o que contiver o nome do futuro noivo; escondem-se ao pé da rua, e o primeiro nome que ouvirem na manhã de San João é esse o de que hade vir, etc.

A maior parte destes costumes, que ainda conhecemos, vão caindo em desuso e, dentro em pouco, terão desaparecido.

O casamento civil é, no geral, mal visto, não lhe ligando as populações rurais maior importância.

Receita infalível para casar cêdo é guardar um alfinete, um pedacinho do vestido ou outra coisa que a noiva houvesse levado ao casamento. Para as raparigas, também aquele que a noiva, ao chegar da igreja, primeiro beijar, é a primeira que se casa.

V

Os filhos e a família

Vem o alvorôço do primeiro filho, cujo nascimento é considerado uma benção do céo. — «Cada filho é um moio de renda», diz o povo; e, efectivamente, o filho, que cêdo começa a ajudar os pais nos trabalhos do campo e no arranjo da casa, é um importante factor do bem estar económico da família. Por isso a esterilidade é causa de desgôsto num casal e o povo atribue-a tanto a falta da mulher como do marido.

Se o parto é difícil, põe-se uma chave macha pendurada do pescoço da parturiente ou vai-se à igreja puxar com os dentes à corda do sino, dando nove badaladas, costume existente também no Continente, a que alude Eça de Queirós na lenda de San Cristóvão: e tudo correrá bem.

Nascido o bébé, o cordão umbilical, numas localidades queima-se, noutras atira-se para cima do telhado para aí se consumir, havendo todo o cuidado em que não seja comido por qualquer animal, o que seria nefasto à criança; noutras o pai enterra-o na cozinha debaixo da amassaria em lugar onde não se ponham os pés; e noutras ainda, quando a mãe sofre de certos ataques, guarda-se para, no caso do filho vir a sofrer dêles, se reduzir a pó e lh'o dar a beber em vinho, o que curará o mal.

Um perigo, maior do que outro qualquer, ameaça o menino — o mau olhado ou *quebranto*, cuja causa, afinal, é o olhar de pessoa invejosa, naturalmente predestinada para o dar (que tem *olhos de quebranto*), e que faz mirrar a criança. Para o livrar dêle e das feiticeiras, há um meio — os amulêtos. Penduram ao pescoço da criança uma pequena figa, uma meia lua, uma estrela de cinco pontas inscrita num círculo (signo de Salomão, a que o povo chama *sino-saimão*), aos quais se juntam, de ordinário, objectos devotos, uma cruz, uma medalha milagrosa *(arreliques)*.

Às vezes dependuram ainda ao pescoço da criança, mas mais raramente e sem significação mágica, um pequeno peixe de prata (símbolo dos cristãos), um guizo ou campainha, uma argola. Outras vezes, esses amulêtos são substituídos por uma rodela de chifre de veado, furada e enfiada num cordão, amu-

lêto que também põem nos animais, sobretudo de raça cavalar, preso aos arreios.

Outro amulêto usado é um raminho de coral ou massa com dois galhos.

Para curar o mau olhado há diferentes remédios. Um dêles é passar a criança por baixo de uma mesa, o que também a faz andar mais cêdo. Outro remédio é a seguinte reza e defumadouro: — «Nossa Senhora defumou o seu filho para cheirar, a gente defuma-se para melhorar, na Encarnação de Nosso Senhor, o Santíssimo Sacramento, saía o quebranto e o mau olhado, ramo de inveja e azinha quebrada e afugentada, e feitiços neste defumadouro; quero queimar e no caminho deitar, quem passar que os leve»; em quanto isto se diz queima-se alcatrão, incenso, arruda, alecrim, fôlhas de acho, *abito macho*, nova ursula e três penas de galinha preta.

Às crianças pequenas mete-se-lhes mêdo com o papão:

Ó papão, vai-te embora
P'ra cima daquele telhado,
Deixa dormir o menino
Seu soninho descansado

diz uma cantiga do berço.

Já maiores, se não comem bem sopas, diz-se-lhes que terão os olhos feios.

Para saberem o futuro de uma criança consultam uma *mulher de virtude*. Se a criança se cria mal diz-se, que *nasceu implicada*.

O batizado realiza-se, geralmente, oito ou quinze dias depois do nascimento e a êle assistem os pais e os padrinhos do neófito, que ficam sendo seus pais espirituais (Constituïções do Bispado, Const. VIII). Êste parentesco estendia-se aos filhos dos padrinhos, que eram considerados irmãos espirituais do afilhado, pelo que o casamento com êste era tido como proïbido pelo povo.

A escolha dos padrinhos é feita depois do nascimento, e o nome no batizado, numas localidades é escolhido pelos padrinhos, às vezes de combinação com os pais, noutras localidades pelos pais.

Os afilhados pedem a benção aos padrinhos, que em regra olham por êles, lhes dão dinheiro e presentes, e, às vezes, auxiliam a sua educação.

Ao batizado só muito excepcionalmente assiste a mãe; e quem leva a criança à igreja com o pai e os padrinhos é a

parteira. Na frèguesia de Santa Barbara a mãe, a primeira vez que sai de casa, vai com a criança à ermida de Nossa Senhora da Ajuda consagrar-lhe o filho.

Até há pouco tempo havia sempre a festa do batizado, que consistia numa refeição mais ou menos luxuosa, conforme as posses dos pais. Nalgumas frèguesias eram obrigatórios os ovos estrelados *(ovos fritos)*.

A uma criança, antes de ser batizada, chama o povo um *pagão*, ou um *pagãozinho*.

Quando nasce outro filho, os pais dizem ao irmão mais vélho que êle veio da Ilha do Pico num cestinho. A roupa do primeiro serve aos outros, exceto a primeira camisa que se lhes veste, que é sempre nova, e a mãe cuidadosamente guarda.

Já mais desenvolvida a criança, andando pelo seu pé, passa os dias a brincar na rua ou no meio da casa.

Se é rapariga, brinca com bonecas de pano feitas mesmo por ela, joga com os rapazes às escondidas, à cabra cega ou ao queimado; se é rapaz, imita os trabalhos da lavoura, simula rezes com quaisquer objectos, constrói paredes de pequenos cerrados com pedrinha miúda, casas, etc.

Cêdo, porém, principia a trabalhar, indo com o pai para as terras.

Quando começa a ganhar o jornal, entrega-o no sábado ao pai, que às vezes lhe dá uma pequena parte dela.

A adopção é um facto que existe nos costumes populares, embora destituído de efeitos jurídicos, sobretudo com relação aos expostos.

Não há terra onde estes sejam melhor tratados. Talvez pela noção que o povo tem de que cada filho é um valor económico na família, é freqüente, mesmo casais com filhos, irem buscar à roda um expôsto. Êste é criado como os outros filhos, que o consideram seu irmão e, às vezes, se o casal tem filhos já crescidos, é o mais mimoso da casa.

Até não é raro os pais e os irmãos quererem que êle quinhoe, igualmente com estes, os bens do casal, como não é raro também, que, ficando os filhos órfãos, o expôsto, se é o mais vélho, os tome à sua conta e os eduque e trate com desvelado carinho.

Nada lhe recorda a sua origem. Usa o nome dos pais adoptivos e só sabe que é expôsto quando é recenseado para o serviço militar ou tira a sua certidão de idade.

Os filhos, depois de casados, só por excepção ficam vivendo com os pais. A noção de que *quem casa quer casa* está profundamente radicado no espírito popular.

A situação da mulher na família é, entre o povo da Terceira, melhor do que em qualquer outra parte. Ocupa-se no arranjo da casa e na criação dos filhos.

Faz a cozinha, coze o pão ao sábado para a semana tôda, lava e cuida da roupa, fia, carda, às vezes tece ou borda e, só excepcionalmente, por ocasião da apanha do milho da debulha do trigo ou das vindimas, ajuda o homem nos trabalhos do campo, desempenhando os menos rudes.

Não é raro cultivar algumas flôres, roseiras, malvas *(solteiras)*, cravos, num canto do quintal ou no balcão em frente da porta *(rua da casa)*, e é sempre quem trata do porco, das galinhas ou de outros animais domésticos, que vivem junto da habitação.

Na maioria dos casos o marido fala-lhe nos seus negócios, ouve o seu parecer, mas... não poucas vezes lhe não segue o conselho, porque é êle quem manda.

«Onde está galo não canta galinha», diz o ditado.

O povo tem mesmo designações especiais para os homens conforme as suas relações em família com as mulheres. «Em casa de *Varão* manda êle e ela não; em casa de *Varela* manda êle mais ela; em casa de *Varunca* manda ela e êle nunca». O *Varunca* é objecto de ridículo nas aldeias.

O povo liga maior importância ao parentesco materno que ao paterno. — «Os filhos de minha irmã meus sobrinhos são; os de meu irmão serão ou não», é uma forma popular de traduzir essa ideia. Quando se pregunta a um homem que acompanha com um pequeno se êste é seu filho, não é raro ouvi-lo responder irónico: — «A mãe diz que sim».

O filho ilegítimo *(de apanhadiço)* é mal aceito pela família, e o povo, se bem que o não despreza nem à mãe, vê-os mal a ambos.

O adultério da mulher é raríssimo e muito mal visto, afastando-se tôda a gente da adúltera. A bem dizer, só se dá se o marido está ausente muito tempo na América ou no Brazil e a mulher é nova e fica abandonada. Se o homem vive com a mulher e ela o engana, com consentimento dêle ou por não se convencer da traição, troçam-no, desprezam-no e chegam a vaiá-lo em público.

O adultério do marido é igualmente reprovado; e se, por

causa da amante, êle deixa ou despreza a mulher legítima, o sentimento popular é tão ferido que chegam a obrigá-lo a renunciar à amante, ou o expulsam violentamente da frèguesia com auxílio da célebre *Justiça da Noite.*

O pátrio poder é exercido sôbre os filhos menores por ambos os pais conjuntamente e, em quanto não vão ao trabalho, é a mãe que cuida dêles e os educa.

VI

A morte

O camponês terceirense, em geral, não teme a morte; mas, como acredita em almas do outro mundo e almas penadas, receia os mortos e põe todo o cuidado em evitar a si e aos seus esse fadário.

Não obstante os cemitérios ficarem muitas vezes ao pé da igreja paroquial, isto é, no coração da frèguesia, não gosta de passar perto dêles, sobretudo de noite, e a sua repugnância é tanta que, nalgumas povoações, a enchada ou sacho que serviu para abrir uma cova, ou só para mondar a erva do cemitério, não serve mais para trabalhar a terra.

Êste horror aos mortos e ao cemitério tem-se perdido, todavia, nalgumas frèguesias rurais da Ilha, nos últimos vinte anos. Já é hoje freqüente visitar o cemitério, enfeitar as campas e até colocar nelas objectos de adôrno, grades, cruzes de madeira ou ferro, lápides de pedra, conforme os meios da família do morto.

Numas frèguesias há um coveiro especialmente encarregado do cemitério, noutras são os parentes, vizinhos ou amigos do falecido, que vão abrir a cova.

Se alguém está gravemente doente, há certos factos que constituem presságio de morte. O uivar de um cão, principalmente se é de noite e quando àquele levam o viático, o cantar o galo de noite na casa do doente ou nas proximidades dela, fugirem as pombas, parar o relógio por falta de corda, apagar-se uma luz, são sinais de morte próxima. As arveolas *(labandeiras)* também anunciam desastre ou morte, se tentam entrar na casa e voam formando cruzes no ar. O modo como voam e se apresentam tem importância, pois

também anunciam boa nova se se mostram alegres e fendem o ar em linha recta [1].

A arveola, a que o povo chama labandeira ou passarinho de Nossa Senhora é uma espécie de animal sagrado, a que ninguém faz mal; e às crianças ensina-se-lhes que é pecado tirar-lhes os ovos do ninho *(linheiro)*. Segundo uma lenda popular, na fuga da Sagrada Família para o Egito, a labandeira ia atraz da burrinha apagando na terra os vestígios das pégadas.

Logo que o doente entra na agonia, acendem um círio junto dêle, de preferência um círio bento no dia 2 de Fevereiro (festa da Candelária ou N. S. das Candeias), que tem para essa ocasião especial virtude, e recitam o ofício dos agonizantes ou outras orações.

Também, perto da cama, põem um copo ou tijela com água benta, que dizem turvar-se quando se dá a morte. Na Ilha de San Jorge despejam o talhão que há na cozinha para que a alma não passe na água ao deixar o corpo.

Quando o doente morre, fecham-lhe os olhos, e nalgumas frèguesias (Terra Chã) selam as pálpebras com uns pingos de cêra do círio acêso para a agonia.

O povo crê que há uma íntima relação entre a agonia e o modo de vida que levou o moribundo. Se êste foi homem pouco sério, mau chefe de família, mau cristão, terá uma agonia prolongada e aflitiva, o que é também mau presságio para a alma, principalmente se o agonisante abre muita vez a bôca, sinal de que a alma, receosa da outra vida, tem dificuldade em sair do corpo. «Tal vida, tal morte», díz o povo, traduzindo à letra a vélha frase latina «*talis vita, finis ita*».

A agonia das mulheres, que têm a sina de serem feiticeiras, é das piores.

O povo crê que as feiticeiras não podem acabar; por isso nenhuma morre sem que outra pessoa tome conta da sua magia. Assim, a feiticeira agonizante pregunta: — «Quem pega que eu largo; quem pega que eu largo?» Se alguém mais atrevido diz que pega, a feiticeira morre tranqüila, se não continúa a estrebuchar até que alguém pegue.

---

[1] Vitorino Nemésio no seu belo livro «Paço do Milhafre» aproveitou o agouro das labandeiras no conto «Mau agouro».

Às vezes, para que a pobre morra, dizem: — «que pegue aquela tranca», ou qualquer outro objecto que esteja próximo; mas, se isto dizem, a tranca ou o objecto designado põe-se a mexer desesperadamente (1).

Nalgumas frèguesias, por exemplo Santa Barbara, julgam que o diabo se escancha nas costas da cama do moribundo para o atacar; por isso, como o diabo tem mêdo dos homens e não tem das mulheres, estas saem tôdas do quarto e só ficam aqueles junto do leito.

Mal o doente morre, aspergem-no com água benta e benzem repetidas vezes os cantos do quarto, com receio do diabo se apossar da alma que, nas primeiras horas anda próxima do corpo.

Ainda quente, vestem o cadáver com uma roupa decente ou com o hábito de alguma das Ordens Terceiras, se a qualquer delas pertencia o falecido, e acendera quatro círios ou lumes em volta, um dos quais é muitas vezes o que foi acêso na agonia.

O cadáver antes de vestido é lavado com todo o cuidado.

Depois disto trazem o corpo para o *meio da casa*, onde o deitam no chão sôbre uma colcha ou manta, e noutras localidades sôbre uma arca ou sôbre cadeiras. Junto do cadáver põem os quatro círios, que só se apagam depois do entêrro, e um copo de água benta com um ramo de alecrim dentro, que serve para as visitas, feita uma breve oração jundo do corpo, o aspergirem. Aos pés, sôbre uma meza, colocam um crucifixo.

Se durante o tempo que o cadáver está insepulto as labandeiras continuam a voar tristemente e em cruz, ou os círios ardem mal, é isso mau agouro para a alma.

Há já umas dezenas de anos está em uso o enterramento em caixão, mas dantes, a maior parte dêles era de corpo à terra, sendo êste conduzido ao cemitério na tumba da igreja paroquial *(esquife)*.

Em casa do falecido reünem-se as pessoas da família e os vizinhos, que velam o cadáver durante a noite, resando orações por alma do defunto.

O costume de fazer o pranto é dos mais enraïzados. Fa-

---

(1) Vitorino Nemésio, no Paço do Milhafre, tem uma óptima descrição da morte de uma feiticeira.

zem-no principalmente as mulheres, mesmo estranhas à família, que, sem vontade de chorar, se limitam a puxar pelo cabelo e esgadelhar-se, dar ais e suspiros, misturados com exclamações de dôr e fingida tristeza.

Se, das pessoas da família, alguma chora junto do morto, as outras pessoas têm todo o cuidado em lhe aparar as lágrimas num lenço, não vão elas cair sôbre o corpo, por que isso teria como resultado a alma ter de penar mais tempo no purgatório. O pranto faz-se até quando morre uma criança de tenra idade. Nalgumas frèguesias, quando morre uma criança, dão parabens aos pais por terem no Céo um anjinho a pedir por êles.

Por via de regra o corpo não leva consigo objecto algum para a cova, excepto, mas excepcionalmente, um rosário e, se o caixão tem por fora quaisquer enfeites, tiram-lh'os ao descerem-no à sepultura.

Na casa onde está o morto não se faz lume durante o nojo. A família toma chá, café e algum caldo que lhe mandam os vizinhos. Em sinal de confusão e desordem param o relógio na hora do falecimento e, nalgumas localidades tiram ou voltam os quadros nas paredes pondo-os de costas para fora. Os homens deitam chales ou os casacos pela cabeça e não fazem a barba durante três semanas ou mais, e as mulheres deitam os chales pela cabeça embiocando-se.

O nojo dura até à manhã do dia seguinte ao do entêrro em que tôda a família vai à igreja ouvir missa. Antigamente os homens usavam uns capotes amplos para irem à missa de desanojo, e, como nem todos os possuiam, aqueles que os tinham alugavam-nos aos outros (Fontinhas). Êste costume perdeu-se há muito e hoje só algum vélho dêle se recorda.

A côr do luto é o preto. Os homens usam a camisa preta e um laço preto no boné ou um fumo no chapéu, ainda quando levam para o trabalho fato de côr ou não têm fato preto. O fumo e a camisa preta são, verdadeiramente, os sinais de luto.

O luto dura muito. O viúvo anda de luto em regra quatro ou cinco anos. O luto de pai ou mãe ou de filho solteiro dura dois anos; mas se o filho é casado só dura um ano.

Por alma do defunto fazem-se sufrágios especiais e dão-se esmolas antes e depois do entêrro.

Segundo se vê das Constituïções do Bispado, as missas de San Gregório e Santo Amador, *trintairos*, estiveram muito em

voga. Durante êles o padre não saía da igreja onde as celebrava, e a essas missas andavam ligadas certas superstições, como colocação no altar de certo número de lâmpadas ou velas de côr, dispostas em cruz, práticas que as Constituïções condenaram. Hoje ainda as pessoas abastadas mandam, em seu testamento, dizer missas por sua alma e de pessoas da família já falecidas, mas os trintários de San Gregório são raros. A gente pobre limita-se a mandar dizer a missa do desanojo.

Uma das esmolas infalíveis é a chamada *roupa de alma.* Consiste ela numa vestimenta completa, incluindo roupas brancas interiores, escolhido entre a melhor que o falecido deixou e que a família, logo depois do nojo, dá a uma pessoa necessitada.

Nalgumas frèguesias, mas do Ramo Grande, por exemplo, assim que morre alguém, no mais breve espaço de tempo, a família manda a um vizinho pobre a chamada esmola de San Nicolau, que se compõe de todos os ingredientes, pão, banha *(gordura)*, um dente de alho, um ramo de hortelã, dois ovos, sal, etc., para fazer uma açôrda, incluindo uma tijela nova, uma colher e uma tralha. Se a família é abastada, os ingredientes são mais abundantes, chegando às vezes a incluir na esmola, uma *canada de gordura* (13,2 litros).

As esmolas que o povo julga melhor aceitas para sufragar a alma são as *esmolas brancas*, pão ou ovos.

O camponês terceirense tem sôbre a vida de além túmulo uma noção mais ou menos idêntica à de todos os católicos; mas isso não obsta a que, num ou noutro ponto, apresente noções diversas já imprecisas, que bem se podem considerar esbatidas sobrevivências de crenças remotas.

Está neste caso a crença nas *almas penadas* que peregrinam por êste mundo à espera do eterno descanso, e na sua situação aflitiva se revelam aos vivos a quem por vezes fazem mal.

São diversas as razões porque as almas andam penadas.

Umas pertenceram a corpos que ficaram insepultos, ideia antiga, que sobrevive; outras não foram bastante sufragadas, particularmente com missas, orações e esmolas; outras ainda pertenceram a pessoas que, tendo dinheiro mal adquirido, o não restituiram ou tendo dívidas de honra, as não pagaram. Também a morte violenta faz andar a alma penada à espera de alguém que a vingue. Em todos estes casos a alma, que

anda errante pelo meio dos vivos, sôbre tudo na casa onde o indivíduo morreu, procura pôr-se em comunicação com êles para lhes pedir sufrágios ou que pratiquem, por sua intenção, o acto que lhe causou o tormento.

Há casas que foram habitadas por pessoas, cuja alma anda penada, que são particularmente sujeitas a manifestações extraordinárias que assustam os vivos. O povo crê que nelas de noite se sentem passos, abrir e fechar portas, ruídos como o de arrastar de correntes, e às vezes aparecem objectos atirados ao chão, gavetas abertas e reviradas, roupa rasgada, etc. Daqui o pavor que causam as almas penadas.

Há anos foi julgado na comarca de Angra do Heroismo um curioso processo de burla em que a burlona, *mulher de virtude*, extorquia dinheiro a duas infelizes criaturas, fazendo-lhes crêr que a alma de um parente recem-falecido, que lhes deixara alguns bens, andava *nua* e *penada* por não terem dado uma *roupa de alma* em estado de nova e não terem restituído certa soma por êle mal adquirida. Esse processo é um óptimo repositório de crendices relativa à morte.

Até há quarenta anos, nas frèguesias rurais e mesmo na cidade, pediam de noite para as almas numa cantilena monítona e arripiante. Na frèguesia da Terra Chã, nas quartas e sextas-feiras, durante a quaresma e depois de anoitecer, juntavam-se homens e mulheres junto de uma *cruz das almas*, pequeno azulejo com as almas pintadas encimado por uma cruz, quási sempre colocada numa encruzilada de caminhos; e aí pediam para as almas:

«Pelas almas do Purgatório. Padre Nosso, Avè Maria».
«Pelas que andam sôbre as águas salgadas. P. N., A. M.».
«Por todo aquele que está em pecado mortal. P. N., A. M.».
«Por todo aquele que está em agonia de morte. P. N., A. M.».
«Um Padre Nosso e uma Avè Maria a Nossa Senhora de Belem, que peça ao seu amado filho, que nos ponha tudo em bem».
«Senhor Deus Misericórdia»,
«Senhor Deus Misericórdia»,
«Senhor Deus Misericórdia».

Noutras frèguesias, quando todos já estavam deitados, saía do monte um penitente a tocar campainha e a pedir ora-

ções para as almas. A êle se reüniam outras pessoas e iam todos rezar para a porta da igreja, isto mesmo em noites de chuva e vento.

Uma frase que o povo diz sem todavia lhe ligar sentido é, quando sai do cemitério aonde acompanhou algum cadáver: — «a terra te seja leve», frase que os Romanos usavam e que traduz a ideia, espalhada entre diferentes povos da antiguidade, de que a alma continúa a habitar o corpo no túmulo. *Sit tibi terra levis; tenuem et sine pondere terram*, são fórmulas que se encontram em Juvenal e Marcial. O camponês da Terceira, que crê que a alma anda em volta do corpo até êle baixar à sepultura, diz a frase, mas não lhe dá o sentido antigo. Se lhe preguntam o que isso quer dizer, responde que traduz um voto pelo destino da alma; que descanse e não sofra, como a terra é leve ao corpo. Se algum dos presentes tinha ofensas do morto e lh'as não perdoou... diz, de si para si: — «que a terra te seja leve, como chumbo».

Quando o corpo desce à cova, cada um dos presentes lança sôbre êle um punhado de terra.

Se passados cinco anos, ao abrir-se a sepultura, o corpo se encontra incorrupto, é isso sinal de santidade; mas também pode ser de condenação eterna, se a vida do morto foi imoral. Para tirar a dúvida, batem o corpo com uma estola de padre, e se depois disto êle se desfaz ou corrompe, é prova de que foi condenado às penas do inferno.

Nalgumas frèguesias (San Sebastião, Pôrto Judeu) há um singular costume quanto às partilhas dos bens do defunto.

Se êle era casado, a cama de casal não entra nestas, considerando-se com todos os seus pertences, colchão, estiva, lençois, cobertas, travesseiros, tudo do melhor que pertenceu ao casal como coisa própria do cônjuge sobrevivo.

VII

Espírito jurídico

A gente da Terceira tem uma noção do Direito bastante precisa e arreigada, sôbre tudo nas suas relações com a propriedade. O amor à terra é um dos seus sentimentos mais

vivos que se traduz na obstinação e coragem com que defende a posse dela.

Em seu entender a terra quer-se livre, por isso evita tudo o que possa onerá-la. Só admite a hipoteca para segurança do preço por que comprou a propriedade, se ficou devendo parte dêle; tem horror às servidões e procura todos os meios de se livrar delas, mesmo estabelecidas por meios legais; sente uma invencível repugnância à contribuïção prédial que considera um encargo. Logo que foi permitida a remissão de foros, tratou de se aproveitar dela e, em poucos anos, a enfiteuse quási tinha desaparecido, a-pesar-de uma grande parte da propriedade estar onerada com ela.

Também não gosta da propriedade comum. «Coisa em comum, coisa de nenhum», diz o povo; e trata de a dividir, pelo menos, de facto, se a divisão de direito não é permitida.

A seus olhos só a terra é a verdadeira riqueza, por isso prefere fraccioná-la numa partilha, ficando cada consorte com uma minúscula parcela, a receber tornas e entregar a um só dêles o prédio inteiro.

Fácil de transigir em qualquer outro ponto, mesmo em questões de honra, acomodatício, não gostando da justiça, é absolutamente intransigente em tudo o que se lhe afigure um atentado ao seu direito de propriedade imobiliária, sôbre tudo rústica. Para o defender mete-se em questões que às vezes o arruinam e cujo valor não é raro ser muitíssimo inferior ao que lhe custam. Sob êste aspecto o aldeão terceirense é o tipo perfeito do lavrador que Jhering estuda na «Luta pelo Direito».

Mas se o direito de propriedade é o mais acentuado no espírito do camponês da Ilha Terceira, não é o único que êle sente, pois, de modo geral, o seu sentimento jurídico é sempre vivo e por diversas maneiras se exterioriza. Muitos são os adágios e modos de dizer que o traduzem.

Em regra o homem do campo, para exprimir a sua concordância com uma ideia ou um modo de proceder, diz: — «Está direito» ou «é muito pelo direito».

A lei do *Digesto* — *Quod ab initio vitiosum est non potest tractu temporis convalescere*, formula-a nestes termos *Quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.*

O *Pater is est, quem nuptiae demonstrant* de Paulo, regra prudente, que põe termo às dúvidas que a paternidade, mesmo legítima, podia suscitar, exprime-a o povo por uma maneira

irónica, dizendo que: — *O dono da vaca é o dono do bezêrro* ou *da cria.*

Alguns brocardos jurídicos são traduzidos quási à letra. *Verba volant — palavras leva-as o vento. Cada cabeça cada sentença* não é mais do que o, *tot capita, tot sententiae;* como *Quem cala consente, Quis tacet consentire videtur* e *A necessidade não tem govêrno, Necessitas caret lege* do Direito Canónico.

Quem dá o que tem não é a mais obrigado, pode bem assimilar-se ao *Nemo plus juris transferre potest, quam ipse habet* de Ulpiano.

O povo diz ainda, exprimindo uma ideia de reciprocidade de obrigações, — *Quem te encomendou o sermão que t'o pague.*

A noção da generalidade do direito exprime-a o povo dizendo que — *O direito é igual para todos,* e, no seu espírito, domina ainda o conceito de que o costume é uma fonte de direito, obrigando como a lei. *O uso faz lei,* diz êle.

Na nossa antiga legislação eram punidos com especial severidade os crimes de morte de homem e roubo de igreja.

O povo para atenuar uma falta, ameaçado de grave castigo, diz que «*não foi morte de homem nem roubo de igreja*».

Há uma ameaça que parece envolver uma reminiscência do vélho direito do devedor sôbre a pessoa do seu crédor, que inspirou as empolgantes cenas do *Mercador de Veneza* de Shakspeare. O povo da Terceira, quando quer exprimir o seu desejo de vingança por um agravo sofrido de outrem, sôbre tudo por uma expoliação ou um dano material, diz: — *Hei-de tirar-lhe uma correia do lombo,* frase equivalente à francesa — *Je taillerai sur son corps une bande de peau.*

Ao *Melius est pauca dividere quam totum perdere* dos Latinos, equivalem dois ditados: *Mais vale pouco do que nada;* ou *Antes um pássaro na mão do que dois a voar.*

Prudentemente, a sabedoria popular aconselha também que *mais vale uma ruim composição do que uma boa demanda,* expressão ainda da mesma ideia.

Outro adágio ensina que: *quem pode o mais, pode o menos,* tradução literal do aforismo latino — *qui potest maius, potest minus.*

A frase *apertar o torniquete,* que se usa quando um indivíduo procura obrigar outrem a fazer ou dizer alguma coisa que êle não quer, parece referir-se, vagamente, aos tormentos

usados na antiga instrução criminal. Outras frases há na linguagem popular cuja origem judiciária parece evidente. Assim para dizer que uma coisa está esquècida, demorada, o povo diz *está mortória*, corrupção do *está em moratória*. Falando de uma coisa comum, diz que ela é ou está *mística*, palavra arcaica usada em nossas antigas leis.

VIII

Os baldios e a Justiça da Noite

No período de colonização as terras foram dadas de sesmária para serem cultivadas.

Restam-nos inumeros diplomas que o dizem, como o farol dos almoxarifes da Ilha Terceira, publicado nos *Anais da Ilha Terceira* de Ferreira Drumond, e diversas cartas de sesmária, que podem vêr-se no *Arquivo dos Açôres;* mas além dêles, encontramos ainda vestígios dessa instituïção na toponímia: Moinho das Dadas, Ribeira das Dadas, lugar às Dadas, etc. A palavra *dadas* refere-se a um lote de terra entregue por sesmária a alguém para o arrotear.

Também por diversos diplomas sabemos que as terras que não eram dadas de sesmária, ficavam para serem aproveitadas na criação de gados, que nelas pastavam em comum, *mìsticamente*, diz uma carta da Infanta D. Beatriz.

Ora os sesmeiros nem sempre arroteavam tôda a terra que lhes era dada de sesmária; uma porque nem tôda se prestava à cultura, outra porque os braços eram poucos e a produção da aproveitada era tão abundante que chegava para as necessidades do consumo local e ainda sobrava para uma larga exportação.

Daqui resultou haver incultos que sempre foram logradouro comum e outros que, por se acharem incluídos em cartas de sesmária ou doações régias, tinham seus donos, os quais, todavia, os não aproveitavam, pelo que os povos os utilisavam em logradouro comum de pastos e lenhas.

Em meados do século XVIII, os capitães-generais, seguindo a política de fomento do Marquês de Pombal e promovendo o desenvolvimento da agricultura, trataram de fazer cultivar os maninhos, e mandaram às Câmaras que os aforassem; mas

o povo, que dêles se utilisava desde o período da colonização, possuindo-os em logradouro comum, a isso se opôs. Por outro lado os descendentes dos antigos sesmeiros ou donatários da Corôa, alegaram direitos de propriedade sôbre êles e pretenderam arroteá-los, mas o povo igualmente não consentiu.

Como tôdas as terras cultivadas são na ilha cercadas de muros ou paredes *(cerrados)*, os trabalhos de arroteamento principiavam pela construção dessas divisórias, e o povo fazia consistir a sua oposição em derrubá-las.

Os derrubamentos, até 1804, segundo refere Drumond nos *Anais da Ilha Terceira*, eram praticados de dia e mesmo em dias festivos, como um rito; mas nesse ano o capitão-general Conde de San Lourenço, no desejo de acabar com êles, mandou prender grande número de derrubadores, que jazeram meses encarcerados, e, desde então, principiaram a ser praticados de noite, indo os derrubadores disfarçados para não serem conhecidos.

Não vem para aqui tratar dos direitos do povo e dos que se dizem proprietários dos maninhos, assunto de que já noutro lugar nos ocupamos (*Baldios, derrubamentos e derrubadores*, Minuta de apelação crime, Angra do Heroismo 1912).

Temos, apenas, de encarar a questão dos baldios pelo que ela nos revela do espírito jurídico das populações rurais da Ilha Terceira, e os derrubamentos como um costume ou prática popular.

Até ao presente, sempre que surgem tentativas de apropriação indivídual dos baldios, o povo intervem derrubando as vedações. Perseguem os derrubadores, processam-nos criminalmente, metem-nos na cadeia, e os derrubamentos continuam.

Às vezes, no próprio dia em que são alguns condenados, outros, noite vélha, vão pelo centro da Ilha a terrenos recem-vedados e derrubam as paredes, não deixando pedra sôbre pedra.

A tudo se sujeitam para manterem o seu logradouro comum de pastos e lenhas.

Se, como diz Jhering, a luta pelo direito é um dever do homem para com a sociedade e para consigo próprio, se ela é a «poesia do carácter», sômos obrigados a admirar no camponês terceirense a tenacidade com que luta pela conser-

vação de um direito colectivo e a intuïção maravilhosa que tem desse direito.

Mas não é só na questão dos baldios que o respeito do direito se revela, como já tivemos ocasião de ver. A sua atitude na defeza do logradouro comum é ainda uma conseqüência do seu amor à terra e ao conceito que lhe merece o direito a ela.

A tudo se sacrifica para não perder a sua parcela de gôzo do logradouro comum, transmitindo aos filhos a noção do que julga ser o seu dever moral para com o seu grupo, em defeza do direito colectivo. Daqui deriva que, sôbre tudo para os rapazes, é motivo de orgulho tomar parte num derrubamento, e casos conhecemos de gente das frèguesias rurais emigrada para o Brasil e América do Norte, que, vindo à Ilha de visita e acertando estar nela quando se dão derrubamentos, a êles concorre satisfeita, conservando o mesmo espírito de camponês ilheo, não obstante a sua permanência prolongada em país diferente.

Pormenor digno de nota: no derrubamento de vedações não há memória de, por engano, os derrubadores deitarem por terra uma pedra de parede de prédio de incontestável propriedade particular. Há mesmo casos curiosos, como o que vamos referir. Um lavrador possuia uma pastagem *(criação)*, que sempre fôra propriedade particular e, como tal, se achava vedada. Porque as paredes estivessem a cair, mandou reconstruí-las e o paredeiro, para endireitar uma delas, que confinava com o baldio, alinhou-a, metendo num canto do prédio, pouco mais ou menos, meia quarta de chão. Dias depois há um derrubamento, e os derrubadores, passando no lugar, deitaram por terra o canto da parede que se desviara do antigo traçado! Só esse pedaço, porém, e nada mais.

Com a questão dos baldios está ligada a famosa *Justiça da Noite.*

Pôsto que os historiadores terceirenses só falem da Justiça da Noite a propósito da questão dos baldios, tudo leva a crêr que ela é muito anterior aos meados do século XVIII, vindo, talvez, do tempo do povoamento, e que a questão dos baldios apenas a aproveitou, dando-lhe outra finalidade.

Muitas vezes se fala na Justiça da Noite, mas a maior parte delas com pouca verdade.

A Justiça da Noite não é uma associação de carácter permanente; é um agrupamento ocasional e transitório, organi-

zado em vista da prática de certo acto, tendo, evidentemente, chefes ou *meneurs*, mas não constituindo o que, no rigôr dos têrmos, se pode dizer uma associação. É certo que, nas épocas mais intensas dos derrubamentos, há grupos organizados com seus chefes que vão derrubar as vedações dos terrenos; mas, apaziguada a questão, cessando as tentativas de apropriação particular dos incultos, esses grupos dissolvem-se, ficando apenas uma certa solidariedade entre os seus membros, proveniente da realização duma emprêsa comum.

A Justiça da Noite, fóra da questão dos baldios, é uma espécie de polícia dos costumes. É gente que pretende alcançar fins lícitos, todavia pelo emprêgo de meios ilícitos, e representa uma forma de reacção do grupo de população contra factos que quebram a sua unidade moral e violam as leis das conveniências sociais e da moralidade.

Exemplificando com os casos mais freqüentes: Um homem casado tem uma amante e, por causa dela, abandona o lar conjugal; a Justiça da Noite intervém para restabelecer a vida em comum dos cônjugues separados.

Um homem vive amancebado com uma mulher, ambos solteiros, o que repugna à consciência das populações rurais; a Justiça da Noite intervém para os obrigar a casar ou para os expulsar da frèguesia.

O fim é lícito, evidentemente; o meio empregado é que é ilegal, mesmo criminoso.

Para exercerem a sua acção, os homens da Justiça da Noite reünem-se em certo ponto, quando tôda a gente está já deitada na frèguesia; embuçam-se ou mascaram-se, armam-se de varapaus e vão a casa da sua vítima.

Aí, um dêles bate à porta, em quanto os outros simulam conversar a meia voz que disfarçam. O dono da casa vem vêr quem é, e, se não quer abrir a porta, procuram arrombá-la, o que nunca chega a ser preciso. Então, um dos chefes do grupo, diz ao que vem, *préga um sermão*, como vulgarmente se diz, no qual exorta o transviado a seguir o bom caminho.

Se, por exemplo, se trata de congraçar um casal desavindo, obrigam o marido a acompanhá-los a casa da mulher, a quem obrigam, também a recebê-lo. Retiram-se depois, ficando alguns de guarda à porta, até se certificarem de que êle não fugirá.

Se se trata de casar dois indivíduos amancebados, inti-

mam-nos a fazê-lo dentro de certo praso, sob pena de os obrigarem a sair da frèguesia se o não fizerem.

As ameaças, porém, raras vezes se efectivam, porque a Justiça da Noite é geralmente temida.

Infelizmente, às vezes tem-se abusado dela, e a Justiça popular nem sempre se exercita no sentido de moralização, facto que nos últimos tempos se tem acentuado mais e que justifica a perseguição que lhe têm movido.

Esta organização que pelo seu carácter se nos afigura muito antiga, como já dissémos, é aproveitada para os derrubamentos, quando se renovam as tentativas de arroteamento dos baldios e com ela ressurge a vélha questão.

A Justiça da Noite e a questão dos baldios são os dois factos mais originais e característicos da vida jurídica do povo da Terceira.

Noutras localidades e noutros países existem, todavia, questões semelhantes à dos baldios, como, por exemplo, a dos *usi e demani civicii* e as agitações agrárias na Itália, de que largamente se ocupa o professor da Universidade de Roma Lorenzo Ratto, num erúdito estudo.

Como a Justiça da Noite é que nenhum outro costume popular conhecemos.

IX

Criminalidade

O povo da Ilha Terceira é fundamentalmente pacato e ordeiro.

Até há pouco, anos a criminalidade na Ilha foi insignificantíssima e ainda hoje afoitamente se pode dizer insignificante, pois muitos dos crimes que nela se praticam são cometidos por gente vinda de outras localidades.

O homicídio voluntário é tão raro, que se passam anos sem se dar e, quando se dá, é quási sempre passional. O homicídio involuntário é igualmente raro, e de poucas ofensas corporais, sem intenção de matar, resulta a morte.

O crime de furto, em regra, é só praticado em casa desabitada. Antes da crise determinada pela Guerra era sempre de pequeno valor e foi depois dela que se tornou mais freqüente e importante. Também só então apareceram os crimes de burla.

As ofensas corporais é que constituem a maioria dos crimes.

A injúria, que em muitas outras localidades é apenas uma provocação ao crime de ofensas corporais, constitue na Ilha Terceira uma espécie distinta. O injuriado quási nunca se desforça pessoalmente. Vem a juízo pedir o castigo de quem o injuriou.

Não sendo por causa da terra, o camponês terceirense foge de questões e, sobre tudo, teme a cadeia. Embora diga que «na cadeia também se come pão» ou «mal por mal, antes na cadeia do que no hospital», faz todo o possível para não ir para ela e considera uma desonra o estar prêso.

Se responde num processo crime e é condenado em multa, mesmo pesada, sente-se feliz porque não foi à cadeia. Se a condenação é em prisão, ainda que por poucos dias, tôda a gente, que ouve lêr a sentença fica apavorada.

Quando um homem vem depôr pela primeira vez ao tribunal como testemunha, procura tôdas as oportunidades que se lhe oferecem para dizer «que nunca veio *àqueles lugares*, nem mesmo à polícia». Se é vélho acrescenta quási sempre — *na idade que tenho* —, porque se sente honrado em nunca ter tido questões com a polícia ou com a justiça.

Em pouca gente será tão viva ou tão forte a *ideia do gendarme*, de que falam os criminalistas.

Se ela acode ao espírito do autor do crime antes dêle o praticar, é certo que o não comete. Assim, falando com um camponês, que nos conta uma ofensa recebida de outrem, é freqüente ouvir-lhe dizer: «Se não fôsse para me não inquietar com a justiça, sabia bem o que lhe havia de fazer».

No mais acêso de uma discussão, numa tourada à corda, por exemplo, quando os ânimos estão excitados pelo calôr, pelo vinho e pela barbaridade do divertimento, os dois indivíduos que discutem chegam a levantar os pesados bordões um para o outro, em atitude ameaçadora, mas, graças à intervenção ordeira de um terceiro ou à lembrança das contas com a justiça, pousam-nos lentamente no chão sem os descarregarem nas costas um do outro.

A época de maior criminalidade é o verão, isto é, a época das touradas à corda e dos divertimentos populares, das romarias e das festas.

Como causa do crime sobressai a terra e as questões que dela emergem. «Por causa dos cães, das mulheres e das ser-

vidões, brigam os homens». As servidões sobretudo, são um viveiro de discórdias e questões *(arengas)* porque o dono do prédio serviente, não se conforma nunca com o ónus que cai sôbre a sua propriedade e procura todos os pretextos imagináveis para se subtrair à obrigação.

Já nos referimos à facilidade com que o camponês terceirense, chamado a depôr numa questão, modifica os factos para ser agradável a quem o indicou, e ainda à facilidade com que confessa os crimes de que o acusam, ainda que seja fraca a prova dêles. Há, porém uma excepção à facilidade e lialdade com que diz a verdade sôbre o crime, é a Justiça da Noite. Se o acusam de ter tomado parte num acto da Justiça da Noite nega obstinadamente e não há meios ou estratagemas que o levem a sair da negativa. Se as provas são tão evidentes que êle se vê forçado a não negar, confessa, depois de muito apertado, que tomou parte na execução do crime, mas não descobre os companheiros. Não conheceu ninguém, não se lembra, não sabe, foi por acaso, ninguém o convidou, e não diz outra coisa.

Ou seja coacto por ameaças que lhe tenham feito, ou por não ligar ao facto uma ideia criminosa, o certo é que nada diz nem dirá.

Como já vimos, a Justiça da Noite, na consciência do homem do campo, não é um crime nem um acto moralmente reprovável; é um vélho costume, uma usança transmitida de seus maiores, com uma finalidade a seus olhos justa e moral. A injustiça está em perseguí-la. E esta convicção estabelece a solidariedade entre os autores de tais actos e incita-os a encobrirem-se e defenderem-se mutuamente.

Angra do Heroismo.

LUÍS DA SILVA RIBEIRO.

Maneiras de dizer alentejanas

Foi assim que o jornalista S.or Edmundo de Oliveira crismou a prosa que, subscrita por mim, apresentou aos leitores do *Diário de Notícias*, há coisa de uns dez anos, ou mais.

Outros dirão se o título foi bem escolhido, que eu, por mim, antes quereria chamar-lhe *camisa de onze varas*. Porque é bem uma *camisa de onze varas*, e bem medidas, esta em que imprudentemente me meti!

Isto de ser-se *bairrista* inda tem que se lhe diga! Não fôra eu *bairrista*, e nunca ninguém se teria lembrado de me apresentar ao S.or Edmundo de Oliveira para lhe dar, àcêrca do Alentejo, informações que não fossem tão erradas como costumavam ser as que se referiam à nossa província, tão vasta como desconhecida de quási todos os Portugueses...

Eu já me não lembro do que então disse ao jornalista, mas sei que, levado pelo *bairrismo* e talvez um pouco também pela qualidade de *arraiano*, propenso a espanholadas, foi pródigo de louvores à minha terra, pouco faltando para a proclamar a primeira entre tôdas.

No decurso da conversa empreguei naturalmente certas expressões, cujo significado era um tanto ou quanto enigmático para o meu interlocutor, o que provocou, como era natural, explicações da minha parte, quási como se estivesse a dar uma lição aos *meus rapazes*.

Foi o demónio isto! O jornalista achou o caso curioso e interessante e, como quem não quere a coisa, foi-me arrancando a promessa de lhe fornecer exemplos das nossas *maneiras de dizer*.

É claro que, naquele momento de *febre regionalística*, prometi tudo, o possível e o impossível... quem sabe se pensando que iria colocar o meu Alentejo no lugar a que tem direito!...

Presunção e água bente... tomei a que quis, e agora cá estou metido nestes *assados*.

A minha situação faz-me lembrar a do outro que cantava:

Eu cuidava que o casar
Era só o dar da mão:
Governar mulher e filhos
Acho que é grande *pensão!*

Eu também cuidava que ser *bairrista* alentejano era só dizer *coisas* em favor do Alentejo, celebrar os seus louvores, engrandecê-lo até com exagêro, mas vejo agora que é mais alguma coisa, que é mesmo uma *grande pensão.*

Pois não será *grande pensão* esta de escrever por fôrça, tenha ou não tenha geito, esteja ou não esteja de maré?

Mas foi bem feito! Não falasse eu demais, não levasse o meu *bairrismo* ao ponto de fazer promessas ao jornalista!...

Agora tenho de cumprir: bem ou mal, tenho de cumprir, pois lá diz o rifão que se segura o *bôi pelo côrno e o homem pela palavra.*

Quem me havia de a mim dizer que ainda viria a pagar caro tôda a minha risota à custa de *um livro* que não tinha escrito!

Porque eu ri muito com esta *história!*

Quando o S.or Edmundo de Oliveira me atribuiu um *belo livro ainda em apontamentos,* soltei uma das mais desenfastiadas gargalhadas da minha vida!

Eu a escrever um livro!...

Ria depois, quando vários *bairristas,* entre esperançados e incrédulos, me preguntavam se *aquilo* era verdade, ou quando outros, que melhor me conhecem o feitio, instavam comigo, às vezes descompondo-me, para que *fizesse o dito certo.*

Ria sempre. Pois se eu achava o caso divertido!...

Houve, porém, um momento em que não ri: foi quando o correio, com grande surprêsa minha, me trouxe de Macau uma carta em que um antigo companheiro de trabalho me pedia o meu *livro.* Em troca êle mandar-me-ia de lá o que eu quisesse. Esta carta, singela e quási ingénua, impressionou-me devéras: ela era um sentido grito de saudade da terra natal, o brado de um coração alentejano que, lá dos confins do mundo, acarinhava o seu Alentejo. Confesso que nesse lance tive pena de não ter escrito o *livro,* só para o poder mandar a quem lá de tão longe e tão enternecidamente m'o pedia.

Mas isto foi sol de pouca dura; pronto voltei à galhofa anterior.

Ia sempre dizendo que sim, mas ainda hoje não sei bem se era por comprazer, se por estar vagamente disposto a meter um dia mãos à obra.

Há tempos, porém, o caso mudou muito de figura: tomou

um aspecto grave, quási solene. Um colega, que a todo o momento me manifestava por Évora e por tudo o que lhe respeita, um interêsse fora do vulgar, estando a lêr a *Iconografia Artística Eborense* do amigo João Rosa, viu lá citado o *meu livro*, e, como se fôsse a coisa mais natural deste mundo (e creio que é), assim que me encontrou, começou a falar-me dêle.

Que surprêsa a sua, quando eu lhe declarei que o livro estava ainda em *vê-lo-emos!* Não houve maneira de concordar comigo, nem de aceitar as minhas *justificações*, ficando por fim assente, quási definido como um dogma da Igreja, que, tendo chegado as coisas ao ponto a que chegaram, já me não assiste o direito de conservar no fundo do tinteiro um trabalho a que já por mais de uma vez se têm feito referências... como se andasse a correr mundo.

Eu ainda propondo a crêr que no fundo do tinteiro é que êle estava bem, mas deixei-me vencer pelo antogonista e agora aqui estou constituído na obrigação de escrever *um livro*... ainda que seja de mortalhas!

Assim eu soubesse porque ponta lhe hei de pegar...

O que desde já declaro é que não vou pôr-me a discorrer vàriamente sôbre o Alentejo. Não! que eu não quero engrossar o rol das *enormidades* que do Alentejo se têm dito e escrito!

Eu já li numa Selecta, e firmada por um nome respeitável, a asserção de que no Alentejo se encontram *varas* de porcos gordos no verão. Outro, que também figura em Selecta, diz que o Alentejo é todo amarelo... **Amarelo** se havia de êle vêr, se fôsse chamado a provar o que diz! Ainda sei de outro que, arreliado por andar um dia inteiro sem lograr uma perdiz ao alcance da espingarda, se queixava de que «esta charneca alentejana não tem senão restôlhos».

Que ideia fará êste do que é uma charneca e do que são restôlhos?!

Ora eu não tenho empenho nenhum em figurar na lista dos detractores do Alentejo, e por isso... passo de largo.

Passo de largo, lá isso passo, mas o pior é que não sei para onde hei de passar.

*

Enquanto não resolvo esta dificuldade, vou recordar como é que se arranjou esta embrulhada: primeiro foi a entrevista com o S.or Edmundo de Oliveira, em que eu puz o Alentejo

nos *carrapitos* da lua, e inadvertidamente fui fazendo promessas, cujo cumprimento pouco depois me foi pedido; depois a seguinte carta dirigida ao mesmo S.or:

«Reguengos, 16-Setembro.

«A rico não devas e a jornalista não prometas» diz-me V. assim seja... visto que assim tem de ser. Vou, por isso, tentar cumprir a minha promessa, recorrendo à memória, porque os apontamentos levou-m'os a vida de judeu errante de muitos anos. O que mando, há-de portanto ressentir-se dessa circunstância; não poderá deixar de ser desconexo. Mas... «quem dá o que tem, mostra o que deseja». Vamos, pois, a isto:

À pata galhana anda quem caminha a pé, e a pé descalço; mas joga *à pata galharda* quem joga à bilharda.

O câmbio é *gambita*.

Gangueia quem vai de gangão.

Gambérria é travessura.

O glotão e sôfrego é *garganeiro*.

Quem come presunto, come *jemão*.

Quem implica de palavras com outro *armaguinéa* ou *pegadilha*; se o *caldo aquece* e lhe atira pedras, atira-lhe *bolegos*, *bajôlos* ou *barroqueiros*, podendo, portanto, dar-lhe *bolègadas*, *bajoladas* ou *barroqueiradas*.

As larvas dos mosquitos são *trincalhos*.

Os sedimentos que se encontram no fundo de qualquer bilha são *fundalhos*.

Os flocos de qualquer natureza que se encontram em suspensão nos líquidos, são *reguingalhos*.

Um cão pequeno é um *canito*, um *canicalho* ou um *gosipalho*.

Um tronco já velho e carcomido é um *alcornogne*; um pedaço de madeira rija, do cerne, é um *aderno*; uma cêpa é uma *arrègota*.

Quem se amua, *emburrica-se*, ou *prende o burrico*.

Ofegar é *afègar*; daqui *afègada* e *afègação*.

Um palerma é um *bebe-água*, um *papa-açorda*, um *panaça*, um *panacem*.

Não tem talho nem maravalho, qualquer coisa mal feita; não tem *relho nem trambelho* quem procede desordenadamente.

Quem se acolhe doente à cama, *cai de cama*, *cai de bôrco*, *abarraca*.

Faz boa ou má *gavilha*, quem faz boa ou má camaradagem; *engavelar* é acamaradar, é aceitar de boa mente.

Tem *tramenhos* quem tem geito para fazer coisas; quem o não tem é *destramenhado, desmaranhado, mãos de aranha.*

As rugas são *gorrovinhas*, e enrugar é *engorrovinhar.*

Uma escada de alvenaria ou de cantaria quási sempre é uma *escaleira;* os degraus também são *escaleiras.*

Um pedaço de pão é um *faneco.*

Como adjectivo *faneco, faneca*, tem a significação de fraco.

Submeter alguém a duros trabalhos, tratá-lo com rigor, é *fazer-lhe o cabelo castanho.*

É *torto* ou *zanaga* o estrábico e o cego de um dos olhos; as manchas brancas dos olhos são *belidas* e *rexas.*

Um caminho é *bem* ou *mal andamoso* conforme faz bom ou mau andar.

Anda aos mergulhos, aos morengos, aos leirões, às cavandelas, quem, no sentido próprio ou figurado, anda aos tombos.

Quem não é para cavandelas não se mete nelas; quem não tem fôrça e ânimo para qualquer empreendimento, não o tenta.

Ter ranço a alguém é ter-lhe ódio; pelo contrário, o *carânço* é ternura, e o amorudo, é *carançudo.*

O pachorrento é *cacholudo*, pois que a pachorra é *cachola.*

Tem duas amoras nalma quem é brioso, activo e tem coragem.

A parte mais alta de uma árvore ou de um edifício é o *pingarito* ou *carrapito.*

Um turbilhão de pó é um *espòjinho*, dentro do qual acreditam que se agita o diabo. Por isso quem vê um *espòjinho*, põe os dedos em cruz e grita: o *diabo tem pata de cabra.* Se o *espòjinho* se não desfaz imediatamente... é porque continúa.

Quem se farta de comer ou beber, *empanzina-se*, apanha uma *polègada*, fica *de umbigo espichado.*

Fome é *galga;* o que anda esfaimado, anda *esgalgado.* Se o ruim passadio o reduziu a magreza extrema, anda *harpado.*

Com fome, com frio ou com uma dôr também se anda *enfoiçado.*

O bocejo significa «ou *fome*, ou *sono*, ou *ruindade do dono*».

Por aqui também os trabalhadores *fazem cêra, engonham*, ou *enzonam.*

Enzoneiro é o intrujão.

Dá-se a voz de findar o trabalho por *seja louvado nosso senhor Jesus Cristo.* E por isso dar o *louvado* ou as *louvadas* é mandar largar o trabalho.

Isto me faz lembrar de que já vai sendo tempo de a mim mesmo eu dar o *louvado* por hoje.

Bem sei que o que aí fica, é pouco, muitíssimo pouco até, em comparação do muito que podia mandar; mas será bom não abusar da outra gente.

Uma advertência necessária: dos vocábulos apontados, uns não os encontro no único dicionário de que disponho (o de Faria, ed., de 1870), outros encontro-os lá com significado diferente. É possível que em dicionários mais modernos o registo já esteja feito; creio, porém, que, se os doutos e investigadores se quiserem entreter, não deixarão de ter ensejo para isso no pouco que aí fica.

E V. desculpará de tão tarde e tão desageitadamente cumprir o prometido».

O aparecimento desta prosa no *Diário de Notícias*, pomposa e lisongeiramente precedida do anúncio de *um belo livro em apontamentos*, como já disse, deu origem a várias peripécias, das quais deixo algumas apontadas, sendo a última a que me obrigou, depois de tanto tempo, a prosseguir na tarefa encetada. Desta vez, porém, não irei consultar dicionários, pois me parece que o que é verdadeiramente interessante, é o verificar-se que dos registos dos dicionários uns são de uso corrente só em certas localidades, sendo completamente desconhecidos noutras, outros são usados do norte ao sul do país. Quantos apontarei nestas diferentes condições? Não faço ideia.

Continuemos, pois, e tanto quanto possível, no *tom* em que começámos.

(Continúa).

Évora.

MANUEL GOMES FRADINHO.

305

MISCELANEA

Algumas particularidades dos caracteres tipográficos que serviram à "Compilação" das Obras de Gil Vicente

I

Na leitura dos textos da *Compilação* não prestaram os editores de Hamburgo a devida atenção à particularidade gráfica do *ĩ* (=*i* tilado), freqüentemente ali empregado como vogal nasalada.

O *i* tilado já existia no material de impressão quinhentista, moldado nas fundições nacionais como as restantes vogais nasaladas usadas na representação da fonética portuguesa, embora o seu emprêgo esteja reduzido quási exclusivamente ao pronome *mĩ*, que algumas vezes alterna imediatamente com *mi*, como no fol. XCV, col. 4:

«Que direi a *mĩ* de *mi*,
porque quanto a *mĩ* digo»..

Nos caracteres que serviram à estampagem da *Compilação* a representação gráfica desta nasal é tão subtil, e encontra-se de tal forma deformada pelo desgaste do tipo, que escapa fàcilmente à vista desprevenida do leitor. É evidente que desprevenidos estavam também os editores de Hamburgo, procedendo aliás arbitràriamente, porque algumas vezes adoptaram *mim* exactamente onde o texto apresenta *mi*, e vice-versa.

Na forma do tipo empregado na *Compilação* o *i* é de corpo muito reduzido, isto é, não possue, ou nele só escassamente se esboçam, os traços de ligação superior e inferior, que em outros moldes lhe dão mais espessura. Por êste facto, o til tem na gravura apenas a extensão correspondente ao adarme da letra, e é representado por um traço com forma de vírgula horizontal, observando-se que, em virtude do desgaste do tipo, grossura da tinta e imperfeições da estampa, algumas vezes êle se confunde com o ponto ou traço oblíquo do *i* simples.

Esta subtil diferenciação de gravura, que deveria tornar difícil a separação material do tipo de impressão, ocasionou freqüentemente a confusão do compositor na devida colocação do *i* tilado, faltando por vezes onde é de supôr que êle deveria ter cabimento (como em fol. CCXXXVII, col. 3: *mihas*), e aparecendo onde o seu emprêgo se não justifica (como em fol. VI, col. 4: *frĩos;* e XIX, col. 3: *mĩ*, pronome espanhol).

É preciso ter em vista que o emprêgo do *ĩ*, como o de outras vogais tiladas, que ocorre em impressões quinhentistas em substituïção dos grupos nasais com *m* ou *n*, dependeu muitas vezes do arbítrio do compositor, mòrmente na impressão de versos. Êste, em não raros casos, forçado pela dificuldade de intercalar tôdas as palavras numa linha de composição, empregava também o recurso de reduzir algumas a abreviaturas, e não só as que o uso sancionava, mas também as que as circunstâncias de momento lhe sugeriam.

Destes casos, mais abundantes do que se pode supôr, há um exemplo frisante na edição de uma folha volante do *Auto das Regateiras*, na colecção matritense (fol. III, col. 4):

«co[madre]. Como se chama[?] Ve[lha]. Acharĩha».

Onde *Acharĩha* está por *A Charinha*, em virtude da impossibilidade de intercalação do *n* na linha de composição (1).

II

A *Compilaçam* adopta caracteres latinos nas didascálias, rubricas e cotas, sistema êste que, na arte de compôr, representa já um certo avanço sôbre a confusa uniformidade das impressões populares avulsas.

Evidentemente cada modêlo de escrita tipográfica (ou gó-

---

(1) Incidentemente observarei que o *til* representa um *n* deformado. Resulta do recurso gráfico, adoptado pelos escribas na época de transição da língua arcaica, quando, em virtude da evolução fonética, o *n* intervocálico começava a nasalar a vogal anterior. Recorreu-se então ao expediente gráfico de sobrepôr o *n* à primeira vogal, para indicar que êle constituía apenas um agente de nasalação.

tica, semi-gótica ou latina) possuía uma forma privativa de sinais de pontuação e abreviaturas ou compressões, em virtude do que a representação gráfica dos mesmos valores diferia sensìvelmente de escrita para escrita.

Assim, a copulativa *e* representava-se por *&* (resultante estilográfica de *et*) na escrita tipográfica em caracteres latinos, e por *ȝ* no semi-gótico das impressões da época. Nestes dois estilos de letra, que alternam na *Compilação*, observa-se a propriedade do emprêgo das duas notações, que aliás se não confundiam nas impressões quinhentistas.

É portanto impróprio o uso de *ȝ* em lugar de *&* nas reproduções modernas, em caracteres latinos, dos textos em meio-gótico, como algumas vezes se tem feito e como inadvertidamente o fêz a insigne D. Carolina Michaëlis no prólogo dos *Autos portugueses de Gil Vicente y de la escuela vicentina.*

ÓSCAR DE PRATT.

Toponimia

1. **Queiriz** e **Queiriga**, na Beira. Do germanico quithan «falar», em M.-Lübke, *Altport. Personennamen*, I, p. 42, e rîks «rei».

2. **Cezelhe**, no Norte. De Caeciculi. Não deve pois escrever-se *Sezelhe*, se esta explicação é boa. *Caeciculi*, de *Caeciculus*, é fórma teorica, mas paralela a nomes como *Hilariculus*, etc., lembrados por Giandomenico Serra, *Cognome italiano*, 1926, II, p. 53.

3. **Cezim**, no Minho. De Caecini. Também não deve pois escrever-se *Sezim*.

4. **Bertufe**, na Beira. Do germanico *Berthulfi: formado de bairhts «brilhante» (*Antroponimia*, p. 63) e wulfs «lobo». Cfr. *Bertufo*, também topónimo.

5. **Sogilde**, no Minho. Do germanico Sonigildi, em M.-Lübke, I, p. 48.

6. **Tufe**, no Minho. Do germanico Tuulfi, em M.-Lübke, I, p. 49.

7. Alguns rios nossos, que nascem na Hespanha, trouxeram para cá os seus nomes na fórma hespanhola, por exemplo: *Fresno*, afluente do Douro, em Trás-os-Montes; cfr. *Guadiana.*

8. Povoação algarvia que tem quatro nomes: MEXILHOEIRINHA, MEXILHOEIRA PEQUENA, MEXILHOEIRA DA CARREGAÇÃO, MEXILHOEIRA DO CARREGADOURO. O último conheço-o sòmente do *Port. ant. e mod.*, v, 205. O mais antigo suponho ser o terceiro, pois na Carta de fundação de povoação por D. João II, em 1495, lê-se: «no porto da Meixulhoeira, termo da cidade (de Silves), onde he a *carregação*». Este documento vem na *Monogr. de Estoi*, de Athaide Oliveira, Porto, 1911, p. 72.

9. **Azambuja.** Tinha como fórma popular em 1437 *Jambuja:* vid. um doc. citado no *Bolet. da Direcç. Ger. de Agricultura*, II, 124. Por assimilação. Num doc. de 1325, *Azamboya:* no *Censual do Porto*, p. 520.

10. Em Alpalhão (Alto Alentejo) ha uma rua chamada MONTE-SETE. Dizem os da vila que houve lá um *monte* (em sentido rural) com sete casas, — se é que *sete* não é numero indefinido (cfr. os meus *Opusculos*, v, 42 sgs.).

11. Diz A. F. Barata, *O Alemtejo*, 1893, p. 53, que em tempos antigos havia no Alentejo um vasto tracto de terreno, pertencente á Casa de Bragança, e chamado *Reguengo de Cima, do Meio*, e de *Baixo*, d'onde o plural: *Reguengos.* Não cita documentos, como é habitual nele. Todavia hoje só conheço ao pé da vila de Reguengos (de Monsaraz) ALDEIA DE CIMA, que oficialmente se chama REGUENGOS DE CIMA; uma cantiga ironica, que lá ouvi em 1932, diz:

Aldeia de Cima é minha,
Hei-de-a mandar calçar
De biquinhos de alfinetes
Para o meu amor passear...

O que não ha (hoje, pelo menos) é *Reguengos de Baixo.*

Exemplo semelhante o encontramos em COVAIS DE CIMA, povoado da frèguesia de Salzedas, concelho de Tarouca, sem haver *Covais de Baixo.*

O contrário é QUÈLUZ DE BAIXO, no concelho de Oeiras, ao pé de *Quèluz*, concelho de Sintra, que não se diz *de Cima*, pelo menos na localidade. A outra QUÈLUZ é tão pouco importante ao pé da verdadeira QUÈLUZ, que os habitantes d'esta não se julgam obrigados a juntar epiteto ao nome.

12. Patronimicos tornados apelidos, que depois se tornaram nomes geograficos:

Alvitiz (sec. X), derivado de Alvitus, tornou-se ALVITES, nome de varios lugares do Minho.

Christiniz (sec. X), derivado de Christinus, tornou-se

CRESTINS, nome de um lugar também no Minho; cf. *Crestim*, de Christini. Estes nomes nada têm com *castro* ou *crasto*, como já li algures.

Martiniz (sec. XI), derivado de Martinus, tornou-se *Martins*, nome de um lugar igualmente no Minho; cf. *Vila-Martins*.

As fórmas dos sec. X e XI, aqui citadas, estão arquivadas no *Omnastico* de Cortesão.

13. PESQUEIRA (S. João da). Nome nascido de uma *pesqueira* do Douro, á qual se refere no sec. XVI um documento publicado nos *Ineditos de Hist. Port.*, V, 565.

14. Nome antigo traduzido: *Santa Locaia*, no concelho de Baião, em 1530: *Arch. Hist. Portug.*, VII, 246. Por SANTA LEOCADIA, como hoje se diz restauradamente.

15. **Perseveira**, em Sines: vid. *Port. ant. e mod.*, IX, 391. Nome derivado de *perseve* ou *percebe* (marisco).

16. **Furado, Furados**, topónimos do Minho e da Beira. Diz o P.e Luís Cardoso, *Dicc. geogr.*, I, 376, B, falando do rio Alva: «chamam *os Furados* a um boqueirão, que aqui abrírão por baixo de huma serra, por onde encaminhárão huma boa porção de suas aguas».

17. **Senhora da Hora**, nome de lugar no distrito do Porto. Por *Senhora da Boa Hora*, invocação da Virgem Maria como advogada das parturientes; cf. a expressão vulgar: *anda para cada hora*, que se diz da mulher que está para ter parto.

18. **Cortiços**, nome de um povo no concelho de Braga, onde ha sobreiros, e onde se preparam «cortiços», que vendem aos povos vizinhos para colmeias. Sobretudo se fazia isto out'rora, porque hoje está em decadencia esta industria caseira da criação de abelhas.

19. **Vila Nova de Mil Fontes**, nome de uma vila no Baixo Alentejo. Aqui *mil* é designação de pluralidade indefinida: cfr. os meus *Textos arcaicos*, 3.ª ed., p. 156. É curioso que na Descripção do aro de Lamego, de Rui Fernandes, sec. XVI, nos *Ineditos de Hist. Portug.*, este autor, referindo-se ás muitas fontes que por ali brotam, escreve (por acaso) que poderia dizer-se que eram *cinco mil:* t. V, p. 560. — Por Vila Nova de Mil Fontes, ha de facto, muitas, chamadas algumas, por exemplo: *O Canal*, *Bica da Areia*, *Fonte de Joaquim da Silva*, *Fontes Férreas* (a agua cai d'alto), *Fonte do Bosque da Vila Formosa* (herdade) etc., e inúmeras outras sem nome próprio. Tudo isto na costa do mar. — O povo, em vez de dizer *Vila*

Nova de Mil Fontes, fórma oficial, diz apenas *Mil Fontes*, que de certo foi a fórma primitiva. Cfr. *Mil Flores*, nome de um casal em Soure; e também Quinta de *Mil Fontes* em Lisboa e em Camarate.

20. **Portel** *(Alentejo)*: De *Portelo, com quéda do -o, por influencia do arabe, como explicou Pidal, *Origines*, p. 198. A explicação confirma-se por isto: o nome antigo do sitio era arabico: *Portel Mafomade*, doc. do sec. XIII, no *Livro de D. João de Portel*, p. 12.

21. Ha topónimos no plural, referidos a varios lugares que têm um mesmo nome, por exemplo: BALURCOS, no concelho de Alcatim; os ESTORIS, perto de Lisboa, tendo-se em mente S. João do *Estoril*, S. Antonio do *Estoril* (ou sómente *Estoril*), S. Pedro do *Estoril*, e Monte-*Estoril*.

22. **Montalegre.** Em 1272 (*Leges et Consuet.*, p. 728): *Monte Alegre*, como o povo ainda hoje diz (vid. a minha obra *De t. em terra*, I, 88). Cfr. *Porlalegre*, que out'rora devia ser *Porto Alegre*, pois esta fórma foi para o Brasil, e assim diz ainda o povo no Alentejo, nos arredores da cidade.

23. **A da Mestra**, nome de um lugarejo ou *sitio* na frèguesia de Estoi (Algarve). Em um doc. de 1595, citado no *Livro de S. Braz de Alportel*, de Estanco Louro, p. 60, repetidante: «as terras.. *da Mestra*».

24. **Malhas**, topónimo açorico. De manchas da vegetação. Cf. G. Fructuoso, *Saudades da terra*, V, 369.

25. **Casal d'Andorinho.** De *Andorinho*, nome de homem. Cfr. no sec. XII: «et hereditatem d'Andorino;.. quanto ibi habebat Andorinus et quantum habebimus». Vid. *Censual do Porto*, p. 497.

26. **Abregão.** No sec. XI *Abregam*, em Cortesão, *Onomastico*. Aí se mencionam também, como nomes de homens: *Abrecano*, *Abregano*, e o patronimico *Abrecaniz:* sec. X e XI. De Africanus, isto é, *villa Africani*. Abundam, já desde a epoca romana, nomes de pessoas tirados da geografia. Quanto á fonetica, cfr. *Ábrego* (vento), de Africus.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAFIA

I

REVISTAS

—**Boletim de Filologia**, publicação da Junta de Educação Nacional (Centro de Estudos Filologicos), t. I, fasciculos 1 e 2, Lisboa, 1932.

—**Revista de Filologia e Historia** (Archivo de estudos sobre Philologia, Historia, Ethnographia, Folclore e Critica Literaria), Rio de Janeiro, Livraria de J. Leite, editores: t. I, 4 fasciculos, 1931.

J. L. DE V.

II

VARIA QUAEDAM

A) FILOLOGIA:

—Trabalhos de J. J. Nunes:

a) **Cancioneiro de D. Dinis** (separata, da *Miscelanea de estudos em honra de D. Carolina Michaëlis*), 1930;

b) **Cantigas d'amor**, 1932;

c) **Florilegio da Literatura portug. arcaica**, 1932.

—**Dicionario da lingua luso-brasileira** (sic), por Mario Boucherdat, 1930.

—**Pontos de contacto entre a linguagem do «D. Quixote» e a de «Os Lusiadas»**, pelo D.or J. Maria Rodrigues, 1931.

—**Da origem da musica trovadoresca em Portugal**, por Pedro Batalha Reis, 1931.

—**Da evolução dos grupos consonanticos com «L» em port. e espanhol**, por J. M. Piel, 1931.

—Trabalhos de R. de Sá Nogueira:

a) **Da necessidade de reformar a Gramatica**, 1929;

b) **Curso de Filologia portuguesa**, 1.a parte, 1932.

—**Die germanischen Ortsnamen in Spanien und Portugal**, por Georg Sachs, 1932.

—**Appunti su una canzone di re Dionisi e sulla fortuna di «Oceasio» nella penisola iberica**, por Silvio Pellegrini, 1932.

—**Dicionario etimologico da lingua portuguesa**, por Antenor Nascentes, Rio de Janeiro, 1932.

—**Gramaticos portug. do sec. XVI**, por Estanco Louro, s. d.

B) ETNOLOGIA:

—**Die nordwestiberische Volkskultur**, por Fritz Krüger, 1927 (separata de *Wörter und Sachen*).

—Trabalhos de Alberto V. Braga:

a) **Tradições e usanças pop. de Guimarães**, 1931;

b) **Curiosidades de Guimarães**, I a III, 1931.

—Trabalhos de Abel Viana:

a) **Notas hist. arqueol. e etnograficas do Alto Minho**, 1930;

b) **Notas etnograficas**, 1932.

—**Espadeladas e esfolhadas**, por G. Felgueiras, 1932.

—Trabalhos de Gervasio Lima (Açôres):

a) **Poetas e cantadores**, 1932;

b) **Festas do Espirito Santo**, 1932.

—**Notas etnograficas sobre Barcellos**, por D. Fernanda de Matos Cunha, 1932.

—Trabalhos de W. Giese:

a) **A respeito de terminologia portuguesa de armas do sec. XIII.** Em *Wörter und Sachen;*

b) **A respeito de engenhos de tirar agua de poços.** Separata da *Miscelanea em honra de D. Carolina Michaëlis;*

c) **A respeito de casas de Olhão.** No *Portucale.*

—**Haus und Wirtschaft der Serra da Estrela** (casa e economia domestica), por H. Messerschmidt. Separata do *Wolkstum und Kultur der Romanen*, 1932.

—Trabalhos de Augusto C. Pires de Lima:

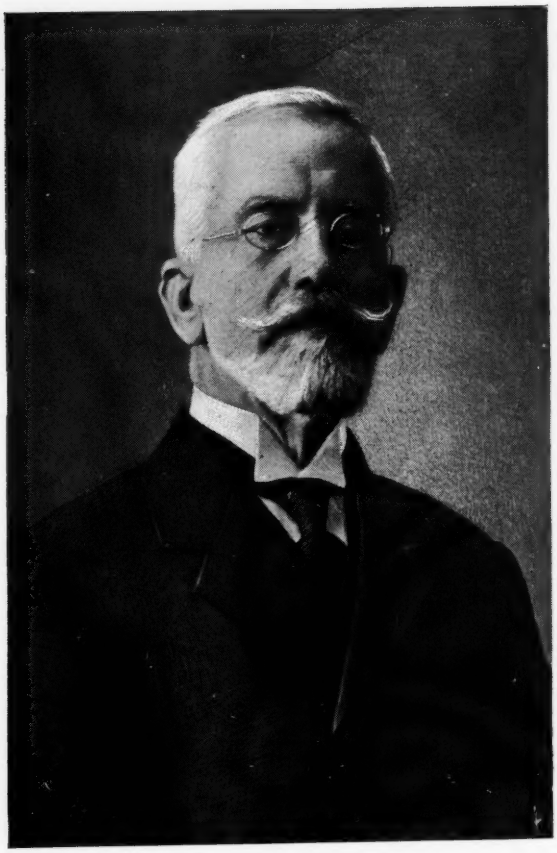
a) **Exortação da guerra**, de G. Vicente (edição escolar), 1932;

b) **Farsa de Inês Pereira**, de G. Vicente (edição escolar), 1932.

*

O director da *Revista Lusitana* tem no prelo o vol. I da *Etnografia Portuguesa*, a que devem seguir-se outros, segundo o plano publicado na mesma *Revista*, vol. XXVI, 260-280.

J. L. DE V.



Dr. José Joaquim Nunes

NECROLOGIA

Dr. José Joaquim Nunes

Vitimado por uma pneumonia, faleceu em Lisboa, em 20 de Julho de 1932, o eminente filólogo e professor universitário Dr. José Joaquim Nunes. Natural de Portimão (Algarve), onde nasceu a 4 de Dezembro de 1859, o Prof. Nunes, depois de ter feito exame de instrução primária no Liceu de Faro, entrou para o seminário daquela cidade durante o reitorado do P.e António José dos Reis, e ali se ordenou sacerdote. Nomeado pároco de uma frèguesia, foi, pouco depois em 1889, provido por concurso no pôsto de capelão militar, tendo prestado serviço nos regimentos de infantaria do Ultramar, no de infantaria 15, e caçadores 7, de Santarém. Nesta cidade, como já acontecera em Lagos, o Prof. Nunes dedicou-se ao magistério particular, habilitando-se depois em 1905, para o seu desempenho oficial com o concurso público que lhe deu ingresso como professor efectivo no Liceu de Beja, cidade para onde transitou em virtude de ter solicitado passagem para o 17 de infantaria. Em 1911 foi para o Liceu de Santarém, e em 1912 passou para o de Camões, em Lisboa, onde se conservou pouco tempo, saindo dali para o Colégio Militar. Em 1913 foi nomeado sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, mediante parecer de 13 de Fevereiro do mesmo ano, redigido por Pedro de Azevedo e assinado pelos sócios Teixeira de Queirós, Lopes de Mendonça e Leite de Vasconcelos (1). Em 1914, por indicação do Dr. Leite de Vasconcelos, o Conselho da Faculdade de Letras de Lisboa convidava-o a ingressar no ensino superior e propunha-o ao Govêrno, que o nomeou professor extraordinário de filologia clássica da mesma Faculdade, por Decreto de 31 de Outubro do mesmo ano (2). Na Faculdade regeu cadeiras de língua latina e grega, e em 1929 foi nomeado Director da

---

(1) *Boletim da 2.a classe*, vol. VII, 31-34.

(2) *Diário do Govêrno*, n.º 267 (2.a série), de 14 de Novembro de 1914.

mesma, funções que exerceu até o fim dêsse mesmo ano, em que foi aposentado por ter atingido o limite de idade.

O Prof. J. J. Nunes, homem de vida recatada e avessa a exibicionismos vãos, aliava ao seu carácter límpido e honesto uma natural bondade, grande modéstia e simplicidade de maneiras que o tornavam simpático a todos que com êle privavam ou travavam.

*

O Dr. José Joaquim Nunes espalhou a sua operosidade espiritual por vários campos das letras. Além da Filologia, em que, como discípulo de Leite de Vasconcelos, produziu obras de notável relêvo e interêsse para o conhecimento da língua e literatura portuguesas — tocou também na etnografia e na arqueologia, na literatura amena (contos, romance, teatro, etc.) (1). A sua maior actividade foi porém consagrada aos estudos filológicos em lato sentido, pois tanto fazia edições críticas de textos medievais, como tratava de problemas de ordem literária, de fonética, morfologia, lexicologia, etimologia, ou outros, em cujo estudo punha sempre grande probidade, acuidade e meticulosidade. Muitos textos antigos portugueses viram a luz da publicidade, pela primeira vez, exumados dos arquivos e bibliotecas (onde jaziam inertes), mercê do cuidado paleográfico e crítico de J. J. Nunes, que os fêz reviver na sua linguagem arcaica cheia de beleza rude e singela, reflectora das preocupações morais, sociais, religiosas e estéticas do pensamento medieval. Essas edições, tratadas com o esmêro e carinho que o notável filólogo sabia pôr em todos os seus trabalhos, são outros tantos monumentos onde o historiador da língua portuguesa tem de ir forragear materiais para a reconstituïção do léxico, da morfologia e sintaxe arcaicos, tarefa aliás simplificada pelo seu diligente divulgador nas notas, comentários gramaticais e estilísticos, e nos glossários que acompanham algumas delas.

A par com estes trabalhos de ingrata, fatigante e quási inglória elaboração, o Prof. Nunes deu a lume dissertações muito importantes sôbre fonética histórica portuguesa, sôbre léxico arcaico, sôbre toponímia e antroponímia, sôbre a evo-

---

(1) Por exemplo o romance *Consuelo* e o drama *Uma vítima do ciúme*, ambos inéditos.

lução da língua portuguesa, sôbre o elemento germânico no Onomástico português, sôbre a metáfora, sôbre convergentes e divergentes, sôbre dialectos algarvios, etc., etc.

No campo da história literária pròpriamente dita publicou trabalhos àcêrca das cantigas paralelísticas de Gil Vicente, da naturalidade dos trovadores galego-portugueses, das cantigas de Martim Codax, de algumas lendas medievais e das cantigas de amigo — todos êles reveladores de profunda erudição, de notável espírito crítico, e de segura e nobre probidade. A publicação de textos antigos e de obras relacionadas com a nossa literatura arcaica mostram a grande predilecção do Prof. Nunes pelos estudos medievais, de que foi exímio cultor e representante máximo entre nós, depois da preclara investigadora que foi D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

Espírito progressivo e ávido de saber, ao refundir ou sistematizar trabalhos já vindos à luz da publicidade, procurava sempre enriquecê-los de novos elementos que a sua erudita curiosidade ia rebuscar, ou que a crítica judiciosa lhe indicava, comunicando-nos assim os resultados do seu esfôrço investigador e a última palavra sôbre os assuntos e problemas que a sua inteligência abordava e discutia. Na moderna filologia portuguesa o Prof. J. J. Nunes representa, ao lado dos seus máximos cultores, papel notabilíssimo, não sòmente pelo número de trabalhos, senão também pela qualidade: os temas que tratava, se não eram resolvidos definitivamente — em ciência nada é definitivo — eram revolvidos com tão exaustiva erudição e tão grande acume exegético, que normalmente traziam sempre uma solução actual, bem documentada e sólida. Conhecedor, como poucos, da língua pátria, em tôdas as suas fases e segredos, deixou muitos subsídios para futuros filólogos coligirem e aproveitarem em trabalhos de conjunto; e em tôdas as suas obras, mesmo naquelas que não têm um cunho didático, se apreciam as suas grandes qualidades de pedagogo, um tanto como reflexo da sua própria personalidade: simplicidade e segurança de exposição, fundidas numa linguagem sóbria e castiça, e enquadradas num método rígido e severo.

Dotado de grande actividade e amor ao estudo, trabalhou até quási os últimos momentos da sua vida: preparava uma obra sôbre *Nomes de bàtismo, sua origem e significação* e ainda na véspera de falecer dera uma última demão no seu

Florilégio de literatura portuguesa arcaica. Além de livros e outras obras menores deixou colaboração dispersa por várias revistas portuguesas e estrangeiras, como a *Revista Lusitana, Portugália, A Lingua Portuguesa, Biblos, Alma Nova, Revista de Filologia e Historia* (Rio de Janeiro), *Revista de Filologia Portuguesa* (S. Paulo), nos *Romanische Jahresberichte* de Volmöller, *Boletim da Academia Galega*, etc., etc.

Professor distintíssimo de latim e grego, foi dos mais ilustres ornamentos que, — ao lado dos nomes eminentes de Adolfo Coelho, Epifânio Dias, Carolina Michaëlis, Leite de Vasconcelos, José Maria Rodrigues, David Lopes, etc., — têm honrado as nobres tradições da Faculdade de Letras de Lisboa. O ensino clássico de J. J. Nunes, ministrado com sólidas bases e profundos conhecimentos, sobretudo de latim, tinha cunho especial e pessoal, feito, como era, em estreita conexão com a língua materna, e tornado atraente pelas relações que o insigne catedrático sàbiamente estabelecia entre as lições clássicas e as suas diversas representações vernáculas no discurso dos tempos. As gerações de estudantes que durante quinze anos escutaram as suas prelecções universitárias, severas e honestas, muito ficaram devendo intelectualmente a esse modesto mas ilustre propugnador dos estudos humanísticos em Portugal. A sua acção como pedagogo ultrapassou ainda a cátedra universitária, porque, cultivando o Prof. Nunes com soberba mestria a filologia portuguesa, os seus trabalhos didáticos, de divulgação e de investigação, contribuíram muito para derramar entre as nossas escolas secundárias, e também entre o geral das pessoas, conhecimentos mais vastos e um amor mais apurado à nossa língua.

Não tendo privado muito com o Dr. J. J. Nunes e não tendo sido seu aluno, contraí no entanto para com êle — como todos os que têm certa predilecção pelos estudos da língua pátria — uma dívida de gratidão pelos momentos de prazer espiritual que fruí na leitura de algumas das suas obras e pelos ensinamentos que nelas fui colhêr. E estas linhas não são mais que uma sentida homenagem que eu venho depôr junto do túmulo desse grande e infatigável obreiro da ciência portuguesa deste século.

*

Os trabalhos do Dr. José Joaquim Nunes são muitos e valiosos, e não é fácil tarefa compilar a sua lista, demais

numa rápida e simples notícia necrológica. Aqui deixo no entanto a indicação de alguns que me ocorrem, e que vão especificados por ordem cronológica:

1888 — *Contos do lar* (sob o pseudónimo de Júlio Ventura), Lisboa.

1895 — *Fonética histórica portuguesa*, in *Rev. Lusit.*, III, 251-307.

1897 — *Diccionario português-latim* de Nunes Branco (revisto por J. J. Nunes), Lisboa, Livraria Ferreira.

1899 — *Noticia sobre a necropole luso-romana nos arredores de Lagos*, in *Portugalia*, I, 817-818.

1900-1 — *Subsidios para o Romanceiro do Algarve*, in *Rev. Lusit.*, VI, 151-188.

1902 — *Dialectos Algarvios*, in *Rev. Lusit.*, VII, 33-55, 104--125, 244-264.

1903-5 — *Visão de Tundalo*, in *Rev. Lusit.*, VIII, 239-262.

1906 — *Chrestomalia Archaica*; 2.ª ed., 1921.

1906 — *Testamento da Infanta D. Leonor Afonso*, in *Rev. Lusit.*, IX, 135 138.

1906-7 — *Vida de Santa Pelagia*, in *Rev. Lusit.*, X, 177-190.

1907 — *Costumes Algarvios*, in *Portugalia*, I, 384-388 e II, 654-655.

1907 — *Obras de Gil Vicente* (notícia crítica sôbre a ed., de Mendes dos Remédios), in *Rev. Lusit.*, X, 344-348; e XI, 179-180.

1907 — *Die Sprache des Königs Denis von Portugal* (notícia crítica sôbre esta obra de Armin Gassner), in *Rev. Lusit.*, X, 336-344.

1908 — *Vida de Tarsis, Vida de uma monja, Morte de S. Jeronimo, Uma amostra do livro de Josep ab Arimatia*, in *Rev. Lusit.*, XI, 210-222-237.

1909 — *As cantigas paralelisticas em Gil Vicente*, in *Rev. Lusit.*, XII, 241-267.

1910 — *Notas filologicas*, in *Rev. Lusit.*, XIV, 62-78.

1912 — *Cousas notaveis e milagres de S. Antonio de Lisboa*, in *Rev. Lusit.*, XV, 177-235.

1913 — *Textos antigos portugueses: glossario e observações literarias e filologicas*, in *Rev. Lusit.*, XVI, 1-40.

1914 — *A proposito de alguns modos de dizer e vocabulos arcaicos*, Coimbra, Impr. da Univ.

1917 — *Vida de Santa Maria egiciaca etc.*, in *Rev. Lusit.*, XX, 183-205.

1917 — *Gonçalves Viana*, in *Bol. da 2.ª classe da Ac. das Sciencias de Lisboa*, x, 645-8.

1917 — *Convergentes e divergentes*, Coimbra, Impr. da Univ.

1918 — *Regra de S. Bento*, in *Rev. Lusit.*, xxi, 89-145.

1918 — *Cronica da Ordem dos Frades menores*, 2 vols., Coimbra, Impr. da Univ.

1919 — *Uma lenda medieval. O monge e o passarinho*, Coimbra, Impr. da Univ.

1919 — *Compendio de gramatica historica portuguesa*, Lisboa, Teixeira; 2.ª ed., 1930.

1919 — *Historia de D. Rodrigo, ultimo rei godo*, in *Rev. Lusit.*, xxii, 138-169.

1920 — *Dr. Julio Cornu* (notícia necrológica), in *Rev. Lusit.*, xxiii, 200-201.

1920 — *A vegetação na toponimia portuguesa*, Coimbra, Impr. da Univ.

1920 — *Vida e milagres de D. Isabel, rainha de Portugal*, in *Bol. da 2.ª cl. de Ac. das Sc. de Lisboa*, xiii, 1293-1384.

1921 — *Nomes de pessoas na toponimia portuguesa*, Coimbra, Impr. da Univ.

1921-22 — *A metáfora na linguagem*, in *Rev. Lusit.*, xxiv, 287-294.

1923-25 — *Vida e milagres de bispos e santos de Mérida*, in *Rev. Lusit.*, xxv, 231-250.

1924 — *Estudo sobre o Canc. Colocci*, in *Bol. de la Real Academia Gallega*, n.º 165.

1925 — *A fauna na toponimia portuguesa*, Coimbra, Impr. da Univ.

1925 — *Tentativa de identificação do animal chamado Zêbro*, Coimbra, Impr. da Univ.

1925 — *O elemento germânico no Onomástico Português*, in *Homenaje a Menendes Pidal.*

1926 — *Evolução da lingua portuguesa* (regras de S. Bento), Coimbra, Impr. da Univ.

1926 — *Cantigas d'Amigo dos trovadores Galego-Portugueses*, 3 vols., Coimbra, Impr. da Univ.

1925-27 — *A propósito da naturalidade dos trovadores galego-portugueses*, in *Rev. Lusit.*, xxvi, 165-171.

1927 — *Um antigo santo popular*, in *Bol. de la Real Academia Gallega*, xxiii, 201-205.

1928 — *Digressões lexicologicas*, Pôrto.

1928-29 — *Cajon ou ocajon?*, in *Rev. Lusit.*, xxvii, 300-303.

1928-29 — *Contribuições para um dicionario da lingua portuguesa arcaica*, in *Rev. Lusit.*, XXVII, 5-79.

1930 — *A lenda do coração comido*, in *Rev. Lusit.*, XXVIII, 5-15.

1930 — *Cancioneiro de D. Denis*, Coimbra.

1931 — *Duas lendas medievais. A lenda de D. Ramiro ou de Gaia* e *O ebrio e a caveira*, in *Bol. da Ac. das Sc. de Lisboa*, nova série, vol. III, 360-385.

1932 — *Cantigas de Amor*, Coimbra, Impr. da Univ.

1932 — *Florilegio da literatura portuguesa arcaica*, Lisboa, Impr. Nac.

— *O sentimento na linguagem*, na *Revista da lingua portuguesa*.

— *Poesia popular*, na *Revista da lingua portuguesa*.

— *Cantigas de Martin Codax*, na *Rev. Lusit.*, XXIX.

— *Vida do duque Antioco*, na *Rev. Lusit.*

— *A moderna etmologia*, na *Revista da lingua portuguesa*.

— Artigo sobre o *Romanceiro* na *Hist. da Lit. Portug.*, ilustrada (de Forjaz de Sampaio).

LUÍS SAAVEDRA MACHADO.

Erratas do vol. XXIX da RL

Artigo: A industria doméstica de louça preta de Bisalhães

Pág. 302, lin. 12: *pernas* (leia-se: pernos). Pág. 302, lin. 18: *vai trabalhado* (leia-se: vai ser trabalhado). Pág. 303, lin. 4: *(güeiro)* (leia-se: agüeiro).

Artigo: Preito a A. Tomás Pires

Pág. 309, última linha, leia-se 1913, em vez de 1918.

Artigo: A. A. Cortesão

Pág. 315, linha 5.ª, contada de baixo para cima, leia-se 1927, em vez de 1827.

ÍNDICE DO VOLUME XXX

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

PÁG.

Cirios estrémenhos *(Subsídios para o seu estudo)* — por J. Leite de Vanconcellos 5

Ecos vocabulares e fraseológicos dos sinais abecedários — por João da Silva Correia 98

Páginas folclóricas — por Luís Chaves 129

Glossario dos Arcos de Valdevêz (continuação da *Rev. Lusit.*, vol. XXVI, pags. 281-297) — por F. Alves Pereira 187

O teatro dos «Grupos de Boas-Festas», do Pôrto — por Cláudio Basto 199

Notas sôbre a fala dos negros em Lisboa no princípio do século XVI — por Wilhelm Giese 251

Etnografia jurídica da Ilha Terceira (Açôres) — por Luís da Silva Ribeiro. 258

Maneiras de dizer alentejanas — por Manuel Gomes Fradinho 299

MISCELANEA:

Algumas particularidades dos caracteres tipográficos que serviram à "Compilação" das Obras de Gil Vicente — I e II — por Óscar de Pratt 305

Toponimia — por J. L. de V. 307

BIBLIOGRAFIA:

Revistas — por J. L. de V. 311

Varia quaedam — por J. L. de V. 311

NECROLOGIA:

Dr. José Joaquim Nunes — por Luís Saavedra Machado . 313

Erratas do vol. XXIX 319

ıa.

5

98
29

87

99

51

58

99

05
07

11
11

13

19